

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**LÍLIAN FALCÃO DE ARAÚJO**

**A PUBLICAÇÃO E O SUCESSO EDITORIAL D' *A CASA DOS ESPÍRITOS* NO  
BRASIL: HISTÓRIA, LITERATURA E IMPRENSA**

**GUARULHOS  
2019**

**LÍLIAN FALCÃO DE ARAÚJO**

**A PUBLICAÇÃO E O SUCESSO EDITORIAL D' *A CASA DOS ESPÍRITOS* NO  
BRASIL: HISTÓRIA, LITERATURA E IMPRENSA**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Historiografia.

Linha de pesquisa: Instituições, Vida Material e Conflitos.

Orientação: Denilson Botelho de Deus

**GUARULHOS  
2019**

ARAÚJO, Lílian Falcão

A publicação e o sucesso editorial d' A Casa dos Espíritos no Brasil: história, literatura e imprensa / Lílian Falcão de Araújo. Guarulhos, 2019.

1 f.

Dissertação (Mestrado em Curso) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2019.

Orientação: Denilson Botelho de Deus.

The publishing and publishing success of A Casa dos Espíritos in Brazil: history, literature and the press

1. Isabel Allende. 2. A Casa dos Espíritos. 3. Literatura. I. Denilson Botelho de Deus . II. A publicação e o sucesso editorial d' A Casa dos Espíritos no Brasil: história, literatura e imprensa.

**Lilian Falcão de Araújo**

**A publicação e o sucesso editorial d' A Casa dos Espíritos no Brasil: história, literatura e imprensa**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Historiografia.

Linha de pesquisa: Instituições, Vida Material e Conflitos.

Orientação: Denilson Botelho de Deus

Aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Prof. Dr. Denilson Botelho de Deus  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
Orientador

---

Prof. Dr. Fábio Franzini  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
Examinador interno

---

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte  
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Examinador externo

---

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Suplente

À todas mulheres que ousaram questionar os  
padrões de sua época

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de cursar o mestrado em história na Unifesp Guarulhos, cujas aulas oferecidas muito me auxiliaram no amadurecimento acadêmico e na minha formação como historiadora. Agradeço aos professores das disciplinas cursadas pelas perspectivas críticas oferecidas, ao PPGH Unifesp, ao Departamento de História e aos demais professores e funcionários, pelo esforço em construir o melhor mestrado possível, o que reverbera e reverberará em nossos trabalhos.

Agradeço ao meu orientador Denilson Botelho pelas orientações desde o início, pelas constantes leituras e revisões, pela atenção com as dúvidas que permearam o processo, pelo tempo despendido, até de suas férias; amadureci enquanto pesquisadora nesse processo, você tem parte nisso e por isso agradeço todo o auxílio.

Gostaria de agradecer também aos professores Fábio Franzini e Adriano Luiz Duarte componentes da banca examinadora, por aceitarem o convite de participarem dessa defesa.

Agradeço aos professores Adriano Luiz Duarte, novamente, e Alexandre Pianelli Godoy pela leitura atenta e pelas críticas ao meu texto de qualificação, bem como sua participação na banca, com considerações importantes e pertinentes sobre meu objeto de pesquisa, sobre os aspectos teóricos e fontes; suas análises e falas me ajudaram deveras na reflexão e posterior escrita dos demais capítulos da dissertação.

Não poderia deixar de agradecer também a todos os professores com quem pude debater, mesmo que rapidamente minha pesquisa, e que auxiliaram com referências e com os possíveis caminhos para minha escrita, especialmente às professoras Mariana Villaça e Maria Rita Toledo.

À família de sangue é imprescindível agradecer e agradecer, por todo carinho, incentivo, amor e por me oferecerem estrutura para que eu pudesse cursar um mestrado tão longe de onde sempre estive, pai, mãe, irmãos e vários outros familiares que sempre estiveram comigo nessa caminhada, como as tias de lá e de cá, que me formaram como mulher e me incentivaram a cada passo, Gina, Neide, Gete, Julieta e Azélia (da qual sempre sentirei saudades). Especialmente, agradeço a minha mãe Nilda, meu chão, minha base e meu maior exemplo de resiliência e amor, ao meu pai Juarez, sempre preocupado, que meu deus suporte nessa empreitada e auxiliou nos estudos de inglês, ambos se esforçaram ao longo de suas vidas para que eu pudesse sonhar. Aos meus irmãos André e Alexandre, amorosos e atentos, também à Michele, minha cunhada fofa e a meu sobrinho Henrique que do alto dos seus sete anos entendeu que eu nem sempre podia brincar com ele nas férias da família, porque eu tinha que estudar e estudar é importante, mas que quando brincávamos me oferecia o maior sorriso do universo e isso me recarregava sempre. A paciência de vocês com minhas ausências, o amor que nunca deixaram de demonstrar e as comidas do natal, bem como a louça lavada (risos) foram imprescindíveis. Ao André agradeço também por me salvar no inglês, oferecer orientações para a prova de proficiência e acompanhar de perto, mesmo longe. Ao Alexandre, agradeço também pelas revisões do meu projeto de pesquisa e de partes de meu texto, agradeço pela paciência nas leituras e carinho por se dispor a ler, você me ofereceu seu tempo em meio a uma rotina tão apertada, jamais esquecerei. Família, vocês são o meu suporte, minha força motriz e me põem em movimento para viver e escrever e reescrever o cotidiano e a minha trajetória de vida.

As amigas e amigos de Londrina, Tupi Paulista e São Paulo que sempre me incentivaram nessa caminhada com palavras, referências, incentivo, preces, consolo ou piadas em momento de desespero: Amanda, Célia, Joise, Marilza, Juliana, Uiara, Samara, Luana, Samanta, Marina, Suzi, Paula, Letícia e Juliana (as irmãs Casagrande), Paula e Andrea (as irmãs Maioli) e tantas outras mais, que ousam, todos os dias, questionar os padrões que nos são impostos, são minha

inspiração para a luta, para o aprendizado histórico-sociológico, para amar e ter fé (em algo). Agradeço à Marilza, especificamente, que veio dividir apartamento comigo, a irmã “desconhecida” de um amigo seu do teatro, e se tornou uma grande amiga, que conseguiu me aguentar (risos) nos momentos de stress em meio a escrita da dissertação e que me forneceu algumas das melhores gargalhadas dos meus dias.

Aos amigos do velho-oeste (Tupi Paulista/Dracena) e os agregados a eles, que pude me aproximar em São Paulo, uma mistura de humanas e artes, com alguns advogados (alguém precisará nos defender), agradeço aos encontros cheios de musicalidade, sensibilidades e cerveja que me permitiram descansar, rir, e desabafar sobre as agruras acadêmicas.

Das amizades distantes fisicamente, porém intensamente próximas, faço questão de especificar e agradecer à Laura e à Camila, duas mulheres que tem meu coração e nunca deixaram de torcer por mim e acompanhar cada nova etapa; à Luana que acompanhou de perto o início do mestrado e agora de longe, em outros mares como boa marinheira e pesquisadora que é, que nunca deixou de me mostrar sentidos na busca do saber, acadêmico ou não, mesmo diante de nossos limites e contradições; e também à Flávia e Carla, que foram incentivo e força em momentos em que me senti perdida, leram parte de meus textos, ouviram cada desabafo, ajudaram a pensar nas reformulações de meu tema e à Flávia especialmente que fez uma revisão no meu projeto de pesquisas de madrugada e às pressas, porque não tinha tempo mais, para eu tentar entrar no mestrado na Unifesp, e depois trouxe várias referências para me auxiliar na pesquisa; sem vocês o conceito amizade não teria o mesmo sentido e nem tanta força.

Jamais poderei me esquecer dos amigos que fiz no mestrado e daqueles que circulam em torno desses unifespianos. Tive a oportunidade de estudar com uma turma que desde o primeiro dia mostrou-se solidária, participativa e generosa e que por isso também foi muito unida, trocando referências sem receio ou interesses em competir, trocamos também informações, burocracias (socorrendo quando não conseguíamos entender o que era preciso fazer naquela Unifesp), trocando abraços, algumas lágrimas, compartilhando saberes, cafés, cevada e os almoços no chamado Bandeirão, vulgo restaurante universitário. Entre a correria do trabalho ou da busca de trabalho de cada um, misturado aos estudos do mestrado e aos trabalhos que tínhamos que fazer, nos acolhíamos e para mim foram um alento, um aprendizado e risos (algumas vezes exageramos nisso). Obrigada por me ajudarem no mestrado e compartilharem as raivas contra as injustiças e cruzeza desse mundo, e também por lutarem tendo a utopia como horizonte, Michelle, Bruna, Pauleany, Bruno, Fabio, Guilherme, Osvaldo, Ricardo e tantos outros; Talita, parceria nessa cidade maluca; aos parceiros de grupo de estudo e mesmo orientador, ao Igor, sempre gentil e com ouvidos a postos para me escutar, e ao Gustavo, que tantas vezes me ajudou e deixou suas correrias de lado para ler uma parte do meu texto e me aconselhar em que caminho tomar na escrita e na vida, amizades únicas. E também à Thais, Vanessa, Geise, Elson e Regis que extravasaram as fronteiras do meu carinho e junto aos outros, estão na minha memória e o esquecimento não os ameaçará enquanto eu ousar caminhar.

## RESUMO

A partir das relações entre história, literatura e imprensa, buscamos entender a construção do sucesso editorial da obra *A Casa dos Espíritos* da escritora chilena Isabel Allende, no Brasil, ao longo da década de 1980. A pesquisa foi feita por meio da análise da difusão e circulação desta obra nos jornais de maior circulação do Brasil na época – *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil* –, um dos jornais da “imprensa feminista”, *Mulherio*, e o jornal *Leia Livros* de divulgação dos lançamentos literários. Considerando a influência estrangeira em nosso mercado editorial e o sucesso anterior, obtido na Espanha, país onde foi publicado pela primeira vez, utilizaremos como fonte os periódicos *La Vanguardia* e *El País*, ambos da Espanha, além de resenhas literárias e reportagens publicadas em periódicos no Chile, na década de 1980. Trata-se do primeiro romance desta escritora – que havia se auto exilado na Venezuela –, tendo sido lançado na Espanha e no Chile, em 1982, com o título: *La Casa de los Espíritus*. Considerado pela crítica especializada um sucesso pouco tempo após seu lançamento, o livro percorre a história do Chile do século XX, da transição do mundo rural para um mundo urbano, traz relatos históricos romanceados da violência da ditadura chilena do general Augusto Pinochet, apresenta mulheres com poderes mágicos da família Del-Valle Trueba (o que permite caracterizar a obra como narrativa fantástica do realismo mágico) e faz referências constantes a movimentos feministas e de mulheres que estavam ocorrendo na América Latina. No Brasil, o livro é lançado em 1984 e entra para a lista dos mais vendidos no mesmo ano. Consideramos que tal análise contribui na elucidação de aspectos do contexto histórico de difusão e circulação da literatura no Brasil da época. Para isso, são referências fundamentais as contribuições de Raymond Williams e Antonio Candido, no intuito de refletir sobre as intersecções entre história e literatura. As reflexões teórico-metodológicas foram incrementadas com discussões sobre aspectos do mercado editorial brasileiro na década de 1980, de modo a compreender o contexto sociocultural do período, que permitiu que a obra ganhasse espaço.

Palavras-chave: Isabel Allende, *A Casa dos Espíritos*, literatura, imprensa, best-seller.

## ABSTRACT

Based on the relations among history, literature and the press, we sought to understand the construction of the publishing success of the work *A Casa dos Espíritos* by the Chilean writer Isabel Allende, in Brazil, throughout the 1980s. The research was done through the analysis of the diffusion and circulation of this work in newspapers of greater circulation of Brazil at the time - *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* and *Jornal do Brasil* -, one of the newspapers of the "feminist press", *Mulherio*, and the *Leia Livros* newspaper of literary releases announcement. Considering the foreign influence in our publishing market and the previous success obtained in Spain, country where it has been first published, we will use as source the periodicals *La Vanguardia* and *El País*, both from Spain, as well as literary reviews and reports published in newspapers in Chile, in the decade of 1980. It is the first novel by this writer, who had self-exiled himself in Venezuela, and it was released in Spain and Chile in 1982 with the title: *La Casa de los Espíritus*. Considered by the specialized critics a success just a short time after its launch, the book covers the history of Chile of the twentieth century, the transition from the rural world to an urban world, brings novelized historical accounts of the violence of the Chilean dictatorship of General Augusto Pinochet, presents women with magical powers of the Del-Valle Trueba family (which allows us to characterize the work as a fantastic narrative of magical realism) and makes constant references to feminist and women's movements that were occurring in Latin America. In Brazil, the book is released in 1984 and enters the list of best sellers in the same year. We consider that this analysis contributes to the elucidation of aspects of the historical context of diffusion and circulation of literature in Brazil at the time. For this, the contributions of Raymond Williams and Antonio Candido are fundamental references, in order to reflect on the intersections between history and literature. The theoretical-methodological reflections have increased with discussions on aspects of the Brazilian publishing market in the 1980s, in order to understand the sociocultural context of the period, which allowed the work to gain space.

Keywords: Isabel Allende, *A Casa dos Espíritos*, literature, press, best-seller.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>6</b>
<b>ABSTRACT</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	<b>19</b>
<b>A TRAJETÓRIA DE ISABEL ALLENDE, DO ROMANCE <i>A CASA DOS ESPÍRITOS</i> E O CHILE DITATORIAL (1973-1990)</b>	<b>19</b>
1.1 O romance <i>A Casa dos Espíritos</i>	30
1.2. A conjuntura histórica do Chile de 1970-1990 e a trajetória social de Isabel Allende	46
1.3 O realismo mágico, o boom e o post-boom da literatura latino-americana.	65
<b>CAPÍTULO 2</b>	<b>72</b>
<b>O ROMANCE <i>A CASA DOS ESPÍRITOS</i>, A INFLUÊNCIA DA DINÂMICA ESTRANGEIRA NO MERCADO EDITORIAL BRASILEIRO E A PUBLICAÇÃO E DIFUSÃO DO ROMANCE</b>	<b>72</b>
2.1 A difusão do romance na imprensa da América Latina e Espanha - influências possíveis no Brasil	74
2.1.1 Espanha - a difusora da literatura latino-americana	83
2.1.2 Uma mirada nas relações continentais – influências latino-americanas?	90
2.1.2.1 Argentina	92
2.1.2.2 Chile	96
2.2 A dinâmica do mercado editorial no Brasil e a influência estrangeira: publicação e difusão do romance <i>A Casa dos Espíritos</i> (1984)	102
<b>CAPÍTULO 3</b>	<b>115</b>
<b>O ROMANCE <i>A CASA DOS ESPÍRITOS</i> CHEGA AO BRASIL: DIFUSÃO, CIRCULAÇÃO E PUBLICIDADE NA IMPRENSA BRASILEIRA</b>	<b>115</b>
3.1 O Leia Livros e <i>A Casa dos Espíritos</i>	119
3.2 O romance <i>A Casa dos Espíritos</i> nos periódicos da “grande imprensa” brasileira e o contexto de reabertura política	121
3.2.1 A “grande imprensa” do Rio de Janeiro e de São Paulo: <i>Jornal do Brasil</i> , <i>O Globo</i> , <i>O Estado de São Paulo</i> e a <i>Folha de S. Paulo</i>	124
3.2.2 <i>A Casa Dos Espíritos</i> na grande imprensa brasileira	129
3.3 O jornal <i>Mulherio</i> , a imprensa feminista e Isabel Allende	152
3.3.1 – Isabel Allende nas páginas do <i>Mulherio</i>	159
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>179</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>183</b>

## Introdução

*Yo fui la última Allende que abandonó el país, pero me llevé un puñado de tierra chilena, que tengo en una maceta en casa, con un nomeolvides plantado*  
(Isabel Allende, 1982)

*Y como de nostalgia estamos hablando, le suplico un poco de paciencia, porque no puedo separar el tema de Chile de mi propia vida*  
(Isabel Allende, 1995)

A problemática central deste trabalho consiste em explicar como e por que a obra literária *A Casa dos Espíritos*, da chilena Isabel Allende, se tornou um *best-seller* no Brasil, após seu lançamento em abril de 1984. Trata-se de investigar o percurso, as estratégias e os circuitos que a literatura percorre para alcançar êxito comercial no mercado editorial. Dedicaremos especial atenção ao papel desempenhado pela imprensa nesse processo, reconhecendo a sua importância para a análise das condições em que historicamente se constrói o sucesso de um texto literário junto aos leitores. Observamos aqui que o recorte temporal para a nossa análise se situa na década de 1980 até meados de 1990.<sup>1</sup> Consideramos que nossa pesquisa, e a presente dissertação, contribui para a compreensão de como se constrói um *best-seller* no Brasil, a partir da difusão e da publicização da obra literária na imprensa em determinada época.

A problemática suscitada remete a questões mais amplas, nas quais se imbricam discussões sobre: a associação entre o realismo mágico e os romances do “boom literário latino-americano”; o mercado editorial no Brasil, na década de 1980; a difusão da literatura por meio da imprensa da época; o contexto de abertura política com o fim da ditadura militar brasileira; a atuação dos movimentos de mulheres e movimentos feministas; o governo socialista de Salvador Allende e o golpe militar chileno. Algumas dessas questões foram levantadas por aqueles que comentaram o romance nos jornais da época, mas também pela carga de referências internas do romance. A vida da autora, cuja biografia se interligava à experiência histórica

---

<sup>1</sup> Em 1986, chegou ao Brasil o segundo romance da escritora, *De amor e de Sombra*. A publicidade realizada nos jornais da grande mídia, inclui referências ao sucesso da obra anterior, como nos seguintes trechos: “o livro [*A Casa dos Espíritos*] continua na lista dos mais vendidos da Alemanha”, em: *Ilustrada. Dropes. Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 66, n. 20.824, 11º caderno, 08 abr. 1986. p. 30; ou “a escritora mais famosa do continente”, em: *Ilustrada. Livros. “Isabel Allende fala de seus livros”*. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11º caderno, 18 mai. 1986. p. 125.

chilena de diferentes formas (como explicaremos adiante) foi outra questão fundamental estudada.

Tendo em vista a publicação da obra no Brasil, as fontes selecionadas foram o livro *La Casa de los Espíritus* e a 1ª edição traduzida para o português, *A Casa dos Espíritos*, fontes e objetos desta pesquisa. Pesquisou-se, ainda, reportagens dos jornais de maior circulação do país na época, sendo eles, *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Estado de S. Paulo* (SP) e *Jornal do Brasil* (RJ). A escolha desses jornais se deveu ao fato de que tinham circulação nacional, embora fossem produzidos no “eixo” Rio-São Paulo. Cabe observar que as maiores editoras também se localizam nessa região. A pesquisa em tais periódicos se deu entre os anos de 1982 a 1986.

Além desses jornais da grande imprensa, analisamos outros dois periódicos, *Leia Livros* e *Mulherio*. O jornal mensal *Leia Livros*<sup>2</sup> da Editora Brasiliense/Joruês, foi um periódico que publicava notícias e lançamentos do mercado editorial, fazia resenhas críticas e divulgava a cultura literária da década de 1980. Já o jornal *Mulherio* foi um dos jornais da imprensa “feminista/alternativa”<sup>3</sup> dos anos 1970 e 1980. Elencamos o mesmo pela sua organização e direcionamento, trazendo temas diversos ligados ao universo do feminismo. Além disso, nesse periódico foi identificada uma entrevista com a escritora Isabel Allende — “A escritora que nasceu do exílio”<sup>4</sup>. Para todas as fontes citadas, procedeu-se a um levantamento identificando o material entre os anos de 1984 a 1986, excetuando a edição original do livro, em espanhol, que data de 1982. No Brasil, contudo, a primeira referência à escritora e aos seus livros só foi encontrada nos jornais de 1984.

Da Espanha, onde originalmente foi publicado o romance, selecionamos os periódicos *La Vanguardia*, de Barcelona e *El País*, de Madri. Tal seleção ocorreu, tendo em vista uma preocupação de compreender, em partes, a difusão do romance na Espanha. Por outro lado,

---

<sup>2</sup> LEIA Livros. **Catálogo de Periódicos**. Disponível em: [http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat\\_periodicos/popup3/leia\\_livros.html](http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_periodicos/popup3/leia_livros.html). Acesso em: 10 mai. 2017. Observemos que, por ser um jornal mensal e de pequena dimensão, foram poucas as edições analisadas. Considerando o recorte temporal, há referências a Isabel Allende apenas em edições dos anos de 1984 e 1986.

<sup>3</sup> Baseamo-nos na pesquisa da área de comunicação, produzida por Elisabeth Cardoso, em 2004. Nela, a autora procurou recolher dados sobre a maior quantidade possível de publicações da imprensa feminista/alternativa, afim de analisá-los nas suas características. Ver: CARDOSO, Elisabeth da P. **Imprensa Feminista pós-1974**. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Dentre as 75 publicações listadas, identificamos cerca de 10 publicações que se circunscreveram ao recorte temporal e espacial aqui trabalhado. No entanto, devido às características próprias da imprensa dita alternativa, as publicações são espaçadas, por isso só foi identificada uma edição e um jornal que auxiliasse na reflexão de nossa pesquisa.

<sup>4</sup> SERRA, Cristina. A escritora que nasceu do exílio. Entrevista. **Mulherio**, ano 6, n. 26, set./nov. 1986. p. 4-5. Disponível em: [https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI\\_26\\_1986menor.pdf](https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI_26_1986menor.pdf) Acesso em: 25 jul. 2017.

buscou-se observar a influência do mercado editorial estrangeiro no Brasil, pois foi aquele o país que mais lançou nomes do realismo fantástico latino-americano, graças principalmente a agente literária Carmen Balcells. Em 1982, o romance *La Casa de los Espíritus* foi publicado na Espanha e, logo a seguir, no Chile<sup>5</sup>. O *El País* é um dos maiores periódicos espanhóis e tem hoje em dia disseminação internacional, via internet, com segmentos no Brasil, América Latina e para língua inglesa. Foi fundado em 1976 e, após 2012, passou a ter edições digitais e impressas, com uma hemeroteca aberta aos pesquisadores<sup>6</sup>. O *La Vanguardia* é um dos jornais mais antigos da Espanha ainda em circulação, tendo sido fundado em 1881. Continuou na família Godó desde a sua fundação até hoje, oferecendo edições em língua espanhola e em catalão.

No decurso da pesquisa também realizamos um levantamento de notícias e resenhas literárias dos romances de Isabel Allende. Tais documentos foram obtidos a partir da Biblioteca Nacional Chilena Digital e do site Memoria Chilena<sup>7</sup>. As fontes foram digitalizadas e disponibilizadas nessas plataformas, ambas pertencentes à Biblioteca Nacional Chilena. O acervo conta com um vasto conjunto memorialístico acessível aos pesquisadores.

A obra aqui trabalhada é entendida como um romance “fantástico”<sup>8</sup> e narra a história do Chile do início do século XX (data imprecisa, por volta de 1910) até o início da ditadura militar chilena em 1973. Essa narrativa se desenvolve a partir do olhar das mulheres de quatro gerações da família del Valle-Trueba, sendo elas, Nívea, Rosa, Clara, Blanca e Alba. Duas figuras são centrais para encadear a narrativa das quatro mulheres — a avó e a neta — Clara Trueba e Alba Trueba, respectivamente. Por meio do diário de sua falecida avó clarividente,

---

<sup>5</sup> Ver página pessoal da autora: ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017; Ilustrada. Livros. Isabel Allende fala de seus livros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11º caderno, 18 mai. 1986. p. 125. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9506&keyword=%22Isabel+Allende%22&anchor=4147844&origem=busca&pd=f9598b1f0c86d0cac6eb7899afb9497d>. Acesso em: 25 jul. 2017.

<sup>6</sup> EL País. **Hemeroteca**. Disponível em: <https://elpais.com/diario/>. Acesso em: 02 out. 2018.

<sup>7</sup> Ver: BIBLIOTECA nacional digital de Chile. Disponível em: [www.bibliotecanacionaldigital.cl](http://www.bibliotecanacionaldigital.cl); BIBLIOTECA nacional digital de Chile. **Memoria chilena**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl>. Acessos em: 05 nov. 2018.

<sup>8</sup> Utilizamos esse termo, partindo da noção de Tzvetan Todorov no texto *Narrativas fantásticas*, do livro *Estruturas narrativas*. Na obra, o autor propõe que o fantástico surge como forma de transgressão à “lei natural” ou ao que seria o “real” para aqueles personagens, mudando o pensamento, a ordem e a vida daqueles que estão à sua volta. Ver: TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2004. Ao longo do texto, identificaremos algumas especificidades da narrativa fantástica na América Latina, dentre as quais a do realismo mágico e a do realismo maravilhoso, para que possamos entender a associação do romance de Allende aos outros autores dessas correntes literárias. Tal aproximação foi realizada, ainda, com auxílio das reflexões de Irleamar Chiampi, Bella Jozef e Adriane Vidal Costa. É importante esclarecer que nossa preocupação em situar tais correntes surgiu no afã de entender a construção do sucesso da autora. É necessário entender, portanto, que havia um campo literário anterior de sucesso na América Latina, ao qual a obra dela foi associada, para não fragilizarmos o entendimento da dimensão do sucesso da Allende.

Alba Trueba reconta a história de sua família começando pela lembrança sobre os Del Valle e, em particular, Nívea, sua bisavó. As memórias de Clara Del Valle remetem ao seu casamento com Esteban Trueba (o patriarca tradicional que tenta dominar as figuras femininas), sua vida como Clara Trueba, o nascimento dos filhos (dentre eles, Blanca Trueba) e a vida de sua neta, Alba. Essa trajetória remonta às várias fases da história do Chile.

Situar e problematizar os gêneros literários dentre os quais tal obra foi classificada se faz necessário, pois tem implicações na sua vendagem e circulação, como observaremos adiante. A vinculação com o gênero fantástico e, mais especificamente com o realismo mágico, torna-se um tema importante em nossa pesquisa devido ao *boom* literário latino-americano da década de 1960-1970<sup>9</sup>.

A escritora Isabel Allende nasceu no Peru, mas ainda criança foi para o Chile, onde veio a se tornar jornalista. Antes de iniciar na carreira de romancista, escreveu contos infantis e textos para o público feminino na revista *Paula*<sup>10</sup>. No momento em que produziu a sua primeira obra literária, estava na Venezuela após um “autoexílio” da sua família. Em tal ocasião, Allende encontrava-se afastada do meio jornalístico e trabalhando na parte administrativa de uma escola, após um período de desemprego<sup>11</sup>. A necessidade de se exilar na Venezuela ocorreu por ter sido colocada na lista negra pelo regime militar de Augusto Pinochet, após o fim trágico do governo de seu tio, e ex-presidente socialista do Chile, Salvador Allende<sup>12</sup>

*La Casa de los Espíritus* foi publicada pela primeira vez na Espanha pela editora Plaza y Janés. Entre 1982 e 1984 chegou à Argentina pela Editora Sudamericana e ao Chile pela filial chilena da mesma editora. Em seguida, foi impressa em vários outros países da América Hispânica. No Brasil, foi publicado somente em 1984, pela Difel (hoje um dos selos do grupo editorial Record). Esse livro a consagrou na literatura latino-americana devido ao sucesso que

---

<sup>9</sup> Durante as décadas de 1960-1970, ocorreu o chamado *boom* da literatura latino-americana. Essa expansão foi um fenômeno comercial proporcionado pela qualidade literária dos escritos, a difusão e o financiamento da literatura da América Latina para além dos seus países, ficando conhecida nos Estados Unidos e em países da Europa. Além disso, consistiu num momento de agrupamento de escritores e intelectuais em torno do programa político da Revolução Cubana. Ver em: COSTA, Adriane Vidal. *O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana*. In: \_\_\_\_\_. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 131-185. Isabel Allende está situada nessa fase, pois foi uma das poucas entre os literatos que teve ampla difusão e comercialização para além do seu país de origem, nesse momento posterior ao *boom*. Retomaremos essa discussão no primeiro capítulo.

<sup>10</sup> Ver a mencionada página pessoal da autora.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> A partir desse momento do texto, quando nos referirmos a Salvador Allende, citaremos o nome inteiro, a fim de o diferenciar das constantes menções à escritora.

fez, pouco depois de sua publicação. Hoje a obra está na 34ª edição no Brasil<sup>13</sup>, tendo sido adaptada para o cinema em coprodução entre Estados Unidos, Alemanha, Dinamarca e Portugal, dirigido por Bille August em 1993. Além disso, o livro recebeu traduções em diversos países do continente americano e europeu, sendo publicado, ainda, no Japão e na China. A escrita jornalística e a forma de comunicação de Allende influenciaram no perfil de seu primeiro livro, assim como nos demais, sendo esse um aspecto a ser observado para entender o espaço que a autora conquistou junto ao público brasileiro.

Os livros seguintes foram *De amor e de Sombra* (1984) — que também se tornou filme, em 1993, nos Estados Unidos sob a direção de Betty Kaplan — e *Eva Luna* (1987). Daí em diante Allende continuou escrevendo e diversificando os tipos de textos, entre romances históricos, de aventura, autobiográficos e outros. Totalizam-se hoje vinte e três romances e três filmes baseados em seus livros, sendo o último deles, *Afrodita, el sabor del amor* (2002, Argentina). Seu livro mais recente, *Muito Além do Inverno*, foi publicado em 2017 no Brasil. Para dar uma dimensão do seu sucesso, na página da autora na internet<sup>14</sup> lemos que seus romances foram traduzidos para 42 idiomas e tiveram mais de 70 milhões exemplares vendidos.

Allende é vista como uma das primeiras mulheres a conseguir destaque na literatura latino-americana no século XX. Ela “teve voz” e sucesso análogo aos literatos<sup>15</sup>. Tal sucesso veio acompanhado de fortes críticas, tendo em vista os aspectos ditos “populares de sua narrativa”<sup>16</sup>.

Para nos auxiliar na análise crítica das fontes, utilizaremos outros dois livros de Isabel Allende, *Paula* (ou *Cartas a Paula*) e o *Mi País Inventado*<sup>17</sup>. O primeiro foi uma autobiografia escrita como reconstituição da memória familiar para sua filha Paula, que se encontrava em coma entre 1991-92 e veio a falecer. O segundo livro, publicado em 2003, na Espanha, pela

---

<sup>13</sup> As edições do livro vendidas pelas livrarias Saraiva e Cultura já estão na 34ª edição, ainda que no site do Grupo Editorial Record só conste até a 30ª edição. Conseguimos fazer uma breve entrevista com e-mail com um dos funcionários da Bertrand Brasil, Marcelo Vieira, e ele nos informou que está na 44ª edição e que já teve mais de 63 mil exemplares vendidos até 2014. Porém, ressaltou a dificuldade de obter os arquivos que informam isto com precisão, pois houve um incêndio “recente” (2015) em parte do acervo do Grupo Editorial Record, ao qual pertence o selo Bertrand Brasil. O romance que temos em mãos é a primeira edição feita no Brasil, publicado em 1984.

<sup>14</sup> Informação retirada da, já mencionada, página pessoal da autora.

<sup>15</sup> São vários os lugares em que se repete de alguma forma essa observação. Bella Jozef, umas das pesquisadoras da História da Literatura da América Hispânica, identifica um número menor de mulheres escritoras, sendo que elas foram tendo maior espaço no século XX. Isabel Allende é uma das que tem maior sucesso, com seu primeiro livro se tornando *best-seller*. No Chile, há outras literatas reconhecidas internacionalmente, antes mesmo de Allende fazer sucesso, como a poeta Gabriela Mistral. No entanto, tais autoras não haviam tido tanto sucesso de “vendas” e reconhecimento do público como ocorreu com Allende.

<sup>16</sup> Na continuidade do texto, exporemos a ideia de “popular” que é associada aos seus romances.

<sup>17</sup> ALLENDE, Isabel. **Paula**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995; ALLENDE, Isabel. **Mi País Inventado** - Un paseo nostálgico por Chile. Espanha: Rayo, 2003.

Editora Areté, consiste numa narrativa de suas memórias, carregada de nostalgia em suas recordações do Chile de sua infância e juventude. Como a maior parte das informações sobre a autora (incluindo suas autobiografias) são posteriores ao seu sucesso, entendemos que a narrativa e as memórias de sua trajetória se mesclam aos elementos que a tornaram famosa e que foram usados para divulgá-la mundo afora.

Para o embasamento teórico-metodológico, utilizamos os trabalhos de Antônio Candido, Pierre Bourdieu e Raymond Williams, que dissertam sobre as relações entre texto e contexto histórico, contribuindo com reflexões acerca da intersecção entre a produção da literatura, as disputas no campo literário e a relação entre o conteúdo interno e a época histórica em que é publicado e difundido. Para Williams, a “literatura apresenta-se, desde o início como uma prática na sociedade (...) até que ela e todas as outras práticas estejam presentes, a sociedade não pode ser vista como completamente formada”<sup>18</sup>, ou seja, como parte da cultura de dada sociedade. Paralelamente, não é um mero reflexo das condições materiais, sendo a literatura intrínseca à nossa sociedade e não isolada das outras práticas. Nem se cria e nem se transforma sem elas.

Em nosso entendimento, a obra literária é uma transfiguração da realidade e pressupõe a realidade sem depender dela, a partir de certo grau de generalidade, construído por elementos estruturais que dão consistência interna no jogo entre real e fictício<sup>19</sup>. No entanto, enquanto arte, do ponto de vista sociológico, a obra literária “é um sistema simbólico de comunicação inter-humana”, ou seja, não está dissociada de sua recepção, pois pressupõe um comunicante<sup>20</sup>. Assim, *A Casa dos Espíritos* ressoou e comunicou algo às pessoas de dada época. Encontrou receptores para os quais fez sentido sua narrativa literária; ou seja, houve um público letrado que validou a sua obra.

Ainda que a autonomia da arte seja reivindicada pelos seus pares – produtores, críticos de artes e pensadores —, o objeto artístico ao ser produzido e inserido no mundo social se torna um produto a ser vendido no capitalismo. Na contemporaneidade, ser artista é uma profissão. Diante disso, uma face da análise histórica e sociológica é a reflexão sobre a “produção e difusão da arte/literatura”. Pensando especificamente na literatura, é inequívoca a necessidade de desmitificá-la e de destrinchá-la no que tem de construção social e cultural de uma época.

---

<sup>18</sup> WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 61.

<sup>19</sup> CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (Caracterização das Memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 8, 1970. p. 83.

<sup>20</sup> Idem. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p. 30.

Dentro dos objetivos propostos em nosso trabalho, podemos dizer que a análise pelo viés histórico implica em ponderar sobre a dinâmica de circulação e consolidação, no Brasil, da literatura latino-americana. Entende-se tal literatura como produto artístico, na interseção entre a difusão pelo mercado editorial, a publicização e a propaganda feita pela imprensa e o mercado consumidor-leitor, indo ao encontro do movimento da sociedade e da cultura da época.

Ademais, quando Isabel Allende foi publicada mundo afora, os jornalistas e críticos literários associaram seu trabalho aos escritos de autores (no quesito gênero literário) da década anterior, que já tinham alcançado alto número de vendagem. A título de exemplo, podemos trazer a primeira reportagem sobre a escritora na Folha de S. Paulo<sup>21</sup>, na qual o poeta e crítico literário Ángel Nunes destacou que a narrativa dela tinha elementos fantásticos tal como os autores do *boom* da literatura latino-americana. Evidencia-se um lugar no “território” dos “literatos” que Allende e sua obra foram alcançando, tendo em vista essas aproximações e essa forma de legitimação.

Articulando com as prerrogativas de Williams:

(...) a relação entre a feitura de uma obra de arte e sua recepção é sempre ativa e sujeita a convenções que são, elas mesmas, formas (em transformação) de organização social e de relacionamento, algo radicalmente distinto da produção e consumo de um objeto”<sup>22</sup>.

Se por um lado as condições de produção, difusão e poder de venda de um produto — lembremos que o romance que estudamos estava no “jogo” do mercado — condicionam suas possibilidades num dado lugar, a relação entre feitura e recepção insere a literatura na dinâmica da sociedade. A literatura pode ser entendida como criadora e organizadora desse dinamismo, num processo dialético no qual a estrutura de sentimentos de dada época mobiliza interesses ou desinteresses em relação a um texto literário.

Também podemos agregar a seguinte análise, assinalando que

(...) a literatura não aparece, de forma alguma, apenas no setor emergente — o que é, na verdade bastante raro. Grande parte da escrita literária é de um tipo residual (...), contudo, a maioria da escrita literária, em qualquer período, inclusive no nosso, é uma forma de contribuição para a cultura dominante efetiva<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> NUNES, Ángel. Captando o Espírito da Casa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7º caderno, 29 abr. 1984. p. 63. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8757&keyword=Allende&anchor=4184331&origem=busca&pd=e17ddadf628662172f6417fb8f01fa4a>. Acesso em: 25 jul. 2017.

<sup>22</sup> Ibid. p. 65-66.

<sup>23</sup> Ibid. p. 62.

A literatura é parte da cultura e está enraizada naquilo que a sociedade representa ou procura representar. Há uma cultura dominante efetiva e hegemônica em cada espaço histórico-geográfico que miramos, como uma estrutura que tende a ser estável, mas cujos limites mostram graus de flexibilidade e de contradição. Pensando nisso, e considerando a premissa de Williams, podemos refletir que a obra de Allende carrega elementos residuais e emergentes da época e do lugar em que viveu, isto é, o Chile do século XX e a Venezuela da década de 1980.

Compreendemos o resíduo como algo que ainda resiste na sociedade, em meio às (novas ou não) estruturas que vão se elaborando e firmando os pontos limites da trama. O residual seria algo do passado, mas que “está ativo no processo cultural”<sup>24</sup>, podendo ou não se chocar com a cultura dominante.

De certo modo, podemos interpretar que a literatura de Allende trazia o residual da sociedade, por exemplo, ao apresentar o sonho perdido do socialismo democrático (ainda que fosse o seu ponto de vista sobre esse socialismo), cujo ideal era algo ainda vivo e tendendo a ramificações no presente, mas sufocado pela violenta ditadura militar que se seguiu a 1973. Segundo Carmen Galarce<sup>25</sup>, tal procedimento era típico da literatura latino-americana do exílio, pois os literatos, após alguns anos afastados forçosamente de sua terra natal, procuravam trazer uma narrativa que conciliasse sua memória, sua luta política frustrada e seu momento atual.

Entre os aspectos emergentes no romance *A Casa dos Espíritos*, podemos apontar as representações do feminismo enquanto movimento social, algo que emergia no seio de uma cultura conservadora e falocêntrica<sup>26</sup> comum aos países da América Latina. Nesse caso, tal cultura se chocava com o hegemônico (nem sempre o que emerge é o novo, podendo ser aspectos da cultura dominante que estavam silenciosos, por exemplo, a ascensão de um pensamento totalitário, violento e de extrema direita em 2018, no Brasil).

A estrutura social dominante pode vir a englobar parte do residual ou do emergente de dada sociedade, incorporando-os afim de manter-se enquanto estrutura social hegemônica. No caso dos elementos internos ao romance e em paralelo com o Chile da época, o residual e o emergente desvelam parte da cultura dominante, que se mostrou como uma sociedade de

---

<sup>24</sup> WILLIAMS, Raymond. Dominante, residual e emergente. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 125.

<sup>25</sup> GALARCE, Carmen J. **La Novela Chilena del Exilio (1973-1987)**: el caso de Isabel Allende. 1993. 234f. Dissertation (PhD in Philosophy - Department of Spanish and Portuguese) – The Ohio State University, Ohio, 1993.

<sup>26</sup> Segundo Roseméri Back, falocêntrico seria aquilo no qual predomina a ordem masculina. Ver: BACK, Roseméri Aparecida. **Vozes femininas, literatura, história e memória: A doce canção de Caetana**, de Nélide Piñon, e *Eva Luna*, de Isabel Allende. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, 2012. p. 33.

classes, excludente, patriarcal, racista (com os indígenas), que valorizava os aspectos ditos europeus de sua herança biológica e cultural. Nesse país, o capitalismo se expandiu nas últimas décadas na contínua exploração da mão-de-obra do trabalhador camponês, mestiço ou indígena. Ao mesmo tempo que as relações entre os camponeses, ilustradas no livro, nos forneceram indícios de resíduos comunais mais antigos, permitiram-nos perceber mais ainda a importância e força do latifúndio – da grande propriedade de terra – e do “patriarca” para a história e como parte importante da economia chilena. Do mesmo modo que percebemos pelo romance, elementos da emergência do movimento feminista, vimos também uma narrativa pautada pela resistência ao espaço dado as mulheres, como parte da estrutura dominante vigente, baseada na desigualdade de gêneros e em papéis sociais sugeridos a cada um dos gêneros. Por fim, o primado do capitalismo marcando hegemonicamente as relações econômicas, sociais e políticas.

Sugere-se aqui alguns passos iniciais, dentre eles, a análise da literatura buscando o movimento dialético entre polos dinâmicos. Esses polos seriam a tríade conceitual residual, emergente e dominante e a relação dialética entre história, sociedade e literatura.

Nossa análise se dividiu em três capítulos. No primeiro, buscamos apresentar o romance *A Casa dos Espíritos*, objeto e fonte de nossa pesquisa, e sua autora, Isabel Allende. O percurso desse capítulo perpassou a descrição e a análise interna da obra e o que ela trouxe de referências, de modo a identificar o Chile do século XX, o golpe militar e as disputas partidárias e ideológicas, que, mesmo que apenas citadas, moldaram as ações dos personagens do romance. Implicou também em situar a publicação num campo literário, percebendo como isso permitiu que ela fosse legitimada frente ao público consumidor de literatura ou à crítica literária. Observamos, ainda, parte da trajetória social da escritora, visando compreender como o espaço que ela tinha na sociedade, sua classe social, o contexto histórico que vivenciou e as relações que construiu (e constrói) colaboraram para maior difusão de seu romance e para atrair elementos ao seu texto que o tornaram mais vendável. Consideramos parte essencial desse capítulo pensar a respeito das dificuldades de ser mulher no contexto latino-americano e o que Allende agregou disso em seus escritos. Esse preâmbulo inicial forneceu as bases para as análises dos capítulos seguintes.

No segundo capítulo, voltamos para a análise do livro de Allende nas suas condições de difusão e circulação, ou seja, em sua materialidade, como produto que foi publicizado. Tal aspecto nos direciona para o objetivo central de nossa pesquisa, isto é, entender como *A Casa dos Espíritos* se tornou um *best-seller* no Brasil pouco após ser lançado. Nesse

quesito, compreendemos ser necessário pensar mais elementos da difusão internacional — sobretudo na Espanha, onde foi lançado pela primeira vez — e das condições do mercado editorial brasileiro na década de 1980, bem como a inserção do mercado editorial estrangeiro no país. Isso porque a obra foi publicada no Brasil pela Difel, uma distribuidora portuguesa de livros. Como fontes para o capítulo, utilizamos as reportagens, entrevistas e críticas literárias sobre o lançamento do romance, publicadas no *El País* e no *La Vanguardia*, na década de 1980. Também trabalhamos com resenhas, críticas literárias e reportagens obtidas por meio da Biblioteca Digital de Chile. A partir da análise do contexto histórico-literário e editorial, traçamos a influência do *boom* da literatura latino-americana e de sua associação com o *post-boom*, refletindo sobre as possibilidades da Difel no Brasil naquele contexto, ainda que os dados referentes às negociações de um título por essa empresa, possam ter se perdido.

No terceiro capítulo, com o direcionamento que fizemos da trajetória da autora, do conteúdo do romance e das disputas no campo literário, olhamos para as reportagens selecionadas de modo a analisar como se difundiu e o que levou ao seu “sucesso editorial” no Brasil, na década de 1980. Para tanto, compreendemos o papel da imprensa nesse processo ao difundir e reelaborar aquele produto literário no afã de vendê-lo num contexto de fins de ditadura militar e da censura à imprensa e às artes. Por fim, chegamos à difusão d’*A Casa dos Espíritos* no Brasil e ao seu êxito editorial, por meio da análise das reportagens que divulgaram e comentaram sobre a publicação e a autora, nos seguintes periódicos: *Folha de S. Paulo* (SP), *O Globo* (RJ), *Estado de S. Paulo* (SP), *Jornal do Brasil* (RJ), *Leia Livros* (SP) e *Mulherio* (SP).

## Capítulo 1

### A trajetória de Isabel Allende, do romance *A Casa dos Espíritos* e o Chile ditatorial (1973-1990)

Isabel Allende nasceu em 1942, no Peru, mas desde a infância viveu no Chile e por isso se considera chilena de origem. Allende tornou-se jornalista nesse país trabalhando em periódicos e na revista feminina *Paula* (de 1967 a 1974), publicação da qual foi cofundadora<sup>27</sup>.

A Venezuela<sup>28</sup> foi o país escolhido em 1975 para o seu exílio pós-golpe militar no Chile e início da ditadura do general Augusto Pinochet. Naquele país, atuou como jornalista (1975-1978/1979), ficou alguns meses desempregada e depois começou a trabalhar como secretária de uma escola, ainda em 1979. Foi nessa fase profissional que Allende veio a escrever o seu primeiro romance, *A Casa dos Espíritos* (*La Casa de los Espíritus*) em 1982. No Brasil, tal romance foi publicado pela Difel em 1984, empresa de origem portuguesa e que atuava na editoração e distribuição de livros no país desde 1982. Em 1996, a Difel se fundiu a Bertrand Brasil e a Civilização Brasileira (anteriormente de Ênio da Silveira) e formou-se a BCD União das Editoras. Entre 1996-1997, a BCD foi incorporada pelo Grupo Editorial Record, tornando-se selos deste que é reconhecido como um dos maiores grupos editoriais brasileiros e da América Latina de livros não-didáticos<sup>29</sup>.

Esse será o ponto de partida de nosso capítulo: a vida e obra de Isabel Allende, considerando que o sucesso editorial conseguido com seus romances está vinculado à história do Chile e da América Latina e ao caminho trilhado por Allende e pela família a qual pertence. Entendemos que são narrativas já moldadas pelo seu “sucesso editorial” e por isso há uma vastidão de pesquisas, de reportagens e de sínteses biográficas sobre sua figura, diante do que, faremos a exposição das principais referências bibliográficas que nos nortearam e dos procedimentos para identificá-las.

Nosso levantamento foi construído a partir de pesquisas em bibliotecas acadêmicas e por meio da plataforma *lattes*, do google acadêmico e da Biblioteca Digital Dedalus (USP), nas quais rastreamos a produção acadêmica brasileira e estrangeira referente a essa escritora. De

---

<sup>27</sup> Ver página pessoal da autora: ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017.

<sup>28</sup> Hoje vive na Califórnia, Estados Unidos da América.

<sup>29</sup> HALLEWELL, Lawrence **O livro no Brasil** – sua história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p. 600-601; GRUPO Editorial Record. Bertrand Brasil. Editoras e Selos Disponível em: [www.record.com.br/grupoeditorial\\_editora.asp?id\\_editora=2](http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=2). Acesso em: 30 jul. 2017.

início, pudemos observar que, apesar de haver o reconhecimento de sua obra na Alemanha, bem como várias pesquisas decorrentes disso (é um dos países cujo livro se tornou *best-seller*), não foram encontradas traduções para o português ou mesmo na língua original – em alemão – que tenham sido difundidas no Brasil. As bibliografias estadunidenses chegam a identificar algum nome, mas não chegam a explorar e adensar nas bibliografias alemãs<sup>30</sup>.

No Brasil, identificamos mais de 100 publicações diferentes que discutem algum tema relacionado aos romances de Allende, sejam comunicações, artigos, teses etc. Semelhante ao que ocorre nas pesquisas no exterior, poucas se referem especificamente ao romance *A Casa dos Espíritos* e com foco em história/estudos literários, área de abrangência de nosso trabalho. As pesquisas identificadas circulam entre os temas: mulheres escritoras na América Latina, discussões de gênero, feminismo, ditadura militar, magia e fantástico, arte e mercado, entre outros.

Dentre os trabalhos brasileiros que se mostraram mais expressivos, temos, por exemplo, a dissertação de mestrado da Marilene Canello, *Isabel Allende entre a arte e o mercado: Inés de alma mia e El Zorro - comienza la leyenda*<sup>31</sup>. Tal dissertação articula as relações entre literatura-arte e mercado e mesmo sem tecer uma contextualização histórica ampla, perpassa a trajetória dos romances de Allende e a analisa partindo da perspectiva de que toda a literatura é, na sociedade atual, “um produto que o escritor vende ao editor, o editor ao livreiro e este, ao público”<sup>32</sup>. Nesse sentido, a comercialização é parte do processo da produção literária, para além da questão de pressupor ou de definir se as obras da escritora são literatura de massa. Canello desenvolve uma narrativa que situa a América Latina numa noção geral de subdesenvolvimento e subletramento para entender a aceitação, a elaboração e a publicação de uma literatura de fácil absorção comercial e “de massas” a qual é associada Isabel Allende.

A perspectiva de Marilene Canello vai ao encontro do que buscamos e fornece indícios para a desconstrução da literatura de Allende nos elementos ditos populares e comerciais que a

---

<sup>30</sup> Podemos refletir sobre isso a partir da análise das referências utilizadas pelos pesquisadores brasileiros, estadunidenses e latino-americanos que listamos e pelas biografias elaboradas por alguns deles. Se partirmos de referências chilenas, por exemplo, serão privilegiadas obras por proximidade espacial, mas a barreira linguística pode ser outro fator de interferência. Na página pessoal da autora e nas biografias encontradas, podemos ver também vários prêmios e honrarias dados em outros países, como a Alemanha e a Holanda, onde o romance *A Casa dos Espíritos*, veio a ser publicado entre 1984-1985. Tal obra entrou para a lista dos mais vendidos rapidamente, mantendo-se como *best-seller* em Espanha, Alemanha, França e América Latina, entre os anos de 1982-1984. Ver: RODDEN, John (org.). Chronology of Isabel Allende's life and works. In: **Conversations with Isabel Allende**. Austin, EUA: University of Texas Press, 2004. p. XV-XIX.

<sup>31</sup> CANELLO, Marilene **Isabel Allende entre a arte e o mercado: Inés de Alma mía e El Zorro-comienza la leyenda**. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura e Vida Social) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

<sup>32</sup> Idem, p.14.

escritora põe em seu material. De acordo com Canello, esses elementos colaboram para que o primeiro livro de Allende se torne um *best-seller* e os demais tenham alta vendagem. Além disso, a pesquisadora aponta o quanto isso é uma face da relação entre arte e mercado, na qual a literatura e as “palavras” são vendidas como produtos de uma cultura de massas.

Outro fator evidenciado por Canello é a perspectiva feminina sobre o mundo (e por vezes entendida como feminista) que permeia as obras da escritora, sendo legitimada pelo público feminino. Ainda que — dentre as pesquisas brasileiras identificadas — o trabalho de Canello seja o que mais intencione discutir aspectos mercadológicos, a análise não traz a reflexão para o âmbito da discussão sobre o mercado editorial e nem fornece a dimensão do livro como produto dentro das condições brasileiras desse mercado e de sua difusão por meio da imprensa. Tal dissertação, trabalha características mais gerais, como a forma literária mais acessível, as questões de alfabetização, o letramento recente etc., ainda que dispostos de modo crítico e coeso.

A dissertação de Fabíola Marra, apresentada à Universidade Federal de Uberlândia e intitulada *A América Latina e os latino-americanos nas narrativas de Eva Luna de Isabel Allende* (2006)<sup>33</sup>, toca num ponto central de análise: como são apresentados os latino-americanos, quem são eles e como é representada a própria América Latina em duas publicações, *Eva Luna* (1987) e *Contos de Eva Luna* (1989). Essa pesquisa pode ser considerada uma das mais importantes referências brasileiras (dentre as que contribuem para o nosso tema), pois apurou as contradições de Isabel Allende, tanto em seu texto literário quanto numa parcela do que elabora como discurso de si, de suas composições para a sociedade e de suas entrevistas. Como a pesquisadora assinala, após um primeiro olhar, se propôs a “desconstruir o que no princípio pensei ser apenas recurso poético para perceber como sua escrita pode reforçar estereótipos típicos do senso comum”<sup>34</sup>. Esses elementos serão abordados ao longo de nosso texto, no entanto, vale observar que as figuras mais emblemáticas e carregadas de generalizações e contradições são os povos indígenas, ainda que Allende dê indícios de que suas representações sejam para valorizar e dar voz a esses povos.

Cabe mencionar o trabalho de mestrado de Roseméri Aparecida Back, *Vozes femininas, literatura, história e memória: A doce canção de Caetana, de Nérida Piñon, e Eva*

---

<sup>33</sup> MARRA, Fabíola Benfica. **A América Latina e os latino-americanos nas narrativas de Eva Luna de Isabel Allende**. 2006. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

<sup>34</sup> Idem. p. 73.

*Luna*, de Isabel Allende (2012)<sup>35</sup>. Back parte do olhar dos estudos culturais e da dinâmica entre poder, contrapoder e relações de gênero, para abordar as opressões de gênero e a resistência das mulheres nas narrativas das duas escritoras (Nélida Piñon e Isabel Allende) e no contexto das ditaduras militares no Brasil e no Chile. Há também a pesquisa *Gênero e literatura nos contextos imaginados de América Latina: uma leitura política à narrativa de Nélida Piñon e Isabel Allende* (2016),<sup>36</sup> de Maria Antonia Miranda González. A abordagem delinea aspectos históricos ligados à história das mulheres e ao feminismo nesse recorte geográfico-temporal.

Back e Miranda González detalharam a construção da luta feminista e das dificuldades das mulheres ao se inserirem num mundo que chamaram de “falocêntrico”, centrado no corpo, na sexualidade e na dominação masculina. Seus trabalhos focaram, ainda, nas representações sobre ser mulher na América Latina. Isto nos auxilia numa parte do que pesquisamos, mas novamente nos deixa carentes de elementos para entender porque o primeiro romance de Allende se tornou um *best-seller*, para além da questão das lutas feministas e da opressão nas ditaduras militares.

Os trabalhos de Márcia Hoppe Navarro — *A mulher em Eva Luna de Isabel Allende* (1990) e *Rompendo o silêncio: gênero e Literatura na América Latina* (1995) — devem também ser citados. O primeiro deles consiste numa análise do terceiro livro de Isabel Allende, escrito e publicado em 1987, romance este que novamente mescla história e ficção por meio da personagem Eva Luna e cuja personagem central é uma mulher das classes populares, diferente d’ *A Casa dos Espíritos* e *De Amor e de Sombra*. O segundo título analisa a presença da literatura escrita por mulheres ou sobre mulheres na América Latina, relacionando-se às pesquisas sobre gênero, opressão e patriarcado, sobre os limites entre literatura feminina e/ou feminista e as dificuldades de ser mulher escritora dentro desse recorte espacial.

Algumas obras de Allende e sua biografia são citadas no trabalho de Navarro, compreendendo-a como uma das primeiras mulheres chilenas/venezuelanas que se destacaram internacionalmente trazendo o tema feminismo e as mulheres como protagonistas na literatura da América Latina. Esse não é um trabalho especificamente sobre Isabel Allende, mas que coloca a escritora no debate geral, sendo que outras figuras da literatura latino-americana

---

<sup>35</sup> BACK, Roseméri Ap. **Vozes femininas, literatura, história e memória: A doce canção de Caetana**, de Nélida Piñon, e *Eva Luna*, de Isabel Allende. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, 2012.

<sup>36</sup> MIRANDA GONZÁLEZ, Maria Antonia. **Gênero e literatura nos contextos imaginados de América Latina: uma leitura política à narrativa de Nélida Piñon e Isabel Allende**. 2016. 221f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23864>. Acesso em: 13 jan. 2019.

também são analisadas, como a escritora brasileira Cecília Meireles. A análise de Navarro e das outras pesquisadoras do livro organizado por ela<sup>37</sup>, nos é pertinente por apontar as dificuldades da autoria feminina na América Latina e por ser um dos textos que servem de base a outras análises brasileiras sobre Isabel Allende.

Ademais destas bibliografias, pudemos observar em outras pesquisas e livros publicados referências a Isabel Allende, mas como são coletâneas com temáticas mais amplas, sua figura e seus livros aparecem de modo breve. Um exemplo é o livro de *História da literatura hispano-americana* de Bella Josef<sup>38</sup>, uma das pesquisadoras brasileiras de literatura hispano-americana, que sintetiza os desdobramentos literários e as principais tendências desde o século XV e da colonização. Ao chegar na análise dos chamados movimentos de vanguarda e do pós-vanguarda, Bella Josef identifica o crescimento do número de mulheres como escritoras e como sujeitos históricos disputando espaço no campo das ideias e da literatura. Desse modo, enfatiza-se a importância de Isabel Allende, não apenas pelo tema a que se circunscreve, mas por ser a que mais conquistou espaço por seus livros terem se tornado best-sellers.

Temos também a Enciclopédia Contemporânea da América Latina (2006) de organização de Emir Sader, Ivana Jinkings e outros, que tem um verbete voltado para a trajetória de Allende. A informação mais marcante do primeiro verbete é a comparação de Isabel Allende ao escritor brasileiro Paulo Coelho, como um dos únicos que se equipara e a supera em vendas e publicação em diversos idiomas, sendo também um autor de *best-sellers*. Façamos a ressalva de que Allende é citada num conjunto no qual sempre é inferior o número de mulheres artistas (não por uma questão de qualidade, mas de espaço no “campo literário” e no mercado). As duas coletâneas citadas nos fornecem poucas informações, todavia ao identificarem um espaço para falar de Isabel Allende, evidencia-se o poder mercadológico ou cultural que sua figura alcançou na literatura latino-americana.

Em outra linha de análise, temos os trabalhos de Raphael Coelho Neto e Eça Pereira que tem como fonte e objeto as revistas *Araucária de Chile* e *Literatura Chilena en Exílio*<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea; LOPEZ, Márcia. Clara sombra: o narrador e a memória em A Casa dos Espíritos, de Isabel Allende; RODRIGUES, Odiombar. Eva Luna, a guerrilheira da palavra; SCHIMIDT, Rita. Repensando a cultura, a literatura e o espaço de autoria feminina. In: NAVARRO, Márcia. Hoppe (org.). **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Coleção Ensaios CPG Letras/UFRGS. Vol. 3. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

<sup>38</sup> JOZEF, Bella. **História da Literatura Hispano-Americana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Francisco Alves Editora, 2005. p. 247-289.

<sup>39</sup> COELHO NETO, Raphael. **Exílio, intelectuais e resistência política nas revistas Literatura Chilena em Exílio/Literatura Chilena, Creación y Crítica e Araucaria de Chile (1977-1989)**. 2016. 370f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

Tais autores, contribuem com a nossa pesquisa por ponderarem sobre a formação de um campo intelectual chileno no exílio, sendo estas revistas de caráter político, literário e de crítica à ditadura de Augusto Pinochet, editadas por chilenos no exílio (México e Estados Unidos, respectivamente). Pouco citam Isabel Allende, porém, a inserem no campo do intelectual, por ser uma escritora chilena, que vive no exílio e cumpre a função de denunciar a ditadura vivida em seu país natal. Sendo assim, são textos que auxiliam a preencher e elaborar um círculo em volta dessa autora. A tese de Julia Morena Silva da Costa, *A estética do fracasso: o projeto literário de Bolaño* (2015)<sup>40</sup>, segue no mesmo sentido, analisando as narrativas do crítico literário e escritor chileno Roberto Bolaño, que acaba citando Allende por ser Bolaño um dos mais famosos críticos aos romances dela.

Dentre as pesquisas estrangeiras, selecionamos algumas das primeiras a analisarem o livro *A Casa dos Espíritos* e sua autora, além de serem referência para os pesquisadores posteriores. A partir da revisão bibliográfica do que foi escrito em três obras diferentes, sobre Isabel Allende e seus romances, pudemos identificar as pesquisas estrangeiras de maior repercussão.

Primeiramente, os principais trabalhos que fizeram uma revisão bibliográfica da obra de Allende são os de Verónica Cortínez, John Rodden e Evelyn Picon Garfield<sup>41</sup>. Em relação a Verónica Cortínez (da Universidade da Califórnia), podemos dizer que é uma pesquisadora que se dedica aos estudos de literatura e cinema chilenos e literatura ficcional latino-americana contemporânea, tendo inclusive obtido reconhecimento internacional por seus estudos<sup>42</sup>. Cortínez tem uma trajetória de pesquisas sobre a escritora Isabel Allende e seus livros, tendo redigido a crítica literária e a síntese da vida e da obra de Allende, em *Latin American Writers* — dentre 36 escritores latino-americanos listados e analisados na coletânea por vários pesquisadores, apenas 8 escritoras entraram nessa lista.

A partir do levantamento de Cortínez e de outras bibliografias, vimos que Allende tem um espaço estabelecido no campo literário internacional, com pesquisas em países como Espanha, Venezuela, Chile e Estados Unidos. Cabe ressaltar que num espaço geográfico-cultural da dimensão da América Latina, ela foi uma das poucas selecionadas a ser apresentada

---

<sup>40</sup> COSTA, Júlia Morena Silva da. **A Estética do Fracasso: o projeto de Bolaño**, 2015. 233f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura - Documentos da memória cultural) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

<sup>41</sup> CORTÍNEZ, Verónica. Isabel Allende (1942-). In: SOLÉ, Carlos A.(org.). **Latin American Writers**. Estados Unidos: Charles Scribner's Sons, 2002; GARFIELD, Evelyn Picon (org.). **Women's fiction from Latin America: selections from twelve contemporary authors**. Detroit, EUA: Wayne State University Press, 1988; RODDEN, John (org.). op. cit. op. cit.

<sup>42</sup> Ver em: UCLA - University of California in Los Angeles. Latin American Institute. Los Angeles, EUA. Disponível em: [www.international.ucla.edu/LAI/person/1225#.WXt\\_xhXysdU](http://www.international.ucla.edu/LAI/person/1225#.WXt_xhXysdU). Acesso em: jul. 2017.

enquanto autora de destaque da região para os Estados Unidos. Para Cortínez, isto não é necessariamente um mérito da qualidade de sua escrita, mas dos elementos que ela soube associar em sua narrativa<sup>43</sup> e que, ainda que sua obra possa ser alvo da crítica literária, a colocou como uma das autoras que mais despertou interesse dos leitores sobre a literatura latino-americana<sup>44</sup>.

Temos o artigo *El pasado deshonroso de Isabel Allende* (1994)<sup>45</sup>, também escrito por Verónica Cortínez, que discute a carreira profissional de Allende antes de ser escritora e as contradições no discurso feminista e “político” a que é associada. Esta pesquisa colabora para a perspectiva crítica sobre a escritora aqui pesquisada.

Outro livro a nortear nossa apresentação das bibliografias de maior densidade em torno de Isabel Allende e seus escritos é o de John Rodden (escritor e crítico literário), *Conversations with Isabel Allende* (2004)<sup>46</sup>. A obra consiste numa coletânea de 19 entrevistas feitas com Allende em diferentes épocas, desde 1984<sup>47</sup> até 2001, algumas das quais já publicadas em outros meios impressos. Em sua maioria, são entrevistas feitas por estadunidenses, sendo três do próprio John Rodden, e havendo três entrevistas traduzidas do espanhol e uma do alemão. A coletânea é prefaciada por Isabel Allende e Rodden introduz as entrevistas traçando a biografia cronológica da escritora.

Com tais referências, identificamos algumas das obras mais repetidamente citadas ou mais consagradas para se discutir os romances de Isabel Allende e sua trajetória, tais como o artigo do chileno Mario Rojas, *La Casa de los Espíritus, de Isabel Allende: un caleidoscopio de espejos desordenados* (1985)<sup>48</sup>. No texto, Rojas interpreta a obra de Allende como um “caleidoscópio intratextual”, traduzido como uma síntese de elementos diversos, como a nostalgia da infância, a magia e a violência, tanto de gênero quanto política, do golpe militar chileno. Por ser do âmbito dos estudos literários, a análise tende a focar em aspectos mais internos do que externos à obra, auxiliando na discussão da fonte principal e do objeto de nosso estudo. Agrega-se a isso, o fato de ser uma das primeiras pesquisas conceituadas sobre a autora.

---

<sup>43</sup> CORTÍNEZ, Verónica. El pasado deshonroso de Isabel Allende. **Revista Iberoamericana**, v. LX, n. 168-169, p. 1135-1141, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6466/6642>. Acesso em: 05 mar. 2017.

<sup>44</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit. op. cit., 2002. p. 11.

<sup>45</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit. op. cit., 1994.

<sup>46</sup> RODDEN, John. (org.). op. cit. op. cit.

<sup>47</sup> A primeira edição em inglês data de 1985. Ver em: ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017; RODDEN, John. op. cit. p. XVI.

<sup>48</sup> ROJAS, Mario A. La Casa de los Espíritus de Isabel Allende: un Caleidoscopio de espejos desordenados. **Revista Ibero-Americana**, v. LI, n. 132-133, p. 917-925, jul./dez. 1985. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5195/reviberoamer.1985.4138>. Acesso em: 30 jul. 2016.

O livro do crítico literário chileno Marcelo Coddou, *Para leer a Isabel Allende: introducción a La casa de los Espíritus* (1988)<sup>49</sup>, tem uma preocupação na questão textual/literária d'A Casa dos Espíritos, procurando enxergar a obra num contexto mais amplo. Nesse sentido, Coddou aponta tanto para o contexto literário, na associação com o escritor Gabriel Garcia Márquez (autor colombiano do *boom* da literatura latino-americana), quanto nos vínculos da biografia da autora com a história do Chile. É considerada uma obra de referência para as pesquisas sobre a autora. Coddou também é o autor de *Los libros tienen sus propios espíritus* (1986)<sup>50</sup>.

Há, ainda, *La Novela Chilena del Exilio (1973-1987)* de Carmen J. Galarce<sup>51</sup> – cujo texto é constante referência entre pesquisadores da literatura de Isabel Allende e cuja a narrativa nos permite imergir na discussão sobre o exílio na América Latina e como isso marca a criação literária dos escritores e escritoras que o vivenciaram. Galarce discute, por exemplo, sobre o distanciamento da realidade do país que outrora fora a terra natal de cada um dos exilados, debatendo a aceitação de uma nova realidade e a conciliação (ou não) com um passado traumático.

Buscando por pesquisas mais recentes, nos deparamos com a dissertação de mestrado da Mariella Orama, *La dictadura desde la escritura femenina de Carmen Martín Gaité, Julia Álvarez e Isabel Allende* (2013)<sup>52</sup>. A pesquisadora venezuelana se propõe a fazer uma comparação entre essas três escritoras, trabalhando como suas vidas e obras se relacionam com os respectivos regimes militares que vivenciaram em seus países. Apesar da temática que poderia nos auxiliar, o texto parte demasiadamente do olhar literário e das representações da realidade na literatura, sem trazer muitas referências históricas para produzir tais paralelos. Além disso, trata-se de um estudo comparativo entre três autoras e três livros, não havendo um aprofundamento maior nas análises de nenhum deles, a não ser pelo recorte das alusões à desigualdade e à violência de gênero na sociedade e principalmente nas ditaduras militares comparadas. Não há uma preocupação em desconstruir as narrativas citadas, mas em emoldurar o que elas trazem da violência contra a mulher. A pesquisa de Orama contribui para nossa

---

<sup>49</sup> CODDOU, Marcelo. **Para leer a Isabel Allende** - introducción a “La casa de los espíritus”. Concepción, Chile: Lar, 1988.

<sup>50</sup> CODDOU, Marcelo (editor). **Los libros tienen sus propios espíritus: estudios sobre Isabel Allende**, Xalapa, México, Universidad Veracruzana, 1986.

<sup>51</sup> GALARCE, Carmen J. **La Novela Chilena del Exilio (1973-1987): el caso de Isabel Allende**. 1993. 234f. Dissertation (PhD in Philosophy - Department of Spanish and Portuguese) – The Ohio State University, Ohio, 1993.

<sup>52</sup> ORAMA, Mariella. **La dictadura desde la escritura femenina de Carmen Martín Gaité, Julia Álvarez e Isabel Allende**. 2013. 84f. Dissertação (Mestrado) – University of South Florida, Flórida, 2013.

análise do conteúdo d' *A Casa dos Espíritos* nesse recorte específico, sem fornecer elementos para a crítica ou desconstrução da fonte.

Tanto as pesquisas feitas no Brasil, por Fabiola Benfica Marra, Marilene Canello e Maria Miranda González, quanto o trabalho de Mariella Orama trazem poucas referências bibliográficas de estudos anteriores sobre Isabel Allende e seus romances. Não que deixem de apresentar uma vasta bibliografia que dê suporte as suas análises, mas causa estranheza que não tomem por base de suas reflexões o que foi dito anteriormente sobre a romancista e seu material. Nesse sentido, no decurso da nossa pesquisa fomos confrontados com a dificuldade de ter acesso aos estudos que vêm de diferentes países. Outro fator pode ser o excesso de repetição nas temáticas, sendo que a maior parte dos escritos não deixa de se demorar em falar da perspectiva feminina e feminista da autora.

Nenhum desses autores pesquisou profundamente o contexto de produção e difusão da obra, indo pouco além dos elementos textuais que a mesma agrega. Quer seja sua escrita comercial ou um texto que reverbera e encontra ressonância na estrutura de sentimentos de uma dada época, a maior inovação dessas pesquisas são as análises da teoria de gênero e sexualidade, campo que é novo, porém, já estabelecido no Brasil. Por outro lado, a História do Livro, da Leitura e do mercado editorial, com sua interseção entre os aspectos da produção, difusão e recepção, bem como os estudos da relação entre os livros e os leitores, tende a ser mais recente no Brasil<sup>53</sup>, porém também um campo estabelecido no Brasil, com estudos na área de Brasil colônia, moderna e relativamente em história contemporânea. Ainda assim, há uma carência de estudos nessa área, principalmente ao que se refere a produção e publicação de livros de escritoras latino-americanas no Brasil, no século XX e especificamente sobre os livros de Isabel Allende.

O artigo *Prensa y Literatura en la Difusión del Discurso de Isabel Allende sobre América Latina* (2012)<sup>54</sup>, que compõe parte da tese de doutorado de Estelle Gacon, defendida na Universidade de Valência (Espanha), foi a pesquisa que nos serviu de base para trazer o olhar crítico em relação ao texto de Isabel Allende. Gacon procurou delinear os discursos sobre a vida das mulheres latino-americanas e as características desse espaço cultural-geográfico que aparecem nos três primeiros romances de Isabel Allende<sup>55</sup> e nos artigos na imprensa que a

---

<sup>53</sup> EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

<sup>54</sup> GACON, Estelle. **Prensa y literatura en la difusión del discurso de Isabel Allende sobre América Latina**. In: CAIRO CAROU, Heriberto; CABEZAS GONZÁLEZ, Almudena; MALLO GUTIÉRREZ, Tomás; CAMPO GARCÍA, Esther del; CARPIO MARTÍN, José (ed.). *XV Encuentro de Latinoamericanistas Españoles*, nov. 2012, Madrid, Espanha. Trama editorial; CEEIB, pp.572-581, 2012. <[halshs-00874625](#)> acesso em 20-06-2016

<sup>55</sup> Os já citados, *A casa dos Espíritos* (1982), *De Amor e de Sombra* (1984) e *Eva Luna* (1987).

difundiram (ela selecionou três grandes jornais da Espanha – *ABC*, *La Vanguardia* e *El País*). Com isso, a autora procurou entender como a obra de Allende se conectou com “la sensibilidad del lector europeo”, refletindo sobre o que a levou a se tornar um *best-seller*, ficando por várias semanas na lista dos mais vendidos na Espanha e em diversos países europeus.

Sinteticamente, explorando o que é *best-seller*, a pesquisadora afirma que

“El *best-seller* es uno de los productos estelares de la cultura de masas. (...) literalmente, “el más vendido” (...) está sujeto, al igual que cualquier otro producto de consumo, a las leyes de la oferta y de la demanda y los grandes grupos editoriales intentan apostar por libros con cierto potencial de venta”<sup>56</sup>

Pautando-se por estes apontamentos, Gacon passa a se referir a Allende como autora de *best-seller*. Isso ocorre, pois, além do uso de uma linguagem mais “simples”, a escritora chilena tornou-se famosa, sendo chamada para entrevistas em jornais, na TV, e, atualmente, em *blogs* e jogos televisivos, por exemplo. Allende difunde uma imagem de si que contribui para a criação do “personagem completo”, com personalidade e histórias familiares que vão dar maior força para a difusão de sua obra.

Em relação a difusão da autora e do livro na Europa, observamos que a publicidade nos meios de comunicação auxiliou nesse processo. O parentesco com Salvador Allende, o ex-presidente socialista do Chile, cujo nome é muito marcante no imaginário europeu, também influenciou em tal difusão.

Outro ponto é que, de acordo com Gacon, o texto literário da escritora teve muita aceitação por parte do público feminino por ter construído personagens femininas modernas<sup>57</sup>, com ações e pensamentos que remetem ao ideário do movimento feminista que se desenvolveu na América Latina no século XX. Por meio dessa análise, e observando a difusão na imprensa das narrativas e romances de Allende, Estelle Gacon evidencia a importância da imprensa na construção identitária e na difusão de valores.

Essa vastidão de pesquisas não nos faz desviar do foco central de nosso trabalho, que se distingue dos demais por investigar o espaço no mercado que Allende alcançou no Brasil. Nosso trabalho investiga a interrelação entre fatores políticos, literários e sociais que se uniram naquela conjuntura e que podem ter influenciado na sua difusão no país e na construção de um *best-seller*.

---

<sup>56</sup> Ibid. p. 572-573.

<sup>57</sup> Ibid. p. 579.

Partindo disso, ainda que brevemente, será necessário olhar para o Chile da década de 1970 e pós golpe militar, buscando entender *A Casa dos Espíritos* na relação com o contexto histórico e com a biografia de Isabel Allende. Associar a sua figura com o Chile ditatorial é inevitável, como em suas palavras: “Y como de nostalgia estamos hablando, le suplico un poco de paciencia, porque no puedo separar el tema de Chile de mi propia vida”<sup>58</sup>.

Por ser parte da narrativa literária d’*A Casa dos Espíritos* e das memórias da escritora, a constante rememoração dos anseios e sonhos ligados a “tentativa de socialismo” do governo de Salvador Allende (eleito em 1970), da violência do golpe e da ditadura militar que veio a seguir, influenciou para que o nome de Isabel Allende se fizesse conhecido. Mas há de se considerar que, antes mesmo de publicar seu primeiro romance, o sobrenome Allende já era conhecido, devido ao governo do ex-presidente socialista, seu tio. De certo modo, a influência do nome Allende precede a elaboração de quaisquer propagandas feitas para vender os romances da escritora.

No entanto, no emaranhado de relações que pretendemos tecer nesta dissertação, não deixaremos de pensar a obra de Allende inserida na estrutura do mercado editorial internacional, que nas últimas décadas havia “descoberto” a literatura latino-americana do gênero fantástico. É importante observar que, no campo da literatura, há um jogo de poder no qual a escritora chilena logrou entrar, ainda que de modo controverso<sup>59</sup>. Uma das controvérsias é a conhecida discussão de Roberto Bolaño com sua conterrânea Isabel Allende. Ao criticar a qualidade literária das obras de Allende, Bolaño afirma que, “além de conter imitações de García Márquez, é ruim, anêmica, perene e que seu exercício de literatura vai do kitsch ao patético”<sup>60</sup>. Segundo Julia Morena Silva da Costa, essa explanação adveio da posição do crítico literário de ferrenha oposição “ao campo literário mercadológico repleto de repetição de formas e mais pautado na capacidade de vendas”<sup>61</sup>. Para Bolaño, estava em expansão uma “indústria literária” que, principalmente após os anos de 1990, conformava cada vez mais a literatura, fazendo os escritores se acomodarem para ter seu lugar garantido como funcionários das editoras/indústria editorial<sup>62</sup>.

---

<sup>58</sup> ALLENDE, Isabel. **Mi País Inventado** - Un paseo nostálgico por Chile. Espanha: Rayo, 2003. p. 165.

<sup>59</sup> Adentraremos nesta questão mais à frente, todavia esse ponto remete a um tema citado por Verónica Cortínez, recorrente em outros críticos da obra de Allende: a escrita de Allende tem apelo comercial e pouca qualidade literária e artística. Apesar de se intitular feminista, seus trabalhos foram criticados pela visão redutora do lugar da mulher e mesmo pelo uso do elemento fantástico que teria sido copiado da obra de Gabriel García Márquez. Ver parte dessa discussão em: CORTÍNEZ, Verónica. op. cit. op. cit., 1994. p. 1135-1136.

<sup>60</sup> COSTA, Júlia Morena Silva da. op. cit. op. cit. p. 71.

<sup>61</sup> Ibid. p. 72.

<sup>62</sup> Ibid. p. 72. Ver também em duas críticas literárias: BOLANÕ, Roberto Sobre la Literatura y el Premio Nacional de Literatura y los raros consuelos del oficio. Las Últimas noticias. Talleres. **El Mercurio**, Santiago, 1902-

Essa controvérsia tem seu lugar na recusa em validar Allende como escritora e artista. Por conseguinte (nesse caso), Bolaño também se recusava a compreender como intelectuais àqueles que escrevessem seguindo modelos que mais atendessem ao mercado e gerassem lucro (ainda que os argumentos de Isabel Allende para seu modelo de escrita sejam outros, como explicaremos adiante).

Para Raphael Coelho Neto, o termo intelectual “pode abarcar vários agentes ou mediadores culturais, incluindo os escritores e os literatos, mas também cineastas, professores (...)”<sup>63</sup>, sendo maior que a ideia de escritor. O ser intelectual pode levar a pressupor um capital cultural que legitimaria uma pessoa a atuar no debate público como representante de um grupo, de um conjunto de ideias, etc. As Revistas *Araucaria de Chile* e *Literatura Chilena en Exilio/Literatura Chilena, Creación y Crítica* são consideradas duas das revistas culturais mais importantes de resistência de intelectuais chilenos no exílio. Segundo Coelho Neto, nelas a diferença entre escritor e intelectual por vezes desaparece ou se confunde, sendo publicações agregadoras das diversas críticas de chilenos no exílio manifestadas como escritores, pesquisadores, artistas e outros. Ainda que de forma sutil, Isabel Allende é identificada entre os escritores e, nesse caso, entre um grupo intelectualizado que procura difundir os horrores da ditadura militar chilena e questioná-la por meio da arte. Observemos que o período de publicação dessas revistas foi de 1977 até 1989, momento de transição para a abertura política e fim da ditadura militar chilena. O dito sucesso editorial dá-se no jogo de disputas entre campo literário/intelectual e mercado editorial, ainda que marcadamente seu lugar garantido seja no mercado.

No entanto, ao problematizar a trajetória social da autora, nos utilizaremos da biografia histórica, para compreender o lugar do indivíduo em tal história. O próximo passo é determinarmos na obra *A Casa dos Espíritos*, na versão original em espanhol e na tradução, por serem ambas fonte e objeto de pesquisa.

## 1.1 O romance *A Casa dos Espíritos*

---

volúmenes, 27 ago. 2002. p. 35. Disponível em: [www.memoriachilena.cl/602/w3-article-65125.html](http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-65125.html). Acesso em: 15 nov. 2018; GÓMEZ, Andres. Isabel Allende es Mala escritora – el escritor Roberto Bolaño se pronuncia sobre los candidatos al Premio Nacional de Literatura. *La Tercera*, Santiago, Chile, 1986 -. volúmenes, 18 mai. 2002. p. 49. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-65119.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>63</sup> COELHO NETO, Raphael. op. cit. op. cit. p. 25; p. 203.

O romance *A Casa dos Espíritos* nos traz a história do Chile ao longo do século XX, até por volta de 1973, quando se inicia a ditadura militar de Augusto Pinochet. A obra é construída ao longo de catorze capítulos e um epílogo. São 468 páginas, e a partir da perspectiva de quatro gerações de mulheres da família del Valle-Trueba e do “patriarca” Esteban Trueba, a narrativa se desenvolve mesclando elementos do contexto da época e elementos fantásticos, com centralidade nas mulheres: Nívea, Clara, Blanca e Alba. Associado por vezes ao gênero do realismo mágico, é também identificado como romance histórico pelas constantes referências explícitas aos eventos do período de governo socialista e do início da ditadura. Retomaremos mais à frente os significados dessas classificações literárias citadas.

É uma história fictícia na qual as personagens cruzam com figuras “reais” como Salvador Allende e Pablo Neruda. Por esse motivo, o texto vem a moldar a narrativa e a vincular as personagens e a história ao Chile de século XX — 1905/1910 até por volta de 1973/1975 —, num contexto de urbanização e desenvolvimento de movimentos sociais operários e ideias consideradas progressistas, como o socialismo e o feminismo. O Chile que nos é mostrado oscila espacialmente entre campo e cidade, como sinônimos de atraso e progresso, respectivamente. Deparamo-nos com um romance que suscita elementos históricos e constrói sua trama com elementos sobrenaturais que aderem a narrativa como parte do cotidiano, sendo Clara del Valle a figura central que guia a narrativa, as personagens e o universo do sobrenatural<sup>64</sup>.

A narrativa é muito maior e mais extensa do que a parte que tem como centro o golpe militar perpetrado por Pinochet, mas o tempo da narrativa se acelera, como a história fora das páginas, e nos direciona aos anos do governo de Salvador Allende como presidente no Chile até o início da ditadura. Os últimos quatro capítulos e o epílogo focam em no máximo 5 anos que marcam a história do Chile e a biografia da autora do romance. Isabel Allende identifica esse romance como a história de sua família antes de tudo e ainda que seja um texto ficcional, ele é todo elaborado a partir dos passos reais de Allende, dos seus e do Chile. A pesquisadora

---

<sup>64</sup> Listando as personagens que entraram em cena, tanto no plano central quanto secundário, e que moldaram a narrativa, temos: o casal Nívea e Severo del Valle; o irmão de Nívea – o Tio Marcos –; Clara e Rosa del Valle, filhas de Nívea e Severo (dentre outros filhos que são citados brevemente); Férula e Esteban Trueba; no decorrer da narrativa os filhos e a filha de Esteban Trueba e Clara del Valle – Jaime, Nicolas e Blanca e, por fim, a filha de Blanca – Alba Trueba. Saindo do círculo dessas duas famílias, poucas personagens terão expressividade, mas dentre elas destacam-se: Pedro Garcia, o caseiro e administrador mais antigo da fazenda de Esteban Trueba – Las Tres Marias; seu filho e sua filha, seu neto e sobrinho-neto – respectivamente, Pedro Segundo Garcia, Pancha Garcia, Pedro Tercero Garcia e Esteban Garcia –; os irmãos Amanda e Miguel; a Ama; as Irmãs Mora, especialistas em mediunidade; Tránsito Soto, prostituta e posteriormente dona do bordel; o presidente Salvador Allende; e o cão Barrabás, cuja história inaugura o romance.

Carmen J. Galarce analisa a obra vinculando-a ao conjunto de narrativas chilenas do exílio e nos oferecendo a seguinte interpretação

El discurso narrativo de Isabel Allende se une a la totalidad de las otras formas de narrativa del exilio en sus propuestas de ruptura con el discurso hegemónico; lo que diferencia este discurso dentro de la serie de los otros discursos es la presencia de lo femenino como sujeto de la narración<sup>65</sup> (...) se argüirá en este estudio que las novelas chilenas escritas en el exilio forman una familia de textos que dialogan entre sí, estableciendo una relación intertextual inevitable. (...) que están dominados por el mismo objeto referencial<sup>66</sup>.

O referencial é o exílio forçado pela ditadura chilena, ou seja, um contexto de violência e perseguição, que carrega consigo o afastamento daquilo que era a vida concreta, familiar e o sonho dessas pessoas. A narrativa de Isabel Allende em *A Casa dos Espíritos* não retrata só o período do golpe e do exílio, mas, segundo o olhar de Galarce, a construção de uma história que revise a trajetória de sua família até aquele momento do desterro, numa tentativa de aceitação de sua condição atual e inevitabilidade do afastamento de sua família., lembrando que a carta-livro é escrita simbolicamente quando seu avô está próximo de falecer e não poderá visitá-lo e vê-lo mais.

Mas adentremos na narrativa em si. São as memórias da personagem Clara del Valle que estão em diários escritos desde que era criança e são juntadas a outros documentos e mapas por Alba e Esteban, neta e avô, que serão os narradores da trama. O primeiro capítulo, intitulado “Rosa, a Bela”, inicia-se com a chegada de um cachorro no meio das bagagens do “tio Marcos”. Um animal esquelético, de pelo acinzentado e que se tornaria Barrabás, um cachorro “gigante” que inspirava terror em todos, mas que conquistou a pequena Clara del Valle, tornando-se seu companheiro enquanto viveu. É o princípio do elemento fantástico na trajetória de nosso romance, um cachorro quase gigante de raça desconhecida.

A história seguirá seu curso permeado pelas figuras fantásticas, principalmente as da linhagem feminina, vindas da família Del Valle — como Clara e Rosa —, mas também figuras exóticas como o tio Marcos que criava pássaros mecânicos em épocas que voar pelos céus era considerado loucura. Provenientes de uma família de classe média alta chilena, os pais de Clara são Nívea e Severo del Valle, ele político do partido liberal e ela “dona de casa” e militante feminista. Pessoas progressistas que mantiveram hábitos tradicionais como ir à Igreja, muito mais pela preocupação política do que religiosa. Seus filhos são, Rosa, dos cabelos verdes e

---

<sup>65</sup> GALARCE, Carmen J.. op. cit. op. cit. p. 12.

<sup>66</sup> Ibid. p. 16.

beleza transcendental, perfeita em todas as suas ações e Clara, a caçula, que tinha habilidades mediúnicas e fazia objetos levitarem. Quem cuidava de toda a prole e principalmente de Clara era a Ama, cuja profissão lhe nomeava, indicando que ela seria só isso na história e na vida. Uma mulher mestiça que passou a vida a criar “os filhos alheios”.

Nívea del Valle nos traz a militância feminista, vinculando-se a primeira onda do feminismo, as sufragistas. Um pensamento ilustrativo de seu posicionamento ideológico como feminista pode ser observado no primeiro capítulo, quando se quebra uma “barbatana” do espartilho que ela usa no dia-a-dia e a personagem coloca a seguinte reflexão:

tinham discutido isso muitas vezes, ela e as amigas sufragistas, (...) enquanto as mulheres não encurtassem as saias e os cabelos e não despissem os saiotes, tudo ficava na mesma, mesmo que pudessem estudar medicina ou tivessem direito a voto<sup>67</sup>.

As sufragistas lutaram pelo direito ao voto feminino, e, segundo as pesquisadoras que selecionamos, se encaixariam no que foi entendido como a Primeira Onda do movimento feminista<sup>68</sup>, que na América Latina teve sua expressão na primeira metade do século XX. Além disso, a história foi escrita por uma mulher que faz uso da literatura também para o questionamento das opressões sofridas por causa do machismo da sociedade e dos papéis a que as mulheres são condicionadas<sup>69</sup>.

Porém, a obra de Allende não apresenta um olhar isento de críticas a esta vertente do feminismo. Podemos perceber isso no terceiro capítulo, — *Clara, a Clarividente* — onde a ainda pequena Clara, escreve “nos seus diários de relatar a vida” sobre a contradição de ver sua mãe e suas amigas sufragistas irem falar com as operárias, estando Nívea e as outras vestidas “com casacos de pele e botas de camurça, falando de opressão, de igualdade e de direitos, a um

---

<sup>67</sup> ALLENDE, Isabel. **A Casa dos Espíritos**. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 6.

<sup>68</sup> Partilhamos da interpretação da historiadora Joana Maria Pedro, que aponta: “estou entendendo como movimento feminista, as lutas que reconhecem as mulheres como especificamente e sistematicamente oprimidas. É a afirmação de que as relações entre homens e mulheres não são inscritas na natureza e, portanto, são passíveis de transformação. Como movimento de mulheres, estou entendendo que se tratam de movimentos cujas reivindicações não são de direitos específicos das mulheres. Tratam-se de movimentos sociais cujos componentes são em sua maioria, mulheres”. A primeira fase do movimento feminista centrou-se na reivindicação dos direitos políticos das mulheres. Ver: PEDRO, Joana Maria, *Narrativas do feminismo em países do cone sul (1960-1989)*. In: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**, Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 6.

<sup>69</sup> No decorrer dessa investigação, indicaremos algumas contradições do discurso feminista que a autora assumiu em seu texto. Tal discussão será realizada, não enquanto análise do que é o feminismo — que delimitaremos para melhor compreensão da obra —, mas porque isso interferiu e influenciou no modo como é consolidada tal obra no cenário brasileiro.

grupo triste e resignado de trabalhadoras com toscos aventais (...) e as mãos vermelhas de frieiras”<sup>70</sup>.

Clara explicita, desse modo, a diferença de classe social entre os dois grupos de mulheres, sendo que o primeiro grupo reivindicava direitos, como entrar na universidade e o direito ao voto, demandas distantes as do grupo de operárias que não tinha o básico para sobrevivência. A autora vivencia outra fase do feminismo (da década de 1970-1980), na qual começa a ser enfatizada a discussão das opressões ao corpo da mulher e da questão de classe e raça<sup>71</sup>. Tais aspectos ressoam em seu texto e na maneira como evidencia o movimento.

De família tradicional da elite, mas que empobrecera, somos apresentados a Esteban Trueba, cujo único bem que tem é uma fazenda abandonada — *Las Tres Marias*. Ele torna-se noivo de Rosa del Valle ao apaixonar-se pela beleza da moça, mas a perde por envenenamento por engano, quando tentavam matar o pai de Rosa, na tentativa de calar sua política progressista. Clara, a caçula, fica muda por decisão própria (diante do choque da morte da irmã, algo que previu em sonhos) e só volta a falar para anunciar o seu futuro noivado com Esteban Trueba, nove anos depois.

No segundo capítulo, conhecemos a fazenda *Las Tres Marias*, uma representação do mundo rural chileno na visão de Isabel Allende, reforçando os polos progresso/cidade e atraso/campo. Para Carmen Gloria Godoy,

¿Por qué entonces pareciera que todo empieza y termina en las Tres Marías, la hacienda que los Trueba poseen en el sur de ese país latinoamericano cualquiera en que Allende sitúa a sus personajes? Precisamente, porque los referentes de ese país se encuentran más en el campo que en la ciudad, en la tradición que en la modernidad, en la violencia que en la razón, y en la circularidad del mito. Como en otros lugares, lo que se nos ofrece aquí es una versión de la identidad latinoamericana que releva el mito de la violencia originaria ya no ejercida por el conquistador extranjero, sino que reproducida por el señor de la hacienda sobre su familia y sus inquilinos<sup>72</sup>.

A fazenda, o universo rural, as relações sociais e de exploração sexual e/ou do trabalhador cujos relatos são repetidos no romance, remetem ao que Raymond Williams<sup>73</sup> traduziu como “residual”. A modernização e urbanização é o que emerge, o livro retrata um Chile, como analisa Godoy, onde ainda vigora maiormente o contexto tradicional. A

---

<sup>70</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit. op. cit., 1984. p. 87

<sup>71</sup> PEDRO, Joana Maria. op. cit. op. cit. p. 6.

<sup>72</sup> GODOY R. Carmen Gloria. La Casa de los Espíritus: Familia, nación y clases. **Revistas de Estudios Literarios**. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, ano. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero38/casaespi.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>73</sup> WILLIAMS, Raymond. Dominante, residual e emergente. In: \_\_\_\_\_. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 125.

modernização se faz de modo lento e marcado por contrastes, nos quais o mito, a não racionalidade e a violência ainda seriam matizes mais marcantes nas relações. Nota-se que, nem o residual nem o emergente, indicam expressamente o que é melhor para a sociedade aos olhos de Isabel Allende. É a “modernização periférica” que engloba tanto a emergência do modelo urbano, a emergência do modelo de capitalismo liberal – que gradualmente se tornou o sistema econômico e social hegemônico no Chile –, a emergência das ideias socialistas e/ou comunistas; quanto a defesa do golpe militar como “resposta” a ascensão das ideias comunistas. Esse tipo de modernização seria a característica da formação chilena e metáfora também da América Latina no século XX. Tampouco é inusitado pensar que o modelo de mercado que se tornara dominante também criou sua ramificação na indústria editorial e está expresso no modelo de romance que Isabel Allende elaborou e que aqui pesquisamos, pois o mesmo foi considerado um romance comercial devido a sua estrutura narrativa.

No olhar de Trueba (optamos por nos referir assim a Esteban), a fazenda é um local abandonado e composto de camponeses maltrapilhos. Vemos a exaltação a seu trabalho e de si como patrão, no excerto: “correu a notícia de que havia um novo patrão em Las Tres Marias (...). Começaram logo a chegar homens a oferecerem-se como braçais porque eu pagava bem e lhes dava bastante comida”<sup>74</sup>. Dessa maneira, o personagem se intitulava um patrão forte e respeitado em toda a região que levava a “civilização” àquele rincão do país, modernizando seu latifúndio. Todavia, Pedro Segundo Garcia (o caseiro) e do Padre do hospital (porque as demais pessoas tinham medo de falar algo a ele), faziam-lhe críticas:

(...) trataram de lhe sugerir que não eram as casinhas de tijolo nem os litros de leite que faziam um bom patrão, ou um bom cristão, mas sim dar às pessoas um salário decente em vez de papeizinhos cor-de-rosa, um horário de trabalho que não lhes moesse os rins e um pouco de respeito e dignidade.<sup>75</sup>

Trueba, por sua vez, achava um absurdo e argumentava que eram “ideias degeneradas” e “bolchevistas” ou que “pobre não tem cultura”<sup>76</sup>, como forma de justificar a ausência de autonomia individual e familiar preconizada pelo simples direito de dar a ele um salário com o qual possa escolher com o que e onde gastar.

Alternando entre uma relação de paternidade autoritária com os camponeses e de abusos sexuais com as camponesas de sua fazenda ou das fazendas vizinhas, a personagem de

---

<sup>74</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 55.

<sup>75</sup> Ibid. p. 67.

<sup>76</sup> Ibid. p. 68.

Trueba será construída de modo estereotipado simbolizando o machismo a ser combatido no Chile, bem como a máxima do conservadorismo político para o qual todas as reformas políticas distributivas se constituem como ideias comunistas. Por volta de 1950, ele se candidatou a senador pelo partido conservador, “os de sempre”<sup>77</sup>, para conter o avanço de partidos progressistas e porque considerava que tinha o necessário para isso: além da fortuna, “respeitava a lei, a pátria e a tradição e ninguém podia acusá-lo de nenhum delito a não ser a fuga aos impostos”<sup>78</sup>. Ao vencer as eleições, como senador, Trueba se tornou um defensor extremista da destruição de todo foco marxista/bolchevique/comunista (que ele citou de modo superficial e misturando os conceitos) no país.

Como “patriarca” branco e heterossexual, ele se considerava superior como homem de determinada classe social, supondo ser válido o uso de violência, principalmente em relação aos subalternos, negros e indígenas, pessoas de classe social inferior e mulheres. Isso pode ser notado a partir da narração a seguir, que trata da prática de estupro às camponesas, tendo como pano de fundo uma polícia conivente ou completamente ausente:

(...) não passava nenhuma mocinha da puberdade à idade adulta sem que ela a fizesse provar o bosque, a orla do rio ou a cama de ferro forjado. Quando não ficaram mulheres disponíveis em Las Tres Marias, dedicou-se a perseguir as de outras fazendas, violando-as num abrir e fechar dos olhos (...) chegaram a Las Tres Marias um irmão, um pai, um marido ou um patrão a pedir-lhe contas mas, ante a sua violência descontrolada, (...) foram cada vez menos frequentes. (...) Por duas vezes apareceram cadáveres de camponeses (...) e a ninguém coube a dúvida de que se tinha de buscar o culpado em Las (...), mas os policiais rurais limitaram-se a anotar o fato no livro de atas (...)<sup>79</sup>.

A primeira de todas as mulheres violadas foi uma camponesa chamada Pancha Garcia, irmã de Pedro Segundo Garcia, seu caseiro. Ela é agarrada violentamente, mas seu apavoramento é sem resistência e em silêncio, pois esse havia sido o destino de sua mãe e sua avó, antes delas, “o mesmo destino de cadela”<sup>80</sup>. A narradora delinea a figura da mulher mestiça ou indígena e camponesa como submissa ao homem, diferente da maneira como citava as outras mulheres. Isso não o afastava de procurar também prostitutas, sendo Trânsito Soto a mais importante que virá auxiliar a salvar sua neta no último capítulo. As polaridades são evidenciadas, pois, na dinâmica dualista entre rico e pobre, capitalista e comunista, branco e indígena/mestiço, homem e mulher.

---

<sup>77</sup> Ibid. p. 250.

<sup>78</sup> Ibid. p. 241.

<sup>79</sup> Ibid. p. 67-68.

<sup>80</sup> Ibid. p. 60.

Os três capítulos seguintes — *Clara, Clarividente; O Tempo dos Espíritos; Os amantes* — são em torno do casamento de Clara com Esteban e do nascimento dos três filhos, Blanca, depois os gêmeos Jaime e Nicolás. Nicolás é pequeno, boêmio, sedutor, usa drogas e envolve-se com esoterismo, yoga, meditação etc. Jaime é alto, tímido, estudioso e preocupado com as questões sociais, leitor de Karl Marx e questionador das normas cristãs do internato para onde vai. Blanca é criada entre o colégio interno de inglês e verões na fazenda, onde brinca com seu melhor amigo e futuro militante socialista, Pedro Tercero Garcia, filho do administrador da fazenda e caseiro, Pedro Segundo Garcia.

Mas Clara, ao chegar na fazenda, percebeu que seu marido tinha histórico de abusos sexual e exploração dos trabalhadores. Sua atitude foi criar uma escola e tentar auxiliar dando aulas e ensinando o tratamento de doenças. Fazia falas feministas que eram ouvidas com estranheza pelas camponesas: “nunca se viu homem que não possa bater na própria mulher” ou então “onde se viu que mulher possa fazer as mesmas coisas que um homem”<sup>81</sup>. Quando descoberta por Trueba, haviam acessos de fúria no casarão, que ela fingia respeitar e voltava a fazer o mesmo. O elemento de resistência nas figuras femininas se repete nas ações de Nivea, Clara, Blanca e Alba, como este exemplificado.

Enquanto metáfora familiar, as personagens criadas por Isabel Allende nos permitem olhar também para fora do texto e inserir a escritora no movimento da sociedade, em sua forma de pensar e suas posições políticas. Se por um lado seus personagens são inspirados em sua família e tem sua coerência interna enquanto criação literária, por outro eles evidenciam parte das posições de Allende frente ao mundo, como o lugar de sua escrita feminina/feminista. Para Back,

a literatura de autoria feminina, de cunho feminista, “constitui-se naquelas obras marcadas por um discurso de alteridade político, em que o fazer literário se exerce como tomada de consciência de seu papel” (ZOLIN, 2009, p. 78) Mas há também a não-feminista, que quer se igualar às outras vozes, deseja apagar as diferenças, para não acirrá-las ainda mais (...)<sup>82</sup>.

Na continuidade da análise, Back traz a síntese dos elementos que se diferenciam na escrita de homens e mulheres, sendo que os homens tendem a refletir poder e dominação e as mulheres insubordinação e diferença<sup>83</sup>. Essas duas elaborações são generalizações que não

---

<sup>81</sup> Ibid. p. 114.

<sup>82</sup> BACK, Roseméri A.. op. cit. op. cit. p. 44.

<sup>83</sup> Ibid. p. 45.

devem ser tomadas ao “pé da letra”, mas que nos situam na dinâmica da relação entre texto e contexto e em como a escrita reverbera o que está circulando na sociedade. Mesmo os textos escritos por mulheres para mulheres, que não reverberam insubordinação e tão somente fornecem sugestões de “como ser mulher”<sup>84</sup>, seguindo padrões que concordam com as definições hegemônicas da sociedade, mesmo esses, tendem a trazer a “diferença” dos papéis e experiências vividas por cada um de acordo com os condicionamentos sociais designados por gênero. Nesse sentido, para as mulheres é comumente associada uma literatura que traz mais sentimentos e subjetividade, enquanto a masculina traria mais elementos da dinâmica político-social e um trato mais racional.

A obra de Isabel Allende entra nos quesitos apresentados pela pesquisadora acima ao tecer uma história com elementos feministas e femininos. Indica-se a insubordinação, por exemplo, no silêncio de Clara Trueba, que nunca mais dirigiu a palavra ao seu marido após ter sido espancada por ele<sup>85</sup>. As contínuas aulas que dava às mulheres camponesas, buscando melhorias em suas vidas e preocupada em alfabetizá-las e ensinando-lhes sobre feminismo ou Blanca decidida a colocar sua filha Alba na escola, local que não havia tido a possibilidade de frequentar por ser mulher<sup>86</sup> também indicam essa insubordinação.

Além disso, em geral, somente o universo feminino se ligava ao fantástico. A única figura masculina que traz algum elemento fantástico é Pedro Garcia, o velho cego, que conteve uma praga das formigas na fazenda, simplesmente conversando com elas e as convencendo a seguirem-no enquanto ele ia com seu cavalo mostrando o caminho<sup>87</sup>.

Há duas mulheres que só tem função e existência na trama em relação a outros. Primeiramente Férula, a irmã de (e odiada por) Esteban Trueba e que morre em algum lugar da periferia de Montevidéu mais à frente na trama. E a Ama, a babá, de todos os filhos da família Del Valle, a cujo nome nunca se referem, e que vêm a morrer durante um terremoto também na capital, sem que ninguém pare para lhe chorar<sup>88</sup>.

Precisamos fazer uma pausa no percurso da exposição da obra para observamos mais atentamente um “silêncio”<sup>89</sup> na narrativa. A Ama é a babá e eterna cuidadora das crianças da família del Valle Trueba. Tal mulher nunca tem seu nome citado e fica como maiúscula o nome

---

<sup>84</sup> Vide parte do que foi escrito em revistas femininas que surgem na América Latina, entre os anos de 1950-1980. Entre elas, a revista *Paula* (1967), no Chile e a revista *Capricho* (1952), no Brasil.

<sup>85</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit. op. cit., 1984. p. 213-14.

<sup>86</sup> Ibid. p. 325.

<sup>87</sup> Ibid. p. 120.

<sup>88</sup> Ibid. cap. V.

<sup>89</sup> GINZBURG, Carlo. Decifrar um espaço em branco. In: \_\_\_\_\_. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p. 100-118.

de sua profissão, como se o trabalho dela fosse o que ela é. Tiremos algumas arestas desse ponto. Isabel Allende se recorda do nome dessa trabalhadora, que teria sido uma analogia à sua família e infância. Essa Ama seria Margara, uma mulher com todas as características da Ama d'*A Casa dos Espíritos* citada na autobiografia *Paula*<sup>90</sup>, livro que ela escreveu como cartas a Paula (outro nome do livro), isto é, sua filha que havia entrado em coma e que veio a falecer. Então por que não lhe é posto o nome pessoal?

A esse respeito podemos refletir a partir da lógica do “espaço em branco” proposto por Ginzburg<sup>91</sup> ao analisar a obra de Flaubert. Ginzburg ressalta “a incomparável ‘variedade de pausas’ orquestradas por Flaubert”<sup>92</sup>, sendo que nenhum escritor faz uso das vírgulas, pausas e silêncios, indicando temporalidades, rupturas e cesuras nervosas com tanto significado quanto ele. Isabel Allende não faz tantas pausas, não constrói sua narrativa baseada em silêncios e tende a sempre narrar o que poderia ficar subtendido. Esse “espaço em branco”, a ausência do nome da Ama se torna mais simbólico ainda e podemos entender que foi uma opção e uma escolha da escritora nomeá-la desse modo. A essa mulher e esse grupo social. Para Allende, é visível que há uma luta das mulheres e formas de resistências que aparecem nas classes sociais mais altas. Todavia, para uma mulher mestiça e pobre, naquele contexto histórico, ainda não haveria possibilidade de existência sem ser como profissão, sendo que há vários trabalhadores na narrativa e nenhum ganha nome. Além do machismo, estaria ali submetida a opressão de classe e raça, sem a possibilidade, ainda, repito — na visão de Isabel Allende — de terem voz.

Voltando a narrativa, em *O Tempo dos Espíritos* também será a despedida de Severo e Nívea, que faleceram em um acidente de carro. No funeral de ambos, compareceram muitos amigos, além da família e de uma delegação de mulheres, para “despedir-se dos restos mortais de Nívea, considerada então a primeira feminista do país”<sup>93</sup>. Passado esse período de turbulência, Clara ficou um tempo na cidade praticando mediunidade com auxílio das “Irmãs Mora”, estudiosas do espiritismo, com uma amizade que duraria até o “mais além”<sup>94</sup>.

Para Márcia Hoppe Navarro, a trama de Allende perpassará também “o desenrolar da luta de classes na América Latina do século XX”<sup>95</sup>. Isso pode ser observado na polarização entre oprimido e opressor que aparece quando se pensa na relação entre Trueba e os trabalhadores da fazenda, sendo o momento mais ilustrativo o conto de Pedro Garcia, o velho:

---

<sup>90</sup> ALLENDE, Isabel. **Paula**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

<sup>91</sup> GINZBURG, Carlo. op. cit. p. 100-118.

<sup>92</sup> Ibid. p. 101.

<sup>93</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 131.

<sup>94</sup> Ibid. p. 134.

<sup>95</sup> NAVARRO, Márcia Hoppe. op. cit. p. 11-55.

Um dia o velho Pedro Garcia contou a Blanca e a Pedro Tercero o conto das galinhas que se puseram de acordo para enfrentar um raposo que se metia todas as noites no galinheiro para roubar os ovos e devorar os pintainhos. As galinhas decidiram que já estavam fartas de aguentar a prepotência do raposo, esperaram-no organizadas e, quando entrou no galinheiro, fecharam-lhe a passagem. Rodearam-no e caíram-lhe em cima às bicadas até o deixarem mais morto que vivo.  
- E então viu-se que o raposo escapava com o rabo entre as pernas, perseguido pelas galinhas - terminou o velho<sup>96</sup>.

A fábula pode ser vista como uma metáfora da luta de classes, do processo revolucionário e como um incentivo à organização dos trabalhadores numa luta coletiva. É um indício do envolvimento da escritora com as discussões políticas da época e seu vínculo com a perspectiva de esquerda. De todo modo, Navarro não deixa de notar que apesar de Isabel Allende inserir a discussão no plano coletivo, seus desfechos e suas soluções para a trama resvalam sempre no plano individual e anulam a luta coletiva — como será ilustrado mais adiante, sobre o modo de Alba lidar com a tortura de estado sofrida. Outro ponto foi a solução encontrada para o antigo romance de Pedro Tercero e Blanca Trueba, cuja resposta foi o exílio financiado por Esteban Trueba num arroubo de arrependimento pelo seu passado e por ter incentivado o golpe militar. Pedro Tercero é a figura que mais ilustrou a liderança de esquerda socialista, todavia, os elementos posteriores só o mostram cansado e afastado da luta, sendo o exílio do casal a única solução possível que Allende dispõe (o amor e a fuga)<sup>97</sup>.

Outro personagem que cresceu em ação mais para o final da trama foi Miguel, irmão de Amanda, ex-namorada de Nicolás Esses dois irmãos que circularam pelo grande casarão da esquina, quando por um tempo e graças a Clara, tornou-se um centro de espiritistas, de artistas, de pobres e necessitados que ela acolhia. Miguel se transformou em um militante de esquerda/guerrilheiro revolucionário apaixonado por Alba Trueba, a neta.

Mas voltando às figuras emblemáticas, Pedro Tercero Garcia tornou-se um jovem “rebelde”, que desafiava o patrão ao não se conformar com o que ocorria com seu pai e ao “notar que rebentavam as costas para tornar a pôr de pé a riqueza do patrão”<sup>98</sup>. Aprendia sobre religião com o padre Dulce Maria que dizia ser a Igreja de direita, mas Jesus Cristo de esquerda<sup>99</sup> (p. 166) e passou a se encontrar mais escondido ainda com Blanca, após sua demissão por ter ideias “bolchevistas”, segundo Trueba. Nos encontros do casal, Pedro Tercero

---

<sup>96</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 150-151.

<sup>97</sup> NAVARRO, Márcia. Hoppe. op. cit. p. 18-20.

<sup>98</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 176.

<sup>99</sup> Ibid. p. 166.

falava da luta dos trabalhadores e Blanca mais do amor e da vida que poderiam ter<sup>100</sup>. A reviravolta na história ocorreu com um terremoto que abalou o Chile inteiro. A Fazenda *Las Tres Marias* ficou destruída e Trueba quase morreu. A figura etérea de Clara foi posta frente a realidade “tomou a seu cargo assuntos materiais”<sup>101</sup>:

O terremoto fê-la aterrar na violência, na morte e na vulgaridade e a pôs em contato com as necessidades básicas, que antes tinha ignorado. De nada lhe serviram a mesa de pé-de-galo (...), face a urgência de defender os caseiros da peste (...) a terra da seca (...) sozinha, só com o auxílio de Pedro Segundo Garcia que a adorava<sup>102</sup>.

Essa transição da figura fantástica para a figura concreta, nos traz um dos possíveis usos do fantástico: denotar a transição de um contexto onde as metáforas à magia ainda são possíveis para onde a realidade é tão abrupta que chega a ser irreal. Ali é onde o fantástico não faz mais sentido e não pode “competir com a realidade”.

Em “A Vingança” (VI), “Os irmãos” (VII), o “Conde” (VIII) e “A Menina Alba” (IX), sabemos que as personagens já estão na época da 2ª Guerra Mundial e Trueba acompanhou no mapa a movimentação das tropas, torcendo pelos nazistas enquanto Clara torcia pelos aliados, numa polaridade própria da época, onde o horror estava no outro, nos que apoiavam os fascismos e seus campos de concentração, sendo o lado a ser defendido o dos estadunidenses, ingleses e franceses. O enredo dramático se sucede com Blanca sendo espancada pelo pai que descobriu seu namoro secreto e com Clara também sofrendo com a violência de seu esposo ao proteger a filha. Da violência de Esteban Trueba com Clara resulta que ela nunca mais conversaria com Trueba ou lhe dirigiria a palavra, o silêncio foi uma de suas formas de resistir, conquanto não podia sair daquela dinâmica familiar. Nesse momento da narrativa, há como desenlaces para Blanca uma gravidez e um casamento forçado com um conde francês, amigo do pai para que Blanca não difamasse a família. A criança que nasceu foi Alba, com o signo da boa sorte, segundo as previsões de Clara<sup>103</sup>, quando Blanca já havia fugido do Conde e ido morar no casarão da esquina novamente.

E por fim, a perseguição de Trueba a Pedro Tercero Garcia resultou em sua fuga e três dedos decepados por Trueba. Nisso, temos mais um paralelo expresso com a realidade e com

---

<sup>100</sup> Ibid. p. 185.

<sup>101</sup> Ibid. p. 177.

<sup>102</sup> Ibid. p. 178.

<sup>103</sup> Ibid. p. 283.

um relato de tortura praticada pelos militares. Pedro Tercero, foi, segundo Isabel Allende<sup>104</sup>, uma homenagem ao cantor da revolução Vitor Jara, que foi morto pelos militares e, segundo consta, teve seus dedos decepados antes de o matarem. No entanto, Allende fala que o personagem em si tem outra história, sendo que na ditadura, Pedro Tercero fugiu e se exilou com Blanca em outro país auxiliado por Trueba.

A narrativa perdeu o viço e se arrastou quando do falecimento da personagem que era o elo de todos: Clara Trueba. O funeral apareceu como um acontecimento “(...) chegaram insólitas delegações de pobres, estudantes, sindicatos, operários, freiras, crianças mongólicas, boêmios, espiritistas, (...). Quase todos os caseiros de *Las Tres Marias* viajaram [para vê-la]”<sup>105</sup>.

Tem início a “Época da decadência”<sup>106</sup>. O casarão se tornou uma casa gigante quase abandonada, onde Blanca viveu a depender do pai e do irmão Jaime. Jaime vivia a receber críticas de seu pai, tais como “a caridade, tal como seu socialismo, é um invento dos fracos para vergar e utilizar os fortes”<sup>107</sup>.

Trueba vivia solitário, num luto fechado e na luta anticomunista como senador, onde somente Alba poderia acessá-lo e acalmá-lo às vezes. O inimigo político generalizado envolvia comunistas, bolcheviques, socialistas e outros que ele não diferenciava. separa Trueba todos eram a mesma coisa e todos os outros partidos, sem ser o seu, eram potencialmente marxistas: “sua obsessão era destruir o que ele chamava de cancro marxista”<sup>108</sup>.

Os capítulos finais, centrais para a nossa análise são os seguintes: “O Despertar”, “A conspiração”, “O terror” e “A hora da verdade”, respectivamente, XI, XII, XIII, XIV, além do Epílogo.

No capítulo “O despertar” tem-se um duplo sentido: tanto pelo momento do despertar de Alba para uma juventude madura ao entrar na faculdade e com a descoberta do amor e da militância, quanto pelo auge das manifestações de esquerda pró-socialistas e comunistas, que desencadearam na eleição de Salvador Allende. Um despertar que abarca seu envolvimento com as ideias de esquerda, a entrada na Faculdade de Filosofia e sua paixão por Miguel<sup>109</sup> (p.343-345), um rapaz que “falava de revolução. Dizia que à violência do sistema havia que

---

<sup>104</sup> ZAMUDIO JUNIOR, A. Isabel Allende. A vivir con Alegría, n. 385, 3 dez. 1984. p. 31-33. **Archivo de Referencias Críticas, Biblioteca Nacional Digital de Chile**. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-198269.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

<sup>105</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 317-318.

<sup>106</sup> Ibid. cap. X.

<sup>107</sup> Ibid. p. 321.

<sup>108</sup> Ibid. p. 330.

<sup>109</sup> Ibid. p. 343-45.

opor a violência da revolução. Alba, (...) só queria falar de amor<sup>110</sup>. Não foi só a influência de Miguel que a levou a se envolver com política, mas era algo inevitável para todos aqueles que entrassem na faculdade naqueles anos<sup>111</sup>. Mesmo assim, temos a personagem feminina novamente modelada a partir dos sentimentos, em segundo plano e sob a influência daquele que ela ama, sua militância.

Miguel era um rapaz que defendia a necessidade de uma guerrilha e da revolução, pois não acreditava que só através da guerra poderiam vencer a burguesia. De outro lado, vinha o tio Jaime, que continuava dedicado ao hospital e acreditava que naquele ano os socialistas ganhariam as eleições. Quando Alba debatia com Jaime, ela repetia as palavras de Miguel opondo revolução às lutas democráticas<sup>112</sup>.

(...) Alba estava eufórica, mas Miguel explicou-lhe que as eleições eram uma palhaçada (...) e a revolução não se podia fazer nas urnas eleitorais, mas com o sangue do povo. A ideia de uma revolução pacífica em democracia e em plena liberdade era um contrassenso.<sup>113</sup>

A polarização ideológica e os rumos violentos no Chile começam a ser anunciados<sup>114</sup>. Nos capítulos “A Conspiração” e “O terror”, há representações constantes do que se passava no período. Vê-se: o momento que o candidato socialista venceu e ocorreu uma comemoração nas ruas das camadas proletárias; a elaboração de planos de desestabilização econômica pelos que “perderam”, por parte da elite chilena, pelos militares e com apoio de agentes da CIA. Um dos mecanismos para desestabilização foi o boicote dos caminhoneiros, financiados pelo “imperialismo” e o boicote das empresas; carestia e desabastecimento de alimentos, crescimento do mercado negro, dentre outros elementos.

A trama adensa nos capítulos finais e a cada capítulo vai perdendo os elementos ditos mágicos, como se a realidade tivesse um peso maior que aquilo que antes fluía junto com o “real tradicional”. As páginas do capítulo “O Terror”, sobre o dia do golpe militar de 1973, no Chile, são a mescla entre ficção e realidade. Ressalta-se a polarização ideológica, sendo citados pontos em comum com o que aconteceu naquele momento e no dia fatídico como nas passagens onde fala de grupos que faziam desenhos pela cidade incentivando a revolução “eram as brigadas juvenis que acreditavam salvar a revolução com murais patrióticos e pombas

---

<sup>110</sup> Ibid. p. 344.

<sup>111</sup> Ibid. p. 244-45.

<sup>112</sup> Ibid. p. 359.

<sup>113</sup> Ibid. p. 362.

<sup>114</sup> Ibid. p. 357.

panfletárias<sup>115</sup> (p.392)”. Ou então, referencias como “os caminhoneiros em greve recebiam (...) para manterem o país parado”<sup>116</sup> ou “marinha sublevou-se”<sup>117</sup>, já antecedendo o golpe.

O fragmento seguinte diz da intenção da autora de fazer o “aporte com o real”:

Ouviu a voz do Presidente que falava pela rádio ao país. Era a sua despedida. ‘Dirijome àqueles que serão perseguidos, para lhes dizer que não vou renunciar: pagarei com a minha vida a lealdade do povo. Estarei sempre junto de vós. Tenho fé na pátria e no seu destino. Outros homens vão ultrapassar este momento e muito mais cedo do que se pensa vão abrir-se as grandes alamedas por onde vai passar o homem livre, para construir uma sociedade melhor. Viva o povo! Vivam os trabalhadores! Estas são as minhas últimas palavras. Tenho a certeza de que o meu sacrificio não será em vão’<sup>118</sup>.

Apesar de não ter citado o nome do Presidente e ser parte do livro, esse trecho é um recorte de parte da fala do Salvador Allende, presidente socialista do Chile, em setembro de 1973, quando o Palácio La Moneda está sendo tomado pelos militares. Na sua criação artística, a escritora recompõe essa fala “real”, quer para dar mais força a sua obra ou porque acredita que deva ser falado desse momento emblemático e trágico para o Chile<sup>119</sup>.

Os personagens que até os últimos capítulos estavam envolvidos de algum modo com a militância de esquerda e apoiando Salvador Allende, são perseguidos pela ditadura chilena. A principal personagem nessa fase da narrativa é Alba. A neta de Trueba, passou a ajudar perseguidos políticos e foi presa e torturada pela ditadura militar para que denunciasse Miguel e mais nomes envolvidos com a oposição ou a guerrilha.

Alba veio a ser estuprada pelo seu tio ilegítimo, Esteban García, num contexto narrativo de drama familiar e não como parte da repressão e violência de gênero que aconteciam nos porões da ditadura. Alba é resgatada pelo avô com muito custo e a narrativa ainda encontra um final feliz que denuncia um limite tênue entre o que é a força de Alba para superar as violências sofridas e aceitar o bebê fruto do estupro e a banalização da violência. Em uma rápida pesquisa no site oficial da Biblioteca Nacional do Chile, na página específica e intitulada *Memória Chilena*, as referências às violações aos direitos humanos são inúmeras e não há silêncio sobre elas. São citações e documentos expostos, como se não quisessem esquecer o que se passou.

---

<sup>115</sup> Ibid. p. 392.

<sup>116</sup> Ibid. p. 393.

<sup>117</sup> Ibid. p. 398.

<sup>118</sup> Ibid. p. 399.

<sup>119</sup> O discurso completo encontra-se em: HISTORICO. Lea y escuche el último discurso de Allende. **La Nación**, 10 set. 2013. Disponível em: <http://lanacion.cl/2013/09/10/lea-y-escuche-el-ultimo-discurso-de-allende/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

Resumindo os casos conhecidos e os locais de repressão:

Entre los casos más conocidos, se encuentran Caravana de la Muerte (1973), Operación Colombo (1975), Calle Conferencia (1976), Hornos de Lonquén (1978), caso Degollados (1985), caso Quemados (1986) y Operación Albania (1987), además de los asesinatos de Carlos Prats (Buenos Aires, 1974), Orlando Letelier (Washington, 1976) y Tucapel Jiménez (1982).

Igualmente, lugares emblemáticos de la represión fueron el Estadio Nacional (1973), el Estadio Chile (1973), el buque escuela Esmeralda (1973), Peldehue (1973), Pisagua (1973-1974), Chacabuco (1973-1975), Academia de Guerra Aérea (1973-1975), Isla Quiquina (1973-1975), Tejas Verdes (1973-1976), Cuatro Alamos (1974-1977), Londres 38 (1973-1974), José Domingo Cañas (1974), Villa Grimaldi (1974-1976) y Venda Sexy (1975), entre muchos otros<sup>120</sup>.

O romance não adentra nesses casos, mas a narrativa continua perpassando até o final por casos de tortura, estupro e violências diversas. Tais situações são quebradas por um romance ou solução final, como se houvesse um final feliz para tudo. Há, portanto, um encadeamento típico dos romances históricos e que tem um viés mercadológico, ainda que não esteja expressamente claro que fosse essa a intenção da autora ao escrevê-lo de modo a torná-lo vendável, há expressamente uma preocupação em fazer uso de uma linguagem clara. Entretanto, Allende traz o relato no período que ainda vigora a ditadura e ela mesmo não sofreu com a tortura, e sim com o exílio, o que pode ter impactado sobre o seu texto e o modo menos direto dessas narrações.

A escritora é alvo da crítica especializada no que diz respeito a romancear sobre eventos violentos. Allende é criticada por amarrar a narrativa mais dramática com algum romance, sempre quebrando a densidade dos momentos traumáticos, o que pode banalizar eventos e processos de violência extrema, como a ditadura chilena.

Independente disso, a abordagem da ditadura militar se faz de modo direto e constante em sua obra e nos dá indícios da ligação que a escritora teve com esse episódio da história daquele país que considera sua pátria. E, ainda que seja uma analogia da sua família, os passos e histórias de seus personagens são fictícios. A autora estaria representada em Alba, por exemplo. Mesmo que, na vida real, Isabel Allende nunca tenha sido torturada pela ditadura, ela foi ameaçada junto a sua família. Allende se furta a trazer no romance a densidade da violência do regime militar chileno que soube ainda quando no Chile, mesmo que antes se considerasse alienada da política; será em *Paula*<sup>121</sup>, um texto feito alguns anos depois do término da ditadura no Chile.

---

<sup>120</sup> MEMORIA CHILENA - Biblioteca Nacional de Chile. Violación a los derechos humanos. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-92415.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>121</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1995.

Abrindo uma ressalva para o personagem fictício Esteban Trueba, entendemos que ele é considerado uma alegoria do avô da Allende, mas ao mesmo tempo é uma representação generalizada do que seria a elite chilena beneficiada pelo golpe. A figura estereotipada de Trueba é a representação do patriarca tradicional e seu modo de lidar com as mulheres brancas, índias e com os trabalhadores e trabalhadoras. Para a pesquisadora peruana Mariella Orama<sup>122</sup>, tal alegoria vai ao encontro do modelo de “ordem e disciplina” seguido na ditadura chilena.

## 1.2. A conjuntura histórica do Chile de 1970-1990 e a trajetória social de Isabel Allende

Dada a dimensão da presente pesquisa, situaremos a conjuntura histórica sinteticamente. Pensar a trajetória social da escritora chilena nos traz elementos para compreender o impacto da ditadura militar chilena em sua vida e como reverberou em sua narrativa literária. Paralelamente, tal análise nos permite refletir sobre quais mecanismos Allende acessou para conquistar um espaço no mercado editorial e se configurar como uma autora de *best-sellers*. Ou seja, a apresentação/reflexão sobre a história de vida de Isabel Allende visa mirar mais de uma face do problema, pensando um movimento dialético entre sociedade e indivíduo. Tem-se a intenção de “verificar o caráter intersticial (...) da liberdade que dispõem os agentes e para observar como funcionam normalmente os sistemas normativos (...) que jamais estão isentos de contradições”<sup>123</sup>, compreendendo:

Que não se pode analisar a mudança social sem que se reconheça previamente a existência irreduzível de uma certa liberdade vis-à-vis as formas rígidas e as origens da reprodução das estruturas da dominação.<sup>124</sup>

A partir das palavras de Giovanni Levi, queremos dizer que há um lugar ambíguo no qual o ser humano em sua complexidade tem uma parcela de irredutibilidade no social, por outro lado é contingenciado pela mesma sociedade em que está inserido. Identificar os interstícios, nesse caso, significa identificar por meio das fontes a complexa rede de relações na qual Allende está inserida, observando em que medida a ação individual dela nessa teia provoca uma mudança em dado contexto. O modo como foi vinculada, de acordo com as fontes e com

---

<sup>122</sup> ORAMA, Mariella. op. cit.

<sup>123</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. p. 17.

<sup>124</sup> Ibid. p. 17.

a bibliografia selecionada, a Salvador Allende, por exemplo, pode ter modificado sua possibilidade como escritora na América Latina.

Há um “campo de possibilidades”<sup>125</sup> e buscaremos o movimento histórico de Isabel Allende nesse “campo”. Apesar de haver muitas narrativas sobre Allende, espalhadas pela *internet*, em vídeos, *blogs*, livros e outros, partiremos da conjuntura histórica e social da época e do conjunto de informações trazidas pelas diversas bibliografias sobre a escritora e seus romances, tendo como “apoio” a página pessoal da autora e sua autobiografia — *Mi País Inventado* (2003). Vale pontuar, porém, que a conjuntura na qual a autobiografia foi escrita e a lógica não-linear da memória, podem permitir outras perspectivas desse percurso. Além desses, o livro *Paula* (1992) também tem viés autobiográfico e pode servir de base para estruturar o movimento de Allende e de seu romance numa dada época. Para preencher alguma lacuna e nos auxiliar a encadear episódios biográficos conjuntamente à história do Chile, *Paula* pode ser fundamental. Acrescentemos que as fontes jornalísticas selecionadas para a pesquisa, serão utilizadas para verificar e cotejar parte das informações levantadas que, contudo, só serão densamente apresentadas no capítulo seguinte.

Como já mencionado, seu primeiro romance traz narrativas e histórias fictícias sobre o Chile, e aponta para uma forma de não-esquecimento, numa mescla de ficção e memória. Na autobiografia *Paula*, é como se Allende se debruçasse sobre os mitos que criou em torno de sua família e os colocasse à luz do real vivido, sem abandonar a delicadeza e os meandros que ainda envolvem a esfera pública. Entre detalhes da doença de sua filha e do quanto estava sofrendo enquanto Paula esteve em coma, ela traça a história de sua família de modo a que possa trazer a memória a Paula quando acordar. Allende afirma ser esta a história de sua vida, o porquê daqueles espíritos que narrara no primeiro livro, justificando o universo cheio de misticismos pelo qual circulou sua infância e que moldaram *A Casa dos Espíritos*.

Partindo do conceito de memória de Jacques Le Goff, temos a seguinte frase

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas<sup>126</sup>.

Usar de memórias implica em entender que aquele que as narra está num emaranhado de relações no momento da escrita de suas memórias, bem como distante daquilo que

---

<sup>125</sup> Ibid. p. 196.

<sup>126</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. p. 387.

rememora. Percebe-se, pois, elementos que a autora recorda, outros que são esquecidos, outros que prefere silenciar e ainda aqueles que se confundem por questões psíquicas e neurológicas. Portanto, fazemos uso de sua narrativa memorialística, tendo em vista que ela será sempre parcial, incompleta e difusa, mas que ainda assim, pode iluminar questões e contribuir na elucidação de processos históricos.

Numa síntese da trajetória de vida que nos é apresentada, vemos que Isabel Allende nasceu no Peru, em 1942, mas voltou junto com a mãe para o Chile ainda criança, após a separação de seus pais, Francisca Llonca e Tomás Allende (Tomás era primo-irmão de Salvador Allende). No Chile, encontravam-se seus avôs. Seu pai abandonou a família e apenas seu tio Salvador Allende, dentre os parentes da família paterna, se preocupou com ela e sua mãe, mantendo algum contato nos anos posteriores<sup>127</sup>.

Suas referências de Chile na infância são muito vagas, pois viveu em constante mudança de país, devido ao fato de seu padrasto ter sido diplomata. Morou na Bolívia, vários anos no Líbano, até que veio a guerra civil e ficou perigoso viver naquele país. Por volta de 1958, foi enviada pela mãe e pelo padrasto de volta ao Chile para morar com o avô, quando tinha seus 15 anos. Sempre em constante peregrinação, considera que sua atividade mais constante foi a escrita em diários quando criança e na juventude. Tais materiais são desconhecido do público, mas sua repetição em entrevistas e reportagens sobre a mesma, funciona como uma forma de encadeá-la no lugar da “narradora”.

Ao voltar ao Chile, Allende não muda sua relação de estranhamento com as novas moradias, afinal foram anos longe dali. Seu avô, pessoa com a qual tinha maior proximidade, foi quem a auxiliou a ler e escrever num espanhol correto novamente. No entanto, o avô sempre se chocava por Allende defender ideias que remetiam ao feminismo, sendo ele muito machista.

Experienciou um curto período de morada na Europa, acompanhando seu marido Miguel Frias e logo retornou ao Chile, onde conseguiu trabalho como secretária. Segundo ela, seu início no jornalismo foi ao acaso, com influência de sua mãe<sup>128</sup>, após um tempo trabalhando na parte de “quantificação de árvores” — secretária encarregada de copiar estatísticas florestais — num escritório da FAO/ONU. Tendo conseguido espaço no jornalismo, decidiu-se por essa

---

<sup>127</sup> Cabe reforçar que fazemos sempre referência à literata Isabel Allende Llonca. Há também Maria Isabel Allende Bussi, chamada de Isabel Allende, filha do Salvador Allende, sendo senadora no Chile, em 2017. É comum a confusão nas pesquisas feitas em mídia impressa ou on-line, por isso nossa necessidade de explicitar a questão; caso venhamos a nos referir a Isabel, filha de Salvador Allende, especificaremos.

<sup>128</sup> Segundo Allende, ela teria conseguido a vaga como jornalista na revista *Paula* por meio da indicação de sua mãe, que havia feito amizade na Suíça com Délia Vergara, responsável por organizar esta revista. Francisca Llonca, mãe de Allende mostrara o trabalho de sua filha a Délia, que resolveu convidar Allende para trabalhar no projeto da revista. ALLENDE, Isabel. op. cit., 1995. p. 200-201; RODDEN, John. (org.). op. cit.

profissão e começa a despontar na mídia chilena. Influenciada pelo feminismo com o qual havia entrado em contato na Europa, começou a escrever na revista feminina *Paula*, na coluna intitulada “Los Impertinentes”<sup>129</sup> e em artigos diversos. A revista era considerada um espaço para discutir questões como o aborto, uso da pílula anticoncepcional, coisas que ainda eram um tabu no Chile, assim como o feminismo.

Esse era o discurso da autora, que convergia com parte do discurso editorial da primeira revista *Paula*<sup>130</sup>. A publicação situava-se como uma revista feminina que defendia que as mulheres tinham novos papéis na sociedade contemporânea, encarando várias profissões como arquiteta e advogada, não estando mais reduzidas às funções de casa e sem que para isso deixassem de ser femininas e “dueña de casa, madre y un poco frívola”<sup>131</sup>. Segue-se na sequência uma receita culinária, algumas propagandas de roupas, perfumes e perucas, em meio às reportagens sobre crianças, pílula anticoncepcional, perucas, indicando uma valorização da mulher inserida no mercado de trabalho, dando dicas de como se manter bela e feminina em tal contexto<sup>132</sup>. E seria por meio dessa revista, na qual trabalhou entre os anos de 1967-1974, que Isabel Allende se inseriria no jornalismo chileno. Após seu início no mundo jornalístico, conseguiu espaço também num jornal para crianças chamado *Mampato*, de Santiago, bem como iniciou sua carreira na televisão como entrevistadora em um programa humorístico (1970-1975)<sup>133</sup>. Antes de começar a escrever romances, a editora Lord Cochrane, a mesma que editava a revista *Paula*, publicou o livro *Civilice a su Troglodita*<sup>134</sup>, com uma coletânea das crônicas que Allende escrevia na revista *Paula*.

Isabel Allende ainda demorou alguns anos para começar a se empenhar na escrita de seu primeiro livro. Seu sucesso como produtora de uma revista feminina não ultrapassou as fronteiras do Chile na época e seu rosto ficou conhecido na mídia televisiva que estava surgindo, mas a escritora e entrevistadora ainda era uma figura local. Segundo comenta na autobiografia de 1994, Allende se tornou conhecida na televisão local por sua atuação como jornalista na revista feminina *Paula*, como parte da ala feminista desta, o que gerou polêmicas envolvendo grupos contrários, que se diziam defensores da moral, por outro lado haviam jovens que

---

<sup>129</sup> ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017; RODDEN, John. (org.). op. cit. p.xv.

<sup>130</sup> EDITORIAL. **Revista Paula**, Santiago, v. 1, n. 1, p. 7, 1967.

<sup>131</sup> Ibid. p. 7.

<sup>132</sup> Ibid. p. 7.

<sup>133</sup> ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017; RODDEN, John. (org.). op. cit. p. xv.

<sup>134</sup> ALLENDE, Isabel; GÚIRALDES, Ricardo. **Civilice a su Troglodita**. Los impertinentes de Isabel Allende. Chile, 1974. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-65095.html>. Acesso em: 04 jan. 2019.

apoiavam a revista e a proposta “feminista” que ressoava em suas páginas<sup>135</sup>. Quando veio o golpe militar — e dado o círculo de amigos e parentes que tinha próximos à Unidade Popular, a Salvador Allende e à militância política de esquerda, seu sobrenome e a visão que tinham dela por sua atuação jornalística —, começaram a surgir demandas de abrigo secreto em sua casa ou para que passasse adiante de modo sigiloso algum recado, carta ou notícia para além das fronteiras chilenas, o que levou a telefonemas anônimos ameaçadores e informes incertos de que estaria na lista negra do regime militar<sup>136</sup>.

Quando começou a escrever *A Casa dos Espíritos*, estava no exílio na Venezuela e tinha diante de si uma ditadura vigorando em sua “terra natal” e um tio e ex-presidente do Chile morto. Ainda que ela não fosse envolvida com “política”, era evidente que o sonho com a mudança no seu país por meio da proposta socialista do ex-presidente, havia sido destruído pelo golpe militar em 1973.

Voltando um pouco temporalmente, cumpre-nos traçar alguns pontos da história do Chile, do início do governo de Salvador Allende e do golpe militar. Isso porque, ao analisar o tema, poderemos refletir sobre o modo como a violência apareceu na memória, na trajetória de vida e na literatura de Isabel Allende, indicando uma visão sobre o Chile da década de 1970. Além disso, tal questão também nos ajuda a entender porque ser associada ao seu tio lhe permitiu outro espaço mundo afora, após seu primeiro livro ser publicado, em 1982.

A valorização que a figura de Salvador Allende conquistou no próprio Chile e no exterior, começou a ser construída anteriormente ao sucesso de Isabel Allende (de 1982 em diante), em meio a proposta política de atingir o socialismo de modo pacífico e democrático — o socialismo pela via democrática —, cuja tentativa de pôr tal projeto em prática tem início com a eleição do presidente Allende, como representante pela Unidade Popular (UP) em 1970. Ademais disso, há um contexto macrorregional e global que interfere diretamente na construção desse momento da história do Chile, de pós Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria.

Observamos que o século XX é marcado por uma sequência de golpes de estado no mundo. Para o historiador inglês Eric Hobsbawm, a “predominância de regimes militares, (...) unia Estados do Terceiro Mundo de diversas filiações constitucionais e políticas. (...) É difícil pensar em quaisquer repúblicas que não tenham conhecido pelo menos episódicos regimes militares depois de 1945”<sup>137</sup>. Ou seja, considera-se que esses regimes se tornaram uma

---

<sup>135</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1995. p. 200-201.

<sup>136</sup> Ibid. p. 305-324.

<sup>137</sup> HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 340-341.

constância no mundo ocidental, inclusive na Europa, todavia na América Latina tinham presença constante em meio ao militarismo, instituições democráticas frágeis, miséria e influência do capital estrangeiro. Dessa maneira, podemos tomar a violência do período, decorrente de regimes repressivos, como uma tendência em muitos países da região. Tal “tendência” foi fomentada no bojo da Guerra Fria, marcada pela polarização ideológica e pela disputa econômica entre capitalismo e socialismo, sob a liderança dos EUA e da URSS, respectivamente. E por isso, falar de ditadura militar em um país da latino-américa não é algo inusitado e nem específico do Chile, mas também não podemos deixar de lembrar que a ditadura militar neste país foi considerada uma das mais violentas que ocorreram na América Latina no século XX.

Até a década de 1970, o Chile se caracterizava pela estabilidade política, seguindo um regime democrático e pluripartidário de cerca de 40 anos, com tradição política de alternância no poder, voto feminino desde 1949 e sufrágio universal em 1970. Um país urbanizado (75% de população urbana), sendo 80% com escolaridade de nível básico e médio<sup>138</sup>. Esses índices eram diferentes, em todos esses aspectos, de outros países do mesmo recorte geográfico-cultural. Na descrição do historiador latinista Peter Winn, era um país dependente do capital externo via Estados Unidos, para maquinário e tecnologia. Com concentração dos meios de produção, de comunicação e dos bancos nas mãos da elite chilena, havia um descompasso entre política e economia se considerarmos que a estrutura política tendia a um caráter progressista com relativa participação popular, enquanto a economia era atrasada e dependente de investimento externo<sup>139</sup>. Chegando a década de 1970, a economia estava estagnada, mas com a expansão do acesso à educação e da cidadania política, aumentavam as exigências das classes populares e ao mesmo tempo, começava a se consolidar a chamada classe média chilena, urbana e letrada.

---

<sup>138</sup> AGGIO, Aggio. **Democracia e socialismo**. A experiência chilena. São Paulo: Unesp, 1993. p. 16-18.

<sup>139</sup> Apesar de Winn e Aggio — historiadores que aqui utilizando para discutir a história do Chile no período do golpe militar — terem perspectivas diferentes em relação ao programa político de Salvador Allende e aos anos de seu governo, a visão sobre a dependência econômica do Chile e a concentração de renda e dos meios de produção nas mãos da elite é algo observável na análise de ambos. Segundo Aggio, são notáveis as fragilidades programáticas da proposta da UP e de Salvador Allende, bem como as distensões dentro da própria esquerda chilena o que levou ao enfraquecimento da “via chilena ao socialismo”. Sua discussão levanta pontos de contradição no caminho tomado por Allende e no caráter reformista do programa que entrava em choque com o almejado por setores mais à esquerda. Já para Peter Winn, mesmo delineando as contradições internas ao partido (UP) e à esquerda, sua análise indica o peso da intervenção externa (dos EUA), da interferência e do boicote das elites e das classes médias bem como as tensões em relação as forças armadas. São pontos de vista distintos, ainda que não excludentes, mas que chegam a conclusões diferentes acerca do processo.

O presidente anterior a Salvador Allende, foi Eduardo Frei da Democracia Cristã (DC), partido considerado de centro no espectro político. Nas eleições de 1970, venceu Salvador Allende com cerca de 36% dos votos, pela Unidade Popular (UP), cujo programa político propunha a transição para o socialismo por meio da democracia. Apesar de expressivo apoio da população nas eleições (36%), isso não garantiu governabilidade por muito tempo. Ainda era forte a influência de um congresso conservador e as divisões no meio das forças armadas.

Antes de alcançar a presidência, Salvador Allende Gossens já tinha uma trajetória na política. Era médico e sua militância começou na faculdade de medicina. Foi um dos que fundaram o PS — Partido Socialista —, sendo também senador por esse partido (três vezes entre 1945-1970). Além disso, havia sido deputado (1937), Ministro da Saúde (1938) e presidente do partido<sup>140</sup>.

Concorrendo à presidência da república desde 1952, somente em 1970 ele vence pela UP. A extrema direita procurou desestabilizar seu governo, mas a UP firmou um acordo com a DC — Democracia Cristã — que era maioria no Congresso Nacional e sua vitória foi confirmada, assumindo o poder. Para Winn<sup>141</sup>, Salvador Allende foi uma personalidade hábil aos moldes de um reformador e que tinha profundo conhecimento das instituições políticas do Chile. Mas isso não seria suficiente, considerando um Congresso conservador, o domínio dos meios de comunicação e produção pela direita e a conspiração dos EUA. Tendo vencido as eleições presidenciais, Allende manteve no discurso a proposta de fazer tal transição, mas como era um projeto novo para a política, carecia ainda de medidas concretas e efetivas para a sua realização.

Como nos disse Hobsbawm, apesar das especificidades de cada regime militar, a constituição de ditaduras na América Latina são parte de uma conjuntura global que influenciou toda a região. Para as historiadoras Colombo, Prado e Soares<sup>142</sup>, é possível propor dois focos na análise de tais regimes após 1960, focos estes que evidenciam os fatores influenciadores na constituição dessas estruturas autoritárias nos países latino-americanos.

O primeiro diz respeito às posturas autoritárias disseminadas por extensos setores dessas sociedades [dos países latino-americanos] que receosos dos rumos abertos pelos regimes democráticos apoiaram os golpes; o segundo, às concepções e práticas que moveram as Forças Armadas, com respaldo dos Estados Unidos - em vários países da América Latina (...). Ficou patente que os boicotes que industriais e comerciantes

---

<sup>140</sup> AGGIO, Alberto. op. cit. p. 16.

<sup>141</sup> WINN, Peter. A Revolução Chilena, In: WINN, Peter. **A Revolução Chilena** - Coleção Revoluções do Século 20. Edunesp: São Paulo, 2010. p. 75.

<sup>142</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho et al. (org.). **Reflexões sobre a Democracia na América Latina**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 79-101.

realizaram no Chile foram para desgastar a presidência de Salvador Allende (...). Quanto ao segundo, remonta a um contexto de Guerra Fria em que os Estados Unidos, como parte das elites nacionais, temiam o ‘efeito dominó’ na expansão internacional do socialismo. Em 1959, a ameaça tornou-se mais concreta para a América Latina em vista do êxito da Revolução Cubana, embora o movimento só tenha de fato assumido um viés socialista a partir de 1961, após a tentativa de invasão norte americana à Baía dos Porcos<sup>143</sup>.

Por ter acontecido após a Revolução Cubana de 1959<sup>144</sup>, essa eleição despertava um duplo movimento; de um lado um fôlego para as ideias ligadas ao socialismo e ao comunismo na América Latina; de outro lado, a constante vigilância da CIA, agência de espionagem dos Estados Unidos, e financiamento desse país às forças armadas e setores pró-capitalismo/militarismo e neoliberalismo. Dessa maneira, o governo de Allende se viu cada vez mais cercado e barrado nas propostas distributivas de renda e terra, como a reforma agrária. Além disso, foram atacados pela proposta socialista, com auxílio de um “medo do comunismo” disseminado pela mídia. Por fim, Salvador Allende teve que lidar com o boicote dos Estados Unidos e sua influência nas forças armadas.

Nessa conjuntura, os “olhos” de quase todo o mundo estavam voltados para o Chile<sup>145</sup>. Países da América Latina e da Europa estavam atentos ao processo político chileno pelo duplo movimento de ser um país subdesenvolvido que havia conseguido estabilidade política, num regime democrático com sufrágio universal e pela ideia da “via chilena para o socialismo”, nas palavras do historiador brasileiro Alberto Aggio<sup>146</sup>.

As décadas anteriores foram marcadas pela Guerra Fria e por disputas ideológicas entre capitalismo e comunismo, foi uma época de revoluções — a cubana, a russa (muito anterior, em 1917, mas já no século XX) e a chinesa —, golpes e ditaduras militares. Época de desigualdades sociais latentes e que permaneciam após séculos de explorações e contradições. A proposta de uma atuação política pacífica, sem repressão ou censura à sociedade, e a busca pela criação de sociedades igualitárias, ganhou a simpatia das esquerdas democráticas, chocadas com a violência dos regimes militares que se espalharam pela América Latina e foram vivenciados em Portugal e Espanha até anos recentes do período. Quando Salvador Allende estava ascendendo ao poder no Chile, os espanhóis ainda estavam buscando se libertar de

---

<sup>143</sup> Ibid. p. 79-80.

<sup>144</sup> A Revolução Cubana é colocada como um marco para pensar as ditaduras militares, visto que impulsionou o debate e as lutas políticas em torno do socialismo e do comunismo no continente. Ao mesmo tempo, o evento deixou o EUA mais alerta para a possibilidade concreta de instaurarem-se outros regimes comunistas na América Latina. Ressaltamos algumas datas iniciais das ditaduras militares em países do Cone Sul: Argentina, 1966 e 1976; Bolívia, 1964; Brasil, 1964, dentre outros. Ver: PEDRO, Joana Maria. op. cit. p. 115-137.

<sup>145</sup> AGGIO, Alberto. op. cit. p. 16.

<sup>146</sup> Idem. p. 15.

décadas do regime autoritário do general Francisco Franco, iniciado após a guerra-civil espanhola (1936-1939). Segundo Mariella Orama, o regime de Franco foi, inclusive, uma inspiração ao general Augusto Pinochet<sup>147</sup>.

Por outro lado, algumas das contradições das revoluções socialistas ressoaram dentro dos círculos da esquerda e geraram tensões e discordâncias, vide as disputas políticas que surgiram entre os intelectuais e literatos latino-americanos que defenderam a revolução cubana. A pesquisadora Adriane Vidal Costa nos conta que, entre os escritores do realismo mágico, houve um impulso à reflexão crítica e a defesa da utopia revolucionária, unindo-se em torno de um “programa político comum: a Revolução Cubana”. No entanto, assim como houve o apoio e a união em volta desse projeto político, quando vieram a público algumas das contradições internas do regime cubano, como o chamado caso “Padilla”<sup>148</sup>, ocorreram rompimentos entre os intelectuais. foram causados. É notável, por exemplo, o rompimento do escritor Mario Vargas Llosa em relação à causa revolucionária e o desentendimento com García Márquez, que continuou apoiando o processo cubano<sup>149</sup>. Por isso a proposta democrática da “via chilena para o socialismo”, pode ter correspondido aos anseios políticos de uma parcela da esquerda. Uma proposta que se encerrou com o golpe militar chileno.

Em 11 de setembro de 1973, os militares tomaram o Palácio La Moneda, o presidente socialista é deposto e morto e tem início a ditadura do general Augusto Pinochet. A partir desse processo, o Chile continuou na cena internacional. Com o golpe militar se encerrava essa tentativa de chegar ao socialismo pela via democrática (ao menos no Chile), e o mundo se chocou ao ver um país com histórico de estabilidade política tornando-se uma ditadura militar sangrenta em 1973 (uma das mais violentas da América Latina), pondo fim a utopia do socialismo em democracia.

Com o início do regime militar, começou o movimento de chilenos em busca de exílio político em outros países. Para a historiadora Carmen Norambuena Carrasco<sup>150</sup>, de 1973 a 1980, foi um período de saída massiva de chilenos para o exílio, sendo os principais lugares

---

<sup>147</sup> ORAMA, Mariella. op. cit. p. 3-5.

<sup>148</sup> Heberto Padilla foi um jornalista e poeta cubano apoiador da revolução, todavia foi censurado e preso, acusado de ser contrarrevolucionário, por causa de suas opiniões críticas ao endurecimento do regime. Quando foi libertado, fez (ou foi forçado a fazer) uma autocrítica, negando o que havia dito, algo que gerou polêmicas e protestos por figuras estrangeiras apoiadoras do regime. COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). 2009. 413f. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 13; p. 58.

<sup>149</sup> COSTA, Adriane Vidal. op. cit. p. 136-137.

<sup>150</sup> CARRASCO, Carmen Norambuena. Exilio chileno: mujeres y novela testimonial. In: PALACIOS, J. C. (coord.). **La larga memoria de la dictadura en Iberoamerica**: Argentina, Chile y España. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

Argentina, Venezuela e Estados Unidos (mas outros também, como o México e o Brasil). Segundo pesquisas dessa historiadora, os principais motivos para emigrar nesse período foram: perseguição direta do governo e/ou por serem ex-presos políticos, uns 50% daqueles que saíram. Outros motivos são asilo político, expulsão, perda de trabalho (também por motivos políticos), dentre outros<sup>151</sup>.

Isabel Allende e família foram afetados pelo processo antidemocrático. Foram diversos os motivos que fizeram com que ela e sua família entrassem na lista negra do regime militar do general Augusto Pinochet, logo no início da ditadura. Dentre os fatores, temos seu parentesco com o ex-presidente Salvador Allende; bem como porque seu padrasto fora embaixador no governo socialista e, por fim, a família de Isabel Allende havia abrigado pessoas perseguidas politicamente. Isso a levou a buscar exílio junto com sua família, o que marcou a sua vida e se tornou um tema em suas primeiras obras, pois era inevitável falar da violência da ditadura.

A escritora pode ser classificada no grupo dos que pediram asilo político e a opção de sua família foi a Venezuela, por ser um país democrático nos idos de 1975. Isabel Allende foi a primeira pessoa a se exilar de sua família mais próxima, uma vez que sua vida estava em provável risco e que a escritora tinha finanças, mas ainda não estava sendo perseguida diretamente. Outro detalhe que nos conta Allende em *Paula*, é que pelos contatos e amigos feitos por sua mãe e padrasto, a família tinha parcerias conhecidas em Genebra, em países do cone-sul e uma dessas pessoas era um político influente da Venezuela, o que facilitou a expedição dos vistos<sup>152</sup>.

A Venezuela já havia passado por mais de um período ditatorial, desde sua independência em 1811. Somente em 1958, após um levante popular apoiado pela marinha, é que a democracia retorna de modo estável naquele país (entre os períodos ditatoriais havia curtos momentos de tentativa de reestabelecimento da democracia). Assim, em 1975, era um dos principais países da América Latina a receber exilados chilenos<sup>153</sup>. Segundo a autora, o país estava num período de crescimento econômico devido à exploração de petróleo em seu território, o que fazia com que fosse um país com mais estrutura para receber os exilados.

Nos primeiros anos na Venezuela, Isabel Allende conseguiu trabalho como jornalista numa coluna semanal, no *El Nacional*, um dos maiores diários de Caracas na época. Após um

---

<sup>151</sup> Ibid. p. 183-184.

<sup>152</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1995. p. 338-339.

<sup>153</sup> BACK, Roseméri Ap.. op. cit. p. 51-52.

curto período na Espanha, numa separação temporária de seu marido, retornou à Venezuela e não conseguiu nada na sua área, indo trabalhar numa escola na parte administrativa. Ao saber que seu avô estava moribundo e que não poderia regressar ao Chile para vê-lo, começou a escrever uma carta para ele, à noite, após o trabalho. Essa carta se converteu em seu primeiro romance — assim temos uma explicação oferecida pela própria Allende em jornais, entrevistas e etc.

De acordo com a autora, a obra foi recusada por várias editoras (não só na Venezuela)<sup>154</sup> e nenhum dos contatos da família conseguiu algo naquela região. O texto foi, então, enviado à agente literária de Barcelona, Carmen Balcells, que foi umas das primeiras agentes de autores do chamado “*boom* latino-americano”. Romances do realismo fantástico de autores como Gabriel García Márquez e Julio Cortázar foram publicados por intermédio de Balcells, pela Plaza & Janés Editores, de Barcelona, Espanha. Segundo a pesquisadora estadunidense Verónica Cortinéz (especialista em literatura hispano-americana<sup>155</sup> e, principalmente, chilena), a agente literária Balcells viu na obra de Allende uma possibilidade de retomar parte do sucesso do *boom* latino-americano da década de 1960-1970 e para o qual faltavam novos autores que mantivessem o fôlego. Tendo isso em vista, Allende é classificada no *post-boom*<sup>156</sup>, fase posterior — década de 1980 — dessa literatura latino-americana. Tal período se caracterizou por menor difusão nos meios internacionais e uma queda no mercado consumidor de livros de literatura, mas ainda com elementos do realismo fantástico do “*boom*”.

Um primeiro ponto a observar da narrativa que Allende faz de si, é a construção do mito em torno de sua imagem. Para Cortinéz, a escritora se apresenta de modo ingênuo ao narrar sua história de que a obra partiu de uma carta ao avô moribundo. Nessa construção de sua imagem, Allende joga com a ideia de talento e genialidade, num movimento de escrever sem ter uma cultura literária e sem pressupor a dimensão que a carta tomaria<sup>157</sup>. Tal apreciação se mostra contraditório, para Cortinéz, diante dos elementos da novelística de Garcia Márquez que se encontram no primeiro romance de Allende e elementos da novela picaresca que aparecem no terceiro livro, *Eva Luna*<sup>158</sup>. Como jornalista e mulher da classe média chilena, a formação

---

<sup>154</sup> CORTÍNEZ, Verónica.. op. cit., 2002. p. 1.

<sup>155</sup> Observemos que literatura hispano-americana diz respeito somente a literatura de língua espanhola. Quando nos referimos a literatura latino-americana, englobam-se países de línguas diferentes, situadas num mesmo espaço geográfico-cultural da América.

<sup>156</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit., 2002. p. 1.

<sup>157</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit., 1994. p. 4 (1138).

<sup>158</sup> Ibid. p. 5 (1139).

literária está expressa em sua obra (ou ao menos a tentativa de fazer-se uma literata), como nota-se pela epígrafe de Pablo Neruda em *A Casa dos Espíritos*:

Quanto vive o homem, por fim?  
Vive mil anos ou um só  
Vive uma semana ou vários séculos?  
Por quanto tempo morre o homem?  
Que quer dizer para sempre?<sup>159</sup>

Em sua autobiografia de 2003, outros dois trechos de poesias de Neruda são citados, excertos extraídos do poema “Exílios” de *Cantos Ceremoniales*<sup>160</sup>. Essa repetição de referências a Neruda, considerado um dos maiores poetas chilenos/latino-americanos, aparece em duas circunstâncias: primeiramente, em uma das entrevistas de Allende como jornalista, realizada com Pablo Neruda, na qual o poeta sugere que ela se torne romancista, porque lhe falta total objetividade como jornalista, mas a inventividade ajuda na literatura. A segunda referência se dá por ser Neruda, um dos três escritores que a autora considera que mais a influenciaram na escrita da saga da família Trueba (os outros dois são Gabriel Garcia Márquez e Henry Troyat)<sup>161</sup>. Já no texto anterior, de 1994 (*Paula*), ela nos conta que sua infância foi lendo escondido os clássicos de literatura que seu padrasto tinha, como Shakespeare, Júlio Verne, os contos de *As Mil e Uma Noites*, entre outros<sup>162</sup>.

Outra forma de perceber as referências literárias de Allende é por meio dos elementos a que se remete em algumas partes do romance *A Casa dos Espíritos*. Alguns excertos indicam conhecimento histórico das guerras da época<sup>163</sup>, como o relato da luta entre os países do Eixo (nazistas e fascistas) contra os países Aliados. Ademais, a autora fornece indícios, ainda que superficiais, do jogo político dos partidos em disputa no Chile da década de 1970.

Por meio da autobiografia, somos levados a vivenciar o encontro entre os exilados chilenos na Venezuela, no qual percebemos os interesses referentes à cultura chilena e um vislumbre da posição política da autora em meio ao relato das trocas e conversas do exílio rememorando o país natal e suas raízes:

Desde la perspectiva actual, se puede decir que el marxismo ha muerto como proyecto económico, pero creo que algunos de los postulados de Salvador Allende siguen siendo atractivo, como la búsqueda de justicia y igualdad. Se trataba de establecer un

---

<sup>159</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. Epígrafe.

<sup>160</sup> “Hay exilios que muerden y otros/ son como el fuego que consume. / Hay dolores de patria muerta (...). Pablo Neruda”. ALLENDE, Isabel. op. cit., 2003. p. 188 e 194.

<sup>161</sup> RODDEN, John (org.). op. cit. p. 10-11.

<sup>162</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1994. p.101.

<sup>163</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 192.

sistema que diera a todos las mismas oportunidades y de crear “hombre nuevo”, cuya motivación [sería] (...) el bien común. (...) La premisa de que la naturaleza humana es susceptible de un cambio tan radical ahora parece ingenua, pero entonces era la máxima aspiración de muchos de nosotros.

Los chilenos em Caracas nos juntábamos para oír discos de Violeta Parra y Víctor Jara, intercambiar afiches de [Salvador] Allende y Che Guevara (...). La figura de Salvador Allende y los acontecimientos políticos colocaron al país el mapa<sup>164</sup>.

O livro entra para a lista dos mais vendidos assim que é lançado nos mais diversos países — na Espanha e na França, entre 1982-1983; no Brasil, em 1984; nos Estados Unidos, em 1985; na Alemanha, em 1986 — e outros mais. Em 1987, separa-se de seu marido Miguel Frías e, em 1988, casa-se com Willie Gordon, e vai morar em São Francisco, na Califórnia (EUA), quando já havia publicado seu terceiro livro.

Diante do que foi apresentado e da continuidade de sua trajetória como romancista, se vê instada a justificar a relação que ainda tem com o Chile, mesmo morando na Califórnia desde 1988. A escritora define a sua relação com o Chile por meio da “nostalgia”. É isso o que impulsiona a sua escrita, visto que já não se entende mais como chilena.

Si me hubieran preguntado hace poco de dónde soy, habría replicado, sin pensarlo mucho de dónde soy, que, de ninguna parte, o latinoamericana, o tal vez chilena de corazón. Hoy, sin embargo, digo que soy americana, no sólo porque así lo atestigua mi pasaporte, (...), porque mi marido, mi hijo (...) mis libros y mi casa están en el norte de California, sino también porque no hace mucho un atentado terrorista destruyó las torres gemelas del World Trade Center (...) Esta tragedia me ha confrontado con mi sentido de identidad; me doy cuenta que hoy soy una más dentro de la variopinta población norteamericana, tanto como antes fui chilena<sup>165</sup>.

Logo a seguir, ela nos lembra que tanto o golpe militar no Chile em 1973, quanto o ataque as torres gêmeas em 2001, ocorreram num fatídico 11 de setembro; afirmando também que o do Chile foi um golpe orquestrado pela CIA. Para ela, ambos são similares nas suas primeiras imagens, pelo pânico gerado e por ver em chamas o que era um marco em ambas as cidades: o Palácio La Moneda e as Torres Gêmeas, no Chile e nos EUA, respectivamente. Ela completa esse trecho narrando que

Esse lejano martes de 1973 mi vida se partió, nada volvió a ser como antes, perdí a mi país. El martes fatídico de 2001 fue también un momento decisivo, nada volverá a ser como antes y yo gané un país<sup>166</sup>.

---

<sup>164</sup> Idem. op. cit., 2003. p. 176-177; p. 197-198.

<sup>165</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 2003. p. 13.

<sup>166</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 2003. p. 14.

Ela só se esquece que o país em que vive atualmente e considera como “lar”, foi o responsável pelo seu primeiro desterro e grande trauma. Isso ela retomou no final do livro apenas, se justificando por ser “uma esquerdista que vai morar nos Estados Unidos da América”<sup>167</sup>. Não que haja uma incompatibilidade em ser de esquerda e viver nos Estados Unidos, contudo, para Allende, no momento em que discorreu sobre sua vida na autobiografia de 2003, poderia ser complicado aceitar a contradição de ir para o país que financiou a violência em sua terra natal. Cabe observar que a mesma se tornou cidadã norte-americana em 2003<sup>168</sup>.

Em poucos momentos citou Salvador Allende como parente e pessoa familiar e não como figura política. Como no trecho a seguir:

Salvador Allende era primo de mi padre y fue La única persona de la familia Allende que permaneció en contacto con mi madre después que mi padre si fuera. Era muy amigo de mi padrastro, de modo que tuve varias ocasiones de estar con él durante su presidencia. Aunque no colaboré con su gobierno (...) Nunca me he sentido tan viva (...) ni he vuelto a participar tanto en una comunidad o en el acontecer de un país<sup>169</sup>.

Só que não fazia ideia da popularidade da figura de Salvador Allende até chegar ao exílio na Venezuela. Segundo ela, antes dos processos políticos que discorremos, da vitória de um presidente socialista e do destaque que a figura de Allende teve, o Chile não era tão conhecido para além das suas fronteiras, incluso na Europa. Mas após isso e os demais acontecimentos políticos, o país se tornou muito comentado nos círculos intelectuais e jornalísticos. Além disso, os países da América Latina e também da Europa receberam muitos exilados chilenos.

La estricta censura de prensa impidió a la mayoría de los chilenos dentro del país darse cuenta de que ese movimiento de solidaridad existía. Yo había pasado año y medio bajo esa censura y no sabía que afuera el nombre de Allende se había convertido en un símbolo, por eso al salir de Chile me sorprendió el respeto reverencial que mi apellido provocaba<sup>170</sup>.

Seria esse o momento que marca a percepção pela autora do poder daquele sobrenome. É evidente que isso é parte do material que ela opta por narrar em suas memórias e pode ter havido outros momentos em que isso foi marcante, mas o que podemos extrair disso é o reconhecimento simbólico em torno do sobrenome Allende.

---

<sup>167</sup> Ibid. p. 14.

<sup>168</sup> Segundo consta no site da autora.

<sup>169</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 2003. p. 176.

<sup>170</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 2003. p. 198.

Não há indícios de que a escritora chilena (hoje em dia, estadunidense) esforçou-se por associar sua figura a de seu tio para conseguir publicar na Espanha e nem de um esforço explícito anterior, em fazer essa associação antes de que seu primeiro livro fosse publicado e se tornasse *best-seller*. O que ficou evidente na leitura das fontes é a divulgação midiática de tal parentesco. E, independente da associação publicitária, o inevitável elo com tal figura emblemática e o fato tê-lo tornado personagem principal de seu primeiro romance, potencializam o espaço que é dado a ela. Mas essa “não associação” é anterior ao sucesso mundial da autora, afinal Isabel Allende chega na Venezuela em 1975, quando ainda não havia começado a escrever romances. Quando seus livros começam a ser publicados e vendidos mundo afora, o seu discurso e o discurso da mídia associarão cada vez mais “tio famoso” e sobrinha.

De 1982 até 2017, publicou 22 romances e recebeu homenagens, prêmios, honrarias e títulos em 17 países, sendo alguns desses influência de sua popularidade, muito mais do que da qualidade de sua escrita ou do valor de suas ações. Vários desses foram premiações literárias e honrarias vindos de universidades estadunidenses, outros na Espanha e em países da América Latina. Alguns outros na Europa e países fora do eixo das Américas e da Europa<sup>171</sup>.

A figura de Allende suscita polêmicas pelo lugar que assumiu na sociedade e na literatura: um texto comunicativo-mercadológico; um texto de realismo mágico e um texto crítica social à ditadura militar chilena. Na sociedade, suas posições estão ligadas à classe média e ao contato com algum segmento do campo político e intelectual, afinal, era filha de diplomata, sobrinha do ex-presidente chileno mais famoso até então e recentemente morto. De classe média-média alta, quando foi necessário sua família reuniu as finanças e conseguiu se mudar-exilar na Venezuela, sem precisar do auxílio financeiro de outrem. Quando chegou à Venezuela, Allende “precisou trabalhar”, mas não por necessidade de subsistência, pois contava com apoio

---

<sup>171</sup> São eles: Prêmio Dorothy and Lillian Gish, dado anualmente para alguém das artes, “um homem ou uma mulher que desse contribuição para a beleza do mundo, para a diversão da Humanidade e para o entendimento da vida” (1998, EUA); nomeação como Embaixadora do Bicentenario de Hans Christian Andersen (2004, Suíça); entrada para a Academia Americana de Artes e Letras (2004, EUA); Prêmio Hubert Howe Bancroft da Biblioteca Bancroft da Universidade de Califórnia (2007, EUA); Doutorado Honorário da Universidade do Estado em São Francisco (2009, EUA); nomeação como membro da Mesa Diretiva do Instituto Cervantes (2009, Espanha); Prêmio Nacional de Literatura do Chile (2010, Chile); Prêmio da “Cuidad de Alcalá de las Artes y las Letras” (Espanha, 2011); Prêmio Lawrence Sanders Award em Fiction da Universidade Internacional de Florida (2012, EUA); Prêmio por “Excelência nas artes”, do Museu Nacional da Mulher nas Artes de Washington (2012, EUA); Prêmio Literário Hans Christian Andersen (Dinamarca, 2012); é homenageada com o Dia de Isabel Allende, 27 de novembro, pela Universidade Estatal de San José e pela Cidade de San José (Costa Rica, 2012); Doutorado Honorário pela Universidade de Harvard (2014, EUA); Medalha Presidencial da Liberdade, entregue por Barack Obama (2014, EUA); Prêmio Pen Center Lifetime Achievement Award (2014, EUA); homenageada no Centro de Galas de Direitos Reprodutivos, de Nova York (2016, EUA) e por fim, entra para o Salão da Fama da Califórnia (2016, EUA). ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017

burocrático de um político importante do país e seu currículo como jornalista lhe garantiu ao menos uma coluna semanal num dos maiores periódicos de Caracas. Isto aparece tanto em suas autobiografias quanto no detalhamento biográfico da escritora feito pelos seus pesquisadores, quer fossem antagonistas ou defensores do trabalho que ela desenvolvia (e desenvolve) e, como já trouxemos antes, ela possuía (e possui) um repertório cultural<sup>172</sup>.

Ser alfabetizada, das letras (jornalista) e ser escritora na América Latina na década de 1980, já pressupunha ser minimamente de classe média ou média-alta, dado os índices de letramento daquele período e por ser difícil se sustentar só da escrita. Como se sabe, a maior parte dos escritores precisavam já ter alguma renda anterior ou familiar para poderem se envolver nessa profissão. No capítulo “Isabel e Nélide: vozes femininas e releituras da história da América Latina”, da dissertação de Roseméri Back<sup>173</sup>, é lembrada a trajetória das mulheres como escritoras no mundo ocidental. A pesquisadora assinala como no século XIX era comum usarem pseudônimos, encobrindo a identidade feminina, para terem mais possibilidades de publicação, vendas e leitura<sup>174</sup>. A questão da alfabetização se faz importante nessa conjuntura narrada, pois gradualmente — ao longo do século XIX e XX — as mulheres foram tendo mais espaço para estudar e para aprender a ler (algo anterior ao processo de se tornar escritora), num contexto de letramento marcadamente masculino.

Voltando à trajetória de Allende, temos a seleção bibliográfica feita por Cortínez, que tem uma pesquisa reconhecida sobre a autora, e também a seleção de entrevistas organizada por John Rodden. Detalhando o trabalho de Cortínez, ele foi publicado em 2002<sup>175</sup> e analisa entrevistas, livros, ensaios e críticas literárias, indicando e tecendo comentários sobre os livros que Allende publicou naquele momento. Ainda que haja entrevistas e trabalhos mais recentes sobre Allende, cada vez mais eles trazem a carga da figura já consagrada como “escritora de *best-seller*”, fazendo alusão ao momento histórico atual. Tais trabalhos, deixam de lado todo um conjunto de críticas que vinham no bojo de uma literatura vinculada ao contexto de ditaduras latino-americanas e violência ditatorial, algo imprescindível para a discussão nos anos 1980. Considerando que a nossa pesquisa se refere à difusão no contexto da referida década, o trabalho de seleção bibliográfica e de análise crítica feito por Cortínez serve para guiar nosso olhar. Ademais, mesmo diante de uma concentração de referências bibliográficas

---

<sup>172</sup> Vide página 55, dessa dissertação.

<sup>173</sup> BACK, Roseméri Ap. op. cit.

<sup>174</sup> Ibid. p. 41-44.

<sup>175</sup> CORTÍNEZ, Verónica. 2002. op. cit.

estadunidenses, local de trabalho de Cortínez, há pesquisas do Chile, Espanha, França, México, Canadá e outros lugares nos quais Allende se destacou.

Cortínez evidencia a trajetória biográfica de Allende, ressaltando seu passado como jornalista. Isso se torna interessante na medida em que o jornalismo marcou o modo como ela defendeu e definiu sua escrita — voltada para a comunicação e não para preocupações com uma estrutura literária mais elaborada ou com o estilo. Podemos observar a repetição da indagação sobre os problemas estilísticos da obra de Allende nas análises selecionadas pela pesquisadora, o que indica o quanto seus escritos foram alvo da crítica literária. Isabel Allende se viu inquirida sobre escrever romances populares e não ousar na escrita; sobre falhas técnicas, de estrutura e de estilo e sobre o uso que faz da literatura<sup>176</sup>.

Na entrevista com Allende, realizada pelo pesquisador John Rodden para a revista de literatura do Kenyon College (Escola de Ensino Superior em Artes de Ohio, EUA), em 1991, lhe é perguntado como ela lida com as críticas de que escreve um romance popular e que não desafia os seus leitores, acabando por ser uma obra conservadora<sup>177</sup>, ao que ela responde:

That's not my intention. I write as well as I can. And I try to reach people and tell them what is true for me (...). I don't experiment very much with literature. Why? First, because I'm not interested in [formal] experimentation. And second, because I want to communicate in a very direct way. I want to tell readers about my country. I want to tell them about torture chambers, about politics (...)<sup>178</sup>.

Com isso, podemos dizer que Allende se defende das críticas justificando que não tem a preocupação literária, mas a preocupação de comunicar o mais diretamente possível o que se passou em seu país, com a ditadura militar, a política local etc. Nesse sentido, seus escritos se diferenciam das “*soap operas*”, dos melodramas que têm finalidade somente de entretenimento. Ou seja, ela considera que sua linguagem não rebuscada, além de ser o melhor que ela pode fazer, pode atingir um público maior e levar a mensagem que deseja transmitir. Na mesma entrevista, Allende argumenta que não considera que o escritor tenha uma responsabilidade

---

<sup>176</sup> RODDEN, John (org.). op. cit. p. 101-114. Publicado originalmente em: **The Kenyon Review**, New Series, vol. 13, n. 1, 1991.

<sup>177</sup> “How would you respond to critics who allege that Isabel Allende is writing popular romance, or even kitsch, which is escapist and ultimately conservative because it doesn't fundamentally challenge readers? Some readers have charged that you write literary soap operas. How do you respond to criticism that your work is implicitly conservative because it merely confirms readers' extant world views?”. Ibid. p. 117.

<sup>178</sup> “Essa não é minha intenção. Eu escrevo o melhor que posso. E eu tento alcançar pessoas e dizer-lhes o que é verdadeiro para mim (...). Eu não experimento muito em literatura. Por que? Primeiro, porque eu não estou interessada na experimentação formal. E segundo, porque eu quero comunicar de maneira muito direta. Eu quero contar aos leitores sobre o meu país. Eu quero contar-lhes sobre as câmaras de tortura, sobre política (...)” (tradução nossa). Ibid. p. 106.

para com a discussão política e que deva colocá-la em pauta sempre. Isso depende do lugar onde cada um mora, todavia, no caso dela e daqueles que viveram em países onde há muita violência, miséria, injustiça social e 500 anos de colonização e exploração, se torna complicado ignorar a realidade. Nesse caso, ela considera que a responsabilidade do escritor é maior, para fazer ouvir a voz de outros que foram mantidos em silêncio<sup>179</sup>.

Para não nos estendermos em demasiado, podemos observar que o tema do “comunicar” permeia várias de suas falas suas. Tal assunto já estava presente em entrevistas anteriores, como a de 1987 (quando ainda morava na Venezuela) para Michael Moody, da *Chasqui*: revista de literatura latino-americana, da Arizona State University, EUA. Diante da pergunta de Moody: “¿Crees que has podido cumplir con tus objetivos literarios em *La Casa de los Espíritus*?”<sup>180</sup>, temos a resposta de Allende. Ela comenta que não teve objetivos literários, desejando apenas contar o que lhe interessava mais para “tocar os corações” e emocionar do que buscar a admiração pelo estilo literário. Admite inclusive que isto é influência de sua formação como jornalista: “creo que tal vez em eso hay la deformación del periodista cuyo principal objetivo es comunicar”<sup>181</sup>. Além disso, ela se coloca como uma pirata desbravando um espaço fechado para ela e para outras mulheres.

Dito isso, devemos observar dois pontos ao menos. Primeiro, ainda que seja válida a preocupação em comunicar, sua contínua defesa desse argumento - justificado com sua vivência como jornalista - é contraditório se considerarmos que ela disputa o espaço do mercado editorial e literário. A recusa ao aprimoramento textual “salta aos olhos”. A conquista do mercado editorial em contraposição à conquista de um lugar no campo literário, leva-nos a olhar para a clivagem entre os dois campos: o literário e o editorial. Quase como se a demasiada atenção ao estilo pudesse distanciá-la da preocupação com o comunicar. Não só aqueles que se “sentem tocados pelo seu texto”, mas também o mercado a validou e teve seus meios para que a obra de Allende conquistasse um leitor ou leitora, para que se identificassem com aquele texto. A crítica de uma escrita que se torna, por vezes, conservadora, não está somente na ausência de elementos da discussão política da época e num foco no entretenimento, mas na contradição entre uma proposição crítica que aparece planejada, superficial e estereotipada em seu discurso. Com isso chegamos ao segundo ponto.

---

<sup>179</sup> Ibid. p. 114.

<sup>180</sup> MOODY, Michael. Una Conversación con Isabel Allende. *Chasqui*: revista de literatura latinoamericana, v. 16, n. 2/3, p. 52-53, nov., 1987. Disponível em: [www.jstor.org/stable/29739996](http://www.jstor.org/stable/29739996). Acesso em: 30 out. 2017.

<sup>181</sup> Ibid. p. 53.

Isabel Allende se entende enquanto uma mulher feminista e preocupada em falar da violência da ditadura militar em seu país. Contudo, tanto no seu feminismo quanto no modo de retratar a violência (mesclando-se ao romance dos personagens), aparecem contradições. No que diz respeito ao relato do golpe militar e da ditadura chilena, vemos que é banalizado o drama da realidade daquele país ao se oferecer soluções romantizadas para cenas emblemáticas de tortura, por exemplo. De outro modo aparece o feminismo, que como comentamos no tópico anterior, aponta para um olhar de classe média e média-alta sobre o ser mulher. Constrói-se um imaginário empoderado apenas para as mulheres da classe social da autora, ficando as mulheres indígenas, camponesas e de classes sociais mais baixas num patamar estereotipado, como submissas e sem voz. Ao menos essa é a imagem em seus dois primeiros romances.

Para Cortínez, o problema de sua auto narração como feminista é anterior aos seus romances, devido ao seu trabalho na revista feminina *Paula*. Parte de sua narrativa naquele trabalho, muito mais que feminista, perpetuava-se o machismo da sociedade chilena. Tal questão pode ser notada no caso emblemático da coluna que Allende assinava no periódico antes de sair do Chile — *Civilice a su troglodita* —, que veio a se tornar um livro homônimo com uma seleção das melhores crônicas da coluna<sup>182</sup>. Ainda que fosse um texto humorístico sobre como “domesticar o seu homem”, sugeria-se elementos contraditórios para a lógica do pensamento feminista, como ao justificar que era importante tentar civilizar aos seus maridos, pois “ya que es mejor estar mal acompañada que sola”.<sup>183</sup> Por outro lado, em outros textos humorísticos, como “Impertinentes”, Allende ironizava os padrões e modelos para uma mulher estar na moda. Ou seja, é uma figura cercada de contradições e, nesse sentido, temos que colocá-la na ambiguidade de sua imagem e do que efetivamente ela construiu com sua escrita e como se posicionou.

A pesquisadora Márcia Hoppe Navarro, em seu artigo “Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea”<sup>184</sup> indica que a mudança de modelo de mulher e o ápice da narrativa centrada na figura feminina nas obras de Allende pode ser encontrada em *Eva Luna* (1987). Em tal produção, foca-se em outra classe social (Eva Luna é uma mulher pobre, de baixa renda) e as figuras masculinas só tem voz no texto por causa das protagonistas, diferente *d’A Casa dos Espíritos* no qual Esteban Trueba, o avô autoritário, machista, violento e carinhoso (dependendo com quem lidava), era um protagonista.

---

<sup>182</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit., 1994. p. 2-3 (1136-1137).

<sup>183</sup> Idem, p. 2-3 (1136-1137).

<sup>184</sup> NAVARRO, Márcia Hoppe. Por uma voz autônoma: o papel da mulher na história e na ficção latino-americana contemporânea. In: \_\_\_\_\_. op. cit. p. 11-55.

### 1.3 O realismo mágico, o boom e o post-boom da literatura latino-americana.

Como objeto artístico (independente dos questionamentos dos críticos sobre a qualidade da obra), o romance de Isabel Allende é pensado dentro de um grupo ou de um gênero literário. Esse conceito é usado na tentativa de compreender a produção literária no campo da arte e organizá-la em meio ao conjunto as produções anteriores, orientando as posteriores.

Compreendemos, contudo, que a discussão sobre o gênero literário é do âmbito da crítica literária e estética e que para a pesquisa histórica aqui proposta nos cabe analisar a construção social do êxito editorial desse romance. Para realizar tal tarefa, porém, é necessário entender a fonte como produto do capital, ou seja, como mercadoria a ser vendida pelas editoras, sendo que o gênero literário ao qual se circunscreve pode condicionar as possibilidades de vendagem do objeto livro. Assim, entendemos que situá-lo nas suas possibilidades literárias faz parte da compreensão do objeto histórico aqui trabalhado, afinal um único documento histórico tem diversas faces a serem miradas e uma obra de arte disputa um espaço pelo modo como é interpretada.

Em nosso caso, a obra *A Casa dos Espíritos* é comumente identificada no gênero realismo fantástico que remete a um conjunto de obras das décadas anteriores (1940-1970). Das mais diferentes formas, os escritos desse gênero associaram elementos do contexto histórico com elementos mágicos, fantásticos, sobrenaturais ou que objetivaram mostrar outra perspectiva sobre a América Latina e sobre si propondo o real como mágico. No campo minado da crítica literária, em relação ao conceito de realismo mágico, resumimos nossa premissa com a ideia de que é uma obra que se inseriu no espaço da literatura realista-fantástica — gênero literário considerado uma renovação no campo latino-americano, principalmente hispano-americano. O romance em questão foi entendido como realismo, não só pela coerência interna do romance que dá sentido de realidade a obra, mas pela referência constante entre texto e contexto (massacres da época, violências da ditadura etc.). Por outro lado, é ser compreendido como fantástico<sup>185</sup> por tudo aquilo que sobressai ao real da obra, quer seja tornar o imaginário e sobrenatural cotidiano, quer seja uma outra forma de ver o real que o torna ambíguo,

---

<sup>185</sup> O fantástico, como categoria do literário, é um discurso que coloca em evidência a lógica da realidade compreendida como real, acusando as contradições do mundo contemporâneo. JOZEF, B. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006. p. 215 *apud* COSTA, Adriane Vidal. op. cit. p. 132.

contraditório, *non sense* e quiçá maravilhoso. O fantástico surge como forma de transgressão à “lei natural” ou ao que seria o “real” para aqueles personagens, mudando o pensamento, a ordem e a vida daqueles que estão à sua volta.

A associação ao realismo fantástico é inevitável se considerarmos as mulheres com poderes mágicos e que se comunicavam com espíritos, como em:

Os poderes mentais de Clara não causavam incômodo a ninguém e não produziam desordem de maior; manifestavam-se quase sempre em assuntos de pouca importância e na estrita intimidade do lar. Algumas vezes, à hora da refeição, quando estavam todos reunidos na grande sala de jantar da casa, sentados em absoluta ordem de dignidade e hierarquia, o saleiro começava a vibrar e deslocava-se depois pela mesa fora entre copos e pratos, sem ter havido para isso nenhuma fonte de energia conhecida nem truque de ilusionista. Nívea dava um puxão às tranças de Clara e com esse sistema conseguia que a filha abandonasse a distração lunática e devolvesse a normalidade ao saleiro, que acabava por recuperar a imobilidade<sup>186</sup>.

Para toda a família Del Valle não havia choque ou susto ao se manifestarem os poderes da pequena Clara, por ser algo natural na linhagem feminina de toda a família e aceito (com naturalidade pela família) em Rosa e Clara. Clara era vidente e chegou a prever mortes, o que a assustava e a fez se calar por anos, após a morte da irmã Rosa. Rosa, a Bela, era uma jovem de cabelos naturalmente verde-escuro e imaginação sem fim. Seus bordados ilustravam uma fauna de seres mitológicos inventados por ela, chamados por vezes de “jardim zoológico de pesadelo”. Sua beleza era considerada anormal e assustava até os pretendentes. Mas esses elementos do universo fantástico sumiam em meio à violência da vida. Frente a possibilidade de classificação, percebemos um caminho de reflexão sobre o contexto histórico de valorização da literatura dita “realista mágica” de latino-americanos, no mercado interno e nos mercados europeu e estadunidense.

Por ser uma corrente que havia feito sucesso anteriormente, a associação proporciona um espaço a Isabel Allende na disputa pelo campo literário e pelo mercado editorial, mas também um espaço num “local”, cujos maiores nomes vendáveis são escritores homens. Para Bella Jozef, situá-la na corrente do realismo mágico segue mais a tendência das identificações críticas<sup>187</sup>, sem colocar em análise se é ou não coerente e sem entrar no mérito de outros pesquisadores de que o texto de Allende seria uma cópia do icônico *Cem anos de Solidão*, de Gabriel Garcia Márquez<sup>188</sup>. Ou, ainda, a crítica de que a obra seria como um romance-

---

<sup>186</sup> ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 8.

<sup>187</sup> JOZEF, Bella. A Pós-Modernidade. **História da Literatura Hispano-Americana**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Francisco Alves Editora, 2005. p. 281.

<sup>188</sup> Dois pesquisadores que observam essa problemática são: Gerald Martin e Verónica Cortínez.

testemunho, pelo relato de episódios do golpe militar e da ditadura, uma denúncia da violência. Fazer a denúncia à situação de violência pela qual passava o povo chileno, era um fator que também auxiliava em cativar leitores no público de classe média críticos à violência e às torturas.

Ainda que não seja um autor central para nossa análise, Pierre Bourdieu nos traz elementos para pensar no jogo entre campo literário e mercado editorial no qual a escritora se inseriu. Ela preconizava a não-intenção de disputar espaço no campo de poder intelectual, ao dizer que não almejava uma elaboração estética mais sofisticada em seus textos e que tinha a intenção de tão somente comunicar.

Além disso, Allende não deixa de ilustrar seus vínculos com a cultura letrada e intelectual do Chile, suas constantes referências a Pablo Neruda, seu interesse pela obra de Gabriel Garcia Márquez e a construção de um texto que se propunha feminista e realista-mágico. Acessar um desses espaços não garante o acesso ao outro, mas ao conseguir que seu primeiro romance se tornasse um *best-seller*, foi possível alcançar um lugar no mercado editorial — um campo de poder do sistema capitalista — e em parcela do campo literário latino-americano, situando-se como uma mulher escritora de literatura realista-fantástica. Embora em tal espaço, as contradições do seu texto e da sua criação estética se tornassem mais evidentes e problemáticas, levando a críticas ácidas.

Para Bourdieu<sup>189</sup>, o campo intelectual pode ser diferente do campo de poder, ou seja, o escritor ou escritora pode não ser parte das classes dominantes, algo que influi na aceitação de seu material por uma editora, no público leitor, nas vendas, na autonomia do artista para criar e para viver de “arte” e no apoio de seus “pares” — outros escritores e escritoras. Ainda que os escritores analisados por Bourdieu em *A Economia das Trocas Simbólicas* sejam do século XIX, sua análise é pertinente para a atualidade e observa alguns elementos que confluem e precisam ser dispostos para uma análise científica do produto artístico. Seleccionamos os seguintes:

1º - uma análise da posição social dos intelectuais e dos artistas na estrutura de classe dirigente (ou em relação a esta estrutura em caso em que dela não fazem parte nem por sua origem nem por sua condição). Em segundo lugar, uma análise da estrutura das relações objetivas entre as posições que os grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade intelectual ou artística ocupam num dado momento do tempo na estrutura do campo intelectual (...)<sup>190</sup>.

---

<sup>189</sup> BOURDIEU, Pierre. Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. In: BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. p. 183-202.

<sup>190</sup> Ibid. p. 191.

Tais elementos podem ser exemplificados no estudo científico a que nos propomos quando pensamos a construção do primeiro romance de Isabel Allende como *best-seller*.

Entretanto, sua obra foi um sucesso editorial não só nos países desenvolvidos, onde já havia, em 1982, uma “prática” de letramento e valorização da literatura, bem como um público leitor com dinheiro para investir em literatura e um mercado editorial desenvolvido. Mais do que isso, a obra alcançou também a maior parte da latino-américa, entrando para a lista dos mais vendidos no Brasil semanas após o seu lançamento. Tal fato tem correlação com as condições sociais e econômicas da América Latina, uma vez que as décadas anteriores a 1980 foram de ascensão da classe média e de ampliação da escolarização e do acesso às universidades por parte da população.

Para Gerald Martin, estudioso de literatura latino-americana, foi a partir da década de 1960 que a arte latino-americana pode ser reconhecida e se expandir na “complexa interação entre as condições latino-americanas e internacionais de educação, público leitor e movimento editorial”<sup>191</sup> Essa reflexão perpassa outros estudiosos da área, como Ángel Rama — um dos mais conhecidos pesquisadores de literatura latino-americana. Para o autor, há um conjunto de fatores que impulsionaram essa possibilidade de expansão da literatura latino-americana, como, por exemplo, o aumento demográfico, a urbanização, a escolarização — educação primária e secundária, principalmente — e a industrialização no pós-guerra, dentre outros<sup>192</sup>.

Quem aponta para a perspectiva de Rama, é o crítico uruguaio Jorge Ruffinelli, naturalizado mexicano e depois estadunidense. De acordo com Ruffinelli, não foi somente o aumento demográfico que levou a uma ampliação do público leitor, mas isto indica um caminho. A questão da industrialização recente remonta também à dependência de maquinário estrangeiro, incluso para o mercado editorial e de produção de livros (mercado gráfico). Por fim, o processo de urbanização e aumento da população das cidades, delineia a elaboração de um mundo urbano na latino-américa em contraposição ao mundo rural que vai perdendo sua preponderância — contraposição esta, que aparece também na obra de Allende, como a transição um mundo rural atrasado para um mundo urbano que progride.

A corrente literária que mais despontou na década de 1960 foi o realismo mágico, ainda que alguns dos escritores vistos como parte desse “boom” literário, tenham suas obras

---

<sup>191</sup> MARTINS, Gerald. A Narrativa Latino Americana, c. 1920 - 1990. In: BETHELL, L. (org.). **História da América Latina**. A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade. São Paulo: Edusp, 2011. p. 358.

<sup>192</sup> RUFFINELLI, Jorge. Después de la ruptura, la ficción. In: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura - Vanguarda e Modernidade. Campinas: Unicamp/Memorial, 2015. p. 377-378.

interpretadas como realismo maravilhoso ou associadas ao surrealismo, entre outros. O citado “boom” aconteceu no período de 1960-1970, com autores como Gabriel Garcia Márquez, Mario Vargas Llosa, Julio Cortázar etc. Naquele momento da história da literatura latino-americana, os escritos de tais autores alcançavam as editoras de diferentes países na Europa e na América. Ou seja, saíam do círculo literário de seus países, sendo que algumas obras, como *Cem Anos de Solidão*, de Garcia Márquez, tornaram-se, inclusive, *best-sellers*.

O *post-boom* não chegou a ser caracterizado como uma fase nova pelos pesquisadores que selecionamos. Foi somente uma fase posterior na história da literatura latino-americana, após meados de 1970, onde ocorreu uma menor difusão dessa literatura. Poucos novos autores obtiveram sucesso com a sua produção literária, no entanto, esse foi um período em que ganhou força a ascensão da mulher como escritora e o seu aparecimento como personagem literária<sup>193</sup>. O que mais destoa na literatura que optamos por pesquisar é a centralidade de figuras femininas, ainda que da classe média, que defendam posturas “feministas”. É notável, ainda, o fato de haver uma escritora mulher sendo publicada e “fazendo sucesso” para além das fronteiras de seu país natal. Enfatizamos aqui, o “além das fronteiras”, pois havia muitas escritoras no Chile e em outros países da América Latina, só que ainda era raro uma mulher latino-americana obtendo sucesso nos demais continentes e nos EUA, como ocorreu com Allende<sup>194</sup>.

O momento em que Isabel Allende despontou como romancista ainda não era exatamente um momento de disputa por um *locus* no campo intelectual. O jornalista e o escritor eram figuras que acessavam simbolicamente o campo da intelectualidade, mas as contestações ao local da “Allende escritora” levavam em conta sua formação como jornalista e não como romancista, remetendo a provável menor erudição pelo modo como lidava e pensava as “letras” e a escrita. Das fontes que selecionamos, a que melhor indica e dá elementos para pensar Allende disputando o campo intelectual é o material chileno. Não porque tenha sido o Chile o maior influenciador na popularidade de Allende, mas por ser, possivelmente, o país onde mais surgiu críticas à autora e polêmicas em torno de seu reconhecimento e potencial – baseando-se, aqui, no material recolhido em Espanha, Chile e Brasil, que trazem também referências às vendas na Alemanha, Itália, França, Argentina, EUA, Colômbia e Porto Rico. O montante maior de críticas vindas do Chile não era algo casual; como uma escritora que se entendia

---

<sup>193</sup> Essa discussão aparece brevemente em: COSTA, Adriane Vidal. op. cit.; JOZEF, Bella. op. cit.

<sup>194</sup> De acordo com Carmen Carrasco, no Chile, além da poeta Gabriela Mistral, que ganhou o Nobel de Literatura em 1945, temos as autoras Ana Pizarro, Carmen Castillo e Monica Echeverría, conhecidas pelos seus “romances do exílio”. Ver em: CARRASCO, Carmen Norambuena.. op. cit. p. 181-182.

enquanto chilena e dizia falar pelo Chile e defendê-lo, há maior peso nas análises críticas que vem desse país.

Parece-nos que a contestação só era feita na medida em que crescia sua fama mundial. Tal aspecto pode ser observado, por exemplo, por meio das fontes obtidas na Biblioteca Nacional Digital Chilena, que tendem a trazer a trajetória da autora, como preocupação e memória nacional, afinal, Allende se reconhece como chilena e busca fazer conhecido o país. Após os anos 2000, se tornaram massivas as críticas verbais e literárias a Isabel Allende em seu país natal, uma vez que a autora começou a ser sugerida para o Prêmio Nacional de Literatura Chilena. Ela chegou a ser indicada em 2002 e 2010, sendo que em 2004 havia sido sugerida, mas declinou de concorrer. Allende ganhou o prêmio somente em 2010.

Os já mencionados textos de Bolaño (2002) versaram sobre a premiação, como, por exemplo, o - *Sobre la Literatura y el Premio Nacional de Literatura y los raros consuelos del oficio*. Em tal produção, o autor nos fala que a literatura de Allende “es mala, pero está viva, es anémica, como muchos latino-americanos, pero está viva. No va a vivir mucho tiempo (...)”<sup>195</sup>. O comentário expõe um demérito de Allende, pois Bolaño é um crítico mordaz e um dos mais eruditos escritores chilenos. Mas, na reportagem, ele aponta que, mesmo tendo essa opinião, Allende ainda tem mais êxito (pelo menos no quesito vendas) do que os outros dois escritores chilenos que concorriam ao prêmio — Antonio Skármeta e Volodia Teitelboim – e Allende ela merecia ganhar o prêmio mais que os outros dois indicados, sendo nesse caso um indicativo do quão crítico era Bolaño com toda a produção chilena.

As tensões apareceram em 2010, ao longo de reportagens produzidas antes e depois da vitória de Isabel Allende. Isso pode ser notado já nos títulos de uma sequência de críticas e defesas ao prêmio ao qual ela concorreu, como se vê em: “*Ella abrió las puertas*”, de Marcela Serrano (romancista chilena que defendeu o nome de Isabel Allende com uma das concorrentes); “El Polémico Premio Nacional de Literatura”, de Leonardo Robles e “El Apocalipsis del Premio Nacional”, de Andrés Gómez<sup>196</sup>. A construção do seu sucesso foi, portanto, gradual, havendo uma aceitação parcial e controversa da escritora dentro do campo

---

<sup>195</sup> BOLANÕ, Roberto. Sobre la Literatura y el Premio Nacional de Literatura y los raros consuelos del oficio. Las Ultimas noticias. Talleres. **El Mercurio**, Santiago, Chile, 1902- volúmenes, 27 ago. 2002. p. 35. Disponível em: [www.memoriachilena.cl/602/w3-article-65125.html](http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-65125.html). Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>196</sup> Respectivamente: SERRANO, Marcela. Ella abrió las puertas. **La Tercera**, Diario, Santiago, Chile. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-345690.html>. Acesso em: 15 nov. 2018; ROBLES, Leonardo. El polémico prêmio nacional de literatura. **El Mercurio de Valparaíso**, Diario, Valparaíso, Chile. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-344437.html>. Acesso em: 15 nov. 2018; GÓMEZ, Andrés. El apocalipsis del Premio Nacional. **La Tercera, Diario**, Santiago, Chile. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-345704.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

intelectual. Contudo, ninguém nega o seu êxito de vendas, o que fez com que o campo mercadológico a tenha acolhido inquestionavelmente, nos deixando a impressão de que a publicação de um romance seu hoje em dia, qualquer que seja, é garantia de venda. Retomaremos a essa questão nos próximos capítulos.

## Capítulo 2

### O romance *A Casa dos Espíritos*, a influência da dinâmica estrangeira no mercado editorial brasileiro e a publicação e difusão do romance

Após termos analisado o romance, o seu contexto histórico e a trajetória da autora no primeiro capítulo, direcionamo-nos para uma investigação sobre a difusão e a repercussão do livro no Brasil. Diante disso, surge a demanda pela identificação e reflexão sobre os elos entre o contexto internacional e nacional. Isso foi realizado, tendo em vista a dinâmica do mercado editorial e as trocas culturais e econômicas no âmbito das relações entre Europa (principalmente Espanha e Portugal, em nosso caso), Hispano-América<sup>197</sup> e Brasil, identificando uma parcela da influência estrangeira sobre o Brasil.

Estabelecer esse elo se mostrou pertinente, por um lado, devido à dinâmica própria do mercado editorial, onde os direitos de tradução e de publicação são parte das etapas de inserção de uma literatura estrangeira num país (no caso, no Brasil). Por outro lado, os motivos para o investimento envolvem o jogo entre autor, agente literário e editor. São consideradas as qualidades “literárias” ou “científicas” de uma obra, e, principalmente, em alguns casos, as possibilidades de vendagem, já testada em outro público.

O romance *La Casa de los Espíritus* (1982), chega ao Brasil como *A Casa dos Espíritos* (1984) por meio da tradução portuguesa da Difel, tendo sido lançado na Espanha pela Plaza y Janés<sup>198</sup> e a seguir nos países da latino-américa, como já dito, e buscar essa trajetória, ainda que não seja o cerne da nossa questão, fornece elementos para o que objetivamos entender. As fontes com as quais trabalhamos neste capítulo foram reportagens e críticas literárias chilenas que fizeram referência a Isabel Allende e seu primeiro romance — obtidas nos acervos da Biblioteca Digital Nacional de Chile e na página Memória Chilena<sup>199</sup>. Também utilizamos reportagens dos periódicos espanhóis *La Vanguardia* e *El País*<sup>200</sup>, para fins de compreensão da difusão inicial do romance entre Espanha e Hispano-América.

---

<sup>197</sup> O termo América Latina engloba mais de uma configuração político-econômica e linguística, por isso a diferenciação em alguns momentos.

<sup>198</sup> ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017; PLAZA y Janés. **Sellos**. Disponível em: <http://www.penguinrandomhousegrupoeditorial.com/sellos/>. Acesso em: 20 set. 2018.

<sup>199</sup> BIBLIOTECA nacional digital de Chile. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/612/w3-channel.html>. Acesso em: 22 set. 2018; BIBLIOTECA nacional digital de Chile. **Memoria chilena**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-channel.html>. Acesso em: 22 set. 2018.

<sup>200</sup> LA Vanguardia. **Hemeroteca**. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/hemeroteca>. Acesso em: 15 nov. 2018.; EL País. **Archivo Web/Hemeroteca**. Disponível em: <https://elpais.com/archivo/>. Acesso em: 20 set. 2018.

Num segundo momento, voltamos para o Brasil. Procurando pensar as condições de publicação e difusão da década de 1980, incluso no que diz respeito à inserção de empresas editoriais estrangeiras no país e à dinâmica editorial brasileira. Carecemos de fontes da Difel, Bertrand Brasil e do Grupo Editorial Record, tendo sido negado o acesso a seu material, porque foi perdido parte dos arquivos. No entanto, há um vasto *corpus* bibliográfico e dados do mercado editorial brasileiro que abarcam o contexto histórico e nos permitiram preencher as lacunas deixadas pela carência de fontes. Auxiliaram-nos o livro clássico de Laurence Hallewell, *O livro no Brasil*, com seu amplo levantamento de dados sobre o mercado editorial e a circulação de livros no país de 1808 a 1985<sup>201</sup>. Também o livro de Sandra Reimão, *Mercado Editorial Brasileiro – 1960-1990* e a tese de livre-docência de Arnaldo Cortina, *Leitor Contemporâneo: os livros mais vendidos no Brasil de 1966 a 2004*<sup>202</sup>, entre outros, foram relevantes para a nossa análise. Tais levantamentos procuram compreender o livro em sua materialidade e vendagem, como produto e como é publicitado, indo além do que seu texto interno emana e articula de uma época. Nesse sentido, essas obras auxiliam no objetivo central de nossa pesquisa que é entender como *A Casa dos Espíritos* se tornou um *best-seller* no Brasil pouco após ser lançado.

Outra referência que nos auxiliou foi a obra organizada por Fernando Paixão. Essa obra foi resultado de uma parte de um projeto desenvolvido pela editora Ática, em 1995, para comemorar seus trinta anos de atividade. *Momentos do Livro no Brasil*<sup>203</sup> procura desenhar a história editorial do Brasil no século XX, de 1900 a 1995, tendo como bibliografia de base o livro de Hallewell, mas não só. Com o intuito de ser divulgado primeiramente aos profissionais do ramo editorial e como forma de comemoração da editora Ática, temos que fazer uma ressalva ao modo como o livro traz o contexto histórico editorial, principalmente no período em que nos focamos — pós década de 1960.

Esse foi um período de expansão do mercado editorial e também de censura, o que Paixão não deixa de assinalar, sem, contudo, elaborar mais densamente as contradições entre altos e baixos do mercado de livros dentro da dinâmica das políticas dos governos militares. Tal fator permitiu o crescimento de empresas específicas em relação a outras, bem como a

---

<sup>201</sup> A pesquisa inicial de Laurence Hallewell abarcava até meados da década de 1980. Foi na reedição e revisão posterior que incluíram análises até o início da década de 1990. Ver: HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

<sup>202</sup> REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro - 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte/FAPESP, 1996; CORTINA, Arnaldo. **Leitor Contemporâneo: os livros mais vendidos do Brasil de 1966 a 2004**. 2006. 259f. Tese (Livre-docência em Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

<sup>203</sup> PAIXÃO, Fernando (org.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

ampliação da entrada de empresas editoriais estrangeiras no mercado editorial brasileiro. Esse não é o objetivo do livro, todavia como pesquisa em História cumpre-nos observar essas nuances. Ou seja, ainda que fosse uma pesquisa produzida para propagandear a editora, pelo apuro com que foi desenvolvida, tornou-se um material rico e que contribui para as reflexões sobre a história do mercado editorial brasileiro.

## 2.1 A difusão do romance na imprensa da América Latina e Espanha - influências possíveis no Brasil

Antes de chegar ao Brasil, como Isabel Allende conseguiu publicar *La Casa de los Espíritus* na Espanha, em 1982, sem nunca ter tido um romance escrito e publicado antes? A disseminação do dito romance no Brasil seria a influência de outros países latino-americanos ou é maior o intercâmbio entre literatura e mercado com Argentina, Chile e com o Cone Sul<sup>204</sup>? Somos postos frente a essas dúvidas inevitáveis quando questionamos as possibilidades de Isabel Allende fazer sucesso no Brasil. Traçamos, pois, os elementos que nos permitiram compreender uma parcela do que condicionou ou influenciou para que a obra viesse a ser publicada no Brasil.

Partindo da bibliografia pesquisada, temos o texto da Estelle Gacon no qual somos informados de que um dos primeiros editores da Isabel Allende, Mario Lacruz, da Plaza y Janés, teria dito que não havia, até então, uma mulher no “boom da literatura latino-americana”<sup>205</sup>, lugar que Allende, com certeza, ocupou. Outras referências nos levam a figura da agente literária Carmen Balcells<sup>206</sup>, que foi imprescindível na publicação de autores latino-americanos na Espanha. Porém, o caminho já estava aberto e um dos fatores que pode ter possibilitado a

---

<sup>204</sup> Designação referente aos países de Chile, Argentina, Bolívia, Uruguai, Paraguai e Brasil, situados no sul da América e que tem sido alvo de estudos constantes no âmbito da História Contemporânea. Ver: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). Apresentação. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010. p. 7-8.

<sup>205</sup> GACON, Estelle. **Prensa y literatura en la difusión del discurso de Isabel Allende sobre América Latina**. In: CAIRO CAROU, Heriberto; CABEZAS GONZÁLEZ, Almudena; MALLO GUTIÉRREZ, Tomás; CAMPO GARCÍA, Esther del; CARPIO MARTÍN, José (eds.). **XV Encuentro de Latinoamericanistas Españoles**, nov. 2012, Madrid, Espanha. Trama editorial; CEEIB, 2012. p. 579. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00874625>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<sup>206</sup> CORTÍNEZ, Verónica. Isabel Allende. In: SOLÉ, Carlos. A. (org.) **Latin American Writers**. Estados Unidos: Charles Scribner's Sons, 2002. p. 1; AGÊNCIA literária Carmen Balcells. **História**. Disponível em: <http://www.agenciabalcells.com/agencia/historia/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

inserção de Isabel Allende no mercado editorial espanhol, foi o caminho trilhado anteriormente por outros autores, no já referido *boom* da literatura latino-americana.

Quem nos traz parte da discussão sobre esse fenômeno é Adriane Vidal Costa, em sua tese de doutorado, *Intelectuais, Política e Literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. Para compreender o debate político entre os três escritores que pesquisou, Costa precisou situá-los dentro de um movimento estético, da inovação literária do realismo fantástico e de um campo intelectual, fatores que colaboraram para o sucesso editorial, para além das fronteiras geográfico culturais. Nas palavras de Vidal Costa:

Para muitos, o que motivou o *boom*, a nível comercial, além da qualidade literária das obras, foi o impulso das editoras (sobretudo européias) e a irrupção da Revolução Cubana, que motivou inúmeros leitores, pelo mundo afora, a conhecer a literatura, a cultura e a história latino-americanas<sup>207</sup>.

Dessa maneira, o debate entre os escritores sobre socialismo e revolução (principalmente, debatendo a Revolução Cubana), foi parte do que fez o *boom* acontecer. Essas temáticas geraram o interesse de leitores naquele contexto e, como investimento de agentes literários e editores, permitiu maior expansão de suas vendas.

Também gerou uma profícua discussão e intercâmbio entre escritores como Gabriel Garcia Márquez (Colômbia), Mario Vargas Llosa (Peru), José Donoso (Chile), Miguel Angel Astúrias (Guatemala), Julio Cortázar (Argentina), Alejo Carpentier (Cuba) e outros mais<sup>208</sup>, muitos dos quais estavam vivendo entre Barcelona e Madri nesse momento. Assim, como uma via de mão dupla, a política incentivou a criação e a reflexão poética e lhes uniu numa temática e num campo de discussões e utopias. Esses intelectuais pensaram a revolução para seus contextos geopolíticos e históricos, o que, juntamente com a vida no exílio, permitiu por um período que se agregassem e fortalecessem a literatura latino-americana. Tais obras levaram aos leitores europeus e do ocidente como um todo, outra visão sobre a região, para além das

---

<sup>207</sup> COSTA, Adriane Vidal. O *boom* da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. In: \_\_\_\_\_ -. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 133-134.

<sup>208</sup> De acordo com Verónica Cortínez, quatro são os nomes dos escritores do *boom* que se repetem nas listas de críticos literários e pesquisadores: Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes e Mario Vargas Llosa. Outros aparecem, alternando-se, por vezes, nos lugares que haveria dentro do grupo. Dentre eles: José Donoso, Guimarães Rosa, Carpentier, Lezama Lima etc. CORTÍNEZ, Verónica. El pasado deshonoroso de Isabel Allende. **Revista Iberoamericana**, v. LX, n. 168-169, jul./dez. 1994. p. 1. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6466/6642>. Acesso em: 05 mar. 2017.

ditaduras e de uma ideia estereotipada de atraso, que estava no horizonte e imaginário estrangeiro<sup>209</sup>. Nesse sentido, o “boom não foi apenas um fenômeno comercial, mas também a oportunidade de apoiar decididamente as revoluções e os projetos socialistas na América Latina”.<sup>210</sup>

Os autores citados já haviam publicado em seus países e, em alguns casos, também na Europa, no entanto, entre as décadas de 1960 e 1970, a conjunção dos fatores citados levou ao salto de vendagem, êxito comercial e a publicação de seus livros em mais países. Ampliou-se a circulação das ideias e do estilo que veicularam. Editores como Carlos Barral, da Seix Barral<sup>211</sup>, de Barcelona e Mario Lacruz, da Plaza y Janés<sup>212</sup> possibilitaram que o boom<sup>213</sup> acontecesse. Carlos Barral teve papel importante nesse contexto, não só pelo espaço dado à literatura fantástica, mas aos romancistas hispano-americanos de maneira geral. Barral organizou, por exemplo, o prêmio Biblioteca Breve, da Seix Barral, que tem sua origem em 1958<sup>214</sup> e premiou a cada ano escritores de língua espanhola, o que incluiu os países hispano-americanos, que puderam concorrer e tiveram seus escritos lidos e conhecidos fora de seu território. Além dos escritores da Espanha, a premiação também foi vencida por autores da Venezuela (Adriano González León), Peru (Mario Vargas Llosa); México (Carlos Fuentes), Cuba (Guilherme Cabrera Infante) e outros mais.

Cabe observar que o editor é uma figura extremamente importante nesse processo, sendo alguém que precisa se legitimar entre o campo literário e o campo mercadológico. Para Vieira, o editor é

(...) alguém que busca legitimação, e esta passa, em grande parte, pela sua competência em fazer as escolhas adequadas (em termos de autores, gêneros e temáticas, etc.) frente a um momento cultural e político, a uma determinada

---

<sup>209</sup> COSTA, Adriane Vidal. op. cit. p. 133-135.

<sup>210</sup> Ibid. p. 133-135.

<sup>211</sup> Atualmente a Seix Barral pertence ao grupo espanhol Planeta de Libros. Ver: PLANETA de libros. **Seix Barral**. Disponível em: <https://www.planetadelibros.com/editorial/seix-barral/conocenos/9>. Acesso em: 15 nov. 2018; PLANETA de libros. **Carlos Barral**. Disponível em: <https://www.planetadelibros.com/autor/carlos-barral/000019848>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>212</sup> GACON, Estelle. op. cit. p. 579; PENGUIM Random House - Grupo editorial. **Plaza y Janés. Sellos**. Disponível em: <https://www.penguinrandomhousegrupoeditorial.com/sellos/>. Acesso em: 15 nov. 2018. Mario Lacruz também tem passagem como editor na Seix Barral. Ver em: LACRUZ, Mario. Timón de Seix Barral. **La Vanguardia**, Barcelona, Madri, 30 set. 1983. Cultura, p. 28. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1983/09/24/pagina-28/32973802/pdf.html?search=mario%20lacruz>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>213</sup> O uso do termo *boom* para indicar esse processo não está isento de críticas por parte, inclusive, dos autores que “entraram” no grupo. É um termo que parte do fenômeno comercial de alta vendagem e que poderia ter conotações pejorativas, não expressando no que consiste enquanto literatura. Para isso ver: COSTA, Adriane Vidal. op. cit. p. 135-136.

<sup>214</sup> O Prêmio Biblioteca Breve teve duração de 1958 a 1972, voltando de 1999 até 2008. PRÊMIO Biblioteca Breve. Disponível em: <https://www.planetadelibros.com/premios/premio-biblioteca-breve/5>. Acesso em: 15 nov. 2018.

comunidade intelectual e a um público consumidor que não pode ser visto simplesmente como o polo passivo no campo cultural<sup>215</sup>.

Não se pode negar que a edição de livros é uma atividade econômica, porém, no mercado de bens simbólicos, a figura do editor tem que se equilibrar entre aquilo que poderá vender, dado o contexto em que está inserido, e aquilo que acessa o campo intelectual, enquanto criação artística ou uma contundente crítica social, por exemplo. No caso de Mario Lacruz, que publicou o romance da desconhecida Isabel Allende, uma conjunção de fatores a levou a ser escolhida e editada por essa figura. Não foi somente um fator que o levou a selecioná-lo e legitimá-la. O contexto histórico e editorial anteriormente narrado pode ter condicionado e facilitado esse processo.

O que intencionamos mostrar, é o terreno que foi construído e conquistado gradualmente por autores hispano-americanos nas editoras de Barcelona e Madri. Havia um pequeno nicho, tendendo para o realismo fantástico em sua maioria, que colaborou para a circulação e difusão da literatura da América Latina na Europa. Foi nesse terreno que vimos ser publicado o romance *La Casa de los Espíritus*, cujo texto tem elementos dessa mesma estilística.

Outra figura importante são os agentes literários e, mais especificamente, a agente literária Carmen Balcells<sup>216</sup>, que foi quem intermediou o contato entre Isabel Allende e a editora Plaza y Janés<sup>217</sup>.

No caso da Espanha, é emblemática a figura de Carmen Balcells que foi uma das agentes literárias mais importantes de Barcelona e do mundo. Seu trabalho impactou, sobretudo, no *boom* da literatura latino-americana, tendo sido agente de autores como Gabriel García

---

<sup>215</sup> VIEIRA, Luiz Renato. Ênio Silveira e a Civilização Brasileira: notas para uma sociologia do mercado editorial no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1996. p. 1-2.

<sup>216</sup> FREIXAS, Laura. Agente literario - una profesión en auge. Dejad que los “best-sellers” salgan de mí. **La Vanguardia**, Barcelona, 10 fev. 1987. Cultura, p. 36. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1987/02/10/pagina-36/32977478/pdf.html>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>217</sup> Fazendo um aparte sobre a função de agente literário, essa é uma profissão que surgiu na Inglaterra no século XIX, com a função de mediador entre o editor e o escritor. Assim, poderia o escritor concentrar-se mais na parte “criativa” e o agente nas possibilidades de publicação, vendagem e acordos com as editoras. Gradualmente se configurou o agente literário como um defensor dos direitos dos autores/clientes, negociando os termos dos contratos com as editoras. No entanto, num sentido inverso, quando prática comum num país, os escritores tendem a ter que buscar um agente literário para conseguir contatos com editores. A profissão que se consolidou no cenário editorial ao longo do século XX, principalmente nos EUA e na Inglaterra, mas também em outras partes da Europa, como na Espanha. Há, ainda, agentes literários que são enviados por editores a mercados editoriais distintos dos seus, buscando obras e autores que seriam interessantes de serem publicados em seus países. Ver em: THOMPSON, John B. O surgimento dos agentes literário. **Mercadores de cultura** - o mercado editorial do século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 69-112.

Márquez, Mario Vargas Llosa e Julio Cortázar<sup>218</sup>. Segundo reportagem do *La Vanguardia* de 1987<sup>219</sup>, Balcells inovou as práticas profissionais, repensando cláusulas nos contratos e nos direitos dos escritores, no controle maior pelos escritores dos usos feitos de seu texto e com negociações com antecipações de maior valor. Além disso, nos idos de 1987, a lista de clientes/autores que tinha em sua agência já lhe garantia prestígio e poder de negociação com os editores. Essa foi a agente literária que teve acesso ao texto de Isabel Allende.

Como vimos, segundo Allende<sup>220</sup>, não lhe foi possível publicar na Venezuela, pois nenhum editor aceitou sem texto, e o mesmo ocorreu nos países vizinhos, inclusive no Chile. Podemos nos basear num conjunto de explicações, dentre as quais, o fato de ser uma escritora desconhecida e iniciante (esse foi seu primeiro romance e Allende só era conhecida no Chile); as dificuldades de uma mulher publicar, devido a escrita das mulheres ser considerada feminina e inferior; ou as próprias contradições da qualidade de seu texto<sup>221</sup>. Não podemos nos esquecer que o Chile estava vivendo uma rígida ditadura militar, cuja abertura política só teve início a partir de meados da década de 1980, com a volta parcial dos exilados<sup>222</sup>. A publicação de um romance que se propunha a parcialmente discutir o horror e a violência da ditadura, implicava em evidente choque com a censura, dependendo da sorte de sua edição e publicação passar incólume no dito país<sup>223</sup>.

Na mirada da literatura hispano-americana em perspectiva, Bella Jozef situa o momento histórico onde as mulheres ganharam expressividade, não porque não escrevessem antes, mas porque cada vez mais conquistavam espaço na sociedade. Como escritoras, refletiam sobre sua condição e sobre que papéis sociais (e sexuais) foram relegadas e intencionaram mudar. Para essa pesquisadora, os anos de 1980 podem ser considerados como o *boom*

---

<sup>218</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit. p. 1; AGÊNCIA literária Carmen Balcells. **História**. Disponível em: <http://www.agenciabalcells.com/agencia/historia/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>219</sup> FREIXAS, Laura. op. cit. p. 36. A jornalista deixa claro também que é uma figura controversa, assim como a profissão também é. Em torno dela, há acusações de falta de profissionalidade, abuso de poder etc., mas ao mesmo tempo por parte dos escritores, ela seria admirada por defende-los de modo aguerrido.

<sup>220</sup> CORTÍNEZ, Verónica. op. cit. p. 1; ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017; AMÂNCIO, Moacir. Pela Humanidade, contra a Tirania. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 ago. 1986. Caderno 2, p. 1. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860829-34202-nac-71-cd2-1-not>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>221</sup> Sendo esse terceiro aspecto uma suposição nossa, tendo em vista o contato com as críticas literárias feitas a sua obra posteriormente e que indicam opiniões controversas.

<sup>222</sup> CARRASCO, Carmen Norambuena. Exílio chileno: mujeres y novela testimonial, In: PALACIOS, Julián Chaves (coord.). **La larga memoria de la dictadura en Iberoamérica**: Argentina, Chile y España. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. p. 181-225.

<sup>223</sup> Segundo Carrasco, foi editada uma Lei de Anistia em 1978 pelo governo chileno, mas cada solicitação de retorno era analisada a partir dos antecedentes políticos dos exilados, o que dificultou o retorno da maioria das pessoas.

hispânico da “literatura escrita por mulheres”<sup>224</sup>. Delineando a situação, Jozef propõe que isso se deu anteriormente ao contexto de urbanização e modernização pelo qual a América Hispânica e o Brasil vivenciaram por volta de meados do século XX,

Embora estivesse durante muito tempo reduzida ao silêncio, excluída do espaço público, a escrita feminina sempre existiu. A frequência com que mulheres sempre mantiveram diários e o volume de sua correspondência demonstram que a motivação para esta prática quase obsessiva era uma necessidade de expressão (...). O discurso da mulher na América hispânica e no Brasil [no contexto supracitado de urbanização] vem-se caracterizando por uma tomada de consciência em relação ao momento histórico (...) a mulher surge como sujeito de sua história (...) ao tornar-se produtora da escrita própria.<sup>225</sup>

Essas palavras advogam a presença da mulher escritora na América Latina, mas as contextualizam nos silêncios vivenciados dentro da cultura e estrutura social de tal espaço. Nessa tomada de consciência de si, perpassa as ações políticas de mulheres ao longo do século XX, vide movimentos sufragistas e atuação de mulheres na luta pelos direitos trabalhistas, não necessariamente intitulados feministas. Isso não deixou de influenciar no espaço do mercado editorial para as escritoras. Publicar além de suas fronteiras nacionais (sendo de um país latino-americano)<sup>226</sup> era um desafio a todo aquele que se dedicava a escritura e às mulheres o desafio era maior. Queremos reforçar aqui a dificuldade de publicação de Isabel Allende na América Hispânica, o que é um passo para compreender sua inserção na Espanha e o caminho de chegada ao Brasil, país de estrutura social e editorial similar e parte do conjunto chamado América Latina. Como explicação para parcela desse silêncio ou desinteresse em torno da escrita das mulheres, Navarro argui que

Uma das razões desse silêncio é que a literatura produzida por mulheres sempre foi considerada “feminina”, isto é inferior, preocupada somente com problemas domésticos e íntimos e, por isso, não merecendo ser colocada na mesma posição da literatura produzida por homens, cujo envolvimento com questões “importantes”, isto é, com a política.

(...) escritoras como, por exemplo, as mexicanas Rosario Castellanos, Elena Poniatowska e Elena Garro, embora comprometidas com o enfoque histórico e escrevendo obras de excelente valor literário, eram escassamente conhecidas além das fronteiras de seu país. O romance magnífico de Garro, *Memorias del Porvenir* (1963), que se reconhece hoje [1995] como tendo inspirado García Márquez a escrever o livro mais famoso da nova literatura latino-americana, *Cem anos de solidão* (1967),

---

<sup>224</sup> JOZEF, Bella. *A Pós-Modernidade. História da Literatura Hispano-Americana*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Francisco Alves Editora, 2005. p. 250.

<sup>225</sup> *Ibid.* p. 250.

<sup>226</sup> RUFINELLI, Jorge. *Después de la ruptura, la ficción*. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura - Vanguarda e Modernidade*. Campinas: Unicamp/Memorial, 2015. p. 390.

permaneceu dentro da gaveta por mais de quinze anos antes de encontrar finalmente quem o publicasse. E quem, fora do México, falava sobre Elena Garro?<sup>227</sup>

A autora reforça, pois, a ideia da maior dificuldade de inserção das mulheres no universo da escrita. Tal reflexão se baseia na presença/ausência de tantos nomes no mercado editorial e na interpretação feita sobre esses livros, como “femininos”.

Outra questão seria a urbanização e a expansão do ensino (que comentamos no capítulo I) que, por mais que ainda fosse em número reduzido, pode ser considerada um salto para o contexto. Isso levou a surgirem mais mulheres escritoras e mais mulheres leitoras. Desse modo, ocorria uma menor rejeição de uma escrita que acessa questões subjetivas, cuja crítica literária vê sempre como vinculadas a um gênero, ao plano individual e sem apontar discussões coletivas da política e da economia. A ampliação do acesso a escolas e expansão do ensino universitário convergiu para gerar maior público leitor e, no caso, mais mulheres leitoras, o que também contribuiu para que aumentasse o número de pessoas lendo textos que são continuamente encaixados e padronizados como “femininos”.

Sem generalizar ou supervalorizar o contexto de alfabetização, infere-se que esse processo resultou no que Ruffinelli chama de neo-alfabetizados, que seriam os alfabetizados sem hábitos de leitura e também na formação de “leitores massivos de produtos da cultura popular”<sup>228</sup>. Ou, considerando o termo utilizado no Brasil, os chamados analfabetos funcionais, que detém os conhecimentos mais básicos do letramento, mas não chegam a compreender textos simples que sejam mais longos. Esse ponto é deveras pertinente para se pensar a difusão do romance de Isabel Allende na América Latina, cujo texto ainda que longo, era considerado de leitura fácil. Pode-se supor a possibilidade dessa leitura num contexto de expansão da alfabetização, ou seja, em moldes precarizados e que demandavam textos mais fluídos, como o de Allende (claro que ainda demandavam o interesse por esse tema).

---

<sup>227</sup> NAVARRO, Márcia Hoppe (org.). **Rompendo o silêncio**: gênero e literatura na América Latina. Coleção Ensaio CPG Letras/UFRGS. Vol. 3. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995. p. 12-13. Esse é o único, dos 16 romances de Garro, publicado no Brasil, apenas em 1998 (segundo contagem de JOZEF, Bella. op. cit. p. 330). Podemos considerar também que é um romance, cuja a temática não buscou tornar mais leve temas polêmicos. Mesmo a capa de seu romance, na versão brasileira, já induzia as possibilidades ou não de sua aceitação e vendagem (vide anexo II – cuja arte traz figuras enforcadas). Em relação ao *boom*, os nomes citados são comumente todos de homens, como comentamos acima. Não estamos ignorando que mesmo o grupo do *boom* fosse restrito, dada a quantidade autores latino-americanos e não houvesse só homens publicando. Navarro traz alguns nomes femininos: Laura Esquivel, Angela Mastretta, Martha Mercader, Ana Teresa Torres, Tania Jamardo Faillace, Milagros Matta Gil, Marta Traba. A lista do *boom* se distinguiu pela total ausência de mulheres. Foram apenas duas décadas depois que a escritura das mulheres começou a receber a merecida atenção, com resultado, durante os anos de 1980.

<sup>228</sup> RUFFINELLI, Jorge. op. cit. p. 377.

Até o início do século XX, a edição, a publicação e a difusão de romances e obras literárias da América Latina tinham como centros mais importantes o México, a Argentina e Madri, lugares que levavam a uma “legitimação cultural”<sup>229</sup> de um escritor e ampliavam as possibilidades de conhecimento dele pelo público. Tal legitimação, proporcionava maior possibilidade para àquele que buscava ir além das fronteiras nacionais, lucrar e ganhar importância dentro de seu campo intelectual. Jorge Rufinelli percebe uma transição ao longo do século XX, se no início eram esses três locais de maior importância, o movimento modernista, do mesmo século, diversificará esse panorama dando ênfase à Paris/França.

No período do *boom*, vimos reafirmada a Espanha como local de edição e difusão dos autores do realismo mágico, incluindo também, Barcelona, além de Madri. Todavia, paralelamente, havia um contexto nacional-internacional de incentivo à indústria editorial na América Latina. Isso acontecia por meio de pressões e incentivos como os da UNESCO (“dispositivos internacionais”), que levaram ao desenvolvimento de “uma pequena indústria editorial dependente da tecnologia estrangeira, porém flexível às necessidades nacionais”<sup>230</sup>. Além disso, ocorreu a expansão desse polo para outras capitais e países — Santiago/Chile, Bogotá/Colômbia, Montevideo/Uruguai, Panamá e etc.

Cabe notar que, nos anos de 1970-1980, houve um período de crise editorial que acompanhou a crise econômica mundial da década de 1970. Ali surgiu um princípio de superação do imaginário de submetrópole construído para essas outras capitais, de superação do autoritarismo e quiçá de integração latino-americana. Adveio, porém, a deflação e o fracasso econômico, fragilizando o processo e levando a oscilações no mercado editorial e baixas vendas, mesmo diante de uma estrutura mais favorável ao crescimento no número de publicações. Esses aspectos afetaram, portanto, a produção latino-americana *in locu*. Finalizando o raciocínio:

Aunque em medida más pequeña que em los sesenta, (...) en los ochenta España paso a ser el centro editorial casi exclusivo de los escritores más conocidos. Esto pudo ser beneficioso económicamente para los escritores, pero no para los lectores, pues separo y alejó a los primeros de sus países de origen, dificultando su recepción por los altísimos precios de las ediciones españolas, y los contratos de exclusividad que por lo general acaban vetando las ofertas de ediciones nacionales<sup>231</sup>.

---

<sup>229</sup> Ibid. p.376.

<sup>230</sup> Ibid. p. 376-377.

<sup>231</sup> Ibid. p. 382–383.

Voltemos a dinâmica da Seix Barral, de Barcelona e Madri. A editora contava com o maior intercâmbio intercontinental e maior influência da Espanha no Cone Sul e na difusão do *boom* latino-americano. Agreguemos a outra grande competidora da Seix Barral, a Plaza y Janés, de Barcelona, e seu editor Mario Lacruz, juntamente com a agente literária Carmen Balcells e a tríade que lançou Isabel Allende está dada.

A difusão na Espanha pode nos dar uma dimensão do poder simbólico que o romance *La Casa dos Espíritus* conquistou como “produto rentável” e sua escritora como uma boa aposta de investimento. Todos os romances dela foram até hoje editados pela Plaza y Janés (o último é de 2017). Como já mencionamos, a Plaza y Janés é hoje um selo da Penguin Random House, bem como da Editorial Sudamericana (responsável por difundir a obra de Isabel Allende na América Latina via Argentina)<sup>232</sup>.

Para compreendermos essa difusão na Espanha, selecionamos dois periódicos espanhóis, o *La Vanguardia*, com sede em Barcelona e o *El País*, com sede em Madri. O primeiro era um jornal de grande porte e consolidado em 1982. O segundo estava crescendo, tendo surgido após o fim da ditadura de Francisco Franco, ou seja, na esteira da volta à democracia. Barcelona é a segunda maior cidade da Espanha, sendo Madri a primeira.

Em sua hemeroteca de acesso livre, o *La Vanguardia* disponibiliza digitalizados todos os jornais que eram somente impressos. O periódico é editado desde 1881, propriedade da família Godó. Desde o início, se colocou como um jornal de ampla difusão e de perfil entre liberal e nacionalista moderado. Em 1995, passou a oferecer também uma versão digital, sendo difundido em duas línguas, espanhol e catalão, pois fica na comunidade autônoma da Catalunha.

O *El País* é de 1976 e tornou-se digital em 1996, mantendo a produção impressa, mas em menor quantidade nas últimas décadas (pós anos 2000)<sup>233</sup>. Apesar de também possuírem uma hemeroteca com acesso on-line a disposição dos pesquisadores, consideramos as suas fontes mais frágeis, devido ao modo como estão dispostas as reportagens e edições que anteriormente foram impressas. Os jornais não são digitalizados integralmente, somente as reportagens são digitadas de maneira individualizada, constando as indicações de data e ano em que foram impressas. Infelizmente, não há maiores dados ou paginação, nem tampouco a possibilidade de ver dentro da edição completa daquele jornal, procurar seções de classificados,

---

<sup>232</sup> ISABEL Allende. **Livros**. EUA, 2017. Disponível em: <https://www.isabelallende.com/es/book/winter>. Acesso em: 11 jan 2018; PENGUIN Random House Grupo Editorial. **Sellos**. Disponível em: <https://www.penguinrandomhousegrupoeditorial.com/sellos/>. Acesso em: 15 dez. 2018.

<sup>233</sup> CALVAR, Andrea Nogueira. El País se despede de suas rotativas. **El País**, Madri, 18 dez. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/actualidad/1513457282\\_998706.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/16/actualidad/1513457282_998706.html). Acesso em: 11 jan. 2019.

entre outras. Cientes disso, nos restringimos a observar alguns elementos pertinentes a nossa análise. O foco temporal são os anos de 1980 até meados da década de 1990. Após 1993, com o lançamento do filme *A Casa dos Espíritos*, o livro homônimo ressurgiu nas listas de mais vendidos e Isabel Allende voltou a ser requisitada para entrevistas, opinando sobre a adaptação de seu livro.

### 2.1.1 Espanha - a difusora da literatura latino-americana

Com claro contraste, o *La Vanguardia* foi um reduto de divulgação do primeiro romance de Isabel Allende, bem como dos romances da Plaza y Janés. Em comparação, no *El País* encontramos um material escasso para análise, o que pode ser resultado do modo pelo qual acessamos os jornais da década de 1980. É evidente que o primeiro periódico sendo de Barcelona e estabelecido a mais tempo, é espaço privilegiado de difusão da editora Plaza y Janés, que é da mesma cidade e polo cultural.

A primeira menção a escritora Isabel Allende<sup>234</sup> no periódico, foi no dia 17 de novembro de 1982<sup>235</sup>, numa peça publicitária entremeada na seção “Internacional” — uma página inteira destinada a publicidade da Plaza y Janés/Literaria. Tal seção anunciava os nomes anteriores de destaque de sua editora, de diversas partes do mundo ocidental, tais como: Mario Vargas Llosa (Peru), Jorge Semprun (Espanha), Juan Marse (Espanha) e Jorge Amado (Brasil)<sup>236</sup>. Após a introdução aos escritores publicados com algum sucesso, vê-se a ilustração do rosto de Isabel Allende e a capa do romance *La Casa de los Espíritus*, com os dizeres

una desconocida

ISABEL ALLENDE

Faltava un nombre de mujer (uno por lo menos) em la cúspide de la actual narrativa latino-americana, copada hasta ahora por hombres (...)<sup>237</sup>.

---

<sup>234</sup> Há outras citações desse nome, referentes à Isabel Allende Bussi, filha de Salvador Allende, que vinha lutando pela democracia e por justiça no Chile.

<sup>235</sup> Plaza y Janés/Literaria. *La Vanguardia*, Barcelona, 17 nov. 1982. p. 29. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1982/11/07/pagina-29/32949009/pdf.html?search=Isabel%20Allende>. Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>236</sup> Dez nomes ao todo, sendo além desses: Jesus Fernandes Santos (Espanha), Bernard Malamud (EUA), Manuel Mujica Lainez (Argentina), Gonzalo Torrente Ballester (Espanha), Francisco Umbral (Espanha) e Saul Bellow (EUA).

<sup>237</sup> Plaza y Janés/Literaria. op. cit. p. 29.

A isso segue-se um texto tecendo elogios, contudo sem explicação do conteúdo da narrativa. É a propaganda que molda a primeira forma de descoberta do romance pelo público leitor, sendo que as referências dos nomes anteriormente famosos e do nome da própria editora são indicativos de que há um campo mercadológico e cultural estabelecido para essa editora. O texto que pré-anuncia o romance nos fala de outro ponto importante: faltavam mulheres na narrativa literária latino-americana. Esse detalhe talvez não fosse importante em outras épocas históricas ou não fosse uma colocação viável para se publicizar uma obra, mas nos idos de 1980, a conjuntura havia se alterado. Os movimentos de mulheres e feministas se tornaram algo concreto e estabelecido no mundo ocidental (não sem tensões sociais e perseguições), principalmente na Europa e nos EUA. Parte do contato de mulheres do Cone Sul com o feminismo, ocorre justamente no exílio na Europa e nos EUA, como nos traz Joana Maria Pedro<sup>238</sup> ao buscar as formas e momentos de identificação com o feminismo no Chile, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e Brasil.

Não podemos ignorar o sobrenome, pois mesmo sem a referência a Salvador Allende, o ex-presidente socialista do Chile é conhecido do público leitor do jornal. O golpe militar chileno havia sido noticiado na capa/primeira página do periódico um dia depois do ocorrido.<sup>239</sup> A apresentação de Isabel Allende ao mundo dos leitores conectou vários elementos, sendo parte do motivo para apostarem nessa autora até então desconhecida.

Dos meses de novembro de 1983 até nossos dias, não cessaram mais de aparecer, ao menos esporadicamente, reportagens e citações do nome Isabel Allende, incluindo vários anúncios do romance. A primeira apresentação da obra foi em 26 de novembro de 1982<sup>240</sup>, com curtos comentários de análise crítica e uma entrevista rápida com a escritora. Nessa ocasião, o primeiro comentário feito pela redatora da reportagem, foi sobre a similaridade com *Cem Anos de Solidão*. A reportagem não esboçava, porém, o julgamento de que a obra de Allende seria uma cópia de García Márquez, somente apontando uma inspiração e comentando que a obra oferecia muito mais e tinha seu caráter original. O texto ainda informava que Isabel Allende era uma escritora chilena exilada na Venezuela e mencionava seu parentesco com Salvador Allende. A redatora informava também, que a escritora não quer “capitalizar o nome que tornou

---

<sup>238</sup> PEDRO, Joana Maria. op. cit. p. 115-137.

<sup>239</sup> Golpe de Estado en Chile. **La Vanguardia**, Barcelona, 12 set. 1973. p. 1. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1973/09/12/pagina-1/34297043/pdf.html?search=ALLENDE>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>240</sup> BASUALDO, Ana. Isabel Allende: la casa de América. **La Vanguardia**, Barcelona, 26 nov. 1982. Cultura, p. 43. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1982/11/26/pagina-43/32951459/pdf.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

a tragédia célebre”<sup>241</sup>. Essas associações repetiram-se algumas vezes e, como dissemos no primeiro capítulo, são aspectos que moldaram diversas análises feitas sobre o romance, tanto na Espanha, quanto na América Hispânica e no Brasil.

Também observamos aparições posteriores a 1982, tais como Isabel Allende no rádio e na televisão para dar entrevistas. Aos poucos a romancista foi sendo conhecida para além daquilo que sua narrativa literária poderia cativar e a sua pessoa começou a ganhar fama. Entre os anos de 1984-1986, no entanto, foram mais reduzidas as citações. Allende voltou a ser comentada devido ao seu novo romance, somente em 1987, com a publicação de *Eva Luna*. Nesse momento, voltaram a aparecer diversas reportagens e críticas literárias sobre a nova obra.

Ao longo do tempo, seus novos escritos surgiam como indicação de novidades editoriais. Entre 1993 e 1994, após o lançamento do filme baseado em *La Casa de los Espíritus*, o romance homônimo apareceu na lista dos cinco mais vendidos de ficção<sup>242</sup>. A obra oscilou entre o 5º lugar e o 3º lugar em outras listas dos mais vendidos em espanhol<sup>243</sup> até o dia 4 de março de 1994<sup>244</sup>. Anteriormente, já havia aparecido na lista dos mais vendidos com o romance *El Plan Infinito* (1991-1992) e após esse período, volta a alta vendagem d’*La Casa de los Espíritus*. No final do ano de 1994, a autora voltou as listas de mais vendidos, com a autobiografia *Paula*<sup>245</sup>.

Observemos que não havia a elaboração da lista de mais vendidos em 1982, nas semanas próximas ao lançamento do primeiro romance. Podemos apenas identificar entrevistas de Isabel Allende em algum outro meio de comunicação e que foram divulgadas nesse jornal no guia de TV. Encontramos, por exemplo, uma primeira entrevista na TV, dada ao programa da Biblioteca Nacional, em 15 de janeiro de 1983 e outra em 1985. Mais três entrevistas foram

---

<sup>241</sup> Ibid. p. 43.

<sup>242</sup> Los más vendidos en castellano - Ficción. **La Vanguardia**, Barcelona, 21 jan. 1994. Cultura, Libros, p. 33. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1994/01/21/pagina-33/34397488/pdf.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>243</sup> Lembrando que o *La Vanguardia* tem edição em catalão, língua da comunidade autônoma em que está inserido, havendo uma lista dos mais vendidos também em catalão.

<sup>244</sup> Los más vendidos en castellano - Ficción. **La Vanguardia**, Barcelona, 04 mar. 1994. Cultura, Libros, p. 39. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1994/03/04/pagina-39/34414682/pdf.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>245</sup> Exemplificando duas dessas aparições: Los más vendidos en castellano - Ficción. **La Vanguardia**, Barcelona, 10 fev. 1992. Suplemento LIBROS, p.2; Los más vendidos en castellano - Ficción. **La Vanguardia**, Barcelona, 09 dez. 1994, Cultura, Libros, p. 35. Disponíveis respectivamente em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1992/01/03/pagina-2/33502985/pdf.html?search=Isabel%20Allende> e <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1994/12/09/pagina-35/34433438/pdf.html?search=Isabel%20Allende>. Acessos em: 20 nov. 2018.

cedidas a algum canal de rádio, entre 1984-1986<sup>246</sup>. Nos anos seguintes isso continuou ocorrendo e após a filmagem d'*La Casa de los Espíritus* (1993) isso se renovou.

Essa presença na TV e na rádio, auxiliou na construção do reconhecimento em torno de sua figura, sendo o que Gacon nos traduz como aproximação da figura do escritor a do ator. Construía-se, assim, a figura “estrelar” como estratégia de *marketing* — não necessariamente só isso, porém são pontos possíveis de identificar quando pensamos na presença de Allende em tais espaços de comunicação. Enquanto *marketing* ou publicidade para uma escritora e sua obra, Gacon entende

(...) No solo la publicidad directa como los anuncios, sino también todas las reseñas, y presentaciones de las obras que podemos encontrar en periódicos y suplementos culturales. La manera en que se presentan los libros, los aspectos en los que se insisten, las entrevistas al autor, que de alguna manera justifica su propia escritura, forman parte de las estrategias de ventas (...)<sup>247</sup>.

Ou seja, essa constância em aparecer em espaços midiáticos e de comunicação construíram uma imagem da autora e de seus livros, fazendo-a ser conhecida cada vez mais. Além, é claro, daquilo que era ressaltado em cada resenha, entrevista, reportagem e etc. Exemplo disso foi a primeira resenha do *La Vanguardia* sobre *La Casa de los Espíritus*, que citamos acima, na qual algumas palavras-chaves podem ser identificadas: Salvador Allende, Gabriel García Márquez, exílio e ditadura, entre outras. No que se refere a figura estrelar, Estelle Gacon situa o movimento do autor

El autor se mueve em escenarios nuevos (platós de televisión, blogs, redes sociales), (...) en los que ha de desempeñar nuevos tipos de actuaciones. (...) El escritor se convierte en un personaje famoso que difunde cierta imagen de sí mismo poniendo al descubierto aspectos de su personalidad, rasgos de carácter, historias personales, familiares o amorosas, tendencias políticas, etc..<sup>248</sup>

Vale ressaltar que nos anos aqui pesquisados, ainda não havia grande difusão e acesso à *internet*, mesmo que hoje isso tenha se alterado e a presença de Allende esteja garantida em *blogs*, páginas pessoais ou de outrem etc. Nesse sentido, nossas referências de divulgação nos meios de comunicação não poderiam ser outras que não os periódicos, o rádio ou a TV. Esses

---

<sup>246</sup> Respectivamente: Televisión. *La Vanguardia*, Barcelona, 15 jan. 1983. Guia de TV, p. 38; Televisión. *La Vanguardia*, Barcelona, 03 dez. 1985. p. 84. Disponíveis respectivamente em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1983/01/06/pagina-38/32963948/pdf.html?search=Isabel%20Allende> e <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1985/12/03/pagina-84/32867172/pdf.html?search=Isabel%20Allende>. Acessos em: 20 nov. 2018.

<sup>247</sup> GACON, Estelle. op. cit. p. 573.

<sup>248</sup> Ibid. p. 573.

foram três espaços que a escritora conseguiu convites por intermédio da Plaza y Janés<sup>249</sup>. Um desses convites pode ser observado na reportagem de 14 novembro de 1984, “Isabel Allende tras el hachazo y ‘para que no lo borre el viento’”<sup>250</sup>, no qual o repórter Gómez entrevistou a escritora, apresentando a publicação do segundo romance dela. Tal entrevista não dizia respeito apenas ao romance, mas a própria Allende, que foi indagada sobre o compromisso social que assumiu com seu novo romance, sobre seu envolvimento com a questão política do Chile, se pretendia regressar ao país e qual local considerava sua “terra natal”.

As respostas dessa reportagem flertam com o imaginário a respeito da autora e de seus escritos. Para Allende, amor e violência eram temas de sua obra, pelo que viveu, sendo que antes buscava esquecer como forma de sobrevivência, mas que naquele momento tinha que se comprometer e falar dessas atrocidades, pois eram temas estavam “dentro de ella”<sup>251</sup>. No dia 29 de novembro de 1984, por outro lado, ocorreu algo não tão comum, uma crítica (em sua maior parte negativa) referente ao segundo romance de Allende, na qual a repórter Nora Catelli enxerga um brilhantismo superficial, uma ingenuidade e uma linearidade na exposição da trama.

Cada resenha e entrevista ia perfilando narrações e novos olhares sobre autora e obra. Desenhava-se suas emoções e experiências, podendo conectar e criar mais vínculos com seu público. Isso pode ser verificado em “‘Eva Luna es la feminidad aceptada’, disse Isabel Allende”<sup>252</sup>, reportagem na qual apresentavam o terceiro livro da escritora, *Eva Luna*. O título seria um recorte das palavras da própria Allende, feita pela jornalista Rosa Piñol. O texto perfila o modo como Allende concebeu cada romance que escreveu, inserindo-os (as histórias dos livros) numa relação entre vida e obra. O primeiro livro seria a nostalgia do exílio. O segundo um expurgo do ódio e da raiva que sentiu pela violência da ditadura chilena. O terceiro, a

---

<sup>249</sup> Também temos a noção do quanto ela foi se tornando popular ao longo dos anos pela divulgação de suas aparições em canais de televisão e em entrevistas na rádio. Tais aparições podem ser localizadas, por exemplo, em 12 novembro de 1984, 03 dezembro de 1985, em abril e junho de 1986 e outros dias mais, sendo as três últimas entrevistas em canais de rádio e todos esses divulgados no *La Vanguardia*, no guia de notícias da semana.

<sup>250</sup> GOMÉS, José Martí. Isabel Allende tras el hachazo y “para que no lo borre el viento”. *La Vanguardia*, Barcelona, 14 nov. 1984, Persona, animales y cosas, Sociedad, p. 19. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1984/12/19/pagina-19/32845779/pdf.html?search=Isabel%20Allende>. Acesso em: 20 nov. 2018..

<sup>251</sup> Ibid. p. 19.

<sup>252</sup> PIÑOL, Rosa María. “Eva Luna es la feminidad aceptada”, dice Isabel Allende: la escritora chilena presenta en Barcelona su tercera novela. *La Vanguardia*, Barcelona, 20 nov. 1987. p. 49. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1987/11/20/pagina-49/32999417/pdf.html?search=Isabel%20Allende>. Acesso em: 13 jan. 2019.

aceitação de si como mulher num mundo machista, no qual considerava que sempre teve que se esforçar mais que os homens para ter qualquer reconhecimento<sup>253</sup>.

Numa mescla de histórias de superação, as entrevistas de Isabel Allende, muitas vezes, envolviam os leitores, ao tornar sua própria história de vida em um conto. Assim, a escritora conseguia a simpatia de mulheres que também se viam no esforço de terem espaço numa sociedade machista, a empatia daqueles que viveram e se angustiaram com o exílio e, ao menos em parte, dos que sofreram com a violência dos regimes militares na América Latina. Mas notemos uma ambiguidade na reportagem de Piñol, o título falava sobre a aceitação da feminilidade, reforçando esse aspecto na escritora. A mensagem que Allende quis passar, todavia, era de que só começou a se aceitar como mulher nessa fase da vida, porque o universo feminino é inferiorizado em relação ao dos homens. Tal discurso era forjado no seio do modelo de feminismo que Allende sempre defendeu. De certo modo, era um título e uma reportagem que colocavam o feminino e não o feminismo como ponto central. Feminismo este que não era radical, mas ainda assim, devia gerar discordâncias naquele momento histórico. Dar foco a isso pode também ter sido estratégico para atrair um público feminino não adepto às ideias de questionamento à desigualdade entre os gêneros, defendidas por Allende.

Voltando um pouco nas datas, havia, entre outras publicidades, uma pequena propaganda apresentando o romance *De Amor y de Sombra*, no dia 15 novembro de 1984. Nela, fomos informados de que aquele era o novo romance da “sobrina del presidente Allende”<sup>254</sup>. Notemos que essa foi uma das formas comumente clássicas de se referir às mulheres artistas, citando-as pelo seu parentesco famoso (principalmente pelo parentesco com algum homem de fama). Essas formas de lidar com a figura da mulher apareceram em outros momentos, como veremos adiante no *El País*.

Em relação ao *El País*, a presença de Isabel Allende é menos marcante na década de 1980. Isso pode ocorrer tanto pelo menor acesso às fontes, quanto pela importância secundária do *El País* para a difusão do dito romance, considerando que era um periódico novo em 1982 e de Madri, mais distante da sede da Plaza y Janés. A primeira reportagem que encontramos é uma apresentação de Allende ao mundo dos leitores espanhóis e também uma crítica literária,

---

<sup>253</sup> Ibid. p. 49.

<sup>254</sup> CATELLI, Nora. Peri Rossi, irónica, Allende, ampulosa. **La Vanguardia**, Barcelona, 29 nov. 1984. Libros, p. 37. Disponível em: <http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1984/11/15/pagina-37/32849513/pdf.html?search=Isabel%20Allende>. Acesso em: 13 jan. 2019.

intitulada “Isabel Allende recoge em su primera novela a la tradición oral de su familia”, que apareceu na edição impressa de 24 de novembro de 1982<sup>255</sup>.

Um texto curto (porém, no caso do *El País*, não é possível ter a dimensão da reportagem dentro do jornal inteiro daquele dia) que evocava a figura do contador de histórias e a ideia de tradição oral. A apresentação começava por uma descrição física da escritora, um tanto quanto delicada (“menuda, vivaracha”)<sup>256</sup>, comparando-a fisicamente com atrizes famosas na Europa (Pascale Petit e Lollobrigida). Podemos dizer que uma das formas de apresentar uma escritora mulher era, e ainda é, pelo físico e que isso também foi usado como mecanismo de publicidade. Tal mecanismo, contudo, não era questionado pela escritora, mesmo que fosse parte da estrutura machista da sociedade a qual ela tecia críticas. A seguir outras referências foram apresentadas, sendo a segunda, os aspectos mágicos de seu romance, tomando como base a “abuela clarividente”. Por fim, mencionava-se seu parentesco com Salvador Allende. Os pontos sensíveis da narração construíam um imaginário em torno da autora e da trama conjuntamente, até mesmo porque a sua narrativa flertava com sua trajetória de vida.

A presença de reportagens, entrevistas e resenhas dos romances de Isabel Allende tendeu a crescer e se consolidar após os anos de 1990. O mais marcante nesse contexto de crescimento da divulgação sobre a autora são as reportagens: “El libro más erótico de Isabel Allende, en ‘El País Semanal’” (03 de outubro de 1997), “Isabel Allende retrata el amor en la vejez en ‘El amante japonés’” (28 de maio de 2015), “Lee el primer capítulo de la nueva novela de Isabel Allende” (30 de maio de 2017)<sup>257</sup>. Nessas reportagens, o *El País* atentava para uma das formas de difusão de um romance, e publicara o capítulo ou fragmentos dos livros: *Afrodita* (1997), *El Amante Japonés* (2015) e *Más Allá del Invierno* (2017). No caso da apresentação de 2017, a reportagem anunciava que o romance seria lançado pela Plaza y Janés em 01 de junho seguinte, sendo a reportagem de dias antes. Ou seja, o leitor desse jornal teria acesso ao primeiro capítulo antes mesmo do livro chegar às livrarias. Assim, a propaganda estava feita, podendo

---

<sup>255</sup> TORRES, Maruja. Isabel Allende recoge em su primera novela la tradición oral de su familia - Presenta en España La casa de los Espíritus. *El País*, 24 nov. 1982. Cultura. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1982/11/24/cultura/406940410\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1982/11/24/cultura/406940410_850215.html). Acesso em: 15 nov. 2018.

<sup>256</sup> “Pequena, vivaz” (tradução própria). Os adjetivos usados marcam um modo de lidar com a figura da mulher escritora, sendo elas medidas, além de sua escrita, pelo seu físico. Por mais difícil que seja mensurar questões de beleza, Isabel Allende tende a ser considerada bonita e as atrizes a que a repórter associa são um exemplo disso.

<sup>257</sup> El libro más erótico de Isabel Allende, en 'El País Semanal'. *El País*, 03 out. 1997. Disponível em: [https://elpais.com/diario/1997/10/03/cultura/875829606\\_850215.html](https://elpais.com/diario/1997/10/03/cultura/875829606_850215.html). Acesso em: 15 nov. 2018; Isabel Allende retrata el amor en la vejez en “El amante japonés”. *El País*, 28 mai. 2015. Disponível em: [https://elpais.com/cultura/2015/05/28/actualidad/1432812283\\_354056.html](https://elpais.com/cultura/2015/05/28/actualidad/1432812283_354056.html). Acesso em: 15 nov. 2018; Lee el primer capítulo de la nueva novela de Isabel Allende. *El País*, 30 mai. 2017. Disponível em: [https://elpais.com/cultura/2017/05/30/actualidad/1496130870\\_932909.html](https://elpais.com/cultura/2017/05/30/actualidad/1496130870_932909.html). Acesso em: 15 nov. 2018.

ser uma via de mão-dupla, tanto como publicidade para o romance, quanto publicidade para o *El País*. Ao jornal seria interessante conseguir em “primeira mão” parte do texto da aclamada escritora Isabel Allende. Vejamos, porém, que a data extrapola nossa busca temporal, mas não deixa de aclarar o quão a escritora está estabelecida no mercado e como isso foi uma construção ao longo dos anos em que estreou nessa profissão.

Voltando aos anos iniciais da pesquisa, podemos observar que são vários os elementos constituintes do marco primeiro da publicização e da difusão de seu romance. Tanto no *La Vanguardia* quanto no *El País*, uma das coisas que nos chama a atenção são as referências ao tio da escritora, Salvador Allende. Uma justificativa que encontramos está em Peter Winn, historiador estadunidense que foi ao Chile durante o governo de Allende e que observa em seu trabalho sobre a revolução chilena:

a via chilena era encarada na época como tão notável e importante que o Chile estava repleto de observadores estrangeiros, a maior parte deles esquerdistas europeus e latino-americanos que esperavam seguir seu exemplo em seus países de origem. Destacavam-se particularmente os esquerdistas de democracias europeias ocidentais, como França e Itália, onde o “eurocomunismo” - fundamentado, como a Unidade Popular, na união entre socialistas e comunistas – era então proeminente no cenário político.<sup>258</sup>

Assim, entendemos que a relação com a história do socialismo chileno e da ditadura tendeu a ser um elemento inegável na construção de vínculos entre romancista e romance com os leitores espanhóis. Como vimos, agregava-se a isso a intensa propaganda feita pela editora Plaza y Janés, uma editora de tamanho considerável e que podia investir em propaganda<sup>259</sup>. O interesse europeu pela proposta de Salvador Allende expressa-se no modo pelo qual se referiam a Isabel Allende, o que fez com que ela tivesse uma recepção melhor e mais garantida nos espaços europeus pelos quais circulou.

### **2.1.2 Uma mirada nas relações continentais – influências latino-americanas?**

Nosso caminho até esta parte do capítulo, procurou desenhar o circuito pelo qual passou ou poderia passar o texto de Allende até que fosse publicado. Indicamos porque havia

---

<sup>258</sup> WINN, Peter. A Revolução Chilena. In: WINN, Peter. **A Revolução Chilena** - Coleção Revoluções do Século 20. Edunesp: São Paulo, 2010. p.19.

<sup>259</sup> Lembrando que a primeira vez que há uma propaganda de Isabel Allende pela Plaza y Janés no *La Vanguardia*, ela ocupa uma página inteira dentro do jornal, que era, e ainda é, um dos maiores e mais consolidados da Espanha.

maior probabilidade de ser publicado na Espanha, como de fato ocorreu, mas isso não colocava como pressuposto a chegada dessa publicação no Brasil, tampouco seu sucesso editorial. Isso ainda dependia de uma trajetória de influências e jogos comerciais que não estão aclarados. Talvez tenhamos só especulação e probabilidades como “respostas”, dada a carência de fontes mais precisas e a própria imprecisão das fontes que podemos acessar. Nos demoraremos nisso mais adiante.

Pensando a circulação e a difusão anterior ao Brasil, fomos provocados a refletir sobre os câmbios entre Brasil e outros países da América Latina e nos questionamos se não haveria influência dos países latino-americanos no sucesso d’*A Casa dos Espíritos* no Brasil. Em busca de uma resposta pertinente e a partir das leituras feitas, observamos essa influência e até mesmo os locais onde há uma ausência de maior influência. Isso nos levou a selecionar três países, principalmente: o Chile, país que a escritora considera sua nacionalidade; a Venezuela, país de seu exílio; a Argentina, como um dos mais expressivos mercados editoriais da América Latina e por ser a ponte entre os mercados editoriais do Cone Sul e da Espanha.

Em 1982, foi publicada *La Casa de los Espíritus* na América Latina, via Buenos Aires/Argentina pela editora familiar Sudamericana, cuja relação com a Seix Barral e como elo com o mercado editorial espanhol, é comumente citado. A Sudamericana seria o caminho para um romance chegar na Argentina e dali, no Chile, Uruguai, Peru e demais países. Pós década de 1990, foi comprada pelo grupo Random House Mondadori.

Optamos por não nos atermos as trocas e influências culturais entre Brasil-Venezuela naquele contexto, pois a bibliografia pesquisada evidencia que a indústria editorial venezuelana não era marcante para os anos de 1970-1980. Em nosso entender, seguindo a trajetória de Allende, percebe-se que ela não se construiu como escritora por causa da Venezuela. Ainda que tenha sido importante a possibilidade de se exilar naquele país e a influência de sua vida no mesmo, seu trabalho profissional no campo das letras (quer fosse como jornalista ou escritora de peças de teatro) foi algo pouco desenvolvido na Venezuela. Allende não fez uma carreira marcante e sólida por lá (até por isso estava como secretaria administrativa numa escola, quando veio a escrever o dito romance)<sup>260</sup>.

Não estamos ignorando a importância das relações no exílio,<sup>261</sup> que fizeram todos àqueles que o vivenciaram a refletir sobre seu passado e sobre o que aconteceu, tendo a escrita

---

<sup>260</sup> Não esquecendo que uma pequena parte do tempo em que esteve exilada na Venezuela, foi morar em Madri, num período de crise conjugal.

<sup>261</sup> Como dissemos no primeiro capítulo desta dissertação, sobre a união dos chilenos exilados em Caracas. Em nossas pesquisas, encontramos reportagens na qual Isabel Allende constrói a importância da Venezuela pela sua

como uma forma de digerir aquela memória traumática. No entanto, não há indícios de grandes trocas literárias entre Venezuela e Brasil na década de 1980, algo que não serve para medição de qualquer qualidade ou densidade na produção literária venezuelana. É importante considerar que foi aquele país que apresentou um dos reconhecidos (e primeiros) pensadores do realismo mágico, o também historiador, jornalista e político Arturo Usler Pietri<sup>262</sup>. Apesar de precursor de um dos gêneros literários latino-americanos que mais se destacou mundialmente, Pietri não tem um livro no Brasil traduzido, ainda que possa ser encontrado diversas versões em espanhol. Isso tão só evidencia a nossa distância no quesito de trocas culturais com nossos vizinhos, ex-colônias ibero-americanas. Assim, não foi possível notar indicativos da influência direta da Venezuela na difusão do romance *A Casa dos Espíritos* no Brasil, haja vista inclusive a distância social e econômica entre um país democrático e um país sob regime ditatorial.

### 2.1.2.1 Argentina

Nos anos de 1980, a Argentina foi considerada um dos países com indústria editorial mais desenvolvida, possuindo um dos maiores índices de público leitor nacional na América Latina. Entre 1940-1950, foi considerado, inclusive, o maior mercado editorial em produção de livros por habitantes entre os países *hispanofalantes*<sup>263</sup> da América e até hoje é um dos países mais marcantes nesse quesito. Em 2015, a *XVII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro* homenageou a Argentina, fazendo convite especial aos seus autores, no qual dentre cerca de

---

riqueza cultural, como influência para que se iniciasse na escrita. No entanto, Allende não tinha sequer um espaço profissional no campo intelectual consolidado na Venezuela. Ver: Venezuela me dió otra visión de la vida. **El Nacional**, Caracas, 06 jun. 2017. Disponível em: [http://www.el-nacional.com/noticias/entretenimiento/isabel-allende-venezuela-dio-otra-vision-vida\\_186233](http://www.el-nacional.com/noticias/entretenimiento/isabel-allende-venezuela-dio-otra-vision-vida_186233). Acesso em: 21 nov. 2018. Essa preocupação vem da importância de pensar em como a influência de Allende na Venezuela marcou o posterior contato e sucesso no Brasil. Teria havido trocas literárias comerciais entre Venezuela e Brasil?

<sup>262</sup> Verificamos nos sites da Livraria Cultura, Estante Virtual e Amazon, algumas das maiores varejistas de livros no Brasil. Para informações maiores sobre esse pensador, ver: BIBLIOTECA virtual Miguel de Cervantes. **Arturo Usler Pietri**. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/portales/arturo\\_uslar\\_pietri/](http://www.cervantesvirtual.com/portales/arturo_uslar_pietri/). Acesso em: 17 nov. 2018. Nesse pequeno trecho ele é glorificado (temos que considerar os exageros de mitificação) como fundador de *la conciencia y la cultura de América Latina* — o que nos faz pensar que, se mal nos preocupamos em ter acesso ao que ele pensou e escreveu, será que nos identificamos como América Latina? Ao menos conseguimos perceber nossa herança comum? Considerando-se que ele tenha essa real importância, é claro, tendo em vista seu catálogo extenso de obras e as várias premiações e honrarias nacionais e internacionais recebidas.

<sup>263</sup> A respeito da indústria editorial: Argentina e América Latina. Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2015. **Relatório Editorial 2015**. SNEL, 2015. p. 1-6; MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **O grito dos pequenos: independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e Argentina**. Balão Editorial: São Paulo, 2010. p. 1-26; MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. Um olhar comparativo para a história recente dos campos editoriais brasileiro e argentino: a edição de livros em Buenos Aires e no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. **I Coloquio Argentino sobre el Libro y la Edición**. La Plata, out./nov. de 2012. Disponível em: <http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar>. Acesso em: 15 nov. 2018.

200 autores, 14 foram argentinos<sup>264</sup>. O SNEL (Sindicato Nacional dos Editores de Livro) elaborou um relatório com uma síntese dos dados da indústria editorial argentina na interrelação com a América Latina. Nele, evidenciou-se a alta produção de livros no país desde 1930, tendo atingido, em 2015, o número de cerca de 350 editoras num país de aproximadamente 44 milhões de habitantes (estimativa de 2017) e com concentração da maior na capital — Buenos Aires. O segundo período militar pelo qual passaram (1976-1983<sup>265</sup>), foi o período de drástica queda na produção editorial, mas que veio a crescer após os anos de 1980. Nas décadas de 1980-1990, a estimativa de edição de livros foi de 176 milhões<sup>266</sup>, tiragem menor que a média do Brasil no período, mas que dado o tamanho da população e a dimensão do Brasil, a nossa média poderia ser considerada insatisfatória, enquanto a da Argentina seria uma média alta.

A seguir, o relatório estipulava para 2015 a média das exportações e importações dos últimos anos — indicando que quase 50% das importações foram da Espanha e da China, com uma pequena porcentagem do Uruguai (6,8%), seguido do Brasil (4,5%). Os índices de exportação apontavam uma circulação regional, porém não havia um indicativo do dado para o Brasil. Os números circulavam entre 18,2% para o Chile e 8,3% (o valor mais baixo apontado) para o Paraguai. O que está pressuposto nessa troca é uma maior facilidade de circulação entre os países de língua espanhola, ao que, para vir ao Brasil implicaria em gastos com traduções. Fora da América Latina, o maior índice é para a Espanha — 3,2%<sup>267</sup>.

Qual a importância desses dados e no que eles podem nos auxiliar na pesquisa? O relatório tem suas fragilidades e é um documento curto. Ainda que se baseasse numa coletânea feita a partir das informações fornecidas pela Câmara Argentina de Publicações e pela Câmara Argentina do Livro, há uma imprecisão nas informações que essas entidades, ligadas ao mercado editorial no geral, fornecem. Quem oferece os dados são as empresas, sendo que nem estão o total de empresas vinculadas a essas organizações (ainda que seja a maioria, segundo o relatório). Além disso, as empresas não são obrigadas a repassarem os dados com precisão e a todo o momento. A coleta de dados tende a ser uma constante, mas não há garantias de que isso “de fato” tenha ocorrido. Vale também observar, que esse relatório foi elaborado num

---

<sup>264</sup> XVII Bienal Internacional do Livro do Rio terá 125 horas de programação. SNEL, 06 ago. 2015. Disponível em: <https://www.snel.org.br/xvii-bienal-internacional-do-livro-do-rio-tera-125-horas-de-programacao/>. Acesso em: 20 nov. 2018; ASTUTO, Bruno. País homenageado pela Bienal do Livro, Argentina promove culturais no Rio. *Época*, 04 set. 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2015/09/pais-homenageado-pela-bienal-do-livro-argentina-promove-culturais-no-rio.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>265</sup> Ver: Anexo II desta dissertação

<sup>266</sup> A respeito da indústria editorial: Argentina e América Latina. SNEL. op. cit. p. 3.

<sup>267</sup> Ibid p. 5.

contexto de homenagem a Argentina e por isso, já se pressupõe um maior “cuidado” ao elucidar o estado da arte do mercado editorial, não evidenciando os defeitos e sim as qualidades.

Temos o caso brasileiro, pesquisado por Reimão<sup>268</sup>, que comparou os dados da SNEL e do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no mesmo período e obteve dados díspares. Ambos estavam sujeitos a imperfeições, dependendo do fornecimento das informações pelas empresas, da organização do setor editorial no Brasil e dos limites de acesso aos dados. Sem contar, é claro, a influência da política brasileira, num contexto no qual ainda havia repressão, controle e censura.

Tendo situado os limites do uso de estatísticas ou informações obtidas nas instituições citadas (SNEL e IBGE), queremos dizer que a interpretação dos dados nos leva a perceber o fraco intercâmbio comercial (no mercado dos livros) entre Brasil e Argentina. Os dados apresentados pelo SNEL, no relatório de 2015, são recentes e não indicam com precisão os números para a década de 1980. No entanto, dada a historicidade do mercado de livros, podemos compreender que estaríamos caminhando para um período histórico de maior intercâmbio e proximidade. É um momento de valorização dos estudos sobre os países hispano-americanos. Ao mesmo tempo que percebe-se uma maior oligopolização — a partir dos anos 1990, o mercado editorial latino-americano foi marcado pela concentração das editoras nacionais nas mãos de empresas estrangeiras, transnacionais e grandes conglomerados midiáticos —, a própria Sudamericana e a Plaza y Janés nas mãos da Random House Mondadori<sup>269</sup> (Alemã), a Seix Barral no grupo espanhol Planeta e, no Brasil, a Difel e a Bertrand Brasil ao grupo Record (nacional).

Outro ponto, é que as homenagens revelam interesses em reforçar elos, garantindo uma maior difusão da literatura Argentina por meio de parcerias econômicas, por exemplo. Nossa pressuposição nesse caso foi a tentativa de aumentar o contato e a troca mercadológica e cultural, pois ainda há no Brasil um número pequeno de publicações de escritores argentinos ou vindos via Argentina. Numa simples verificação dos nomes de escritores que vieram ao Brasil para essa bienal, indicam-se vários autores não traduzidos, o que já dificulta a inserção e venda no Brasil (ainda que porventura possam ser lidos no original). Reduz-se, portanto, o número de leitores a um provável grupo da elite intelectual, que se interesse por Hispano-

---

<sup>268</sup> REIMÃO, Sandra. op. cit. p. 33.

<sup>269</sup> Sendo o Mondadori, um ramo da mídia televisiva. Atualmente a sigla inclui a Penguin, tornando-se a **Penguin Random House Grupo Editorial**. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20131106112211/http://www.megustaleer.com.ar/noticia/264/random-house-mondadori-se-denominara-penguin-random-house>. Acesso em: 20 nov. 2018; PENGUIN Random House. Disponível em: <https://www.penguinrandomhouse.com/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

América. O que podemos entender é que há um processo em construção de aproximação entre os dois mercados editoriais, algo que não estava estabelecido no contexto da década de 1980.

Esse pressuposto coincide com parte da visão a respeito da dinâmica do agente literário concebida por Thompson<sup>270</sup>, como citamos anteriormente. Para Thompson, o sentido dessa dinâmica está muito mais ligado àquilo que o agente leva dos grandes centros para a periferia do capitalismo. Para propor traduções e publicações nesses países, consideramos que a visão dele mostra-se frágil ou muito setorizada pela dinâmica mais comum à Inglaterra.

O sociólogo José de Souza Muniz Júnior, realiza pesquisas que buscam aproximar os contextos editoriais de Brasil e Argentina. Sua pesquisa comparativa da história editorial dos dois países, vai ao encontro dos indicativos dos dados anteriores. Para o autor, a aproximação entre pesquisadores brasileiros e argentinos tem se ampliado — pensando no ano de 2012 —, aumentando gradativamente as pesquisas comparativas entre os países latino-americanos. Tais investigações procuram por similaridades na condição de “modernidades periféricas”<sup>271</sup>, o que poderia auxiliar a percepção de uma iluminando a outra, mas com o cuidado de reconhecer as idiosincrasias. Aqui, nós indicariamos também, a proximidade tendo em vista o modelo de colonização ibérica que nos forjou.

Para Muniz Júnior, esse crescimento do interesse mútuo não é de hoje, porém tem crescido devido a outros fatores. Além da busca por uma identidade ligada à condição socioeconômica e geopolítica, outro fator seria:

A segunda é a inserção num momento histórico de aproximação dos dois países, que, na condição de grandes economias do continente e artífices maiores do Mercosul, passam a sustentar curiosidade (menos ou mais interessada) uma pela outra. Tal interesse, vale dizer, tem se dirigido tanto às questões propriamente “binacionais” (a diplomacia, o comércio exterior, a gestão de fronteiras, o turismo, a tradução etc.), quanto a dimensões como a cultura, o esporte, as artes etc.<sup>272</sup>

Os elementos indicados pelo sociólogo, confluem com o contexto histórico de relações político-econômicas entre os dois países e com o relatório elaborado pelo SNEL (ainda que Muniz Júnior não tenha se referido explicitamente a valores específicos e porcentagens). Desse

---

<sup>270</sup> THOMPSON, John B. O surgimento dos agentes literário. In: \_\_\_\_\_. **Mercadores de cultura** - o mercado editorial do século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 69-112.

<sup>271</sup> MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. op. cit., 2012, p. 1-2. O autor indica duas pesquisas na área como ilustrativas da troca cultural: os trabalhos do historiador brasileiro Rodrigo de La Torre Oliveira (2010), que focaliza o mercado editorial argentino no início do século XX; os do antropólogo argentino Gustavo Sorá (2010; 2003; 1994), que investigou a trajetória do editor José Olympio, a tradução de autores brasileiros na Argentina e as bienais do livro de São Paulo e Rio de Janeiro.

<sup>272</sup> Ibid. p. 1-2.

modo, nos inserimos no contexto de modernização e urbanização tardios, na periferia do sistema capitalista, além de ex-colônias de países ibéricos. No entanto, isso não significa que haja uma troca massiva entre os pares, ao que o autor agrega que

Em primeiro lugar, é importante notar que tanto Brasil como Argentina fazem parte de mercados linguísticos periféricos (português e espanhol) com relação ao inglês, ao francês e ao alemão<sup>273</sup>.

Ainda segundo Muniz Júnior:

Não obstante os intercâmbios culturais diretos entre ambos os países, é comum que nossos autores se tornem traduzíveis apenas sob o intermédio de centros editoriais de maior magnitude, responsáveis por regular a visibilidade das obras em nível mundial, ou de um centro de negociações do porte de Frankfurt. Embora São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires sejam, cada qual a seu modo, centros culturais e editoriais hegemônicos em seus espaços nacionais, ocupam posições bastante diversas em seus respectivos espaços linguísticos. No caso argentino, é quase impossível pensar o estatuto da produção local sem considerar produções concorrentes do espaço hispanófono: basta lembrar a importância dos mercados editoriais espanhol, mexicano e colombiano, além de outros menores (Chile, Peru, Venezuela etc.) (...) <sup>274</sup>.

Esse panorama das relações editoriais/econômicas entre Europa e América Latina nos fornece indícios de como são complexos e pouco valorizados os caminhos de comunicação e a rede de influências entre os países latino-americanos. Não foi possível dar a dimensão dessa rede no Cone Sul, que existe, mas é ainda determinada pela dinâmica dos países desenvolvidos, sendo que até mesmo a Espanha seria um mercado de menor dimensão econômica em relação aos demais países da Europa e aos EUA.

### 2.1.2.2 Chile

Em relação a circulação dos “bens culturais”, bem como a troca de influências entre Chile e Brasil, observa-se que o Chile é o país latino-americano que tem dois escritores que ganharam o prêmio Nobel, sendo conhecidos mundialmente — Pablo Neruda e Gabriela Mistral. Além de Isabel Allende e de diversos outros escritores e escritoras, temos que considerar que adentrou as fronteiras brasileiras o conhecimento e a publicação de desses nomes<sup>275</sup> em comparação com a Venezuela. A seguir, ao olharmos atentamente à dinâmica na

---

<sup>273</sup> Ibid. p. 7.

<sup>274</sup> Ibid. p. 7.

<sup>275</sup> De novo, isso não é um medidor de qualidade, tão somente um indicativo de contatos comerciais-editoriais mais bem-sucedidos.

Argentina, poderemos observar como o Chile tem um mercado editorial estabelecido, mas fraco se comparado a Brasil e Argentina, sendo mais provável que o caminho de publicação seja por meio das editoras portenhas (de Buenos Aires, que concentra a maior parte delas).

É inevitável não fazer mais um aparte sobre o Chile, agora não na história social e política, mas no que se refere ao mercado de bens culturais e como e quando se difundiu dentro dos limites nacionais o romance aqui analisado. Notemos que a obra é defendida pela autora como uma espécie de retrato da típica família, das classes sociais, da cidade, do campo e da magia da América Latina<sup>276</sup> e, especificamente do Chile. Para Allende, são vários os elementos que seriam alegorias de si, de sua família e do que a levou ao desterro. Ainda embrenhada na justificativa da trajetória social da autora pelo Chile, lembremos que Allende era minimamente conhecida do público chileno, principalmente de Santiago, por ser jornalista e escrever peças teatrais infantis, além de crônicas na revista feminina *Paula*.

Buscar as influências do Chile no Brasil, no quesito mercado editorial ou no quesito do campo intelectual, novamente nos chocou com a realidade de nossa ambígua relação como América Latina. Somos e não somos parte, pois as relações que poderíamos construir dada algumas similaridades no contexto de exploração e de desenvolvimento não acarretaram em uma aproximação imaginada. Os estudos de história comparada, como os de Muniz Júnior,<sup>277</sup> buscam uma aproximação na expectativa de que a história de um ilumine aspectos da história do outro, dada as similaridades. Todavia, esse estudo específico (porém não só ele), também indica o quanto nossas relações econômicas, sociais e culturais estavam, no idos de 1980-1990, marcadas pela dependência (ou, mais precisamente, pelas condições e condicionamentos) aos países desenvolvidos. Para o caso brasileiro, no quesito da indústria editorial ligado ao mercado de Portugal e Espanha. Lembrando que se tratam de idiomas periféricos, tanto o português quanto o espanhol, em relação ao poder do mercado editorial de língua inglesa e alemã<sup>278</sup>.

Apesar do “estado da arte”, para amparar nossa pesquisa, recorreremos ao acervo da Biblioteca Digital Nacional de Chile. Em tal plataforma, vasculhamos o que havia nos periódicos e revistas chilenas sobre Isabel Allende e *La Casa de los Espíritus*. Seleccionamos resenhas, críticas literárias e reportagens que abordassem ou a escritora ou a escritora e seu romance. Tais fontes estavam disponibilizadas no setor “Archivo de Referencias

---

<sup>276</sup> GODOY, Carmen Gloria. La Casa de los Espíritus: Familia, nación y clases. **Revistas de Estudios Literarios**. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, ano. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero38/casaespi.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>277</sup> MUNIZ JÚNIOR. op. cit., 2010; MUNIZ JÚNIOR. op. cit., 2012.

<sup>278</sup> MUNIZ JÚNIOR. op. cit. 2010.

Críticas/Colección General – autores: Allende, Isabel – 1942-”. Isso indica que Isabel Allende é uma das autoras que tem espaço garantido na memória oficial chilena.

Esse acervo, assim como a Biblioteca Nacional do Brasil, tem o intento de fomentar a pesquisa, a história e a memória, mantendo acervos físicos e digitais. O levantamento visou, num primeiro instante, ver o que se falava e identificar conexões com o mercado brasileiro e com a troca intelectual e cultural entre os dois países. A ausência de tais conexões nos levaram a um montante de dados e perspectivas sobre nosso objeto de pesquisa, sendo por isso necessário analisar esse material. É um material que tem possibilidades limitadas pela disposição, sendo que só consta por meio da pesquisa via internet, a reportagem em si, sem que possamos avaliar as demais páginas e o lugar dado a essa reportagem e a esse tema dentro do próprio veículo de informação. Isso não nos impede, é claro, de tecer reflexões sobre o tema, tendo consciência das limitações.

Feitas essas considerações, encontramos mais de 600 reportagens que falavam sobre Isabel Allende ou a citavam. Poucas mencionavam especificamente o primeiro romance, mas o conjunto documental ia de 1975 a 2017. Apesar de nosso foco temporal ser somente nos anos iniciais de publicação do romance no Brasil (1984-1986), compreendemos que as fontes para reflexão sobre isso, podem e devem ultrapassar o período, pois nos trazem elementos da época, em um contexto posterior no qual Allende está consagrada como escritora de *best-sellers*. Essa consagração faz com que surjam exaltações, lembranças e mais entrevistas que elucidam relações, fatos e possibilidades de análise não indicadas no momento da publicação original da obra. A reportagem de 1975, por exemplo, refere-se ao momento no qual Allende era jornalista no Chile, sendo também o ano em que ela e sua família decidem-se pelo autoexílio na Venezuela.

A nossa busca pelas possibilidades de difusão no Chile, no início de 1980, nos fizeram mirar as reportagens dos anos de 1983 a 1994. A primeira reportagem encontrada no acervo, que fosse referente a Isabel Allende escritora e não a jornalista, datava de 1983 e fazia referência ao sucesso de *La Casa de los Espíritus* em Bogotá-Colômbia<sup>279</sup>. No ano de 1994, descobrimos ser marcante na trajetória de Allende, pois foi um ano após o lançamento do filme estadunidense *La Casa de los Espíritus*. Foi a primeira filmagem de um livro de Allende e a reportagem de

---

<sup>279</sup> Escritora chilena entre las mejores ventas de libros. *El Sur*, Concepción, 19 abr. 1983. p. 16. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-218986.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

1994 foi a primeira dentre as disponibilizadas no acervo chileno que realçou o estouro de vendas de seus livros, sob o título “Chilenos agotan los libros de la escritora”<sup>280</sup>.

Ao ler a bibliografia referente aos romances de Isabel Allende, as informações de publicação em língua espanhola e na América Latina, indicam sempre o ano de 1982 como se fosse tanto para a Argentina, quanto para o Chile, sem discriminar cada país. Percebe-se, então, uma generalização por serem mercado muito próximos e de mesma “língua”, no entanto, essa data serve para a Argentina, onde *La Casa de los Espíritus* veio a ser publicada em 1982 pela editora Sudamericana. Há uma filial no Chile dessa editora, mas a entrada no país foi posterior e gradual. Por meio das fontes não é possível precisar quando se deu esse processo, porém, não há divulgação massiva do romance antes de 1983, no Chile. Para além das duas citações/reportagens de 1975, não identificamos nada em 1982 e a reportagem de 1983 — “Escritora chilena entre las mejores ventas de libros”<sup>281</sup> — curiosamente ilustrava a alta vendagem da escritora em Bogotá, que estaria no mês de abril entre os dois mais vendidos, estando a escritora naquele país, no momento da reportagem, para fazer a promoção do livro.

Um título como esse, no *La Tercera*, um dos maiores periódicos chilenos atualmente, era intencional e poderia ter a finalidade de chamar a atenção para esse livro, como forma de publicidade. Ainda assim, é a primeira vez que aparece um comentário sobre e, ainda por cima, referente a outro país, sem dar qualquer indício de como o livro circulava no Chile e ocupando um espaço bem pequeno no jornal. É uma reportagem pequena e não temos acesso a outras partes do jornal, mas de novo esbarramos no silêncio, que até poderia ser resultado de material que se perdeu ou se deteriorou e por isso só temos esse trecho para a reconstituição material da memória, na Biblioteca Digital. A nossa suposição, nesse caso, é que a entrada foi posterior a 1982, devido a ditadura vigente, e que o livro não tinha quase circulação naquele período no país. Se houvesse circulação, estaria disponível alguma forma de divulgar e “falar sobre”, como poderemos verificar pelas demais reportagens, que informam ser Allende uma escritora chilena, que vivia na Venezuela, publicava pela Espanha e não vendia (ainda) no Chile. Mas seria a censura e o receio de perseguição que levaram a vetar as informações sobre esse livro? Além dos cuidados dos editores e jornais em falar de um livro que poderia ser polêmico?

O ano de 1984 é mais frutífero nesse quesito, mas ainda constam poucas reportagens. São quatro ao todo, sendo as primeiras identificadas: “Aproximaciones a la Casa de los

---

<sup>280</sup> ASTUDILLO, Jorge Silva. Chilenos agotan los libros de la escritora. *La Tercera*, Santiago, 9 mar. 1994. p. 13. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-201457.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>281</sup> El Sur. op. cit. p. 16.

Espíritus” e “Quise retratar a América Latina”<sup>282</sup>, respectivamente nas revistas de arte e cultura *Pluma y Pincel* e *La Bicicleta*<sup>283</sup>. O mais marcante na primeira reportagem é a apresentação (extensa, de três folhas) da obra e a análise crítica. Não havia nenhum comentário da circulação no Chile do dito romance e não se mencionava seu parentesco com Salvador Allende (o que não seria preciso, mas também poderia ser um nome a ser riscado do texto pela censura).

A segunda reportagem citada já traz uma entrevista com Isabel Allende em Caracas, feita por Radomiro Spotorno um ano antes, em 1983, e vai ao encontro da crônica publicada pela revista “Hoy – Te acuerdas de la Isabel?”<sup>284</sup>. O texto iniciava pelo comentário do êxito mundial do romance, rememorando que a escritora era aquela jovem jornalista de dez anos antes. Seguindo os passos da publicação em seu país, primeiro a obra entrou com descrédito e por meio de alguns viajantes, depois que se tornou conhecida no boca-a-boca e foi circulando alguns exemplares no país. Ainda assim, eram exemplares escassos, porém, no final de dezembro, data da crônica, Spotorno afirmava que estavam nas livrarias, nas vitrines, chegando a aparecer em alguma lista de *best-seller*. A crônica poderia ser um exagero retórico, mas a entrevista anterior e a própria escassa presença da publicação, corroboram essas informações. Pode-se supor que o romance passou por censura e que algo com o nome Allende circulando no Chile ainda não era tão fácil, mas definitivamente, teria começado a abertura à imprensa e às artes?

Por Radomiro Spotorno somos informados do modo que circulava o romance no Chile

¿Qué has sabido de lo que pasa con tu novela en Chile? [R.S]-Cosas muy lindas. Circuló clandestina- mente, hubo listas de espera para leerla. También circula en fotocopias. Tal vez lo mejor que le pueda pasar a un autor es que le prohíban un libro [I.A.].<sup>285</sup>

Dado curioso de se notar, a circulação clandestina efetivamente mostrou duas faces da relação com esse livro que os chilenos tiveram: a proibição pelo governo de ser publicado no país e a empatia dos leitores, envolvidos na mesma estrutura de sentimentos e a cuja narrativa

---

<sup>282</sup> ORELLANA, Manuel Espinoza. Aproximaciones a La Casa de los Espíritus. **Pluma y Pincel**, Santiago, mar. 1984. p. 72-74. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-246360.html>. Acesso em: 20 nov. 2018; SPOTORNO, Radomiro. Quise retratar a América Latina. **La Bicicleta**, Santiago, mar. 1984, p. 38-40. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-219324.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>283</sup> Somente a revista *Pluma y Pincel* existe até hoje. BIBLIOTECA nacional digital de Chile. **Memoria chilena. Pluma y Pincel (1982-)**. Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-100726.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>284</sup> ¿Te acuerdas de la Isabel? **Hoy**, Santiago, 24 dez. 1984. p. 33. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-246541.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>285</sup> Ibid. p. 33.

lhes tocava de algum modo. Não é possível dizer que tenha sido um vasto público que sua narrativa cativou, mas a obra começava a adentrar e a conquistar público em seu país.

A chegada definitiva ao Chile entre 1984 e 1985, nos faz situar a idiossincrasia do país no contexto do mercado editorial latino-americano, no que se referia a entrada dessa obra. Tal fato corrobora para nossa hipótese anterior da não influência do Chile para a construção do sucesso inicial do romance de Allende no Brasil, visto que *A Casa dos Espíritos* teve maior circulação e difusão no Brasil do que no Chile, em 1984 — tendo o Brasil vivido outra dinâmica de regime militar e estando em processo de abertura política (1985).

Há reportagens em 1985, 1986 e de 1987 em diante, que vão rerepresentando a autora, analisando quem é Allende e divulgando seus novos livros: *De Amor y de Sombra* (1984-1985) e *Eva Luna* (1987). Tais obras chegaram ao Chile e uma das reportagens que consideramos marcantes foi “Hoy ha vuelto Isabel”<sup>286</sup>, de 1988, que marca o momento da abertura política e o princípio do fim da ditadura chilena. Nesse momento, Isabel Allende retornou ao Chile pela primeira vez desde que se exilou. Compreendemos que esse foi o momento chave para um salto na difusão dos romances da escritora pelo Chile. *La Casa de los Espíritus* foi também o mais eloquente considerando o período, visto seu relato de uma ditadura que estava por acabar.

Ao que voltamos à reportagem de 1994<sup>287</sup>, “Chilenos agotan los libros de la escritora”, na qual o jornalista Jorge Astudillo dizia ter feito uma pesquisa entre as livrarias chilenas pós filme baseado no romance de Allende, para verificar se ela era lida e fazia sucesso regional e não só na Europa. Segundo Astudillo, os livreiros lhe disseram que Allende era uma das escritoras mais requisitadas em Santiago, tendo todos os seus romances vendidos constantemente, mas principalmente *La Casa de los Espíritus*. Naturalmente, se tratava de uma pesquisa imprecisa e com um viés publicitário, mas que acabava por evidenciar que o romance que mais se destacava, pelo menos até aquele ano, era o primeiro, que a lançou e a consolidou como uma escritora sempre vendida. Após 1994, o destaque passou a ser dado à autobiografia *Paula*.

Com isso, pudemos ter uma dimensão de como ressoou no Chile o nome de Isabel Allende e seus romances. A análise que tecemos a partir das reportagens chilenas não nos permitiu saber das trocas culturais-livrescas entre Brasil e Chile, mas nos levou a supor uma conexão mais frágil, por parte dos chilenos, pois havia maior controle e censura das notícias no

---

<sup>286</sup> Hoy ha vuelto Isabel. **Fortín Mapocho**, Santiago, 21 dez. 1988. p. 9. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/628/w3-article-177014.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.

<sup>287</sup> ASTUDILLO, Jorge Silva. op. cit. p. 9.

Chile do que no Brasil (por conta dos períodos diferenciados de regime militar). Ademais, as relações mais próximas se mostraram entre os países hispano-americanos, ou seja, de mesma língua e região.

## **2.2 A dinâmica do mercado editorial no Brasil e a influência estrangeira: publicação e difusão do romance *A Casa dos Espíritos* (1984)**

Falar do mercado editorial brasileiro na década de 1980 abarca a discussão sobre a condição social, política e estrutural do país, tendo em vista a sua industrialização tardia e o desenvolvimento educacional precário com baixos índices de alfabetização até a década de 1950-60. Envolve também a temática do militarismo, a herança de um período ditatorial e o processo de abertura política que os militares procuravam direcionar de forma “lenta, gradual e segura”, sem esquecer da resistência e dos enfrentamentos de diversos grupos sociais dissidentes. Mas nesse entremeio, o que levou a escolha dessa publicação — a resposta parece ser óbvia — foi o sucesso em outros países, isto é, vendagem garantida. Os editores sabiam, porém, que era preciso pensar o contexto sociocultural e econômico e que as realidades eram muito distintas — Espanha, França, os europeus e o Brasil, na América do Sul. Talvez publicar um livro que trazia a história do Chile e em partes fazia a crítica à ditadura de lá, mas como espelho de crítica às ditaduras latino-americanas, fosse algo coerente com o momento histórico vivenciado pelos brasileiros. Talvez um romance que envolvesse temas políticos coubesse para aqueles que vivenciavam a turbulência dos anos de 1980, incluindo com a volta de exilados. Esse era um dos lados da trajetória que estamos aqui trilhando, que adentraremos gradualmente no decurso desta análise, nos direcionando para o contexto brasileiro.

Nossa dificuldade ou barreira foi o acesso aos dados, como comentamos anteriormente. Quando nos atentamos para as bibliografias que trabalharam o mercado editorial brasileiro, como Sandra Reimão, somos postos frente a essas dificuldades. Pensando na década de 1980, como já observamos, Reimão coletou dados do IBGE<sup>288</sup> e do SNEL, ambos mostrando fragilidades. O IBGE elaborou pesquisas principalmente dos anos 1982-1985, carecendo de coleta de dados e tabulação para os anos de 1980, 1981 e 1986-1989. O SNEL, cuja coleta de dados dependeu das próprias editoras fornecerem voluntariamente as informações, deixou de

---

<sup>288</sup> Que trabalhou naquele contexto com dados fornecidos pelo Serviço de Estatística da Educação e Cultura, do Ministério de Educação e Cultura.

coletar dados nos anos de 1983-1984, oferecendo informações díspares nos anos que convergem com o IBGE<sup>289</sup>. Algo similar ocorreu nas pesquisas feitas por Hallewell, esforços que denotam a impossibilidade de obter levantamentos referentes a alguns anos ou dados mais precisos.

Uma das formas que Sandra Reimão encontrou para pensar os hábitos de leitura dos brasileiros e circulação dos livros entre 1960-1990, foi por meio da lista de mais vendidos da Revista *Veja*. Tal metodologia nos fornece uma margem de reflexão importante, considerando que Isabel Allende e seu primeiro romance tiveram presença constante na lista dos mais vendidos nos jornais que selecionamos.

As limitações de nossa pesquisa se encontram também na situação precária dos arquivos da própria editora Bertrand. O edifício e os arquivos do Grupo Editorial Record incendiaram em 2015 e parte do acervo se perdeu, parte esta que tinha o material da Bertrand Brasil<sup>290</sup>. Levaremos isso em conta em nossa análise. E o primeiro passo será entender quem publicou o romance *A Casa dos Espíritos* e o que levou à escolha desse título para o março-abril de 1984.

### 2.2.1 A Difel

O romance *A Casa dos Espíritos* foi publicado no Brasil, em 1984, pela Difel - Difusão Editorial S.A.<sup>291</sup> Mas que editora é essa? A sigla em questão remete a dois significados, o primeiro à Difusão Europeia do Livro (Difel), que antes era uma distribuidora de livros portuguesa que veio a se tornar uma editora e se instalou em São Paulo, capital, em 1951, com capital português e suíço. Começou publicando traduções de livros franceses voltadas para o público universitário e depois inseriu autores brasileiros em seu catálogo. Eram, em sua maioria, livros não-ficcionais, sendo “uma das pioneiras nas edições em português de ciências sociais e linguística”<sup>292</sup>, acumulando uma experiência de mais de 30 anos, na década de 1980, em livros de ciências sociais, política, teoria e não-ficção, no geral, direcionadas quase sempre para o leitor universitário<sup>293</sup>. Dentro da bibliografia de referência sobre o mercado editorial, a Difel

---

<sup>289</sup> REIMÃO, Sandra. Anos 80 – Ecletismo e Oscilações. In: op. cit. p. 78-79.

<sup>290</sup> BACELAR, Carina. Incêndio atinge prédio do Grupo Editorial Record, na zona norte. **O Estado de S. Paulo**, 25 mar. 2015. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,incendio-atinge-predio-do-grupo-editorial-record-na-zona-norte,1657473>. Acesso em: 07 set. 2016.

<sup>291</sup> HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 414.

<sup>292</sup> Ibid. p. 761-762.

<sup>293</sup> Na década de 1960, os editores e algumas editoras que lideravam o segmento da produção de livros universitários eram: Jacó Guinsburg (foi editor da Difel e depois da Perspectiva), Ênio Silveira (pela Civilização

aparece constantemente, mas é pouco explorada. No máximo, é apontada a sua posição no mercado frente a outras editoras, indicando que não era o primeiro lugar nas vendas, mas tinha espaço garantido no mercado entre os anos 1950-60.

Uma figura que falou sobre a Difel em suas memórias foi Jacó Guinsburg<sup>294</sup>, supervisor editorial (mas que, na prática, significava fazer todas as funções do editor) da Difusão Europeia entre 1954-1964. Guinsburg ficou conhecido pela sua trajetória no mercado editorial, tendo fundado, após sua saída da Difel, a editora Perspectiva, que se afirmou no mercado editorial brasileiro, sobretudo com publicações de livros científicos voltados também para o público universitário. Diz ele ter trabalhado no que considerou a melhor fase da Difusão Europeia, desenvolvendo coleções dentro do foco da editora. Segundo Guinsburg, a Difel soube aproveitar o espaço e a demanda que havia para livros universitários. Em 1964, veio a se demitir devido a desentendimentos, mas considerava que parte de sua saída foi motivada pelas limitações que via naquela ocupação, pois eram anos de crise econômica e a empresa estava lidando com a retração dos negócios<sup>295</sup>.

A transição da sigla para Difusão Editorial S.A. se deu com a mudança nas parcerias e na dinâmica de compras e vendas de ações na década de 1980, vindo a assumir o novo título com outra inserção nacional. A primeira dessas parcerias foi com Ênio Silveira, editor e maior acionista da Civilização Brasileira, empresa consagrada pela inovação no campo editorial, porém deveras perseguida por sua atuação e publicação de livros considerados “de esquerda” (ainda que de diferentes matizes). Nessa situação, a editora Civilização Brasileira estava passando por problemas financeiros.

A Difel e a Civilização Brasileira estabeleceram parceria para ações operacionais. A primeira passou a distribuir e se encarregar das vendas dos livros da Civ. Brasileira, em São Paulo e, no inverso, a segunda distribuiu os livros da Difel no Rio de Janeiro<sup>296</sup>. Essa parceria ganhou outros formatos em pouco tempo, pois o “Banco Pinto Magalhães — cujo maior acionista é o português Manuel C. Boullosa”<sup>297</sup> — comprou a maior parte das ações e junto a outros compradores físicos, tornando-se proprietário de 90% do capital da Civ. Brasileira<sup>298</sup>. Apenas uma pequena porcentagem ficou sob o controle de Ênio Silveira. Segundo Paixão, a

---

Brasileira) e Jorge Zahar (com a Zahar editores e depois com a Jorge Zahar Editor). Nas décadas seguintes, esse setor ganhou novos concorrentes, assim como surgiram as editoras ligadas às universidades. PAIXÃO, Fernando (org.). op. cit. p. 166-167.

<sup>294</sup> FERREIRA, Jerusa (org.). **J. Guinsburg. Coleção Editando o editor 1**. São Paulo: Com-Arte, 1989.

<sup>295</sup> Ibid. p. 42, 43-44.

<sup>296</sup> HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 663.

<sup>297</sup> Ibid. p. 663.

<sup>298</sup> Ibid. p. 663-664.

Difel e a Bertrand já eram de propriedade do empresário Manuel Bulhosa<sup>299</sup>. Em 1984, transferiu a sua sede para São Paulo, fundindo-se com a Livraria Bertrand do Brasil. A Bertrand foi uma antiga distribuidora e importadora de livros franceses e portugueses que começou como editora na década de 1950 e depois, em 1996, “a Civilização Brasileira, a Bertrand e a Difel se uniram com o nome de BCD União de Editoras”<sup>300</sup>.

Hoje *A Casa dos Espíritos* é um título que pertence a editora Bertrand Brasil, um dos selos do Grupo Editorial Record que se autointitulou um dos maiores conglomerados editoriais da América Latina. O grupo abarcou, entre editoras e selos editoriais, quinze nomes<sup>301</sup>, seguindo uma tendência mundial aos oligopólios editoriais. O romance encontra-se na sua 34ª edição segundo as livrarias Cultura e Saraiva. No entanto, em trocas de e-mails com o atual editor-assistente da Bertrand Brasil, Marcelo Vieira, obtivemos a informação de que constam para eles que está na 44ª edição, com mais de 63 mil exemplares vendidos no Brasil até 2014, mais 5 mil exemplares pela BestBolso, fora do catálogo, no momento<sup>302</sup>.

Segundo Hallewell, até a década de 1960, era pequeno o número de traduções de livros hispano-americanos para o português/Brasil. O acesso a essas obras só não era dificultado totalmente, pois haviam livrarias que importavam os livros das edições de Barcelona e intelectuais que liam nos originais. Após esse período, ligado ao crescimento da indústria editorial nacional, ampliaram-se as publicações, sendo a tradução do título de Gabriel García Márquez — *Cem Anos de Solidão* (Editora Sabiá, 1968) —, um sucesso editorial no Brasil, motivando outros editores a investir nesse setor. Principalmente os romances de ficção, sob influência do *boom* da literatura latino-americana, mas tendendo ao atraso de alguns anos após a publicação no país de origem. Um dos livros hispano-americanos que a Difel publicou foi a obra poética de Pablo Neruda<sup>303</sup>.

Podemos interpretar que não foi inusitado o contato da Difel e da Bertrand Brasil com as editoras espanholas e que houve algum interesse em editar essas obras no Brasil, o que poderia estar ligado aos indicativos de que seria um bom investimento, se considerar o êxito editorial nos países em que haviam sido lançados tais romances.. Isso pode ser observado a partir das edições de Isabel Allende, como *De Amor e de Sombra* (1984), publicado no Brasil

---

<sup>299</sup> PAIXÃO, Fernando (org). op. cit. p. 127.

<sup>300</sup> HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 664; WYLER, Vivian. Novos Planos. Estante. Livros. Caderno B/Especial. **Jornal do Brasil**, ano XCVI, n. 103, 20 jul. 1986. p. 10.

<sup>301</sup> GRUPO Editorial Record. Quem Somos. Disponível em: [http://www.record.com.br/grupoeditorial\\_editora.asp?id\\_editora=2](http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=2). Acesso em: 30 jul. 2017.

<sup>302</sup> Entrevista concedida (via e-mail) à presente pesquisadora em 08 setembro de 2019.

<sup>303</sup> HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 527-528.

em 1986; *Contos de Eva Luna* (1987), lançado no Brasil em 1991 e com alguns dos outros 22 romances e autobiografias dessa escritora. É possível observar que *Eva Luna*, chega ao Brasil em data aproximada, no início de 1988. A partir do romance *Filha de Fortuna* de 1998, praticamente todos os livros de Allende tem o mesmo ano de lançamento na Espanha e no Brasil, indicando um mercado consolidado para a escritora em nosso território (vide anexo I). Todos os títulos foram publicados pela Bertrand Brasil até o momento, bem como pela Plaza y Janés, na Espanha.

Como uma editora e importadora principalmente de livros científicos voltados para o público universitário, a publicação de um romance que flertava com o romance histórico e com o realismo fantástico poderia ser estratégica. Num contexto de valorização das letras hispano-americanas, dado o fenômeno do *boom* da literatura latino-americana, principalmente de língua espanhola e com o aumento de leitores, a publicação poderia ser um bom investimento. Esbarramos nos limites de dados sobre a Difel e a Bertrand Brasil, mas podemos levantar conjecturas do horizonte de interesses da Difel com o dito romance. Escolher publicar a obra poderia ser parte de uma guinada da empresa, em busca de diversificar seu mercado de atuação e venda, escolhendo um romance que já se destacava no cenário internacional e indo para outro segmento além do universitário. Poderia ser, ainda, uma possibilidade de mais vendas dentro do seu principal segmento, considerando que a editora tinha representatividade entre universitários e classe média intelectualizada, que nos idos de 1984 tinham interesse em ler sobre ditadura, exílio e os países latino-americanos.

## **2.2.2 Mercado editorial brasileiro e desenvolvimento no setor educacional entre as décadas de 1960-1980: apontamentos históricos e sociais**

Os anos de 1970-1980 conheceram um salto nos índices de alfabetização e letramento. A queda do analfabetismo foi de 10%, indo dos 39% para os 29%, conforme dados do IBGE. Na década de 1980, ocorreu uma redução de mais 4%, figurando um índice de 25%<sup>304</sup> de analfabetos numa população que girava em torno de 96 milhões, em 1970, e 119 milhões em 1980<sup>305</sup>. Para Reimão

---

<sup>304</sup> IBGE. Tabela 23 - Taxa de alfabetização e de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por sexo e situação do domicílio, segundo os grupos de idade - 1980/2000. **Tendências demográficas**. Disponível em: [https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia\\_demografica/tabela23.shtm](https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/tabela23.shtm). Acesso em: 02 dez. 2018; HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 793; PAIXÃO, Fernando (org). op. cit. p. 127; REIMÃO, Sandra. op. cit. p. 61.

<sup>305</sup> IBGE. População Total - 1980-2010. **Brasil em síntese**. Disponível em: <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-total-1980-2010.html>. Acesso em: 02 dez. 2018.

isto deriva em parte de campanhas estatais, civis e eclesiásticas, incluindo aí, como iniciativa e não tanto como efeitos, o malfadado projeto Mobral (Movimento Brasileira de Alfabetização). Encerrado em 1975, o Mobral respondeu a uma comissão Parlamentar de Inquérito que averiguou irregularidades<sup>306</sup>.

Algo similar é também apontado por Daniel Aarão Reis, em rápido comentário sobre o Mobral. Segundo ele, a tentativa de erradicar o analfabetismo do Mobral foi um fracasso, pois os “alfabetizados” por esse projeto saíam sem saber ler<sup>307</sup>. Nas palavras de Marcos Napolitano, foi um programa “que serviu mais como propaganda do governo do que (...) para alfabetizar os adultos”<sup>308</sup>, devido às falhas pedagógicas na proposta. Podemos supor que os índices estivessem superestimados, enquanto dados oficiais do governo militar, no qual havia censura e controle das críticas aos problemas sociais, políticos e econômicos e uma busca pela valorização do regime. Ainda assim, mesmo pensando o quão menor deve ser esse índice, houve um aumento considerável no número de alfabetizados.

De modo correlato, aconteceu um processo de investimento na educação e uma expansão do livro didático com verbas públicas após 1965, baseando-se na legislação e na proposta implementada em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tal lei visava a expansão da rede pública de educação, contudo, entre os anos de 1964-1965, houve corte nos investimentos em educação e expansão tão somente após os anos de 1967. Em 1966, vimos a criação pelo governo da Comissão Nacional do Livro Técnico e Didático (COLTED) e investimentos massivos no livro escolar com financiamento do Ministério da Educação e da agência estadunidense USAID (United States Agency for International Development).

O SNEL também colaborou e, entre os anos 1968 até meados da década de 1980, houve uma expansão do mercado de didáticos, que representou, em 1979, cerca de 35% do mercado editorial. As editoras que mais se beneficiaram desses investimentos foram a José Olympio e a Abril, aos quais foi entregue os contratos governamentais de impressão de material didático<sup>309</sup>. Outra editora que cresceu nesse segmento e se destacou foi a Ática<sup>310</sup>. A dimensão do número de leitores não pode ser marcada tão só por esses dados, inclusive porque alfabetização e hábitos de leituras não são coisas correlatas no Brasil.

---

<sup>306</sup> REIMÃO, Sandra. op. cit. p. 62-63.

<sup>307</sup> REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 58.

<sup>308</sup> NAPOLITANO, Marcos. **História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 168.

<sup>309</sup> Segundo Hallewell, após 1964, a livraria José Olympio foi ponto de encontro de intelectuais pró-golpe. Do mesmo modo, a sede da Civilização Brasileira teria sido polo de encontro de intelectuais da oposição ao golpe.

<sup>310</sup> HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 523; 791-792; PAIXÃO, Fernando (org.). op. cit. p. 157-158.

A nossa reflexão é que esses dados apontam para um aumento de prováveis números de leitores e investimentos no setor editorial. Isso nos leva também a refletir se parte do que viria a ser lido, não seriam livros de sintaxes mais simples e corriqueiras. Num cotidiano urbano e atribulado das grandes cidades e dada a fragilidade da formação educacional, nem sequer a alfabetização funcional estava garantida. A média dos alunos que conseguiam sair do ensino primário de 4 anos, era reduzida a uns 20-35%, de acordo com a variação dos censos e índices elaborados nacional ou internacionalmente<sup>311</sup>. O Brasil não teria formado uma massa de leitores nem até 2012, segundo Muniz Júnior<sup>312</sup>.

Enquanto mercado de bens culturais, houve uma larga influência das políticas públicas para a área. Segundo Reimão, houve uma política de mecenato dirigido e articulado à censura durante o regime militar. Sobretudo após 1968, que acirrou a censura e o controle da imprensa e do que se publicava no Brasil, houve primeiro uma ausência de políticas para a área de cultura, acompanhado de “supressão, repressão e expurgo”<sup>313</sup>, no início dos anos de 1970. Em um segundo momento, em 1975, com a PNC (Política Nacional de Cultura) e o Conselho Federal de Educação, passou-se a investir de modo direcionado na produção cultural e artística do país, com prêmios e financiamentos.

Em relação ao ensino superior, ocorreu uma expansão do número de universidades no Brasil, incluso universidades públicas, gerando um aumento no número de matrículas. As primeiras universidades públicas do país foram, em sua maioria, criadas no início do século XX. As editoras universitárias, que surgiram vinculadas a essas instituições, no intento de difundir a produção acadêmica e atender a demanda crescente por material científico, como a Edusp, foram criadas da década de 1960 em diante. Os dados indicam crescimento no número de universitários de cem mil para quase um milhão entre os anos de 1970-80. Apesar de haver expansão dos números de universidades públicas, a quantidade de estudantes ainda era pequena. Segundo Reimão,

O crescimento do número de universitários alicerçou-se basicamente nas instituições privadas de ensino do terceiro grau. O estado autoritário transferiu ao mercado e ao capital privado a tarefa de expansão do ensino superior e também parte do ensino de primeiro e segundo grau<sup>314</sup>.

---

<sup>311</sup> HALLEWELL, Laurence. op. cit. p. 792-793.

<sup>312</sup> MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. op. cit., 2012.

<sup>313</sup> REIMÃO, Sandra. op. cit. p. 59.

<sup>314</sup> Ibid. p. 61.

Segundo Almeida e Weiss, os números são outros, mas também indicam um salto na quantidade de estudantes universitários. Para esses pesquisadores, a variação seria de 2% da população entre 20-24 anos, matriculada em faculdades nos anos 1960. Em 1990, iria para 12%, o que equivaleu, entre 1965-1970, a um aumento de 155 mil estudante para 425 mil (5% nesse mesmo parâmetro de idade, pois também houve crescimento demográfico da população)<sup>315</sup>.

Todos esses dados são importantes para a compreensão do crescimento do mercado livreiro na década de 1970, bem como “a industrialização da produção e da comercialização editorial, inclusive em bancas de jornal, e o crescimento do PIB”<sup>316</sup>. Para Hallewell, o perfil da indústria editorial brasileira tem como marca um atraso no seu desenvolvimento. Todavia, após a década de 1960, ocorreu um salto no desenvolvimento da mesma, indicando um crescimento mais rápido em relação aos seus pares latino-americanos, o que colocou o Brasil em equiparação e concorrência com a industrial editorial de México e Argentina. Para Reimão

Foi uma explosão qualitativa que se deu num reforço mútuo entre o público leitor e editores. Leitores que dispunham, nos gêneros públicos, de obras polêmicas e de fôlego (elaboradas por produtores culturais de formação literária) e que buscavam nos livros a mesma qualidade e relevância, (...) esse processo parece também ter sido represado em 1968<sup>317</sup>.

Segundo a pesquisadora, represado, porém, mas que voltou a conquistar espaço após meados de 1975. Tal fato pode ser abalizado por aquele ser um momento em que começou a oscilação à censura das publicações, em especial com o fim do AI-5. Além disso,

A falência do “milagre econômico” e a consciência dos altos custos humanos e sociais que o país tinha pago por ele, assim como a inquietação quanto aos rumos do futuro, vimos, incrementaram a vendagem de uma certa literatura ficcional de temática política em meados dos anos 70. Essas preocupações após a Abertura e Anistia impulsionaram as vendas dessa temática no segmento não-ficcional<sup>318</sup>.

A comparação entre a perspectiva de Reimão e os dados levantados na pesquisa, nos levam a um balanço e a compreensão de que houve um crescimento do público leitor nas camadas urbanas (cabe lembrar que há uma distância social entre a população rural e urbana),

---

<sup>315</sup> ALMEIDA, Maria Hermínia; WEISS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição ne classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilian Moritz (orgs.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.363.

<sup>316</sup> Ibid. p. 72.

<sup>317</sup> REIMÃO, Sandra. op. cit. p. 50-51.

<sup>318</sup> Ibid. p. 73.

ainda é fossem uma minoria no contexto populacional brasileiro. Conjuntamente, houve uma progressão do consumo por parte de uma classe média. Tal camada pode investir em bens de consumo, financiar seu carro e sua casa própria e seguir o intuito do capitalismo que seria democratizar o consumo (ao menos o da classe média, para gerar mais lucro), com custo da expansão do crédito e do endividamento.

Nesse contexto e nesse público, as bibliografias convergem em observar que as décadas de crescimento do mercado editorial também confluíram para o impulsionamento da produção de livros de temática política e que margeavam a crítica a ditadura militar. Nos anos de diminuição da censura, foram publicadas memórias e testemunhos de ex-prisioneiros políticos ou ex-exilados. Verifiquemos, por exemplo, o que aponta a pesquisa de Flamarion Maués, após 1979, na qual se destacaram alguns romances publicados: *O que é isso companheiro?* (Codecri, 1979), de Fernando Gabeira (entrou na lista dos mais vendidos de 1979 a 1981, na revista *Veja* e no *Leia Livros*); *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida* (Global, 1980), de Alfredo Sirkis e *Batismo de Sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Mariguella* (Civilização Brasileira, 1982), De Frei Beto<sup>319</sup>.

Em relação ao romance *A Casa dos Espíritos*, podemos pensar que havia um espaço para a ficção e a não-ficção de temáticas políticas, tendo em vista o contexto de 1984, de Anistia e às vésperas da finalização da ditadura. Foram os anos ideais para se falar de política, exílio, Chile socialista, Salvador Allende e, importante para o final dos anos 1970 e início de 1980, narrar a partir da perspectiva das mulheres. O romance de Isabel Allende tem muito mais do que só esses pontos que expusemos, no entanto nos fica a impressão de que foram esses pontos que mais chamaram a atenção no mundo e no Brasil. Dentre eles, uma narrativa que tendia a explorar o universo rural latino-americano, por exemplo. No que se refere a Salvador Allende, não deixa de ser um nome conhecido no Brasil, sendo uma das “biografias apaixonadas de personalidades do mundo político e cultural”, da série Encanto Radical, publicada nos anos 80 pela Editora Brasiliense, sob comando de Caio Graco Prado. Outros biografados foram John Lennon, El Greco, Noel Rosa e Leila Diniz<sup>320</sup>. Ainda que fosse um grupo bem diversificado, tinha um sentido naquele contexto para que houvesse a publicação. Allende era, portanto, um sobrenome conhecido, num certo círculo, na época.

---

<sup>319</sup> MAUÉS, Flamarion. Livros, editoras e oposição à ditadura. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, jan./abr. 2014. p. 93. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/09.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.

<sup>320</sup> PAIXÃO, Fernando (org.). op. cit. p. 173.

No artigo “A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004”, Regina Dalcastagné<sup>321</sup> analisa quem são as personagens das narrativas brasileiras. A autora trabalha as categorias de classe social, raça, gênero e espaços ocupados por homens e mulheres. Aponta-se, ainda, para a religiosidade, as deficiências físicas e um afã de discutir a diversidade ou a não-diversidade das representações ali expressas. Tais representações diziam respeito a uma questão política de exclusão e subalternidade a que eram relegados certos grupos sociais, sendo a literatura um espaço de expressão também da desigualdade social. Sua análise comparativa e estatística (baseada num detalhamento de romances de algumas das principais editoras de livros ficcionais do Brasil) indica que a personagem do romance brasileiro é branca e vive no espaço urbano, principalmente nas metrópoles. Em relação ao gênero, a média é de cerca de 60% homens, e 40% mulheres. Cabe assinalar que as mulheres eram relegadas a uma posição de coadjuvante na trama e menos como protagonista, ocupando os espaços domésticos nas narrativas em que aparece. Cerca da metade delas situavam-se na classe média.

Nos seis anos anteriores a essa pesquisa, quando o romance de Isabel Allende chegou ao Brasil, tais representações dentro da literatura não deveriam ser tão diferentes. Podemos dizer que a presença de um conjunto de mulheres protagonistas, expressando força e resistência a seu modo, pode ter sido um fator de empatia num contexto marcado por escritores homens e personagens masculinos. Com uma ressalva, as personagens principais da obra de Allende eram heterossexuais, brancas e de classe média alta, similares à escritora. Observa-se, pois, que ao mesmo tempo em que propõe a centralidade das mulheres por meio de suas construções, Allende mantém os padrões de representatividade mais comuns nos quesitos gênero, orientação sexual, classe e raça. Ela não questionava ou refletia a realidade de modo mais proporcional — o que não é uma obrigatoriedade, tampouco deixa de ser questionável, tendo em vista a configuração de um padrão que evidencia exclusões, ausências e silêncios.

Voltando a mais alguns apontamentos sobre o mercado editorial brasileiro do período. Os passos do contexto brasileiro de desenvolvimento da indústria editorial e da quantidade de leitores que estamos delineando, não justificam por si só o sucesso editorial de Isabel Allende. Compreendemos que isso poderá ter contornos mais precisos no terceiro capítulo, a partir da análise da circulação, difusão e publicização no romance pelos periódicos analisados.

---

<sup>321</sup> DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, São Paulo, n. 26, p. 13-71, 2005. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687>. Acesso em: 28 dez. 2016.

Ampliavam-se os segmentos da indústria editorial. Passava a haver algum espaço para editoras voltadas ao setor escolar e de didáticos, como a Ática e para o público universitário, como a Perspectiva, Jorge Zahar, Civilização Brasileira e Difel. Também haviam editoras focadas em publicações de oposição ao regime militar, como a Brasiliense, Codecri, LP&M e Global (não sem tensões políticas, nesse caso). Houve, ainda, editoras que circularam em diversos ramos de atuação, com literatura nacional e estrangeira, ficção, não-ficção e até autoajuda, como a José Olympio, Companhia Nacional e a Rocco. O mercado também comportava textos religiosos de temática católica, como a Vozes e Edições Paulinas<sup>322</sup> (hoje podemos considerar que há um mercado para livros religiosos dos segmentos cristãos-protestantes).

Um termo estadunidense entrou no chavão brasileiro para definir títulos que se destacavam por suas vendas, nesse momento de expansão das editoras: o “*best-seller*”. Como trouxemos no primeiro capítulo, essa palavra corresponde literalmente ao “mais vendido”, mas isso não basta para definir um romance que acumule tal título. Os *best-sellers* tendem a ser produtos da cultura de massas e entendidos enquanto entretenimento, com sintaxes mais simples, pouca complexidade estilística, narrativas lineares e, muitas vezes, com final feliz. De modo simplificado, poderiam ser também classificados como paraliteratura ou literatura trivial, situando-se em oposição a uma suposta alta literatura caracterizada pela erudição, originalidade e uma leitura que suscita mais esforço de fruição.

Há teorias que desfiem os sentidos desses termos e analisam sua função social. Ainda que não seja o mais comum, há livros que são considerados eruditos/cultos e que acessam o lugar de alta venda, sendo, por isso, assimilados na categoria *best-sellers*. Nem só a venda justifica o uso do termo, pois não está garantido que um livro faça sucesso ainda que use as fórmulas mais indicadas para maior fruição e alta venda. Não apenas a simplicidade estilística os definem, visto que há textos com maior complexidade que ultrapassam esses limites. E não só temáticas específicas, que podem ter maior apelo num momento, como os romances históricos, fazem *best-sellers*. Seria um conjunto, que oscila e agrega também uma estimativa de vendas<sup>323</sup>.

Reimão relata que a cifra para um pesquisador dos EUA, seria aquilo que atingisse em vendas 1% da população do país. Todavia, a realidade brasileira é bem distinta e, por essa razão,

---

<sup>322</sup> MAUÉS, Flamarion. op. cit. p. 99.

<sup>323</sup> Vários são os autores que falam sobre *best-seller* e aqui nos baseamos nas seguintes referências: CORTINA, Arnaldo; SILVA, Fernando Moreno. Um olhar sobre a leitura de best-seller. **Revista Travessias**, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2008; GACON, Estelle. op. cit., PAIXÃO, Fernando (org.). op. cit. e REIMÃO, Sandra. op. cit.

os marcos seriam outros em nosso país. Cortina e Silva consideram que uma tiragem de 200 mil já pode ser considerado um campeão de vendas<sup>324</sup>. Alguns nomes brasileiros que se destacaram nesse quesito foram Érico Veríssimo, Jorge Amado, Fernando Sabino, Luis Fernando Veríssimo e, ninguém menos que Paulo Coelho, um dos autores nacionais mais vendidos no mundo — 45 milhões de exemplares contando todos os livros. Destaquemos que a editora Record teve como marca no seu momento de crescimento, o investimento em *best-sellers* estrangeiros e na aquisição dos direitos sobre obras de autores nacionais que já eram aclamados, como Fernando Sabino, Graciliano Ramos e Jorge Amado<sup>325</sup>.

Onde entra Isabel Allende nessa categoria? O romance que pesquisamos ganhou o título de *best-seller*? Algum romance seu ganhou a dimensão de *best-seller*? Tanto o primeiro como outros mais, foram intitulados desse modo. Allende é uma escritora que conta com uma vendagem de cerca de 70 milhões de exemplares no mundo, somando todos os livros.

Sobre a vendagem d' *A Casa dos Espíritos* no Brasil, o dado que temos é de 68 mil exemplares de 1994 até 2016. Tal informação foi fornecida em uma entrevista pela internet com o editor assistente da Bertrand Brasil, Marcelo Vieira, sendo que esse número inclui os livros de bolso que tiveram uma tiragem de 5 mil exemplares.<sup>326</sup> O marco é de 1994, porque foi o momento em que houve uma reedição pela Bertrand Brasil. Apesar do selo da Difel ter sido incorporado à Bertrand Brasil, e ambos ao Grupo Editorial Record, fomos informados por Vieira, que as informações anteriores à década de 1990 haviam ou se perdido ou estavam inacessíveis. Outros números apareceram nos jornais da grande imprensa, como veremos no terceiro capítulo, mas sem detalhes sobre o modo de obtenção desses dados.

É possível dizer que a escrita de Allende se associa, em diversos quesitos, aos elementos comumente empregados em *best-seller*. No entanto, ela é alvo de disputa pelos críticos literários e ocupa um lugar ambíguo. Allende é considerada por diversos críticos como literatura comercial e de massas, ao mesmo tempo em que é premiada em diversos lugares pelo mundo — poderia ser uma similaridade com o que ocorreu com Paulo Coelho. Ao mesmo tempo, no Brasil, ficou algumas semanas na lista de mais vendidos de quatro grandes periódicos. Está hoje na 34ª edição, tendo sido *A Casa dos Espíritos* alçada à categoria de *best-seller* nacional e internacional. Ademais, esse tipo de literatura pode ser considerado um *best-*

---

<sup>324</sup> CORTINA, Arnaldo; SILVA, Fernando Moreno. op. cit. p. 6.

<sup>325</sup> PAIXÃO, Fernando (org.). op. cit. p. 149.

<sup>326</sup> Vide apêndice II, desta dissertação.

*seller* por excelência, dada suas características textuais e sua construção narrativa, agregando a questão da alta vendagem.

Para finalizar, pensando na espacialidade e na dinâmica cultural e mercadológica do país, temos a dizer que tanto as principais editoras quanto os principais periódicos orbitam entre o eixo Rio-SP, tanto como polos de produção e difusão cultural, quanto financeiros. O historiador José de Souza Muniz Júnior resume a questão do seguinte modo:

(...) o eixo Rio-SP-, que concentram as empresas culturais, as instâncias de difusão e também de consagração (...). No caso brasileiro, soma-se a isso a tensão fundante entre os dois polos, Rio de Janeiro e São Paulo, que dividem esse protagonismo a pender mais para um lado, mais para o outro conforme o caso (...). Em distintos momentos da história do país e em diferentes domínios da atividade simbólica, São Paulo e Rio de Janeiro revezam-se como polos hegemônicos, concentrando instituições de produção e instâncias de consagração, atraindo produtores do restante do país, regulando os regimes de visibilidade e de representatividade em campos específicos, funcionando como porta-voz, antena ou catalisador de registros (...). Câmara Brasileira do Livro, criada em São Paulo em 1946, e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros, germinada seis anos antes no Rio de Janeiro. (...) No Brasil se realiza a Bienal Internacional do Livro, que é realizada de modo intercalado em São Paulo, com a organização da CBL, e no Rio, sob a batuta do SNEL<sup>327</sup>.

Temos, portanto, esses polos culturais que dinamizam e levam a circulação da literatura no Brasil. Não são determinantes do cenário nacional, mas condicionam uma realidade do mercado livreiro e do circuito de intelectuais que buscam publicar e/ou entrar em contato com as discussões políticas, econômicas, sociais e culturais mais recentes.

---

<sup>327</sup> MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. op. cit., 2012. p. 4-5.

### Capítulo 3

#### **O romance *A Casa dos Espíritos* chega ao Brasil: difusão, circulação e publicidade na imprensa brasileira**

O caminho para um romance se tornar um sucesso editorial depende de muito mais do que a escrita do autor e as possibilidades de publicação por uma editora. A imprensa tem papel vital na divulgação de um livro e, nesse sentido, os jornais brasileiros tiveram papel essencial na difusão d’*A Casa dos Espíritos* na década de 1980. O período em que o romance de Allende chegou às prateleiras das livrarias e bancas brasileiras foi também um momento em que a imprensa do país esteve no auge de sua expansão e modernização.

Ainda que a televisão já tivesse seu lugar desde 1950<sup>328</sup>, só disputou espaço significativo por volta de 1970, conquistando parcela do público dos jornais impressos como meio de comunicação e transmissão de informações. Até quase o fim do século XX, a imprensa garantiu seu espaço junto ao rádio como veículo de comunicação, espaço esse que gradualmente a televisão veio a ocupar. Décadas mais tarde chegou a internet, com a entrada no Brasil em 1990<sup>329</sup>, desbancando ou fazendo as empresas jornalísticas repensarem sua estrutura e a própria informação veiculada.

Como meios de comunicação também “são sempre social e materialmente produzidos e obviamente, reproduzidos”<sup>330</sup>, segundo Raymond Williams, isto é, elementos da sociedade e enquanto tal têm também vestígios do homem e do que se pensa. No caso da maior parte de nossas fontes, observam-se vestígios de empresários e das disputas por poder político, dinheiro e alguma visão ideológica no contexto de reabertura política (1984). Estando inseridos em relações de poder, entre o lucrar e o comunicar (não que um impeça o outro), podemos entender a imprensa na acepção de Capelato como “produto que vende informações, ideias e anúncios”<sup>331</sup> e que não só assimila as práticas e ideias da sociedade, mas também as organiza e produz aquilo que dispõe em suas páginas. Para as pesquisadoras Peixoto e Cruz, “(...) a imprensa e as mídias têm uma opinião, mas sua atuação delimita espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões,

---

<sup>328</sup> A primeira emissora do Brasil e da América Latina foi a *TV Tupi*, inaugurada em 1950 e de propriedade de Assis Chateaubriand. ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p. 58.

<sup>329</sup> Ibid. p. 55.

<sup>330</sup> WILLIAMS, Raymond. Meios de comunicação como meios de produção. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 69.

<sup>331</sup> CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte de estudo para o historiador. In: PRADO, Maria Lígia; VILLAÇA, Mariana (orgs.). **História das Américas (recurso eletrônico): fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas/Capes, 2015. p. 131.

constituem adesões e consensos”<sup>332</sup>. Capelato nos apresenta a síntese do jornalista Wilhelm Bauer, considerando a postura que os jornais tentam assumir aos olhos dos leitores, em sua pseudoneutralidade, como um reduto de conhecimento, de expressão de ideias e como depósito de cultura<sup>333</sup>.

Nesse sentido, podemos pensar na importância dos jornais que listaremos a seguir, como fonte de nossa pesquisa. Seus posicionamentos políticos e literários naquela época, nos indicam o que quiseram transmitir sobre o romance de Allende, muito mais do que o que aparece no texto em si, com suas intencionalidades, classe e grupos específicos. Quando observamos os posicionamentos políticos da empresa — que detém os quatro periódicos selecionados dentre aqueles da imprensa de massa (grande imprensa) —, estruturada e com alta lucratividade, nota-se como a reportagem é revisada e passa pelo filtro da perspectiva defendida pela empresa. A classe social a que pertencem os proprietários dessas empresas, ao qual se associam e para os quais querem vender, reflete na construção do texto, ideias, seleção e disposição das reportagens. Os periódicos destinados às elites buscavam ter uma aparência mais “sóbria”, com textos mais densos e, no caso específico de *O Estado de São Paulo*, a primeira página era dominada pelos eventos internacionais. Os periódicos mais populares usavam (e usam) de linguagem coloquial, tratavam mais diretamente dos problemas da cidade, dos escândalos, continham ilustrações, charges e manchetes mais chamativas<sup>334</sup>.

Refletir sobre as características da fonte com a qual trabalhamos nos permite iluminar alguns aspectos e ambiguidades/contradições da difusão da obra *A Casa dos Espíritos* no Brasil, na qual havia um teor de crítica à ditadura militar chilena e aos regimes militares no geral. Lembrando que ainda estávamos numa conjuntura ditatorial no Brasil, na década de 1980, embora em processo de abertura política e redução drástica da censura aos livros e à imprensa. Os periódicos da “grande imprensa”, em sua maioria, apoiaram ou tiveram uma postura consensual com o regime militar brasileiro, no contexto de publicação do romance que pesquisamos.

Como a problemática central tem seu cerne no motivo que levou d’*A Casa* a se tornar um *best-seller* no Brasil, utilizamos como fonte o romance em si, nas suas imbricações texto e

---

<sup>332</sup> CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, dez. 2007. p. 258.

<sup>333</sup> CAPELATO, Maria Helena. op. cit. p. 115.

<sup>334</sup> LUCA, Tânia Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: \_\_\_\_\_.; MARTINS, Ana Luiza (orgs.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 165; CAPELATO, Maria Helena. A imprensa na história do Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988. p. 15.

contexto, mas também selecionamos periódicos da época que circulavam pelo Brasil. Refletimos sobre o mercado editorial brasileiro e sobre a Difel, empresa responsável pela importação e publicação do “produto”. Essa análise perpassou as condições de difusão e circulação da literatura no geral, com o intuito de contribuir no entendimento do espaço para um romance fantástico-histórico no mercado brasileiro, e os caminhos para a construção de um *best-seller*. É uma discussão que ainda carece de pesquisas, principalmente em relação ao fenômeno “Isabel Allende”, cujas análises brasileiras restringem-se ao campo dos estudos literários e tomam a questão de gênero como maior foco. Poucas são as investigações sobre o caráter vendável de sua obra e a difusão pelo mercado editorial e pela imprensa, questões essas suscitadas pelo seu primeiro romance. Consideramos para essa afirmação, por exemplo, que no Brasil, tenha tido críticas literárias de pesquisadores de referência e jornalistas como Emir Sader<sup>335</sup>, em 1984, valorizando a obra. Ou que, o livro já havia se tornado um êxito editorial na França e Espanha, em 1984. Na contramão do sucesso atingido por esse romance, a escritora se tornou odiada pelo crítico literário chileno Roberto Bolaño, o que nos dá indícios de que o romance e a escritora atraem olhares contraditórios.

Para o recorte temporal das fontes, procedeu-se a um levantamento identificando as notícias, reportagens e sinopses do romance nos periódicos, da década de 1980 a meados de 1990. No Brasil, a primeira referência à escritora e aos seus livros só apareceu nos jornais em 1984. O foco foi principalmente entre os anos de 1984 a 1986, pois o ano de 1986 marcou a chegada do segundo livro da autora, *De amor e de sombra*, ao Brasil, o que caberia outra análise, pois ele vem embrenhado do sucesso anterior do primeiro romance. Optamos por focar em *A Casa dos Espíritos* para fins de uma análise mais aprofundada. A consideração dos anos posteriores a 1986 ocorreu devido a gravação e exibição de *A Casa dos Espíritos* entre 1993-1994, que deu fôlego para o retorno às vendas do primeiro romance de Allende, na cena do mercado literário brasileiro. Allende publicou vários romances até 1994, além daquele que pesquisamos, que tiveram espaço no mercado brasileiro e que fizeram com que a escritora não deixasse de vender desde 1984 (e até hoje), nesse país.

Os periódicos selecionados são os seguintes:

Da grande imprensa:

- Folha de São Paulo (SP) – 1980 a 1995 (acervo disponibilizado on-line).

---

<sup>335</sup> SADER, Emir. Clara, Alba e Isabel. Ilustrada. Livros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7º caderno, 29 abr. 1984. p. 63. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8757&keyword=Allende&anchor=4184331&origem=busca&pd=e17ddadf628662172f6417fb8f01fa4a>. Acesso em: 20 jun. 2018.

- O Estado de São Paulo (SP) – 1980 a 1995 (acervo disponibilizado on-line).
- Jornal do Brasil (RJ) – 1980 a 1995 (acervo disponibilizado no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional).
- O Globo (RJ) – 1980 a 1995 (acervo disponibilizado on-line).

Da imprensa feminista:

- Jornal Mulherio – A escritora que nasceu do exílio. Entrevista (1986)<sup>336</sup> (acervo disponibilizado no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional e no site da Fundação Carlos Chagas).

Da imprensa referente à literatura e voltada ao mercado editorial:

- Leia Livro – de janeiro de 1984 a dezembro de 1986 (acervo disponibilizado no CEDAP-Unesp/Assis e CEDIC-Puc/São Paulo).

A escolha dos quatro jornais da “grande imprensa” acima citados, se deve ao fato de que tinham circulação nacional, embora fossem produzidos no “eixo” Rio-São Paulo, região que também abrigou (e abriga) algumas das maiores editoras na década de 1980<sup>337</sup>. Analisando o material fornecido por eles, desde resenhas, críticas literárias, entrevistas, citações, seção de fofocas, até a lista dos mais vendidos, encontramos diversas menções à Isabel Allende e sua obra. Além desses, selecionamos o periódico *Leia Livros*<sup>338</sup>, jornal mensal da Editora Brasiliense e depois da Joruês, que teve por finalidade noticiar o mundo literário e o trabalho do mercado editorial, divulgando os lançamentos e fazendo resenhas literárias. O periódico *Mulherio* da imprensa alternativa/feminista também foi utilizado, tendo em vista que a nossa fonte primária esteve associada ao feminismo, movimento que retornava com fôlego no Brasil entre as décadas de 1970-1980.

Assim, buscaremos analisar a seguir como foi publicitada a obra, sua autora e a editora Difel nos periódicos listados de modo a identificar os grupos sociais com os quais essa obra se comunicou e quais os caminhos, no nosso caso, para o “sucesso editorial”.

---

<sup>336</sup> SERRA, Cristina. A escritora que nasceu do exílio. Entrevista. **Mulherio**, ano 6, n. 26, set./nov. 1986. p. 4-5. Disponível em: [https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI\\_26\\_1986menor.pdf](https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI_26_1986menor.pdf). Acesso em: 01 dez. 2018.

<sup>337</sup> SNEL - SINDICATO Nacional dos Editores de Livros. Retratos da leitura no Brasil - Pesquisa de 2001. Disponível em: [www.snel.org.br/wp-content/uploads/2012/09/pesquisa\\_2001\\_introducao.pdf](http://www.snel.org.br/wp-content/uploads/2012/09/pesquisa_2001_introducao.pdf). Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>338</sup> PAIXÃO, Fernando (org.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996. p. 175.

### 3.1 O *Leia Livros* e *A Casa dos Espíritos*

O *Leia Livros* foi lançado por Claudio Abramo, Caio Graco Prado, Caio Tulio Costa e vários colaboradores, em 1978, como um jornal mensal, publicado pela Editora Brasiliense. Teria sido o mais importante “book review” do Brasil, segundo Paixão<sup>339</sup>, ou seja, consistiu num jornal de resenhas voltado para fomentar o mercado editorial nacional, a difusão e a circulação dos livros no Brasil, estimulando a formação de um público leitor, a formação da cultura nacional e o debate intelectual. Publicou resenhas, críticas literárias e informações sobre o mercado editorial, comentando livros ficção e não-ficção e selecionando destaques da produção nacional de diferentes editoras, com publicidade específica da área. Teve uma primeira fase como jornal, de 1977 a 1984, depois foi vendido à editora Joruês, ganhando o formato de revista e circulando até 1991, se intitulando uma revista de livros, autores e ideias<sup>340</sup>.

Ainda na Brasiliense foi vendido em livrarias, bancas ou por assinatura, chegando a contar com 3600 assinantes e uma tiragem de 12 mil exemplares<sup>341</sup>. Transitou de um jornal que registrava o que se publicava no país, com ao menos alguma crítica e relações de obras, para um periódico de resenhas literárias e de debate de ideias do campo intelectual brasileiro. A partir daí, tornou-se evidente a preocupação de discutir assuntos ligados à sociedade brasileira e a promoção de leituras possíveis do Brasil, diante de um contexto de repressão e princípio de abertura política. De acordo com Ana Carolina Slade, Claudio Abramo chegou a fazer a ressalva aos leitores, em um de seus editoriais, de que haveria nas páginas do *Leia* trechos e reportagens sobre as novelas, como parte da cultura popular e que não deveria ser ignorada<sup>342</sup>.

Nossa expectativa ao abordar essa fonte foi que nos fornecesse pistas sobre o modo como se difundiu inicialmente *A Casa dos Espíritos* no Brasil, considerando que é um periódico específico de difusão das publicações do mercado editorial. Entretanto, o que encontramos foram pequenas citações pouco ilustrativas de qualquer representatividade ou importância do romance para o cenário editorial brasileiro, como será observado a seguir.

Recorremos a dois centros de documentação diferentes, ao CEDIC – Centro de Documentação e Informação Científica – da PUC-SP e ao CEDAP – Centro de Documentação

---

<sup>339</sup> Ibid. p. 175.

<sup>340</sup> Ibid. p. 175.

<sup>341</sup> Ibid. p. 175.

<sup>342</sup> SLADE, Ana Carolina. *Leia Livros e Primeiro Toque: os periódicos engajados da editora Brasiliense*. **Anais da Intercom** - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2017. p. 6. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3250-1.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

e Apoio à Pesquisa – da Unesp de Assis. Nossa pesquisa se direcionou para os exemplares dos anos iniciais de 1980, nos quais não encontramos quase nenhuma referência a Isabel Allende. Na edição de março-abril de 1984<sup>343</sup> esperávamos encontrar alguma resenha crítica, pois seria o início da difusão no Brasil, ou ao menos uma sinopse. Segundo Slade, havia a preocupação nos primeiros números do *Leia* em ao menos situar o que se publicou, mesmo que com resenhas de três linhas, como ocorria. Sobre o romance que pesquisamos, encontramos um comentário breve na edição de junho-julho de 1984, logo abaixo do sumário, na qual a jornalista Yara Martinez anunciou alguns livros que estavam crescendo em vendagem e outros que saíram da listagem “Os Mais Vendidos”. Dentre os títulos listados, estava *A Casa dos Espíritos* da Isabel Allende. Logo ao lado, aparecia uma lista dos mais vendidos e esse romance estava, segundo a classificação deles, na primeira vez na lista, em 7º lugar (7º; 0-0)<sup>344</sup>. A obra voltou a aparecer nas listas de mais vendidos duas vezes, sendo que na lista de agosto, disponível na edição de setembro-outubro de 1984, figurou em 6º lugar, indicando-se que foi a terceira semana que entrou na lista.

Temos algumas hipóteses para a ausência de qualquer resenha sobre o romance de Allende. A primeira delas, seria o fato desse periódico estar passando por dificuldades financeiras. Em meados de 1984, foi quando ele veio a ser comprado pela editora Joruês. Entre janeiro-maio de 1984, o periódico pode ter deixado de lado parte de sua proposta de catalogar e situar as principais publicações do momento no Brasil devido à situação apresentada. Se pensarmos que os editores do *Leia* interpretaram o romance de Allende como uma literatura de massa, isso também não justifica a parca presença da escritora no periódico. Havia a preocupação em ao menos situar aquilo que circulava no país, mesmo que fosse da cultura de massas.

Segundo Slade, na análise das primeiras edições do *Leia Livros*, foi apresentada a resenha de um dos romances de Sidney Sheldon, cuja a apresentação feita pelo *Leia* situou-o como uma obra popular medíocre, não se furtando, porém, em trazer esse romance. Podemos supor também que um livro como o de Sheldon, vindo dos EUA e sendo o segundo publicado no Brasil, poderia ter mais importância do que um romance vindo da Espanha e de uma chilena desconhecida, por mais que ambos tivessem algum apelo popular no Brasil. Outro fator pode ter sido a localidade das livrarias pesquisadas e a circulação do livro de Allende, talvez esse romance tenha tido maior circulação no Rio de Janeiro e São Paulo, e a lista de mais vendidos

---

<sup>343</sup> *Leia Livros*, ano VI, n. 66, 15 mar. 1984-14 abr. 1984.

<sup>344</sup> Os Mais Vendidos. *Novo Leia*, ano VII, n. 70, 15 jul. 1984-14 ago. 1984.

do *Leia Livros* fazia uma média mais próxima do nacional, esmiuçando também algumas livrarias importantes de outras capitais brasileiras (Belo Horizonte, Brasília, Recife e outros)<sup>345</sup>.

A “quase ausência” não ocorreu com outros nomes do *boom* da literatura latino-americana. Na edição de março-abril de 1984<sup>346</sup>, o escritor Julio Cortázar foi destaque da capa do *Leia Livros*. Na publicação seguinte<sup>347</sup>, encontramos uma reportagem sobre Octavio Paz, intelectual e poeta latino-americano. Por fim, algumas edições depois, de agosto-setembro de 1984, o destaque na capa foi Gabriel García Márquez, autor que compareceu na 8ª Bienal do Livro de São Paulo. Além disso, os nomes que apareceram nas listas de mais vendidos não coincidiram com os escritores e obras que foram analisados pelos repórteres do *Leia*. Um exemplo expressivo ocorreu no mês de julho (nº 70), no qual apareceu *A Casa dos Espíritos* nessa listagem, bem como outros nomes de ficção, não ficção e infanto-juvenil. Quase nenhum deles aparentemente ganhou espaço como notícia, se nos basearmos nos sumários das edições mais próximas (do nº 66 ao 72) — executando Humberto Eco, que teve destaque na capa do exemplar de abril-maio de 1984 (nº 67).

Com isso observamos que o critério vendagem não era essencial para a seleção do que seria abordado nas páginas do *Leia*. Houveram exceções, é claro, como foi o caso da reportagem sobre Stephen King (nº 67) e do já exemplificado Sidney Sheldon. Ou até que, como uma última suposição, pode ser que estivessem num momento de redução do investimento no periódico e não pressupunham, *a priori*, que o romance de Allende teria a dimensão que teve e/ou alguma consideração dentro do meio intelectual, por isso não houve a preocupação em trazê-lo para o público (e nem houve propaganda paga pela Difel).

Ademais, compreendemos que a análise por meio dos outros periódicos nos dará uma dimensão mais precisa das relações entre publicação do romance e êxito no contexto brasileiro.

### **3.2 O romance *A Casa dos Espíritos* nos periódicos da “grande imprensa” brasileira e o contexto de reabertura política**

---

<sup>345</sup> A pesquisa do jornal *Leia Livros* ocorria nas seguintes capitais e livrarias: Belo Horizonte (Livraria Eldorado Universitária), Brasília (Sodiler Distribuidora), Curitiba (Livraria Ghignone), Porto Alegre (Livraria Sulina), Recife (Livraria Nordeste), Rio de Janeiro (Livrarias Daozibao, Eldorado/Tijuca e Unilivros Cultura/Ipanema e Leblon), Salvador (Livraria Civilização) e São Paulo (Livraria Brasiliense, Cultura, Horizonte, Siciliano/Brigadeiro, Iguatemi, Itaim, Pinheiros e Shopping Eldorado).

<sup>346</sup> *Leia Livros*. op. cit. 15 mar. 1984-14 abr. 1984.

<sup>347</sup> Sumário. *Leia Livros*, ano VII, n. 67, 15 abr. 1984-14 mai. 1984. p. 1.

O termo grande imprensa é por si só vago, mas optamos por utilizá-lo a fim de generalizar o modo de compreensão das grandes empresas jornalísticas que, no período estudado, “compõem a porção mais significativa dos periódicos, em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”<sup>348</sup>. Além disso, pressupõem-se uma lucratividade alta com publicidade — tendo cada página e espaço do jornal um valor diferente —, sendo que no contexto do regime militar, “os maiores anunciantes eram os órgãos estatais”<sup>349</sup>. Para o pesquisador Marcos Napolitano, o termo “grande imprensa” remete a “jornais e revistas ligados a corporações mercantis de tradição liberal e de grande circulação social”<sup>350</sup>.

Nesse sentido, remete-se aos posicionamentos políticos dentro da estrutura capitalista da sociedade e da economia brasileira, para além dos aspectos técnicos do seu aparelhamento. Partindo ainda de Napolitano e de Colmán, a concepção de “tradição liberal” pode ser entendida tanto pelo papel do Estado na economia quanto nas garantias às liberdades individuais, sendo que o “que o papel do Estado deveria se limitar a garantir os direitos a liberdade, à propriedade e aos objetivos individuais”<sup>351</sup>. Esse é um conceito vastíssimo, que abarca um leque genérico e abstrato de interpretações possíveis dentro da ideia das liberdades civis perante a lei, liberdade à propriedade privada também, além da questão do “livre-mercado”.

A lógica brasileira se inseriu num contexto de formação oligárquica e escravagista no século XIX, o que matizou a formação de um “ideal” liberal no Brasil, que vieram a se manifestar de modo elitista ao longo do século XX. As manifestações liberais dos periódicos mostraram um lado ambíguo dada a variação das posições dos jornais que se disseram “liberais”. Alguns poderia se vincular ao chamado liberalismo conservador, pois, de acordo com as circunstâncias e com o contexto, variavam suas posições em relação ao uso da força e da repressão do Estado às liberdades civis em nome da “ordem”, ou na concentração de poder na figura estatal ou no rompimento democrático, de modo a não ferir o *status quo*.

Na década de 1970, após a crise do petróleo de 1973, houve um aumento do custo do papel, cuja maior parte era importada (60%), pois a industrialização e a produção de papel interna ainda era pequena e recente. Tal questão influenciou para que muitas empresas

---

<sup>348</sup> LUCA, Tânia Regina. op cit. p. 149.

<sup>349</sup> ABREU, Alzira Alves de. op cit. p. 17.

<sup>350</sup> NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, mai./ago. 2017. p. 347. Disponível em: <http://revistas.eletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24766/15637>. Acesso em: 20 jan. 2019.

<sup>351</sup> COLMÁN, Emílio Alapanian. **Identidades em confronto: Imagens do Brasil e do Paraguai nos jornais O Estado de São Paulo e La Tribuna durante o caso dos Saltos Sete Quedas/Guairá (1963-1966)**. 2016. 179f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. p. 47.

jornalísticas fechassem por problemas financeiros, especialmente aquelas que tinham sofrido maior censura ou eram alvo de algum tipo de perseguição política oficial ou não oficial. Eram tempos de ditadura, repressão e cerceamento da liberdade. Assim, os meios de comunicação impressos foram caminhando para um oligopólio, sendo que, em 1980, alguns dos jornais que se consagraram como os maiores foram o *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*, bem como alguns outros tradicionais, entre os quais o *Diário Carioca*, o *Correio de Manhã* e o *Última Hora*. Outros acabaram fechados ou entraram em decadência.<sup>352</sup>

Talvez não tão ao acaso, um desses que acabaram indo à falência, o *Correio da Manhã*, foi um dos maiores apoiadores do golpe de 1964, no Brasil, e um dos primeiros jornais a se posicionar, em 1965, contra a ditadura que se iniciava<sup>353</sup>. O golpe é caracterizado pela maior parte dos historiadores como um golpe civil-militar, ou seja, houve apoio de grupos sociais que não estavam diretamente vinculados a cargos militares, dentre eles jornalistas, advogados, políticos, empresários e outros<sup>354</sup>. Esse distanciamento dos civis feito pelos militares, pouco tempo depois do golpe, começou a levar uma parcela de antigos apoiadores a questionar a estrutura estabelecida. Perguntavam-se, por exemplo, se os militares tinham a intenção de voltar a democracia e devolver o poder aos civis liberais e às elites brasileiras que apoiaram o golpe. Esse foi o caso do jornal acima citado e também de Carlos Lacerda, jornalista e político da UDN, fundador e dono do jornal *Tribuna da Imprensa*, antigo rival de Getúlio Vargas, do comunismo e de todos os partidários de correntes “trabalhistas”.

Observemos que essa situação é diferente da imprensa dita “alternativa” ou “nanica”. Nesse segundo caso, eram periódicos que surgiram na ditadura militar e procuravam na legalidade ou na ilegalidade, questionar o regime militar e fazer críticas, sendo por isso menos financiados e não tendo como foco necessariamente o lucro. Eles tinham curta duração até pelas dificuldades financeiras que enfrentaram em toda a sua trajetória.

---

<sup>352</sup> ABREU, Alzira Alves de. op. cit. p. 17-18.

<sup>353</sup> NAPOLITANO, Marcos. **História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 209.

<sup>354</sup> Baseamo-nos em dois autores principalmente para nossa análise: NAPOLITANO, Marcos. op. cit., 2016; REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Coleção Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

### 3.2.1 A “grande imprensa” do Rio de Janeiro e de São Paulo: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e a *Folha de S. Paulo*

A variação nos editoriais e na orientação política esteve ligada a quem foi o proprietário do periódico e às condições socioeconômicas e históricas num dado momento, alternando entre a defesa da legalidade ou de um golpe, de acordo com as circunstâncias. Isso nos levou a nuances nas posições políticas dos periódicos, principalmente daqueles mais antigos, como é o caso do *Jornal do Brasil* (JB).

Houve uma tendência à modernização dos periódicos pós década de 1950-60, com a modernização dos seus parques gráficos e mudanças na estrutura da redação e editorial. No período pesquisado, os quatro jornais da grande imprensa que analisamos passaram por esses processos de modernização.

. A “grande imprensa” ou “imprensa-empresa” produz uma “mercadoria política”, buscando continuamente formar a opinião pública e se colocar como intérprete da mesma<sup>355</sup>. Especificamente o *Jornal do Brasil*, além da dinamização e da modernização dos anos 1950, passou a incluir seções, como o “Caderno B, dedicado às artes, teatro e cinema”<sup>356</sup>, mudanças essas que influenciaram outros periódicos.

Nos idos de 1950 e 1960 podemos ver uma tendência cada vez maior à formação de alianças políticas no combate ao que os setores mais conservadores associavam à esquerda. Essa tendência pode ser representada pela defesa nos periódicos, do liberalismo econômico e da oposição ao “estatismo na economia”, representado por João Goulart, “herdeiro político” de Getúlio Vargas<sup>357</sup>. Tal questão expressava-se no *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Gazeta Mercantil*, *Folha de S. Paulo*, *Tribuna da Imprensa* etc.<sup>358</sup>. Os quatro periódicos cujas informações analisaremos, têm nuances e peculiaridades em sua atuação no golpe e na ditadura civil-militar de 1964, mas todos apoiaram o golpe de 31 de março de 1964. Não foi um apoio unísono e isento de contradições e críticas (sutis) ao Estado, principalmente em relação à economia, ao retorno democrático e à censura à imprensa.

Situando o contexto de 1960, cabe ressaltar que aquele foi um momento de efervescência cultural, de mobilização massiva de trabalhadores e, na contramão, união dos setores liberais da imprensa, da sociedade civil e dos militares para “acabar” ou conter uma

---

<sup>355</sup> CAPELATO, Maria Helena. op. cit., 2015. p. 116.

<sup>356</sup> ABREU, Alzira Alves de. op. cit. p. 11.

<sup>357</sup> CAPELATO, Maria Helena. op. cit., 2015. p. 129.

<sup>358</sup> ABREU, Alzira Alves de. op. cit. p. 13.

pretensa ameaça do “comunismo”. Foi também nesse momento que Goulart assumiu após a renúncia de Jânio Quadros. Em meio a um contexto global de “guerra fria”, a mobilização contrária ao governo (com suas tentativas de implementar uma reforma de base) não passou só pelas “estratégias convencionais” — de reportagens e ataques por meio das letras/nos jornais —, mas por “reuniões com militares, empresários e políticos golpistas” e “doações para compras de armas”<sup>359</sup>.

O *JB* foi um dos que começaram a criticar o regime militar logo nos primeiros dias, diante das dúvidas em torno dos rumos daquilo que os apoiadores e ideólogos da ditadura chamaram de “Revolução”. A sequência de Atos Institucionais promulgados pelo executivo e que paulatinamente pôs em xeque a ideia de um retorno às eleições para presidente e à democracia, gerando incômodos. Adiante retomaremos alguns aspectos do percurso do jornal durante a ditadura militar. Após o fim da ditadura, porém, o *JB* foi gradualmente perdendo sua força no mercado, vindo a se tornar o primeiro jornal somente digital e em 2018 retomou a produção impressa, após oito anos sem circular<sup>360</sup>.

O periódico *O Globo*, é o que mais se diferencia dos quatro jornais no que se refere aos posicionamentos sobre 1964 e à ditadura civil-militar. Essa diferença se deveu ao fato de ter continuado a manifestar apoio aos generais e ao regime militar, mantendo uma postura de silêncio em relação às contradições e à violência do regime, mesmo após os anos de 1980<sup>361</sup>. Naquele período, já havia terminado a vigência do AI-5 (a lei mais severa dos anos de ditadura), a censura por lei à imprensa e o Brasil passava pelo processo de reabertura política. Em tal contexto, a maior parte dos periódicos começava a elaborar críticas ao período ditatorial, a dar voz aos grupos dissonantes, inclusive devido à crise econômica que se instalou<sup>362</sup>.

Nos anos posteriores ao golpe civil-militar, *O Globo* manteve-se como um jornal da “situação” (governista)<sup>363</sup> e, em troca de seu apoio, tiveram mais suporte para expandir suas empresas<sup>364</sup>. Uma indicação do modo de agir da empresa de Roberto Marinho (as Organizações

---

<sup>359</sup> CAPELATO, Maria Helena. op. cit., 2015. p. 129.

<sup>360</sup> FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. CPDOC/FGV. **Jornal do Brasil. Verbete**. Disponível em: [www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil](http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-brasil). Acesso em 16 dez. 2018; SÁ, Nelson. Após 8 anos Jornal do Brasil reestrea versão impressa. **Folha de S. Paulo**, 28 fev. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/02/apos-8-anos-jornal-do-brasil-reestrea-versao-impressa.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2018.

<sup>361</sup> Somente em um editorial de 2013, *O Globo* assume que foi um erro apoiar a ditadura. Ver em: Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro. **O Globo**, 31 ago. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso em: 17 jan. 2019.

<sup>362</sup> NAPOLITANO, Marcos. op. cit., 2017. p. 346-366.

<sup>363</sup> NAPOLITANO, Marcos. op. cit., 2017. p. 359.

<sup>364</sup> CAPELATO, Maria Helena. op cit., 1988. p. 55-56.

Globo), foi o monopólio da informação televisiva, meio de comunicação e de lazer, cuja entrada massiva no país ainda era recente em 1984. Naquele ano, estouraram as manifestações e as campanhas pelas Diretas, clamando por eleições diretas para presidente da república. Na ocasião, a rede Globo de televisão “só noticiou a mobilização popular depois que o número de manifestações passou a ser contado em centenas de milhares”<sup>365</sup>, diferentemente de outros jornais e, principalmente, da *Folha de S. Paulo*, que noticiou e apoiou a campanha pelas eleições diretas para presidente desde seu início<sup>366</sup>. Até o final da ditadura militar, *O Globo* se mostrou um periódico cuidadoso em publicar qualquer notícia que contestasse ou criticasse aos militares.

*A Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo* tem uma trajetória longa de intersecções na sociedade e na política brasileira. Na década de 1960, às voltas com novas turbulências sociais, políticas e econômicas, *O Estado de S. Paulo* seguiu a premissa de um antivarguismo, do liberalismo, da defesa às liberdades individuais e do anticomunismo mais do que de direitos sociais. Já a *Folha de S. Paulo*, assumiu importância histórica como veículo massivo de comunicação, dado o crescimento de seu poder em fins da década de 1960 e início dos anos 1970.

Nesse entremeio entre golpe e abertura política, os anos de 1967, 1968 e 1969, marcaram grande descontentamento da população, no controle da censura política, nas artes e na ausência de resolução para a crise econômica. Em 1967, temos a Lei da Imprensa; em 1968, ocorreram novas grandes manifestações, como a passeata dos Cem Mil no Rio de Janeiro, em 1968, reunindo (e unificando) a resistência de estudantes universitários e secundaristas, escritores, músicos, cineastas, artistas no geral, religiosos e professores. Algumas grandes greves, como em Contagem (MG) e Osasco (SP) também foram marcantes. Como parte da resposta do estado militar à resistência, vimos o acirramento da censura, o controle político e a centralização do poder no governo militar por meio do AI-5, o qual fechou o Congresso por tempo indeterminado, em nome da segurança nacional<sup>367</sup>.

Com a proclamação em 13 de dezembro de 1968 do Ato Institucional n. 5, que fechou o Congresso, suspendeu as garantias constitucionais e, entre outras coisas, foi usado para legalizar a censura prévia, o regime passou a exercer de forma mais direta a

---

<sup>365</sup> AGUIAR, Flávio. op. cit. p. 258.

<sup>366</sup> Ibid. p. 258.

<sup>367</sup> REIS, Daniel Aarão. op. cit. p. 49-52, 75-76; FONTES, Virginia Maria; MENDONÇA, Sonia Regina. **História do Brasil recente** – 1964-1992. São Paulo: Ática, 2006. p. 45-47. Lembrando que maiores controles foram criados, além de terem sido ampliados os órgãos administrativos e de policiamento da polícia militar e das forças armadas — como foi o caso dos: Destacamentos de Operações e Informações e dos Centros de Operação e Defesa Interna, que foram acoplados e chamados DOI-CODI.

atividade censória sobre a imprensa e a mídia. Censores foram instalados nas redações dos jornais; circulares eram enviadas a elas, dizendo o que se podia dizer e o que não se podia, vetando assuntos, nomes de pessoas e até palavras, como Brizola, Arraes, “comunismo”, “tortura” etc. Nas redações dos grandes jornais, televisões e rádios isso funcionava, pois o controle dos proprietários através das chefias era expressivo e ajudava a impor obediência, ainda que com o passar do tempo muito desses jornais passassem a se opor a essa censura que lhes era, para dizer o mínimo, incômoda. Daí criou-se o hábito, por exemplo, em O Estado de S. Paulo e no Jornal do Brasil, da mesma empresa, de substituir as notícias vetadas por versos de Camões ou receitas culinárias<sup>368</sup>.

Ou seja, a ditadura que apoiaram no início também lhes afetou. Isso levou a se tornar mais contraditórias as posições de alguns desses periódicos, ora criticando, ora apoiando, ora argumentando que aquele regime desvirtuara os ideais de 1964<sup>369</sup>. Os anos do acirramento do autoritarismo e da censura também tiveram como marca a perseguição e o aniquilamento de grupos de guerrilha de esquerda urbanas e rurais (MR-8, VPR, ALN), que surgiram também nesse contexto extremista. Além, é claro, da ação de grupos paramilitares que se diziam caçando comunistas que agiam na ilegalidade. O Estado não barrava a ação desses paramilitares e até mesmo os apoiava “por baixo dos panos”.

Na contramão do medo e das perseguições que vigoraram nesses tempos, após o silenciamento da oposição, ocorreu o chamado milagre econômico, um período de crescimento da economia brasileira, entre os anos de 1969-1974. Tal “milagre” se deu por meio de empréstimos injetados no país, investimentos estatais e privados, industrialização massiva e crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB). Esse processo levou ao aumento do número de empregos e a um período de crescimento do consumo — os sonhos da casa própria, de ter uma televisão, um carro e outros bens mais. Eram evidentes os benefícios para a classe média, no entanto, a enorme desigualdade social e a concentração de renda, onde os maiores beneficiários foram das classes mais altas, permaneceu vigente.

Por volta de meados da década de 1970, a crise econômica se avultou. Após a crise do petróleo, em 1973, o país voltou a enfrentar inflação, instabilidades políticas etc. Aos poucos retornaram os movimentos de contestação ao regime militar, as torturas e os questionamentos políticos no espaço público.

Voltando a *Folha de S. Paulo* e pensando nessa conjuntura, os editoriais do jornal manifestaram, ao longo da ditadura, posições ambíguas, ora mais liberais, com sutis crítica à censura e à repressão, ora mais conservadoras, valorizando aspectos do governo de exceção.

---

<sup>368</sup> AGUIAR, Flávio. op. cit. p. 238.

<sup>369</sup> NAPOLITANO, Marcos. op. cit., 2017. p. 356.

Mantiveram o *Jornal da Tarde*<sup>370</sup>, que era redigido por policiais. Ainda assim, se consolidaram como uma imprensa liberal de oposição democrática, principalmente com a reestruturação de sua proposta jornalística entre 1977-78. Foi também nessas décadas que construiu um discurso oficial como apoiador da redemocratização, defendendo o fim da ditadura militar e dando espaço para as vozes de intelectuais e políticos perseguidos pela ditadura na seção “Tendências/Debates”<sup>371</sup>

Baseando-se nessa nova estrutura, foi criado o *Projeto Folha* (1984), que visou abrir espaço para um debate crítico e um pouco mais plural na grande mídia. Além disso, o periódico trazia, desde antes, as vozes de perseguidos políticos, fazendo reportagens dos movimentos contrários à ditadura, dando voz à resistência e às pautas por abertura política. Tais posições não deixaram de se basear na ótica liberal, mas oscilaram de acordo com as “tendências culturais e ideológicas do leitor médio”<sup>372</sup>, isto é, a classe média-profissional liberal e os “jovens, escolarizados e intelectualizados”<sup>373</sup>. No final da década de 1970 já era considerado líder no mercado. Essa reestruturação em seu “projeto de jornal” abarcou, inclusive, a valorização das temáticas culturais, que apareciam na *Folha Ilustrada*.

A abertura política teve início no governo Geisel, permeada por contradições e retrocessos, mas que gradualmente, e diante das pressões, deu margem a chamada abertura lenta, gradual e segura. Em 1979, pôs-se fim ao AI-5 e à censura à imprensa, mas o cenário era ainda complicado e as tentativas de redemocratização foram a todo momento podadas pelos militares. O retorno à democracia se deu apenas em 1985, de maneira controlada e pelas mãos do general João Figueiredo (governou de 1979 a 1985). Assim, de modo não linear

consagra-se uma forma de transição entendida como retirada negociada dos militares no poder, contenção dos atores mais radicais, em nome da “paz social” e da ordem pública.<sup>374</sup>

Tal transição foi moldada para não se radicalizar. O processo não poderia mais tardar, pois, os generais tinham cada vez menos força para conter as várias formas de oposição ao regime militar, vindas de políticos, jornalistas, estudantes, religiosos e de civis no geral.

---

<sup>370</sup> Ibid. p. 359.

<sup>371</sup> FOLHA de S. Paulo. **História da Folha. Círculo Folha. op. cit.**

<sup>372</sup> Ibid. p. 349.

<sup>373</sup> Ibid. p. 349.

<sup>374</sup> NAPOLITANO, Marcos. op. cit., 2016. p. 232.

Nesse interim, e principalmente de 1979 em diante, os jornais da grande imprensa foram gradualmente se distanciando do regime, sendo que o último grande bastião de apoio político-ideológico à ditadura militar dentro do jornalismo foi *O Globo*. No oposto, a *Folha de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil* buscaram se aproximar, tímida e parcialmente, das demandas da sociedade civil e da defesa pela democracia, sintonizando-se (principalmente a *Folha de S. Paulo*) com a oposição civil das ruas e da classe média leitora. *O Estado de S. Paulo* também se distanciou e se posicionou como crítico ao regime, principalmente na questão econômica e contra a política estatista desenvolvida desde os anos do governo do general Geisel, mas sem grandes aproximações com as manifestações populares de oposição que estavam nas ruas<sup>375</sup>.

Esse é um panorama geral e breve da grande imprensa, cujas reportagens usamos como fonte em nosso trabalho, até 1985, com a abertura e o retorno à democracia. As tendências políticas de tais periódicos, evidenciadas no percurso histórico aqui realizado, se mantiveram (ainda que não sejam lineares) no pós-ditadura. Naquele momento, todavia, isso pode acontecer sem a censura imposta por lei, num contexto de fragmentação política e de ascensão de novas disputas político-ideológicas e tensões econômicas e sociais.

### **3.2.2 A Casa Dos Espíritos na grande imprensa brasileira**

As páginas anteriores buscaram expressar pontos centrais dos periódicos trabalhados, apontando como caracterizamos as fontes selecionadas. Direcionando-nos especialmente para as reportagens, citações e referências à Allende nas páginas dos ditos jornais, procuramos mensurar o quanto ela foi citada nos anos iniciais de sua inserção para o público brasileiro.

Nos quatro periódicos pesquisados, rastreamos as citações à Isabel Allende por meio de seu nome, pelo sobrenome e pelo nome de seu primeiro livro e de seu segundo livro, nos anos 1980 e início de 1990. Cabe notar que não foram encontradas referências à escritora antes de 1984. Outros elementos para localizar a presença de Allende nas letras desses periódicos, foi por meio da busca dos termos realismo mágico ou realismo maravilhoso, bem como a verificação da lista de mais vendidos. Observou-se, pois, quando o romance *A Casa dos Espíritos* entrou e saiu dessa listagem, bem como o retorno da escritora à lista de mais vendidos em 1986, com o segundo romance. Foram encontradas novas inserções, após sua vinda ao Brasil

---

<sup>375</sup> NAPOLITANO, Marcos. op. cit., 2017. p. 359

para uma sessão de autógrafos na 9ª bienal Internacional do Livro (Agosto/1986) para o lançamento de *De Amor e de Sombra*.

Os dados levantados foram dispostos em uma planilha, o que permitiu que colocássemos em comparação as quatro grandes empresas jornalísticas no que se refere a como se posicionaram e divulgaram a primeira obra de Allende. A partir daí, foi possível traçar os indícios para a construção de um *best-seller*.

Primeiro em relação a como e quantas vezes apareceu a referência à Isabel Allende, temos de um lado *O Globo*, do Rio de Janeiro, capital, que foi o primeiro a publicar uma resenha crítica sobre *A Casa dos Espíritos*<sup>376</sup> no Brasil, em 20 de abril de 1984. Tal texto aparecia no formato de uma pequena resenha na página 5, no caderno de domingo, do lado esquerdo da página, lugar destinado a seção “Livros”. Depois, até o ano de 1986, quando o segundo livro de Allende foi publicado no Brasil, só foi possível encontrar menções à autora e ao livro dos “Espíritos chilenos de Clara del Valle”, naquele periódico, na lista dos mais vendidos, no qual não cessou de constar de abril até outubro (dia 13) de 1984. O título permaneceu ao todo 14 semanas oscilando entre o 4º e o 5º lugar, de uma lista de 5 posições, onde pode constar até 3 livros por posição<sup>377</sup>. É evidente que, nas listas de “Os mais vendidos” d’*O Globo*, foram pesquisadas somente livrarias do Rio de Janeiro e por isso, sua listagem não expressa a realidade brasileira. Por outro lado, a *Folha de S. Paulo*, de São Paulo, capital, foi o jornal que mais publicou textos críticos, entrevista, indicações e citações rápidas a Allende (pessoas que leram, que levaram como passatempo para viagens etc.). Além disso, o periódico paulista também fornecia as listas de mais vendidos, no que supera, porém não difere muito, dos dados encontrados no *OESP*, de SP e no *JB*, do RJ.

Quando olhamos *O Globo* e suas poucas referências, principiamos a reflexão sobre a inexpressividade de *A Casa dos Espíritos* aos olhos da crítica literária contratada pelo jornal. No entanto, mais do que isso, a partir da comparação com os outros periódicos, há um indicativo de menor valorização ou talvez até cuidado em não abordar em demasiado um livro que refletia os anseios ocidentais em relação ao socialismo e poderia servir como crítica às ditaduras

---

<sup>376</sup> TOZZI, Cezar. Romance de Isabel Allende traz a história chilena. Ilustrada. Livros. **O Globo**, 22 abr. 1984. p. 5. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacao>Data=relevancia&allwords=Isabel+Allende&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1980&anoSelecionado=1984>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>377</sup> Esse era o padrão das listas de mais vendidos do jornal *O Globo*, em 1980-1986, e englobava as seguintes livrarias: Eu e você, Golbarte, Xanan e Constante (Copacabana); Francisco Alves (Ipanema e Centro); Entrelivros (Copacabana 4), Barata Ribeiro (Botafogo e Tijuca); Unilivros (Leblon e Ipanema); Taurus, Eça e Cia e Dazibau (Ipanema); Eldorado/Skie Santo Afonso e Melhoramentos (Tijuca); Sodler (Rio-Sul); Timbre (Gávea); Ponto d’encontro (Teresópolis); Studiolivros (Ipanema e Rio-Sul). Todas da capital do Rio de Janeiro.

militares. Mesmo onde as fontes ficam mais silenciosas, enquanto documento histórico, elas não deixam de fornecer material para análise, mas vamos primeiro nos debruçar naquelas que dizem mais, começando pela *Folha de S. Paulo* e pelo ano de 1984.

A busca pelo nosso objeto nas páginas da *Folha de S. Paulo* tem um local específico e que se repete em praticamente todas as referências à Allende escritora<sup>378</sup>: a “Ilustrada”. Esse caderno foi inserido em 1958, criando um lugar específico dentro do jornal para falar de cultura e variedades, reunindo, discutindo e difundindo notícias sobre livros, cinema, televisão, música, teatro, artes no geral, famosos e outros. Entre os anos de 1984 a 1986, o lugar desse caderno dentro do jornal foi mudando, indo do 6º caderno ao 11º caderno, distribuído aos domingos, dia no qual está disponível a maior parte dos cadernos e a tiragem do jornal é maior. A “Ilustrada” era sempre secundária em relação aos cadernos de economia, política, esportes, educação e classificados.

Além dos cadernos citados, temos também o suplemento “Folhetim” e o suplemento “Mulher”. No caso do primeiro, há um espaço para um aprofundamento nas discussões sobre arte e literatura. O segundo é um espaço direcionado para as mulheres que versam sobre culinária, gravidez, moda, educação de crianças, direito de herança, dança, beleza, astrologia etc. Em nenhum dos suplementos, entre 1984-1986, foi encontrado qualquer referência aos livros de Isabel Allende<sup>379</sup>. Nesse segundo suplemento quase não entram sugestões de leituras, a não ser que sejam do âmbito dos afazeres domésticos e familiares, por exemplo, como cuidar de crianças. Isso mostrou-nos uma parte da visão sobre a mulher brasileira que as páginas d’*a Folha de S. Paulo* ofereceriam. Notou-se, portanto, que a valorização da luta das mulheres, como aparece nas críticas literárias do romance de Allende, não era algo encontrado em todo o periódico.

Voltando à “Ilustrada”, como já dito, a primeira vez que vimos menção ao livro *A Casa dos Espíritos* e, conseqüentemente à Isabel Allende, na *Folha de S. Paulo*, foi em 29 de abril de 1984, com duas análises ou críticas literárias: “Captando o Espírito da Casa”, de Ángel Nunes<sup>380</sup> (poeta e crítico literário) e “Clara, Alba e Isabel”, de Emir Sader (filósofo, jornalista e

---

<sup>378</sup> Cabe reforçar a explicação do primeiro capítulo sobre Maria Isabel Allende Bussi, filha de Salvador Allende e atualmente senadora pelo Chile. A escritora é a Isabel Allende Llonca, sobrinha do ex-presidente chileno.

<sup>379</sup> Será que os romances de Allende não foram considerados “alta literatura” pelos críticos da *Folha de S. Paulo*? Pois não foram citados no caderno “Folhetim”, um espaço elaborado, naquele momento, para discussões literárias e aprofundamentos, bem como discussões filosófico-conceituais. O texto de Allende já havia sido debatido na “Ilustrada”, onde aspectos da vendagem foram mais evidenciados. Pode-se supor, ainda, que por ser uma escritora nova, o campo literário ainda estava decidindo qual o espaço a que ela teria direito.

<sup>380</sup> NUNES, Ángel. Captando o Espírito da Casa. *Ilustrada*. Livros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7º caderno, ano 64, n. 20.115, 29 abr. 1984. p. 63. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>

pesquisador da ditadura chilena). Ambas estavam na seção “Livros”, na folha da direita, mais visível do que as reportagens à esquerda do jornal. Ocupavam mais de meia página entre as duas críticas, apresentando a imagem e os valores do livro pequenino, como é constante na primeira divulgação de um livro pela *Folha*.

Havia também a foto de Allende ampliada, no meio das seis colunas a que correspondiam os dois textos citados, com uma pequena legenda: “Isabel: uma revelação literária”<sup>381</sup>. Tal formato é parte de uma cultura imagética, onde cada autor é apresentado com sua foto, prefigurando não só a importância do texto, mas de quem é a pessoa por trás daquelas letras. A foto de Allende ocupava parte considerável da página e por ser de reconhecida beleza, é possível que esse seja mais um recurso daqueles que a divulgam como forma de “seduzir o leitor”. Isso nos fez pensar, por exemplo, nos mecanismos para atrair um leitor homem a uma obra escrita por uma mulher e que teve intenção de dar centralidade às figuras femininas.

O jornalista Ángel Nunes, primeiramente, traçara o histórico de divulgação mundial da literatura latino-americana, cujo êxito não era somente comercial, mas também pelo campo literário com a consagração de alguns desses autores pelo Prêmio Nobel da Literatura. Os romancistas Miguel Ángel Asturias e Gabriel García Márquez foram ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura em 1967 e em 1982, respectivamente. Ao fazer a resenha, Nunes afirmava a expressividade que teve o *boom* da literatura latino-americana a nível mundial. O crítico expôs um argumento ouvido junto a esses intelectuais e escritores de que não faltavam histórias e qualidade nas narrativas da latino-americana, mas que faltavam sucessores, pós 1960-70, que tivessem se destacado nos últimos anos. Diante disso, o jornalista nos apresentou o romance *A Casa dos Espíritos* de Isabel Allende, como uma revelação recente (e possível sucessora) e que “assume a herança que deixaram os grandes autores dos anos sessenta, em especial Carpentier e García Márquez”<sup>382</sup>.

O modo de inserir a nova autora no imaginário dos leitores, vinculando-a ao rol dos já aclamados escritores do *boom*, foi uma inegável jogada publicitária. Era, portanto, um modo de apresentar que auxiliava a ultrapassar as fronteiras invisíveis que existem para um novo leitor — o estabelecimento de elos com os literatos que a antecederam.

---

leitor.do?numero=8757&keyword=Allende&anchor=4184331&origem=busca&pd=e17ddadf628662172f6417fb8f01fa4a. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>381</sup> A prática de colocar fotos dos autores junto à divulgação de seus livros é comum nas publicações da “Ilustrada”, mas não deixa de ser importante notar que a maior foto dentre todas naquela edição foi a de uma mulher considerada bonita, algo que denota uma estratégia de *marketing*.

<sup>382</sup> NUNES, Ángel. op. cit. p. 63.

Há diversos outros elementos que podemos observar no texto de Nunes. Não era ressaltada na resenha, por exemplo, a centralidade da figura feminina. Mas, para além disso, esse crítico apresenta o texto da trama informando-nos que é de estrutura simples, com eixo central no “senador Esteban Trueba e sua esposa Clara del Valle, a Clara-clarividente”<sup>383</sup>. A análise focava-se mais em trazer a questão geracional de uma família em decadência: a vida entre o campo e a cidade, o conflito de classes sociais expresso na relação de Trueba com os trabalhadores rurais, os problemas familiares em meio ao micro-mundo fantástico suscitado pelas personagens.

A simplicidade e linearidade da trama não eram postos como algo negativo, o que consideramos diante da valorização por esse crítico dos elementos multigeracionais encontrados na trama e da dinâmica construída entre a magia e realidade trágica. Em relação aos elementos mágicos, o jornalista assinalava que havia, na obra de Allende e na literatura latino-americana, uma “obsessão de refletir e de fantasiar com a realidade de miséria e de terror que caracteriza, desde as origens, nossa literatura”<sup>384</sup>. Ao que completava que essa obsessão, junto à desesperança e do terror dos contextos que vivenciaram esses literatos, era como um motor de criatividade “de homens e mulheres da América Latina”<sup>385</sup>.

Outro ponto que a crítica literária de Nunes ressaltava era a ascensão de Salvador Allende e a importância do romance pela denúncia que fazia da violência dos regimes ainda vigente nos países latino-americanos como Paraguai e Chile. Ainda que Nunes não ignorasse elementos do livro que poderiam diminuir seu poder simbólico enquanto “obra literária” e dentro do campo intelectual, o mesmo acentuou as qualidades usando da narração que citamos acima e vinculou-a ao *post-boom*.

De outro modo, também Emir Sader ressaltava a qualidade da narrativa literária de Isabel Allende. Sader — na segunda resenha literária daquela data — elaborou um texto que evidenciava a centralidade das mulheres como escritoras e como personagens. Segundo Sader, isso aparecia tanto pela valorização de Allende como a primeira mulher a fazer parte do *boom*, como pela cadência da trama, cujos elos eram estabelecidos por meio de figuras femininas ou, como ele diz, “pelo elo dominado”<sup>386</sup>. Esse jornalista ressaltou que eram três as gerações de mulheres — Clara, Blanca e Alba —, sendo que a terceira mulher a ganhar importância era a própria Isabel. Para Sader, como narradora, ela se encaixava no naipe dos grandes narradores

---

<sup>383</sup> Idem.

<sup>384</sup> Ibid. p. 63.

<sup>385</sup> Ibid. p. 63.

<sup>386</sup> SADER, Emir. op. cit. p. 63.

chilenos, traçando a peculiaridade do Chile e trazendo parte de sua história nos personagens. O elemento que se repetia era o paralelo com o dos autores do *boom*, principalmente García Márquez, para depois dizer que mesmo assim, seu texto extravasava, indo além das comparações possíveis. Novamente a relação entre o mágico ou fantástico com o real foi relatada. Na interpretação de Sader, quanto mais violenta ficava a realidade na trama, mais desaparecia a magia.

As escolhas desses jornalistas ou pesquisadores para produzirem as críticas literárias pela *Folha de S. Paulo*, indicavam um cuidado com a temática e a valorização do romance. Isso parece evidente, por exemplo, quando consideramos que Emir Sader é um nome reconhecido pela sua pesquisa sobre o Chile contemporâneo, no âmbito das temáticas de movimento operário, democracia e ditadura militar. No caso do texto Sader, é possível dizer também que esse jornalista se pautou mais na análise dos elos entre contexto histórico e romance, do que na narrativa interna da trama, indicando uma preocupação maior com as questões políticas do que com as literárias. Isso se mostra claramente na conclusão dessa reportagem, onde o mesmo propôs que aquela era uma forma de narrar a história dos oprimidos, e isso fazia mais sentido partindo de uma mulher, num mundo em que a “história” havia sido sempre por homens.

No domingo seguinte, na edição do dia 06 de maio de 1984, o romance de Allende apareceu na lista dos mais vendidos, na 10ª posição (de dez da lista de livros ficcionais), em sua 1ª semana na listagem. A lista dos mais vendidos da *Folha de S. Paulo* tinha a peculiaridade da fonte ser o jornal *Leia Livros*. Isso poderia tornar mais útil o dado da *Folha de S. Paulo*, tendo em vista a intenção do *Leia* de abranger a vendagem nacional, o que não foi possível devido aos já mencionados problemas financeiros e estruturais pelos quais o periódico estava passando. No mês seguinte, a *Folha de S. Paulo* justificou a ausência da lista de mais vendidos, pois o jornal *Leia Livros* deixou de circular no mês de junho de 1984<sup>387</sup>. A última lista na *Folha* foi produzida em 27 de maio, onde o livro de Allende apareceu na 6ª posição, sendo a 3ª semana aparecendo na lista. Não haveria esse tipo de classificação e listagem até o final de 1985<sup>388</sup>.

A outra reportagem que trouxe a figura de Allende (escritora) foi a entrevista feita por Emir Sader e Augusto Massi, publicada no dia 13 de maio: “Isabel dos Espíritos”<sup>389</sup>. Enquanto

---

<sup>387</sup> Como observado no início deste capítulo, o *Leia Livros* não deixou de circular, mas mudou a editora que o publicava (da Brasiliense para Joruês), tornando-se o *Novo Leia*. Nessa transição, a *Folha de S. Paulo* acabou por não obter mais a lista de “Mais Vendidos” do *Leia*.

<sup>388</sup> A folha se comprometeu a elaborar outra listagem, mas pelo que verificamos, durante o ano inteiro de 1985 ficaram sem essa seção.

<sup>389</sup> Allende morava ainda na Venezuela naquele ano e deu a entrevista via telefone, direto de Caracas. MASSI, Augusto; SADER, Emir. Isabel dos Espíritos. Ilustrada. Livros. **Folha de S. Paulo**, 8º caderno, 13 mai. 1984. p.

os dois primeiros textos publicados focavam no romance, ainda que sem deixar de situar o histórico de Allende, esse tinha como foco a própria autora. Apresentavam-na como escritora que estava se tornando famosa no Brasil, dada a recente estreia e sucesso de seu livro, algo que, segundo a entrevista, a havia surpreendido, pois não sabia de sua publicação no país<sup>390</sup>.

Ademais, seguia-se, desde a primeira semana de abril até o dia 17 de junho (7 semanas seguidas), a repetida citação de *A Casa dos Espíritos* na seção “Indicações”, na qual tendia a constar semanalmente 4 livros de ficção e 3 de não ficção, na “Ilustrada”. A lista sofria pequenas substituições e um dos livros de não-ficção indicados foi o de Alain Rouquié, *O Estado Militar na América Latina*, que analisa em perspectiva comparativa as ditaduras latino-americanas. Isso remonta a apreciação feita por Sandra Reimão do aumento da vendagem de livros de temática política, quer fossem romances, quer fossem não-ficção, mas que de algum modo expressassem e interpretassem a realidade que o Brasil estava vivendo. Ou seja, tanto o romance de Allende tinha um apelo que coincidia com parte desses anseios, quanto o livro científico de Alain Rouquié. É possível, inclusive, que um influenciasse no interesse sobre outro, sendo formas de dar importância ao tema dos regimes militares na América Latina.

No ano de 1985, pudemos ver que Isabel Allende praticamente não era citada nos periódicos da grande imprensa aqui apontados. Somente *O Estado de S. Paulo* trazia mais notícias sobre *A Casa dos Espíritos* e sua autora, ao noticiar a Feira do Livro de Frankfurt na qual Allende foi um dos destaques entre os escritores latino-americanos<sup>391</sup>. O ano de 1986, marcou um salto na trajetória da escritora para o público brasileiro. Isso ocorreu por conta do lançamento de seu segundo romance no Brasil, pois ela foi convidada para a Bienal do Livro que aconteceu em agosto daquele ano<sup>392</sup>. Mas antes de compreender esse salto, vamos a outro periódico da grande imprensa.

*O Estado de S. Paulo* por sua vez, tem a primeira referência a Isabel Allende, no Brasil, em uma reportagem sobre os autores do “boom hispano-americano”<sup>393</sup>. O jornalista Tony Cartano (da revista francesa *Le Point*) comentou sobre um possível esgotamento da safra de romances inovadores e críticos do chamado “realismo mágico” hispano-americano, pois não

---

4. Disponível: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8771&keyword=Allende&anchor=4187008&origem=busca&pd=a9c2269cc67460908eab1fc2058b1a44>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>390</sup> Ibid. p. 4.

<sup>391</sup> MENGOZI, Federico. Frankfurt discute literatura latino-americana. Geral. **O Estado de S. Paulo**, 12 out. 1985. p. 19. Disponível: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19851012-33932-nac-0019-999-19-not/busca/%20Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>392</sup>. Quem vem. Livro. Caderno B. **Jornal do Brasil**, 14 abr. 1986. p. 54.

<sup>393</sup> CARTANO, Tony. O fim do boom hispano-americano? **O Estado de S. Paulo**, ano 105, n. 33.425. 490, 19 fev. 1984. p. 32. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840219-33425-nac-0032-999-32-not/busca/Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jul. 2018.

havia grandes novos romancistas que dessem fôlego ao mercado editorial, nem mesmo Isabel Allende.

Discordando disso, dias a frente e no mesmo jornal, encontramos a reportagem de 09 de maio de 1984 sob o título “Em ficção, a alma latino-americana”, do jornalista Mauricio Ielo. O título já nos propõe outro olhar sobre o romance de Allende. Logo no início do texto somos informados que o livro havia sido publicado a pouco tempo na Espanha e já ganhara repercussão internacional<sup>394</sup>. Em tal crítica literária, pressupunha-se a influência do sobrenome Allende. No entanto, para Ielo, o que se mostrou mais pertinente para a repercussão foi ser a primeira expressão feminina do realismo mágico e mais um nome da prosa chilena, que já tinha histórico de grandes nomes — como Neruda e Mistral — só que na poesia.

No que se referia ao sobrenome Allende, é interessante observar que, segundo esse jornalista, era uma identificação de parentesco com uma figura conhecida, mas que poderia ser tanto um elemento contra o romance, quanto a favor sem terem sequer o lido. Isso pode marcar uma maneira de pensarmos a difusão do romance, pois não necessariamente a associação com o sobrenome garantia o interesse em lê-lo. Permitia, todavia, que fosse mais conhecido, independentemente de gerar um sentimento de recusa por um suposto imaginário socialista em *A Casa dos Espíritos*. Novamente, falou-se da influência de García Márquez em seu texto<sup>395</sup>.

O texto de Mauricio Ielo ocupava cerca de 1/6 da página 15, publicada numa quarta-feira, na seção “Artes, roteiros e variedades” (o que só conseguimos verificar pelo índice da primeira folha). Estava disposta após reportagens de política, economia e eventos que ocorreram no mundo e no Brasil. Com uma foto de Allende e da capa de seu romance, a reportagem trazia, por fim, que Allende se inspirou em figuras familiares para a construção dos personagens.

Não identificamos nenhum tipo de lista de mais vendidos/livros entre os anos de 1984-1986 n’*O Estado de S. Paulo*. Mesmo o Caderno 2, que se tornou o caderno de cultura do jornal,

---

<sup>394</sup> IELO, Maurício. Em ficção, a alma latino-americana. Geral. **O Estado de São Paulo**, ano 105, n. 33.490, 09 mai. 1984. p. 15. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840509-33490-nac-0015-999-15-not/busca/Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jul. 2018.

<sup>395</sup> Maurício Ielo ressalta uma questão importante quanto a tradução — ela foi feita no português de Portugal e adaptada ao Brasil, havendo algumas flexões em desuso em nosso território, como “lho deu”, “lho conte”<sup>395</sup>. Os direitos de tradução foram comprados pela Difel portuguesa e serviram tanto à publicação em Portugal quanto no Brasil. Compreendemos que houveram adaptações posteriores, como, por exemplo, a edição nova, com outra capa e revisão, de 1994, como nos informou Marcelo Vieira (anexo IV)<sup>395</sup>. Também tivemos acesso a essa versão, na qual constam pequenas alterações na flexão das palavras. Sumiu, por exemplo, essa flexão (lhe+o) que está em desuso em nossa língua. O modelo de tradução citado é possível ver em: ALLENDE, Isabel. op. cit., 1984. p. 215; 228.

só surgiu pela primeira vez em abril de 1986<sup>396</sup>. O que apareceu diversas vezes foram as seções de “Artes, roteiros e variedades”, bem como suplementos, dentre eles o de “Cultura”. No suplemento “Cultura” de domingo, 19 agosto 1984, encontramos novamente uma resenha do romance *A Casa dos Espíritos*, como forma de publicidade. Em uma página inteira intitulada “Nas Livrarias”<sup>397</sup>, foram apresentados cinco livros que estavam nas prateleiras do Brasil, sendo o de Allende o único de ficção citado. Entre os demais, um analisava a obra de Alejo Carpentier, influente autor do *boom* da literatura latino-americana e outros três tratavam de questões sociais do Brasil<sup>398</sup>, cada um comentado por um jornalista ou crítico diferente.

O romance de Allende foi resenhado pelo jornalista Wladir Dupont e repetia elementos-chaves de outras resenhas já citadas. Isto é, a referência ao tio Salvador Allende como parte da narrativa, a semelhança com o estilo de García Márquez, Carlos Fuentes e Carpentier. Outro ponto retomado era a exclusão das mulheres no rol dos autores do *boom*, visto que, em 22 anos de sucesso dessas criações literárias, Isabel Allende seria a primeira a romper com essa trajetória excludente. O que mais nos chamou a atenção nessa resenha foi que, apesar de apontar a exclusão das mulheres, Wladir defendeu que, ainda que tenha diferença da condição feminina, não havia uma escrita feminina, só boas ou más escritoras, numa referência rápida a Lygia Fagundes Telles. Podemos pressupor que o jornalista colocava esse aparte na intenção de valorizar a obra, pois era preciso (talvez ainda seja) reforçar a qualidade do romance independente de ser uma mulher a escrevê-lo.

No entanto, podemos refletir sobre mais aspectos da publicização da obra que não estava somente no texto da resenha. O romance foi divulgado junto a outros de não ficção e de apelo ao público universitário ou preocupado com questões político-sociais brasileiras, sendo improvável que tal fato fosse um mero acaso. Diante disso, podemos supor que havia uma intencionalidade na sequência da apresentação e na seleção dos livros ali dispostos. Havia, pois, um espaço no meio do jornal para artes e variedades, mas mesmo assim, o romance de Allende

---

<sup>396</sup> Nos cadernos anteriores é possível observar que os assuntos ditos “culturais”, como teatro, música, livros e leitura, se diluíram em meio a outros conteúdos das páginas d’*O Estado de S. Paulo*. Em 6 de abril de 1964, surgiu o Caderno 2 com intenção de divulgar “artes, variedades, cultura, lazer e comportamento”. Na seção/ página “Guia de Leitura”, havia um lugar para destacar e ser preenchido pelo leitor, chamado “Estou lendo”. Ao lado, uma mini seção chamada “o Leitor indica”, que parecia ser uma contabilidade dos envios e respostas dadas pelo leitor. Não consta nada sobre Allende ali.

<sup>397</sup> Nas Livrarias. Suplemento Cultura. *O Estado de São Paulo*, 19 ago. 1984. p. 9. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19840819-33578-nac-0181-fem-25-not/busca/Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>398</sup> Na sequência dos livros apresentados: *A Revolução Federalista*, de Sandra Jatahy Pesavento, Ed. Brasiliense; *A Casa dos Espíritos*, de Isabel Allende, Difel; *Alejo Carpentier*, de Jorge Quiroga, Ed. Brasiliense; *Trabalho Escravo, Economia e Sociedade*, de Antônio Barros de Castro, Ed. Paz e Terra e *Imigração Japonesa na História Contemporânea do Brasil*, de Arlindo Rocha Nogueira, Ed. Massao Ohno/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.

foi difundido especificamente no suplemento “Cultura”. As publicações ali difundidas atingiam um mesmo público e podiam ter disposto o romance de Allende na intenção de conectar seu texto ao universo cultural dos demais. Esse seria o caso do leitor de um texto sobre Carpentier, ao sugerirem que a prosa de Isabel Allende se assemelhava a desse escritor. Ou o inverso, podendo Allende auxiliar na divulgação aos outros temas tratados, inclusive o livro sobre Carpentier.

Na sequência, vimos algumas referências a Allende, como sua presença na Bienal Internacional do Livro em Frankfurt, Alemanha, em outubro de 1984<sup>399</sup>. Tal reportagem destacava dois escritores, Allende e Gore Vidal, cada um lançando seus livros na versão em alemão. A Alemanha é considerada um mercado editorial importante a nível mundial e pudemos observar que as bienais internacionais que ocorreram em Frankfurt tenderam a ser todas noticiadas com destaque em alguma seção dos jornais da grande imprensa.

Na reportagem do dia anterior, na terça-feira, 02 de outubro, já havia sido noticiado que ocorreria a bienal de Frankfurt. Para termos uma visão comparativa, se em 1984 a Alemanha organizava sua 36ª Bienal do Livro, no Brasil, em agosto, havia acabado de ocorrer a 8ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, organizada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e, no Rio de Janeiro, a primeira Bienal do Livro organizada pela SNEL havia acontecido em 1981<sup>400</sup>. Lembrando que no Brasil essas duas cidades e organizações — CBL (SP) e SNEL (RJ) — dividiam a hegemonia do mercado editorial brasileiro. Voltando a reportagem do dia 02 de outubro, nela não havia menções a Allende, mas se destacava um ponto: a relação entre Brasil e Portugal. O repórter buscava o setor do livro de língua portuguesa, apontando as intenções portuguesas de adentrar mais no mercado brasileiro, pois se tratava de um mercado que já negociava muitos direitos de tradução e de alto potencial. Além disso, destacava-se a tentativa de aumentar o diálogo com outros países de língua portuguesa, como Angola e Moçambique.

Em comparação, a *Folha de S. Paulo* produziu muitas indicações a Isabel Allende, todavia de modo expressamente publicitário (provavelmente pago). Já o jornal *O Estado de S. Paulo*, forneceu menos menções sobre a escritora. Havia, contudo, diversas citações em meio às reportagens sobre o mercado editorial internacional. Parece-nos que o nome de Allende surgia mais como resultado de reportagens mais extensas sobre a Feira do que tão só a

---

<sup>399</sup> MENGOZZI, Federico. Kohl fala de paz na feira de Frankfurt. Geral. **O Estado de S. Paulo**, 03 out. 1984. p. 14. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19841003-33616-nac-0014-999-14-not/busca/Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>400</sup> PAIXÃO, Fernando (org.). op. cit. p. 207.

importância da autora, haja vista que a *Folha* deu pouco espaço às notícias sobre a Feira de Frankfurt.

Há diferenças no que noticiava cada um desses periódicos e no modo como exploravam a figura de Allende e de seu primeiro romance. Em partes, observamos que isso estava ligado ao modo como cada um dos jornais pensava a sua estrutura e o que valorizava enquanto notícia, tendo em vista também o público a que se destinava, como comentamos no início do capítulo. Isso ocorreu, ainda, no modo pelo qual apresentaram o romance nos periódicos do Rio de Janeiro, como veremos a seguir. Havia, porém, territorialidades expressas, não tanto na abordagem do romance, mas ao que difundiam do mercado editorial. Cabe considerar, por exemplo, que havia eventos distintos do universo do livro, organizados pelos órgãos do Rio de Janeiro e de São Paulo. O que não podemos deixar escapar é que as várias indicações do romance na *Folha de S. Paulo*, só no ano de 1984, expressavam uma publicidade evidentemente paga pela Difel.

Nos anos seguintes, retomavam-se as referências, principalmente de 1986 em diante, com o segundo romance. Observa-se, contudo, um marco na construção internacional da figura de Allende e de seu primeiro romance, em 1985, quando novamente *O Estado de S. Paulo* noticia a Feira do Livro de Frankfurt (37ª edição). Isso ocorreu a partir da reportagem “Frankfurt discute literatura latino-americana”, por um jornalista enviado especialmente à feira.

Além do destaque para a literatura latino-americana que estava ganhando mais espaço na Europa e, sobretudo, na Alemanha, o *best-seller A Casa dos Espíritos* alcançou a tiragem de 200 mil exemplares<sup>401</sup>. Segundo Mengozzi, haviam empresas editoriais alemãs investindo na entrada de autores latino-americanos num mercado difícil para nomes (de escritores) estrangeiros. Allende ultrapassou a regra, ficando mais de um ano na lista dos mais vendidos assim que lançada na Alemanha. A influência inicial do romance no Brasil não teria como vir da Alemanha, que também estava conhecendo a romancista pela primeira vez, mas o seu êxito editorial naquele país colaborou para a construção da imagem da escritora dentro do campo mercadológico e editorial, e, quiçá, dentro do campo literário. Gradualmente foi aumentando o potencial de Allende como “estrela”.

Voltando à análise d’*O Estado de S. Paulo*, a permanente citação do romance e do nome da escritora garantia que, ao menos entre os leitores da seção “Cultura”, houvesse uma

---

<sup>401</sup> MENGOZZI, Federico. Frankfurt discute literatura latino-americana. *O Estado de S. Paulo*, 12 out. 1985. p. 19. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19851012-33932-nac-0019-999-19-not/busca/Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jul. de 2018.

influência para a continuidade das vendas, mesmo que não levasse ao “estouro” nessa vendagem. Esse foi um livro cujo sucesso e a importância estiveram estabelecidos no cenário europeu.

Transitando para a grande imprensa do Rio de Janeiro, a nossa análise se dividiu entre os periódicos *Jornal do Brasil*, de caráter mais progressista/liberal e *O Globo*, o mais expressamente conservador dos quatro grandes periódicos que nos propusemos a analisar.

Como havíamos dito no início da análise das fontes, em *O Globo* é onde percebemos menos referências a Isabel Allende e *A Casa dos Espíritos* na forma de reportagens, resenhas ou comentários rápidos. Ainda assim, na busca por referências nos acervos, encontramos diversas citações, visto que o periódico mantinha uma lista constante e organizada dos livros mais vendidos. No ano de 1984, o romance apareceu inúmeras vezes. Essa foi uma das grandes diferenças, dentro do que buscamos, dos periódicos do Rio de Janeiro para os de São Paulo. A lista dos mais vendidos era parte constante do caderno B do *Jornal do Brasil* e Isabel Allende e seu livro também apareceram nesse período, com uma ressalva, ambos os jornais só pesquisaram nas livrarias do Rio de Janeiro — capital e no máximo Niterói, no caso do *JB*.

A construção da lista dos mais vendidos partia da escolha de cada jornal de como fazer essa pesquisa, em quais livrarias, cidades e estados, parcerias com algum outro periódico ou revista que fizesse essa elaboração estatística etc. Com isso, não temos um parâmetro de qualidade na produção e nos hábitos de leitura nacional. Há apenas uma sinalização do que vendia mais num determinado local e quais temáticas mais circulavam dentro dos limites circunstanciais de cada padrão de listagem.

Trabalhos como o de Reimão e de Cortina<sup>402</sup>, que utilizaram como uma das fontes principais as listas de mais vendidos de algum periódico ou revista, situam as limitações desse material. Tais documentos podem ser entendidos como formas de pensar as temáticas, os autores e as “preocupações dominantes no setor da população que tem acesso a livros”<sup>403</sup>, segundo Reimão, ou como formas de interpretar os hábitos de leitura dos brasileiros, por meio de análise semiótica de Cortina. É possível estabelecer aproximações, mas não generalizações extensas, como no caso de Cortina, pois uma coisa é o que se vende e outra é o que se lê, como e quando se lê. Ou, onde se vendeu, em quais cidades e qual a dimensão disso para o Brasil.

---

<sup>402</sup> CORTINA, Arnaldo; SILVA, Fernando Moreno. Um olhar sobre a leitura de best-seller. **Revista Travessias**, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2008; CORTINA, Arnaldo. **Leitor Contemporâneo: os livros mais vendidos do Brasil de 1966 a 2004**. 2006. 259f. Tese (Livre-docência em Linguística) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2006; REIMÃO, Sandra. op. cit.

<sup>403</sup> REIMÃO, Sandra. op. cit. p. 2

Ambos os pesquisadores agregam outros dados do mercado editorial, obtidos de diversas formas para pensar quantitativamente, visto que apesar da listagem falar o que é mais vendido, não fornece números para isto.

Dito isso, no *JB*, *A Casa dos Espíritos* apareceu na lista dos mais vendidos por 7 semanas não consecutivas, oscilando entre a 3ª e a 5ª posição numa lista de 5 livros de ficção. Além disso, figurou mais 3 semanas entre os “bem vendidos”, junto a outros 5 títulos diversos, de 21 de abril de 1984 a 21 julho de 1984. Curiosamente, a primeira vez que apareceu foi antes de todas as resenhas literárias que encontramos nos quatro periódicos. N’*O Globo*, apareceu por 14 semanas não consecutivas, principalmente na 5ª posição. Chegou a ocupar o 2º lugar dos mais vendidos no Rio de Janeiro (capital), numa lista de 10 títulos diferentes distribuídos entre 5 posições, entre 11 de maio de 1984 e 13 de outubro de 1984. Não foi como na Europa, em particular na Alemanha, que ficou mais de um ano na lista de mais vendidos, todavia foram 4 meses circulando e sendo vendido em um dos principais centros culturais do país. Ainda que não tenhamos números, isso já indica uma obra de alcance massivo, dadas as condições de produção editorial e de leitura no Brasil, na década de 1980.

Especificando as aparições em cada um dos periódicos, pensando primeiro no *JB*, que faz mais citações a Allende que *O Globo*, temos a resenha publicada no Caderno B, no dia 28 de abril de 1984, sob o título “Um país real e fantástico”<sup>404</sup>. O texto estava localizado na parte inferior de uma página e do lado direito, sem elementos de destaque a não ser pela foto da escritora, que ocupava quase metade do espaço dedicado à resenha. O Caderno B era diário e um espaço dedicado principalmente aos aspectos culturais da sociedade, com reportagens sobre cinema, teatro, literatura, televisão e outros. A página 2, aos sábados, no caderno B, tendia a ser o local reservado às resenhas e divulgações literárias, bem como a lista de mais vendido. Essa tendência indica que a literatura como um todo não era o que mais se destacava e merecia atenção no Caderno B.

Voltando a resenha *d’A Casa dos Espíritos* do dia 29 de abril, Isabel Allende teve pouca valorização (mas não foi esquecida), em uma folha cujo maior destaque se deu para o novo livro do escritor William Faulkner. O romance de Allende apareceu logo abaixo de uma resenha do livro não ficcional chamado *Repressão Sexual: essa Desconhecida*, de Marilena Chauí, numa reportagem de título “Resistência da repressão”. Abaixo, veio a crítica literária do texto de Allende, na qual a jornalista Vivian Wyler ressaltava o encadeamento da história por mulheres fortes e a luta feminina. Essa correlação dos espaços e das referências literárias nos

---

<sup>404</sup> WYLER, Vivian. Um país real e fantástico. Caderno B. **Jornal do Brasil**, 28 abr. 1984. p. 2.

remonta a propaganda no *Estado de S. Paulo* para o romance no dia 19 de agosto de 1984<sup>405</sup>. Ali também *A Casa dos Espíritos* foi disposta próximo a livros científicos (da área de humanas), partindo do olhar de uma filósofa. De novo, podemos pensar que a importância dessa disposição das críticas literárias vai ao encontro do perfil do leitor, interessado em discussões de crítica social e histórica, principalmente no modo que aparecia no *Jornal do Brasil*.

Em relação ao texto interno da crítica, no percurso narrativo, a autora foi novamente apresentada como a sobrinha do presidente socialista Salvador Allende, sendo também lembrada a importância dos elementos fantásticos como fuga à realidade. No mais, Wyler não usava dos lugares comuns das outras análises, indo para a exposição da história do romance e elaborando qual era o Chile político desenhado por Allende. Para a jornalista, o livro colocava uma crítica de teor social na qual

emerge um país sem nome, facilmente identificável com o Chile. Onde o socialismo surgiu constitucionalmente e foi varrido por um golpe apoiado por uma direita econômica, que só tarde demais descobriu o seu erro<sup>406</sup>.

Nas reportagens anteriores não era ignorado que nas páginas do romance apareciam os temas da ditadura militar e da violência do regime chileno, só que eram mais sutis os termos utilizados para abordar essas temáticas. Alguns termos específicos, que expressavam as disputas ideológicas do contexto político do Chile, eram de uso raro nas reportagens dos demais jornais. Alguns exemplos dos termos usados são: “o presidente **socialista** (grifo nosso) Salvador Allende”; ou “golpe apoiado pela direita econômica e que foi um erro”. Wyler, ao apresentar a narrativa de Allende, explanava que a obra tocava no processo histórico, social e de modernização no qual o Chile estava envolvido, falando “do automóvel, as agitações universitárias, a **luta feminina** por se impor, **os avanços do Marxismo**” (grifo nosso)<sup>407</sup>.

Só encontramos paralelos na crítica da *Folha de S. Paulo*, onde alguns desses termos também foram utilizados com clareza, como “terrorismo de Estado” ao se referir ao governo militar, ou, ao indicar parte da história do Chile do seguinte modo: “primórdios heroicos do movimento operário (...) época de um dos grandes introdutores do marxismo (...) no continente”<sup>408</sup>. N’*O Estado de São Paulo*<sup>409</sup>, o máximo que apareceu foi que a personagem Alba era socialista em oposição ao avô conservador. Disso, a análise em questão abria-se para um

---

<sup>405</sup> Nas Livrarias. Suplemento Cultura. op. cit. p. 9.

<sup>406</sup> WYLER, Vivian. op. cit. p. 2.

<sup>407</sup> Ibid. p. 2.

<sup>408</sup> SADER, Emir. op. cit.

<sup>409</sup> IELO, Maurício. op. cit.

comentário do jogo entre avô conservador e o socialismo da neta, como uma metáfora das relações daquele momento na América Latina e das disputas entre o “novo” e o “velho”, ou o que era resíduo e o que emergia em tal contexto.

De certo modo, os três periódicos exploravam a crítica às ditaduras militares constantes na obra de Allende, por mais que o foco fosse a história dos indivíduos. Contudo, isso estava mais escancarado e expresso no *JB* e na *Folha de S. Paulo*. Esses dois jornais usavam com maior liberdade termos que antes eram alvo de censura como marxismo e socialismo. Não foi possível por meio das fontes analisadas, tecer afirmações da conexão entre os modelos de críticas e a perspectiva dos editoriais dos respectivos jornais, inclusive devido ao fato de que ambos os periódicos (*FSP* e *JB*) tinham passado por renovações em sua estrutura, aberto maior espaço e melhorado a seção de cultura. Essa renovação pode ter refletido em críticas literárias mais coerentes com o romance que estava sendo analisado, o que porventura poderia ressoar nos textos para além dos posicionamentos ideológicos e políticos dessas empresas. Já n’*O Estado de S. Paulo* havia críticas mais sutis e metafóricas aos regimes militares ou ao uso de termos que eram comuns no campo ideológico da esquerda. O modo de agir d’*O Estado de S. Paulo* confluiu com o perfil do grupo empresarial a que pertencia, de modelo mais conservador e que apoiou o golpe militar, mostrando alguma forma de resistência quando veio a censura aos meios de comunicação.

Essas diferenças no modo de apresentar o romance ao público levaram-no a ser difundido a um maior número de leitores. Dava-se margens, pois, para associações diferentes, quer fosse à corrente literária em voga e reconhecida nos círculos intelectuais daquele momento — como n’*O Estado de S. Paulo* — ou a associação entre os contextos militares. O *JB* e a *Folha de S. Paulo* exploraram mais detalhadamente a crítica social que havia no romance, considerando que era um contexto similar ao brasileiro. Essas críticas confluíam com uma parcela das ideias dos seus leitores, vindos do público universitário contrário ao regime de exceção, ao autoritarismo e quiçá próximos da esquerda. Compreendemos que os tipos de divulgação expostos acima tendiam a permitir que o romance atraísse o interesse de um público leitor mais amplo, indo desde o leitor de classe média militante (ou não) a um leitor da elite intelectual e interessado na cultura literária. Não é possível precisar isso, ainda mais com tão somente essas fontes, mas elas nos indicam a circulação do romance de Isabel Allende, em quais mãos chegou e o porquê desse romance interessar a tal público.

Outros vínculos podem ser identificados nas demais reportagens. Uma rápida citação ao nome Allende e a obra *A Casa dos Espíritos* pode ser observada na crítica referente ao

lançamento do livro *Histórias Híbridas*, autobiografia de Carmen da Silva<sup>410</sup>. Tal menção já dizia quais eram os vínculos sociais e ideológicos que a escrita de Allende atraía no Brasil. Nessa reportagem, a jornalista e escritora Carmen da Silva dizia suas leituras recentes mais importantes, entre as quais estava *A Casa dos Espíritos*. Carmen da Silva era uma das mais conhecidas e famosas jornalistas da revista *Cláudia* naquela época. Ela produzia textos mensais a mais de 20 anos, era assumidamente feminista e falava sobre isso numa revista feminina da editora Abril, de relativa vendagem. Essa revista era voltada para mulheres adultas, de classe média, mas de grupos diversos, de maior circulação do que os impressos que tinham como pauta (e organizados por) o movimento feminista.

E *O Globo*? Não nos esqueçamos desse periódico, mas tendo em vista a dinâmica que estávamos elaborando, a resenha literária de *A Casa dos Espíritos* feita por esse jornal, talvez seja de menor destaque em relação ao *JB*. Era, pois, um texto mais vago e impreciso no quesito de referências político-ideológicas.

O texto assinado por Cesar Tozzi, publicado no domingo, 22 de abril de 1984<sup>411</sup>, na seção “Livros”, tinha um título simples. Estava cercado por duas outras críticas literárias, cujos títulos continham letras em negrito, deixando mais apagada a crítica de *A Casa dos Espíritos*. Em “Romance de Isabel Allende traz a História Chilena”, via-se um texto sem fotos e sem a imagem da capa do livro, diferentemente do que ocorria em quase todas as críticas daquela página e daquele dia (de oito resenhas, só em duas não constava capa ou imagem). Tozzi introduziu seu texto falando das grandes narrativas da escola romântica, indo até *Os Miseráveis* de Victor Hugo, para chegar ao romance novo da América Latina com as inovações do realismo fantástico. Narrou, como protagonistas da trama, Clara que era paranormal e o grande patriarca Trueba, que seria o fazendeiro que se considerava “pai dos camponeses a ele submetidos”<sup>412</sup>. Dizia ainda ao final que

cuja imparcialidade objetiva lhe permite apenas referências oblíquas, sem a caracterização geográfica direta do crescimento revolucionário de sua pátria chilena<sup>413</sup>.

Sem entrar no mérito da qualidade da crítica literária, é visível, nesse caso, que Tozzi se desviou de todos os temas polêmicos que o romance optou por atravessar, desde o

---

<sup>410</sup> THEOBALD, Ronald. *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*. Caderno B. **Jornal do Brasil**, ano XCIV, n. 33, 11 mai. 1984. p. 6.

<sup>411</sup> TOZZI, Cesar. op. cit. p. 5.

<sup>412</sup> Ibid. p. 5.

<sup>413</sup> Ibid. p. 5.

conflito de classe, a luta do movimento operário, a violência do patriarca e os estupros praticados nas camponeses e a narrativa do golpe militar que se mostra nada imparcial quando transcreve as falas “reais” de Salvador Allende, faladas na rádio, pouco antes de morrer. Inclusive, nas palavras de Tozzi, Allende se desvencilhava do peso esmagador que tinha a figura de seu tio ex-presidente, enquanto a nossa pesquisa indica que este nome tinha um forte simbolismo histórico para a época e que a narrativa dela colaborará e adentrará nesse simbolismo.

Fica evidente nesse caso, que a resenha literária que apareceu n’ *O Globo* prezava por se manter afastada de temas político-ideológicos, desviando de qualquer assunto que poderia ser “polêmico”. Considerando que foi uma empresa e um periódico que apoiou a ditadura, que censurou ou silenciou notícias contrárias, qual a necessidade de tecer uma crítica literária sobre um romance cuja texto é deveras difícil dissociar da crítica às ditaduras? Será que só a visão desse jornalista era tão polarizada e cheia de ambiguidades? Ou Cezar Tozzi teria elaborado a reportagem desse modo em consonância com as ideias d’ *O Globo*? Será que a resenha foi paga ou por ser um romance comentado não seria adequado ignorá-lo? Quiseram trazer enquanto notícia, mas amenizaram o tom político que poderia ter a obra de Allende?

O jornalista não esmiuçou as partes polêmicas da obra, mas teceu inúmeros elogios, de modo a que mesmo o público conservador que lia seu jornal não se furtasse a ler o romance. Essa crítica poderia tanto fazer com que ignorassem o romance, dada a fragilidade dela em relação ao que o livro expressa e o modo como foi divulgada naquele espaço, quanto fazer com que fosse lido pelos mais conservadores e receosos um texto vindo do sobrenome Allende. Não deixa de ser uma crítica literária, trazendo o texto interno do romance e não se focando tanto em questões políticas do mundo contemporâneo. Não há como precisar uma resposta às dúvidas levantadas, mas o que lemos nos levou a suscitá-las.

Poderia, ainda, ser um caso fora da curva e do padrão literário do periódico, mas era *O Globo* também o que menos reportava a escritora. Sem ser na lista dos mais vendidos, só encontramos reportagens referindo-se a ela em 1986, quando veio ao Brasil e a ditadura em nosso país já havia findado. Por isso supomos que foi encomendada uma pauta para falar dessa obra, todavia, considerando as características do periódico e o provável perfil de parte de seus jornalistas, a crítica literária optou por ser ambígua.

Contudo, o ano de 1986 foi um marco para a difusão do nome da escritora no Brasil, como apontado anteriormente, devido a sua vinda para uma sessão de autógrafos na Bienal do Livro. O convite foi feito por ninguém menos que Ênio Silveira (vide reportagem do *JB*), editor

da editora Civilização Brasileira<sup>414</sup>. Essa editora era associada a Difel, e daí a mediação de Ênio Silveira. Parece simbólico que tenha sido esse editor a convidá-la, pois ele foi conhecido pelas publicações de crítica à ditadura militar, cujo caráter político à esquerda (sem seguir uma corrente específica) era inegável, mas que se encaixavam no momento político e “vendiam” - ainda que nos anos de 1980, Ênio Silveira estivesse distante do que foi como editor e militante depois de tanta perseguições políticas sofridas por ele durante o regime militar. Parece-nos que Silveira vislumbrou na obra de Allende o duo vendagem e reflexão política crítica ao momento histórico, e isto também pode ser o que viu uma parcela do público, dado o interesse que esse romance despertou.

Estamos confrontando tais fontes para compreender como o primeiro romance de Allende se construiu como um *best-seller*, mas também é parte do processo questionar a validade da afirmação de sua excelência em vendagem, como aparece nas propagandas de seus livros até hoje. Uma reportagem de 1986, do *JB*, foi uma das poucas a negar que a obra tenha tido sucesso no Brasil inicialmente. Em tal texto, afirmava-se que *A Casa dos Espíritos* “não chegou a acontecer”<sup>415</sup> no Brasil, mas foi sucesso na França e EUA. A esse respeito podemos inferir que o argumento dado pela reportagem é frágil, devido a comparação de mercados editoriais bem diferentes. Provavelmente o autor estava pensando nos números de vendagens nesses dois países.

Como indicamos anteriormente, o número provável na Alemanha é 200 mil exemplares para *A Casa dos Espíritos*, entre 1983/1984, até quase fins de 1985. Na França foi publicado em período semelhante e, segundo a reportagem d’*O Estado de S. Paulo* (de 13 de outubro de 1985), foram 80 mil exemplares até aquele momento. Nos Estados Unidos, com entrada posterior, mas ainda em 1984, foram 47 mil exemplares vendidos. Esses números, mesmo que duvidemos da precisão das informações, indicam quantidades que no Brasil eram raramente alcançadas. Há indícios, porém, de valores próximos no Brasil aos da França e deveras maiores que o dos Estados Unidos.

Conforme apresentação da jornalista Cristina Serra, no jornal *Mulherio*<sup>416</sup> — que comentaremos em breve — de 1984 a 1986 foram vendidos 200 mil exemplares desse romance no Brasil. Tal dado também carece de fontes, contudo mesmo se reduzirmos muito esse número, Isabel Allende já teria alcançado uma média que faz como que *A Casa dos Espíritos* seja um

---

<sup>414</sup> Quem vem. Livro, Caderno B. **Jornal do Brasil**, 14 abr. 1986. p. 30.

<sup>415</sup> Agora pra valer. Livro, Caderno B – especial. **Jornal do Brasil**, 16 fev. 1984. p. 54.

<sup>416</sup> SERRA, Cristina. op. cit.

*best-seller* nacional. A escritora pode não ter sido, a princípio, o maior destaque do momento, mas ocupou inúmeras vezes as listas de mais vendidos nos jornais, incluso n’*O Globo*, que foi o que menos abordou o romance e sua temática, mas cuja pesquisa nas livrarias cariocas indicaram que o dito romance “caiu no gosto do público”. Outro dado que nos foi informado e que destoou dos números anteriores, aparece n’*O Estado de S. Paulo*, na reportagem “Pela humanidade, contra a tirania”<sup>417</sup>, de agosto de 1986, que dizia que o 1º romance já teria vendido 150 mil livros no Brasil.

De 1986 a meados da década de 1990, encontramos notícias, citações e referências constantes a Isabel Allende, visto que a escritora havia publicado um romance novo a cada dois anos. *De Amor e de Sombra* e *Eva Luna* tiveram também a temática política das ditaduras militares como pano de fundo e tanto a *Folha de S. Paulo* quanto o *JB* e o *Estado de S. Paulo* fizeram reportagens sobre esses romances e a escritora, citando novamente o primeiro livro que havia feito sucesso.

Essas reportagens estavam carregadas de referências políticas, seja de tramas ou da história de vida da autora, como na reportagem “Allende contra Pinochet”, uma entrevista feita pelo *JB* com Isabel Allende em agosto de 1986<sup>418</sup>. Na ocasião, Allende teria dito que escreveu seu segundo livro com “revolta e ódio” pelos brutais assassinatos de camponeses, algo que ela traz no livro e, segundo a jornalista, “sua bandeira é a luta contra todas as ditaduras”<sup>419</sup>. Ou na reportagem “Entre amores e sombras”<sup>420</sup> do jornalista Rinaldo Gama para a *Folha de S. Paulo*, na qual foi detalhado a trama do novo livro de Allende — o extermínio de agricultores e o terror propagado pela ditadura chilena. Em tal reportagem, referia-se ao primeiro livro e evidenciava-se que as narrativas da escritora tinham como intenção contribuir para o retorno da democracia no Chile (a despeito do jornalista duvidar desse impacto).

A reportagem na *Folha de S. Paulo*, por sua vez, não só abordava temas que seriam polêmicos para o Brasil de poucos anos antes, como dava destaque à escritora, com anúncio na capa do jornal do dia. Na reportagem em questão, que ocupou uma folha inteira do lado par, na “Ilustrada”, transcreveu trechos do início do segundo romance, divulgando-o aos leitores do periódico. Voltamos a considerar que a *Folha de S. Paulo* teve contratos de divulgação com a

---

<sup>417</sup> AMÂNCIO, Moacir. Pela humanidade, contra a tirania. Caderno 2. **O Estado de S. Paulo**, 29 ago. 1986. p. 1. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860829-34202-nac-0071-cd2-1-not/busca/Isabel+Allende>. Acesso em: 20 jun. 2018.

<sup>418</sup> CARVALHO, Sônia. Allende contra Pinochet. Caderno B. **Jornal do Brasil**, 29 ago. 1986. p. 3.

<sup>419</sup> Ibid.

<sup>420</sup> GAMA, Rinaldo. Entre Amores e Sombras. Primeiras Leituras, Ilustrada, 1º Caderno. **Folha de S. Paulo**, 17 jul. 1986. p. 61. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9568&keyword=Allende&anchor=4293150&origem=busca&pd=57adae2963cdc50b7cd03bb591139052>. Acesso em: 20 jun. 2018.

Difel/Bertrand Brasil (naquele ano acabavam de anunciar a associação), o que consiste numa via de mão dupla. Tanto o periódico poderia vender mais porque falava de uma escritora de sucesso para seu público leitor, quanto instigava os seus leitores a comprarem o livro, dado o modo que o texto foi apresentado.

O nome da escritora e de seus romances apareceu num tanto relativamente igual *n'O Estado de S. Paulo*, que também não se furta a trazer aspectos político-ideológicos do segundo romance, como na reportagem “Pela humanidade, contra a tirania”<sup>421</sup>. Nela, o jornalista e quiçá o jornal, indicavam um alinhamento com a defesa pela democracia e como isso poderia ser do interesse de seus leitores, mesmo os mais conservadores, visto que os militares e os regimes de exceção estavam com uma visão desgastada (não eram bem percebidos) na sociedade. Nesse periódico também apareceu bastante o nome de Allende, em diferentes dias, porque havia reportagens da Feira do Livro de Frankfurt e na Alemanha, na qual ela era uma autora de destaque.

Nesses três periódicos *A Casa dos Espíritos* voltou a aparecer nas listas de mais vendidos anos depois, em 1994, após o lançamento do filme homônimo no Brasil em maio daquele ano. O filme de direção de Billie August, diretor dinamarquês, gravado em Portugal e com autores estadunidenses, britânicos e espanhóis, teve propagandas nos jornais. O destaque estava na seção de anúncios das estreias no cinema, do Especial de domingo, no centro da folha e com tamanho maior que todas as outras. Um exemplo foi a primeira propaganda, no dia 08 de maio de 1994, *n'O Estado de S. Paulo*<sup>422</sup>, após divulgação anterior da pré-estreia. Havia outras propagandas similares no jornal, constando a classificação como regular<sup>423</sup> na seção onde constavam os filmes que estavam no cinema naquela semana.

Nas críticas cinematográficas, o comentário mais repetido era que o diretor não soube transmitir o realismo mágico latino-americano, como no título da crítica da *Folha de S. Paulo*, em 15 de maio de 1994, “Nórdico congela sangue latino”<sup>424</sup>. Mal recebido pelas críticas, mas com popularidade entre o público, o filme ficou mais de quatro meses em cartaz. Entre maio e setembro de 1994, esteve em várias salas de São Paulo e do Rio de Janeiro, segundo indicam os 4 periódicos que pesquisamos, ainda que entre fins de agosto e início de setembro em

---

<sup>421</sup> AMÂNCIO, Moacir. op. cit.

<sup>422</sup> Cinema. Caderno 2 – Especial. **O Estado de S. Paulo**, 08 mai. 1994. p. D15. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19940508-36726-nac-0185-cd2-d15-clas/busca/ISABEL+ ALLENDE>. Acesso em: 30 jan. 2018.

<sup>423</sup> A primeira menção à classificação do filme (em tal seção), foi no terceiro dia após a estreia, em 15 de maio de 1994, na seção Cinema, Caderno 2 – Especial (de domingo) de *O Estado de S. Paulo*.

<sup>424</sup> Diz ainda que é um “novelão asséptico que descaracteriza o realismo mágico”. Nórdico congela sangue latino. Roteiro Seletivo. Revista da Folha. **Folha de S. Paulo**, 15 mai. 1994. p. GR30.

somente uma sala em tais capitais. Nessa conjuntura, encontramos *A Casa dos Espíritos* novamente nas listas de mais vendidos nos quatro periódicos. Nas pesquisas d’*O Globo* pelo circuito carioca, indicava-se que chegou a 8 semanas consecutivas nessa listagem, entre agosto e setembro, oscilando entre o 2º e o 10º lugar, sendo 18 de setembro de 1994 o último dia em que foi mencionado.

Diferente dos três periódicos que indicamos, nos quais várias referências e reportagens foram feitas sobre Allende e seus livros, n’*O Globo* foram poucas as citações. A próxima referência expressiva a autora foi apenas em 1991<sup>425</sup> (sem ser nas listas de mais vendidos) e numa rápida apresentação da publicação no Brasil de *Contos de Eva Luna*<sup>426</sup>.

Em 1993, identificamos uma reportagem com Isabel Allende — “Uma forasteira na América”<sup>427</sup> – e o ponto central foi a publicação de seu livro *O Plano Infinito* nos Estados Unidos, o primeiro livro cuja trama se passa naquele país. Nessa reportagem, a correspondente d’ *O Globo* em Los Angeles, Ana Maria Bahiana, produziu uma longa entrevista com Allende, na qual o foco foi a relação da autora com os Estados Unidos, nos mais diversos temas. Dentre as perguntas, estava, por exemplo: “(...)A senhora vive no país a cinco anos. Por que só agora a América aparece em sua obra?”<sup>428</sup> Também são tratados temas como a relação entre Allende e seu tio ex-presidente do Chile, ou como havia lidado com o fato dos Estados Unidos ter contribuído na “derrubada do governo Allende”. Essa última questão é deveras interessante, pois marcou uma transição na postura da autora e na sua trajetória de vida. Segundo Allende, ao viver nos Estados Unidos pode ver o quanto o povo desconhece a política externa do governo e ignora as relações daquele país com a América Latina. Para a escritora, sua raiva era, no momento, só do governo. Um de seus esforços com a escrita mais recente era, portanto, para que esse distanciamento diminuísse e pudesse aproximar as “duas Américas”, a do norte e a do sul.

---

<sup>425</sup> As exceções são: na lista dos “Mais vendidos” e nas guias de cinema, onde constam os filmes que estão em cartaz nas salas de cinema do Rio de Janeiro. A outra exceção foi um comentário feito por outra escritora entrevistada, Sílvia Corrêa. Ver em: Escrever um livro está entre os planos de Sílvia Corrêa. *Jornais de Bairro. O Globo*, 05 set. 1991. p. 80. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/busca/?tipoConteudo=pagina&ordenacaoData=relevancia&allwords=Isabel+Allende&anyword=&noword=&exactword=&decadaSelecionada=1990&anoSelecionado=1991>. Acesso em: 30 dez. 2018.

<sup>426</sup> MENEZES, Carlos. Segredos e paixões de Isabel Allende – contos chilenos. Rio Show, Segundo Caderno. *O Globo*, 26 ago. 1991. p. 4. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019910826>. Acesso em: 30 dez. 2018.

<sup>427</sup> BAHIANA, Ana Maria. Uma forasteira na América. Livros, Segundo Caderno. *O Globo*, 09 mai. 1993. p. 3. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019930509>. Acesso em: 30 dez. 2018.

<sup>428</sup> Ibid.

Apesar de nenhuma reportagem d'*O Globo* ter se demorado ou abarcado a questão da desigualdade entre os gêneros<sup>429</sup>, nessa entrevista temos uma crítica da escritora ao modo como a tratam na mídia e a carga machista de uma das associações feitas, como resultado de uma pergunta de Bahiana:

O GLOBO - Qual foi sua reação quando Casa dos Espíritos foi comparado à obra de Gabriel García Márquez? ALLENDE - No início eu me senti lisonjeada, porque creio que ele é o maior escritor da América Latina. Mas depois de algum tempo, com cinco livros publicados, creio que posso exigir reconhecimento nos meus próprios termos. Odeio a ideia de que, porque você é uma mulher, tem que ter um modelo pelo qual sua obra é medida. Nunca comparam você com uma escritora mulher. Isso me irrita profundamente. Por outro lado, o público americano não está acostumado à literatura da América Latina. Só conhecem Gabriel García Márquez. Talvez por isso façam essa correlação<sup>430</sup>.

Como observamos no segundo capítulo, o modo de se referir e divulgar a escritora nos jornais era cercado de formas consideradas machistas, como em “a sobrinha do presidente Allende”, ou quando a apresentavam pela sua beleza física, antes de falar de seus escritos. Foi uma das poucas reportagens que vimos Allende expressar seu incômodo com as comparações feitas pelos jornalistas e como isso estava ligado ao modo que tratavam uma mulher escritora da América Latina (e quiçá de qualquer lugar). Essa fala evidenciou também que Allende via os leitores estadunidenses como alienados do que havia de literatura ao sul de seu país.

Todavia, o que mais nos chamou a atenção é que esse livro foi lançado no Brasil, no entanto, o periódico só se preocupou em comentá-lo e falar de Isabel Allende quando foi publicado nos Estados Unidos. O quanto ao *O Globo* importava mais as obras literárias e escritores que faziam sucesso nos Estados Unidos do que aquilo que tinha êxito no Brasil? O fato de gradualmente aparecerem mais entrevistas e reportagens sobre Allende no jornal, algo que era mais escasso ainda nos anos de 1980, seria resultado dela ter se tornado sucesso nos Estados Unidos e ter tido acesso à mídia daquele país? Os EUA, naquele momento, detinham os mais importantes e maiores veículos de comunicação do mundo e era o país mais poderoso economicamente. São algumas das dúvidas que a análise dessa fonte nos suscitou, iluminando uma parcela do modo como foi difundida a escritora no Brasil.

---

<sup>429</sup> Na época, Isabel Allende utilizava o termo desigualdade entre os “sexos”. O termo “gênero” foi se tornando usual (ainda que não total consenso em nenhum espaço de discussão) no movimento feminista e na terminologia acadêmica ao longo das décadas de 1980 e 1990. Isso se deu em uma substituição (que carrega ampla carga conceitual) ao uso do termo “sexo” quando se fala em desigualdade entre homens e mulheres.

<sup>430</sup> BAHIANA, Ana Maria. op. cit.

Por fim, encontramos uma outra crítica cinematográfica de tom negativo ao filme em 1994. Na reportagem “Latinidade Multinacional”<sup>431</sup>, um autor não identificado começou com a ironia de que o filme teve “um grande mérito: a prova definitiva de que Meryl Streep e Glenn Close não são a mesma pessoa” e continua a sua fala com a crítica à combinação feita de produtores e autores europeus com um texto latino-americano. Essa parte da crítica coincidiu com o olhar dos críticos cinematográficos dos demais periódicos analisados. Vale observar, contudo, que quando o jornalista chamou a essa combinação e à fragilidade da adaptação do livro para o filme de “isso que é realismo mágico”<sup>432</sup>, ele nos deixa com a impressão de que despreza não só filme, como o texto de Allende e a corrente literária ao qual é comumente associado. Isso fica escancarado nos trechos finais da crítica:

Sua filhota Blanca (...) se apaixona por Pedro, um gajo subversivo (...) que prega a revolução. Ela vem, só que do outro lado, e o camarada tem que se esconder. (...) No meio disto tudo, tem aquela esquisitice característica da nova literatura latino-americana: sangue, sujeira e lágrimas<sup>433</sup>.

Nesse trecho, é possível notar que aquele que a escreveu chamou de revolução o golpe e o regime militar chileno, além de mostrar que o problema, para ele (ou ela) não estava somente na obra de Allende, mas em toda a nova literatura latino-americana. Apesar da crítica literária não assinada pôr em dúvida a qualidade daquilo que seu autor escreveu, pode-se dizer que era uma leitura do golpe no Chile claramente marcada pela postura de *O Globo* durante todo o regime militar no Brasil. O único problema é que já haviam passado cerca de dez anos do fim da ditadura brasileira e cerca de cinco anos da chilena.

Talvez não sejam os leitores de *O Globo* os que mais empatizariam com esse romance. Nos parece, porém, que as opiniões da crítica e quiçá do próprio jornal (se estiverem em consonância) não confluem com o gosto do público carioca, vide o tempo em que o filme permaneceu em cartaz nos cinemas.

Ou seja, a difusão do romance não cessaria enquanto houvessem novas formas de sugeri-lo aos olhos do público e o lançamento de um filme baseado no livro foi o modo contemporâneo mais eficiente de conhecerem-no, pois, era a década da televisão e do crescimento do uso da internet. Podemos dizer que o romance se tornou um *best-seller* entre 1984 a 1986 e retomou sua popularidade em 1994, após o lançamento do filme. A continuidade

---

<sup>431</sup> Latinidade Multinacional. Rio Show. **O Globo**, 30 set. 1994. p. 23. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=199019940930>. Acesso em: 30 dez. 2018.

<sup>432</sup> Ibid. p. 23.

<sup>433</sup> Ibid. p. 23.

de sua difusão e vendagem é efetiva até hoje (2019), pois a cada novo romance de Isabel Allende (que publica em média a cada dois anos), retoma-se a narrativa do primeiro livro e sua trajetória de vida. Em 1995, essa difusão foi marcada pela primeira autobiografia da escritora — *Paula* —, que teve como central as voltas em torno da doença de sua filha, tornando-se esse romance um novo *best-seller*.<sup>434</sup>

### 3.3 O jornal *Mulherio*, a imprensa feminista e Isabel Allende

Como consta no primeiro capítulo, a escritora Isabel Allende procurava se construir socialmente como feminista e o romance *A Casa dos Espíritos* manifestou em seu texto elementos destas ideias, com suas personagens que se envolveram com o movimento feminista. Considerando que o movimento feminista tinha voltado a crescer no Brasil e ganhava força na década de 1980, analisamos a circulação do romance na imprensa feminista, como modo de compreender se as ideias do movimento feministas foram um dos fatores que impulsionaram as vendas e a difusão no Brasil do livro de Allende.

Diferentemente dos periódicos abordados anteriormente, a imprensa alternativa no Brasil se consolidou na resistência à ditadura militar e um segmento dentro desse grupo foi a imprensa feminista. A dita imprensa alternativa ou nanica tinha como característica a abordagem de temas que atendiam as minorias políticas e o curto período de existência de seus periódicos, devido às dificuldades de financiamento e às tensões políticas nas quais estava envolvida. Essa situação foi o caso do jornal *Movimento*, que sofreu perseguições durante o tempo em que foi editado. Esse periódico circulou com regularidade de 1975 a 1980, e foi publicado até 1981, com edições esparsas, após ataques da extrema direita e com dificuldades de se manter<sup>435</sup> dadas as tensões políticas enfrentadas. O financiamento por partidos políticos e associações clandestinas era um dos fatores de sustentação dos jornais, mas isso implicava em irregularidade na chegada de financiamento; Variavam os tipos de jornais alternativos entre os expressamente de esquerda e de resistência à ditadura militar, até aos jornais ligados às artes e cultura fora do circuito

---

<sup>434</sup> *Paula* ficou 18 semanas na lista de mais vendidos de 1995, segundo *O Globo* e 17 semanas n' *O Estado de S. Paulo*, os dois jornais cujos modelos desse tipo de listagem estavam melhor estruturados.

<sup>435</sup> AGUIAR, Flávio. op. cit.; Verbete temático – imprensa alternativa: Movimento. FGV. Ver em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/imprensa-alternativa>. Acesso em: 20 dez.2018.

comercial e os produzidos por movimentos sociais e minorias políticas, como o movimento negro, de homossexuais, ligados a luta dos indígenas, ligados a ecologia e outros mais.<sup>436</sup>

Porém, devido a especificidades do movimento e da imprensa feminista, com duração para além da ditadura, este tipo de periódico teve outros formatos e desenvolveu outras temáticas, principalmente no contexto de abertura política da década de 1980 e das transições do próprio movimento feminista ao qual se vinculava. Isto não implicava em deixar de ser alternativo, mas não era mais como resistência ao regime militar e/ou perseguido, como era o caso de parcela dos jornais da imprensa alternativa durante a ditadura.

Pensando nisso, retomamos a discussão sobre o movimento feminista no Brasil e na América Latina, pois alguns apontamentos são necessários para compreensão do modelo de periódico do qual analisaremos uma reportagem sobre Isabel Allende. O feminismo é um movimento amplo, com várias fases, entendido hoje enquanto “feminismos”, devido às diferentes vertentes, questões e mulheridades que se colocam para o debate. Para nosso trabalho, o que nos coube foi pensar alguns pontos gerais desse conceito e movimento. Entendemos o feminismo de modo geral e a partir da acepção de Joana Maria Pedro, como um movimento que reconhece que há opressões socioculturais, políticas e econômicas específicas e sistemáticas à mulher (ou às mulheres) e que reivindica e luta pela igualdade entre os gêneros. Há movimentos de mulheres (ou seja, compostos principalmente por mulheres) que não necessariamente se intitulam feministas e a diferença é que as reivindicações não são específicas pelos direitos das mulheres e ou contra as opressões de gênero.

Dentro do movimento feminista, além das diferentes vertentes (feminismo socialista, marxista dogmático, radical, negro, interseccional, liberal e etc.) há também aquilo que compreendemos como “ondas” que seriam as fases pelas quais o feminismo foi transitando e incorporando ou repensando suas ideias e práxis. Compreendemos que o termo “onda” para o feminismo é uma generalização para fins de análise científica, pois o feminismo foi (e é) um movimento muito vasto e que não deixou de existir no período entre as “ondas”. Cada “onda” marcou a ascensão de uma nova fase ou recorte dentro do feminismo e/ou o recrudescimento dessa “luta”. No Brasil, a “primeira onda” teve como características os movimentos sufragistas (direito ao voto) e a luta por direitos políticos e cidadania, entre final do século XIX e primeira metade do século XX. Nos Estados Unidos e Europa, a “segunda onda” teria tido início nos anos após a 2ª guerra (1950-1960) mundial, e teve como aspecto central “as lutas pelo direito

---

<sup>436</sup> AGUIAR, Flávio. op. cit.

ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado”<sup>437</sup>. Entretanto, na América Latina há um tempo diferente de chegada e de construção dessas ideias, tendo muita força o papel de mãe e esposa na configuração de formas de resistência feminista e diferenciação do masculino, como, por exemplo, o “protesto das mães contra a cultura do medo”, grupos esses de mulheres e mães que foram consideradas oposição em vários dos regimes militares da latino-américa.

No Brasil podemos dizer que a “segunda onda” foi no início de 1970, e essa nova fase do feminismo teve como característica regional a resistência à ditadura militar e a questão da luta de classes como foco, tanto que uma parcela do contato com as ideias feministas pelas mulheres ocorreu no exílio no exterior<sup>438</sup>, durante a permanência do regime militar<sup>439</sup>. O contato com o feminismo no exílio era um caso comum no Brasil e no Chile; outra parte da formação nas ideias feministas surgiu de mulheres membros de partidos políticos. Neste contexto também se desenvolveram outras linhas do feminismo, como a liberal, preocupada com a igualdade entre homens e mulheres, de perspectiva reformista, que enfatizava a luta jurídica por igualdade feminina, a profissionalização, o acesso à educação, entretanto, reforçava o individualismo e a competitividade<sup>440</sup>. Houve também a influência da atuação de setores da Igreja Católica, que se aliaram e deram força a resistência de esquerda, por meio das pastorais da criança, da mulher e outros. Esses setores da Igreja tiveram intercâmbios com o feminismo ao incentivar os clubes de mães, dentre as comunidades de base e discutir justiça social e cristianismo. Não sem choque e contradições era a relação entre a igreja e o movimento feminista, pois a última abordava alguns temas que eram tabus para a Igreja, mesmo a mais progressista, como liberação do aborto, vida sexual liberal e questionamentos sobre o casamento.

Os autores conceberam ainda uma “terceira onda”, que para o contexto latino-americano, se elaborou em um momento de reestabelecimento das liberdades democráticas e de ampliação da discussão de gênero (conceito esse que se firmou nessa época), corpo e sexualidade no âmbito do feminismo, incluso na intersecção com as discussões dos movimentos negro e LGBT. Estes caminhos levaram aos “feminismos”, a rachas, acordos e à mudanças nas concepções dos

---

<sup>437</sup> PEDRO, Joana Maria. Narrativas do feminismo em países do cone sul (1960-1989). PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**, Florianópolis: Ed.Mulheres, 2010, p. 116 e 124. FREITAS, Viviane Gonçalves. O jornal Mulherio e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. In: **História, Histórias**. Brasília, vol.2, nº4, 2014. NASCIMENTO, Lilian Soares do. **A natureza do corpo feminino em Mulherio: paradoxos de um jornal alternativo feminista brasileiro (1981-1988)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015, p. 15, 25-26.

<sup>438</sup>PEDRO, Joana Maria. op. cit. 2010. p. 124-126.

<sup>439</sup>Idem. p. 124-126.

<sup>440</sup> CARDOSO, Elisabeth da P. **Imprensa Feminista Brasileira pós-1974**, 2004, Dissertação (Mestrado em comunicação). USP: São Paulo, 2004, p.

diversos grupos. Por isso, temos hoje um movimento múltiplo e estabelecido no Brasil, com suas dissonâncias, tensões, lutas e resistência às opressões.

Dentro da realidade regional latino-americana e, mais especificamente, no Brasil, os jornais de temática feminina tiveram seu surgimento no final do século XIX e alguns foram transitando para uma perspectiva feminista. Com a “segunda onda” do feminismo no Brasil, dentro do contexto autoritário do regime militar, retomou-se e ganhou força a formação de vários jornais de temática feminista dentro da lógica dos meios alternativos de comunicação. Uma das principais pesquisadoras que nos norteou nessa identificação foi Elizabeth Cardoso, com sua dissertação *Imprensa Feminista Brasileira pós-1974*<sup>441</sup>, pela quantificação e detalhamento dos periódicos feministas brasileiros das décadas de 1970, 1980 e 1990. Segundo Cardoso, por meio de Kucinski, estipulou-se uma cifra de cerca de 150 periódicos alternativos nesse período. Já em relação aos periódicos feministas do Brasil, na catalogação feita pela pesquisadora, no acervo do Arquivo Edgard Leueroth (AEL), na Unicamp, Campinas; na Biblioteca da Fundação Carlos Chagas e nos arquivos da Biblioteca do Centro de Informação da Mulher (CIM), os dois últimos em São Paulo, encontrou 75 títulos que podem ser entendido como tendo uma proposta jornalística e feminista, entre jornais, revistas e boletim de notícias, sendo 46 do sudeste e a maior parte de São Paulo. Esta proporção ocorreu em partes pela concentração das buscas da pesquisadora em acervos no Estado de São Paulo, na região sudeste, mas é um tipo de produção que tendeu a ser mais concentrada nos pólos políticos antes evidenciados – Rio de Janeiro e São Paulo. Ainda assim, foram encontrados periódicos com abordagem feminista em quase todo o Brasil excetuando a região norte, expressando uma movimentação feminista pelo território nacional.

Segundo esta autora foi possível dividir os 75 periódicos feministas em dois grandes grupos, para fins de análise, e seriam estes:

a primeira geração, contemporânea dos jornais alternativos e, de forma geral, voltada para a questão de classe, e a segunda geração, grupo de periódicos feministas editados a partir de 1981, de forma geral, voltada para a questão de gênero.<sup>442</sup>

Esta divisão se baseava nos elementos observados nos periódicos e na correlação com as fases do movimento feminista, cujas mudanças também apareceram nas folhas dos periódicos que deram voz ao movimento. Ainda que uma fase tenha elementos da outra, num primeiro

---

<sup>441</sup>CARDOSO, Elizabeth. Op. Cit.

<sup>442</sup> Idem, p. 67-68.

momento a questão de classe era o que mais aparecia nos jornais feministas, discutindo questões relacionadas ao contexto do regime militar e da crise econômica pós-1974, quando também retornavam timidamente algumas manifestações contra o regime e questionando a censura, as restrições à democracia e as torturas. Dentre esses questionamentos, à questão da falta de creches e à carestia agregavam-se as denúncias da repressão e a busca por direitos políticos e pela anistia, ou seja, havia elementos que não se pautavam estritamente pelas necessidades e questões referentes às mulheres, tendo muitas vezes financiamento ou estrutura ligada a partidos políticos.

Para Cardoso, a divisão histórica que permitiu delinear as diferenças e cisões entre as gerações são o II e o III Congresso da Mulher Paulista (1980 e 1981), que foram marcados pelas tensões e debates das lideranças de esquerda (de partidos e grupos ainda clandestinos) com lideranças feministas. Ambos buscavam força política, mas aqueles questionavam o movimento feminista, argumentando que ele era separatista e que enfraqueceria a luta de classes. Em contraposição, segmentos do movimento feminista buscavam agregar ou centralizar na discussão de gênero e não de classe<sup>443</sup>.

Os periódicos da década de 1980 em diante tenderam a colocar a discussão de gênero no cerne das suas pautas. Essa transição também implicou na mudança da estrutura, dos financiamentos e das instituições as quais se vincularam, tanto que a imprensa feminista pós 1980 tendeu a ser mais produzida por ongs (organizações não governamentais) e financiada pelo Estado e por instituições privadas, como a Fundação Ford; há também produções que eram feitas dentro de espaços acadêmicos e de universidades e até algumas financiadas por instituições religiosas/Igreja. Houve mudanças nos periódicos alternativos de acordo com a época, quer fosse década de 1970 ou 1980, mas foi possível identificar um leque de possibilidades

por meio de levantamento de semelhanças de conteúdos editoriais, é possível dividir a imprensa feminista em oito grupos diferentes: noticioso (mix de assuntos, geralmente preocupados em dar um panorama nacional dos temas relacionados à mulher), estatal (jornais com apoio financeiro dos governos estaduais, municipais ou federal e presença de lideranças dessas instâncias em suas pautas e coberturas jornalísticas), saúde (voltados para temas de saúde da mulher), universitário (periódicos noticiosos voltados e feitos por integrantes da comunidade feminista acadêmica), trabalho (publicações voltadas para as questões de trabalho e auto sustentação da mulher), religioso (publicações voltadas para as mulheres, com apoio

---

<sup>443</sup> Disto que também surgiram rachas dentro do movimento feminista e o afastamento de algumas mulheres dos partidos políticos (o exemplo clássico é o de Maria Amélia de Almeida Teles, conhecida como Amelinha Teles, que foi do PCdoB) aos quais pertenciam e vice-versa (mulheres que se afastaram do movimento feminista e continuaram nos partidos políticos a que pertenciam).

da Igreja), legislativo (publicações dedicadas à cobertura e análise de formulações, discussões e notícias sobre os temas da mulher no Legislativo) e variados (incluindo educação, questão racial e sexualidade no sentido comportamental).<sup>444</sup>

Essas tipologias se correlacionaram com os diferentes grupos que preconizaram a causa feminista dentro de seus campos de atuação.

Quando entramos em contato com os periódicos feministas, essas divisões tomaram forma, e alguns dos jornais mais expressivos nesse quesito foram *Brasil Mulher* (Londrina, PR) fundado em 1975 e extinto em 1980, considerado o primeiro periódico feminista nacional; o *Nosotras* (Paris, França), de 1974 a 1976, criado pelo Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, composto por mulheres brasileiras e hispânicas exiladas; o *Nós Mulheres* (São Paulo, SP), de 1976 a 1978. Esses três periódicos citados tiveram como características principais sua composição – formados por militantes feministas, em sua maioria de esquerda, no enfrentamento à ditadura militar – e as tensões entre o que era mais central – debater gênero ou classe. A questão de classe teve mais vigor, principalmente para os dois periódicos brasileiros, ocasionando “rachas” internos. Havia ainda periódicos de temática homossexual, como o *ChanacomChana*, fundado em 1981 pelo Movimento Lésbico-Feminista (MLF)<sup>445</sup>, enfatizando e reivindicando questão legais e direitos civis a essa minoria. Dentro do grupo das feministas acadêmicas vemos com destaque o jornal *Mulherio*, que durou de 1981 a 1988, tendo sido criado por pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas<sup>446</sup>.

O *Mulherio* foi mais um jornal dentro do espaço da mídia alternativa, que buscou representar um movimento social e conquistar espaço como meio de comunicação de ideias, valores e lutas políticas, dando visibilidade e fomentando o debate sobre os direitos das mulheres. Sua especificidade está no momento histórico, nas temáticas que optou por abordar, em suas origens acadêmicas e possibilidades de financiamento.

Surgido no início dos anos 1980, precisamente teve sua primeira edição em março de 1981, produzido por um “Coletivo de Mulheres do Departamento de Pesquisas da Fundação

---

<sup>444</sup> CARDOSO, Elizabeth. Panorama da imprensa feminista brasileira pós 1974. **Imprensa Feminista Brasileira pós-1974**, 2004, Dissertação (Mestrado em comunicação). USP: São Paulo, 2004. P. 108.

<sup>445</sup> CARDOSO, Elizabeth. Imprensa Feminista Brasileira pós-1974. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12 (n.e.): 264, setembro-dezembro/2004., p. 41-46. FREITAS, Viviane Gonçalves. O jornal *Mulherio* e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. In: **História, Histórias**. Brasília, vol.2, nº4, 2014, p. 157-158.

<sup>446</sup>A FCC (Fundação Carlos Chagas) se define como uma “instituição de direito privado e sem fins lucrativos, que atua em duas grandes áreas: **Avaliação/Concursos/Processo Seletivo e Pesquisa e Educação**”; fundada em 1964 no intuito de articular “vestibulares, pesquisas educacionais e formação de profissionais”. Em 1978, começou a fomentar a realização de estudos sobre mulheres e relações de gênero com o financiamento da Fundação Ford. Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/institucional/>. Acesso em; 26 dez. 2018.

Carlos Chagas<sup>447</sup> em São Paulo, também envolvidas em estudos sobre mulheres. Com publicações bimestrais, no início, o jornal teve um total de 40 edições – considerando o número 0 como edição inaugural, com apenas 4 páginas, apresentando a proposta do jornal. As edições posteriores tinham entre 16 e 24 páginas. Após o término do *Mulherio*, houve mais duas edições sob o nome de *Nexo, Feminismo, Informação e Cultura*, em junho e julho de 1988, ou seja, o novo título também não durou muito. Em relação a periodicidade, o *Mulherio* oscilou entre publicações bimestrais e trimestrais, devido as dificuldades de auto sustentar-se, pois, segundo Freitas<sup>448</sup>, o apoio da Fundação Ford não era suficiente para manter o periódico. As editoras buscaram fazer publicações mensais para o ano de 1986, na tentativa de torná-lo mais competitivo no mercado editorial, o que não ocorreu. Sua capa passou a ser colorida após o número 23, em 1985.

Em 1984 o citado periódico deixou de fazer parte da Fundação Carlos Chagas, mas continuou sendo editado por parte do grupo de pesquisadoras que o criou. Tal grupo buscou fazer o intercâmbio entre instituições e pesquisadoras da condição feminina no Brasil<sup>449</sup>. Ainda que voltado à academia, o grupo teve a preocupação em não elaborar um texto muito “científico”, para possibilitar o acesso a pessoas leigas e se manter aberto as diversas correntes do feminismo<sup>450</sup>; entre as mulheres que compuseram o conselho editorial na primeira fase temos a antropóloga Ruth Cardoso, as sociólogas Heleieth Saffioti<sup>451</sup>, Lélia Gonzales e Eva Blay, as psicanalistas Maria Rita Kehl e Carmen da Silva, sendo que esta última também foi jornalista e ficou famosa pelos textos feministas publicados na revista *Cláudia*, da editora Abril. Algumas das temáticas abordadas foram: direitos reprodutivos, violência contra as mulheres, aborto, família, sexualidade, trabalho doméstico, racismo, datas e marcos do movimento feminista e da luta de mulheres (como o 8 de março), cultura (como música, cinema e literatura). Dentro do segmento de cultura, que foi entrevistada a escritora chilena já famosa mundialmente Isabel Allende, na edição 26, de set/nov., de 1986.

---

<sup>447</sup> FREITAS, Viviane Gonçalves. Op. Cit., p. 160.

<sup>448</sup> Idem, p. 160-161.

<sup>449</sup> FUNDAÇÃO Carlos Chagas. Institucional. In: <[www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/I\\_0\\_1981menor.pdf](http://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/I_0_1981menor.pdf)>, acesso em 27-12-2018.

<sup>450</sup> NASCIMENTO, Lilian Soares do. **A natureza do corpo feminino em Mulherio**: paradoxos de um jornal alternativo feminista brasileiro (1981-1988). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015, p.46-47 IDEM

<sup>451</sup> Saffioti é definida por Joana Maria Pedro como destaque no feminismo acadêmico por ser uma das precursoras do debate sobre a condição da mulher dentro da Academia, com seu livro *Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*, de 1967, antes de se definir como feminista.

### 3.3.1 – Isabel Allende nas páginas do *Mulherio*

Nesse cenário social e político foi publicada uma entrevista com Isabel Allende na edição de nº 26, do final do ano de 1986 do *Mulherio*, com anúncio na capa – Isabel do Chile – e citação no editorial. A segunda página desse jornal funcionava como uma espécie de editorial intitulado *De dentro para fora*, com carta dos leitores e informações gerais sobre a revista; nela temos a seção *Respeitando as diferenças*, que apresenta as condições da revista (volta de um conselho editorial fixo – com nomes como Inês Castilho – jornalista; Albertina de Oliveira Costa – da Fundação Carlos Chagas; Bela Feldman – da Bianco Southeastern Massachusetts University, dos EUA; Emir Sader – da USP; Heloisa Buarque de Holanda – da UFRJ) e as principais temáticas daquele número da revista, que foram: retomada da discussão sobre a Constituinte com debates sobre os direitos do corpo e da propriedade de terra, descriminalização do aborto; a mobilização de mulheres pelas pautas e reivindicações femininas para a Constituição; e, além de outros pontos mais, a “entrevista com a escritora chilena Isabel Allende e a mobilização das chilenas (...) para derrotar a sangrenta ditadura de Augusto Pinochet”<sup>452</sup>.

Nesta edição aparecem como “contribuidores” a Fundação Ford do Brasil, a Evangelisches Missionswerk de Hamburgo, Alemanha e a Word Council of Churches, de Genebra, Suíça<sup>453</sup>. É interessante observar que havia alguma expressividade nos órgãos patrocinadores dessa empreitada, o que não nos permite supor que eles contribuía com um valor alto para a manutenção do periódico, considerando que o plano de publicação mensal não se efetivou e a próxima edição, de nº 27, por exemplo, acabou por ser trimestral – de dezembro a fevereiro de 1986-1987. Contudo, isso nos permite indicar o interesse e apoio de organizações internacionais. Em sua trajetória, apesar das dificuldades, o fato de ter surgido dentro da estrutura da Fundação Carlos Chagas e com patrocínio externo, permitiu a impressão do *Mulherio* em uma gráfica, em bom material, diferente do material precário de alguns dos jornais anteriores da imprensa alternativa, que eram mimeografados (condição que também poderia ser resultado da necessidade de produção clandestina de parte dos periódicos).

Em relação ao que nos interessa, na página 4 teve início a entrevista com Isabel Allende, que foi até a página 7 de um jornal de 24 páginas (4 destinadas a entrevista), páginas estas permeadas no final por duas pequenas outras reportagens – a luta de mulheres e feministas

---

<sup>452</sup> De dentro para fora. *Mulherio*, ano 6, n. 26, set./nov. 1986. p. 2. Disponível em: [https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI\\_26\\_1986menor.pdf](https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI_26_1986menor.pdf) Acesso em: 25 jul. 2017.

<sup>453</sup> Excetuando a Fundação Ford do Brasil, os patrocinadores não foram sempre os mesmos.

chilenas contra a ditadura militar de Augusto Pinochet (p. 6) e os grandes nomes de artistas chilenas anteriores a Isabel Allende (p.7). A entrevista foi obtida graças a vinda de Isabel Allende à Bienal Internacional do Livro de São Paulo, em agosto de 1986, para lançar seu novo romance.

A entrevista *A escritora que nasceu do exílio*<sup>454</sup>, feita com Isabel Allende, ocupou a primeira página inteira com uma foto sua ao centro e continuou ocupando quase inteiramente as demais páginas; na foto da primeira página tem a seguinte legenda:

Seu primeiro romance, *A Casa dos Espíritos*, é dedicado as mulheres e nasceu da solidão e do sofrimento do exílio. Em recente visita ao Brasil para o lançamento de *De Amor e de Sombra* (...). Com seu talento literário e profundo compromisso com a libertação de seu país, o Chile (...)<sup>455</sup>.

Assim teve início a entrevista feita pela jornalista Cristina Serra, com uma legenda carregada de elementos os quais as leitoras de *Mulherio* reconhecem bem em suas trajetórias de vida ou na de colegas e amigos deste país que recentemente retornara a democracia: a solidão do exílio, o sofrimento dessa fase, a revolta e a luta contra um estado autoritário, cujos paralelos podem ser feitos com o dito “compromisso com a libertação” do Chile que ainda estava sob um regime autoritário. Mais do que só mulheres se reconhecendo, parte das prováveis leitoras se reconhecem na figura de Allende, pela experiência de ser mulher no exílio. Como ressaltamos anteriormente, algumas brasileiras entraram em contato com o feminismo por meio de grupos de mulheres ou de feministas, formados no exílio, que retornaram ao Brasil após a promulgação da Lei da Anistia, em 1979, pelo último presidente general, João Batista Figueiredo<sup>456</sup>.

Na sequência, a escritora nos foi apresentada por Serra, que de antemão informou a carreira de sucesso já trilhada por Allende, uma vez que ela foi publicada

(...) em vários países de língua espanhola e também na Alemanha, França e Estados Unidos, onde os editores pagaram 600 mil dólares pelos direitos de publicação em edições de bolso. No Brasil já vendeu 200 mil exemplares, desde seu lançamento em 84 (...) *De Amor e de Sombra*, foi lançado aqui [no Brasil] (...): já vendeu cerca de 60 mil exemplares.<sup>457</sup>

Os supracitados números de vendagem de livros de Allende não indicaram fontes precisas e podem estar superfaturados pelas editoras que o compartilharam, mas que, mesmo

---

<sup>454</sup> SERRA, Cristina. op. cit. p. 4-7.

<sup>455</sup> Idem. p. 4.

<sup>456</sup> PEDRO, Joana Maria. op. cit. 2010. p. 124

<sup>457</sup> Serra, Cristina. op. cit. p. 5.

se reduzidos, saltam aos olhos de um pesquisador do mercado editorial brasileiro. No Brasil, alguns dos maiores nomes de best-sellers nacionais, excetuando Paulo Coelho, venderam de 200 a 300 mil exemplares em um título de grande sucesso editorial, como Luiz Fernando Veríssimo<sup>458</sup>. O dado que obtivemos anteriormente, citado no capítulo 2, foi de 68 mil exemplares vendidos entre 1994 e 2014, da edição publicada pela Bertrand Brasil em 1994 (começou a contar novamente como 1ª edição a publicação feita em 1994). Há um lapso de tempo de 1984 a 1994, nos dados que obtivemos, mas esse faturamento anterior nos leva a ver a dimensão de vendagem que o romance conquistou no Brasil, com as propagandas, com os vínculos políticos e sociais; com a fama que antecedia a ela, de seu tio socialista; e com uma trama que se encaixa e corresponde a anseios da estrutura de sentimentos da época.

A entrevista em si não iluminou aspectos novos da trajetória social da autora nem dos romances que publicou, trazendo a história de vida narrada no primeiro capítulo da presente dissertação, o contexto histórico-político e literário, o parentesco com o ex-presidente chileno, o terror implantado com a ditadura e sua preocupação em falar da violência vivida, e as temáticas mais recorrentes foram a mulher, o amor e a liberdade; mas como foi valorizada a fala de Allende, houve bastante espaço para discorrer sobre o que a escritora pensava e com isso Isabel Allende fez narrações mais densas sobre o ser mulher na América Latina.

Foi uma entrevista que permitiu à leitora mais tempo de reflexão sobre o ser mulher no panorama exposto, explorando alguns aspectos da visão da autora sobre as diferenças de gênero construídas socialmente na literatura e na vida. Na entrevista, Isabel Allende se mostrou cuidadosa com a afirmação dela própria e de seus textos como feministas, por considerar isso de um trabalho mais documental do que literário, mas diz que trabalhou como jornalista no Chile com mulheres e escrevendo para mulheres, entrando em contato com os primeiros movimentos feministas de seu país, e suas personagens femininas refletem mulheres fortes como as encontradas no trabalho e na família, assim como figuras místicas e encantadas. Segundo Allende, as mulheres latino-americanas tinham uma educação diferenciada do homem, pois a elas era permitida a emoção, a imaginação e a sensibilidade e nesse meio desenvolveram também a intuição, a superstição e etc.

Isso foi deveras marcante no olhar da escritora e no modo que construía sua narrativa, destinando às mulheres os poderes místicos, em confluência com seu imaginário de como são as mulheres “reais”. O que indagamos e propomos é que isto confluiu com uma parcela do feminismo na latino-américa da época, que por um lado buscava a igualdade de direitos, mas

---

<sup>458</sup>CORTINA, Arnaldo, SILVA, Fernando Moreno. op. cit. p. 8.

por outro, buscava afirmar uma identidade feminina diferenciada e que deve ser respeitada igualmente na sua condição, identidade esta que envolve uma construção como mãe, esposa. Por isso, ainda que Allende, no discurso da entrevista, tenha afirmado o lado místico como parte da construção social da mulher latino-americana, que pode exprimir sentimentos, suas personagens têm esse dom como natural, em especial as mulheres da família Del Valle.

Para Nascimento, coexistiram nas edições da revista *Mulherio*, o discurso essencialista e o discurso pluralista, pois, o periódico direcionou parte de seu texto e abordagem à mulher de um modo que pôde ser visto como construindo uma identidade unificada às mulheres, definidas a partir de um corpo sexual comum. Mas a pesquisadora também observou a preocupação em trazer a pluralidade das lutas das mulheres, trazendo o movimento das mulheres negras, das feministas chilenas, a questão de classe como influenciadora. Como, no movimento feminista, há correntes que se contrapõem e coexistem numa mesma época, isto ocorre na revista e pressupomos que isto ocorreu com as leitoras.<sup>459</sup>

Sendo assim, a entrevista com Isabel Allende pode ter tido um atrativo e vínculo especial com esse tipo de público leitor; pelo seu texto literário, que fluiu entre a narrativa de testemunho, quase documental, até as personagens cercadas pelos mitos e crenças populares, cujas mulheres Del Valle têm por essência poderes quase “mágicos”. Observando que foram também mulheres de classe média alta, que resistiram ao machismo e à violência ditatorial. E a escritora elaborou o texto e o usou metaforicamente como expurgo do exílio que vivenciava naquele momento e a alguns anos, o que foi um conjunto que só corroborou para criação de vínculos expressos com as leitoras de *Mulherio*.

Não só disso tratou ou tratava a entrevista, também abordava se haviam diferenças entre literatura feminina e masculina, na perspectiva de Allende, e, nesse caso, foi importante que Allende tenha respondido que não há um diferencial entre os sexos na literatura, mas, como ela mesma diz, há socialmente, uma visão de mundo que difere o que o homem ou a mulher vai trazer, assim como diferiria se fosse rico ou pobre, negro ou branco. Esse olhar indicou que ela reconhece o direcionamento de seu texto às mulheres, mas defendeu a leitura desse a um público de ambos os gêneros, o que no caso desse periódico (*Mulherio*) não foi útil, se considerar que era um jornal lido mais por mulheres<sup>460</sup>, mas que é um discurso que deveria ser mantido em outros espaços, se havia o intuito de que seus livros fossem vendidos.

---

<sup>459</sup> Nascimento, Lilian Soares. op. cit. 2015. p. 60.

<sup>460</sup> Não temos indícios de leitura massiva por homens, não há comentários de homens no espaço para carta dos leitores, nem informações mais precisas de leituras pelo público masculino.

Considerando que todo impresso tem uma circularidade específica, um cálculo de tiragem e é enviado a alguns lugares para ser vendido de acordo com as parcerias estabelecidas, observamos isso em *Mulherio*, que informava a cada edição onde (livraria, espaço cultural, em qual estado e cidade) teria a venda aquele número, anunciava os valores para assinatura anual e informava que a distribuição é gratuita para institutos de pesquisas, grupos de mulheres e órgãos da imprensa. No nº 26, vimos a concentração nas livrarias de São Paulo capital, como esperado, em 9 livrarias diferentes, e por meio de distribuidoras, seria possível encontrar em Campinas e Barretos. Fora do estado de São Paulo era possível encontrar em algumas capitais, caso de Recife (PE), Campo Grande (MS), Porto Alegre (RS) e na cidade de Juiz de Fora (MG).

Pudemos observar que não foram sempre os mesmos locais de distribuição, sejam as livrarias e/ou as cidades, mas esta era a situação do momento, com uma tiragem de 7000 exemplares, no que inclui a distribuição para institutos de pesquisa; tendo em alguns números anteriores, tiragem de 5000 e em números posteriores, tiragem de 12000 exemplares. Lembrando que estavam tentando retomar a produção e as vendas e o nº 26 segue-se a esse momento de esforço e investimento, sendo que nos números posteriores, haverá pontos de distribuição em mais capitais, como no Distrito Federal e no Rio de Janeiro.

Na edição seguinte, a publicação dos meses dez./ fev. de 1987<sup>461</sup>, na seção de cartas de leitoras, entre cartas selecionadas, houve uma que elogiou o nº 26 de *Mulherio*, principalmente pela entrevista feita com Isabel Allende. A carta foi escrita por Lúcia Castello Branco de Belo Horizonte (MG) a Inês Castilho, Maria Lúcia e Pérola Paes, respectivamente, a editora-responsável, a editora-assistente e a secretária de redação. Nessa carta, a leitora diz que não teve acesso a todos os números anteriores do jornal, mas que os exemplares que pode ler, muito lhe agradaram e principalmente os últimos números que se pautaram por trazer mais temas culturais. Nesse sentido, Branco elogia a entrevista com Isabel Allende (principalmente) e o conto de Maria Lacerda de Moura, que o jornal também trouxe nas páginas da edição anterior de *Mulherio*. Segundo essa leitora, esse foi um “trabalho de resgate da memória feminina”<sup>462</sup>, algo que considera fundamental. O modo como a leitora se expressou em relação a Allende indicou que era uma escritora já conhecida e nos deu indícios que essa entrevista vai ao encontro daquilo pelo qual as leitoras de *Mulherio* se interessavam e, não menos importante, que a associação do nome da escritora dentro do público feminista era algo que já ocorria em alguns

---

<sup>461</sup> Prezadas Inês, Maria Lúcia e Pérola [Carta da leitora Lúcia Castello Branco]. **MULHERIO**, dez./fev. 1987, De dentro para fora, nº 27, ano 7. p. 2. Disponível em: [https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI\\_26\\_1986menor.pdf](https://www.fcc.org.br/conteudos especiais/mulherio/arquivo/VI_26_1986menor.pdf). Acesso em: 01 dez. 2018.

<sup>462</sup> Idem. p. 2.

círculos de mulheres. Foi possível fazer apenas essas pequenas conjecturas a partir dessa resposta, mas foi curioso também observar a seção de carta das leitoras, pois nela encontramos outras duas cartas e que, mesmo sendo de assuntos completamente diferentes, indicam os caminhos por onde circulou o *Mulherio* – uma das cartas veio de uma leitora de Paris, França, e outra veio de Tremembé, São Paulo, de dentro de uma penitenciária feminina.

O que notamos é um periódico de circulação urbana<sup>463</sup>; um trabalho que buscava circular no território nacional por meio das capitais, mas cuja difusão não se efetivou, pois ficou expressivamente concentrado no Estado de São Paulo ou nos meios acadêmicos, ainda que não só nesses circuitos. Essa foi a circulação do jornal e foi por onde pode ter passado a entrevista sobre a escritora e seus romances, caracterizando um pouco mais o perfil dos prováveis leitores de Allende, o que levou a seu sucesso editorial e onde se deu esse sucesso.

Corremos o risco de ser repetitivos nessa afirmação, mas o modelo que vislumbramos de prováveis leitores foram mulheres urbanas de classe média/média alta e uma parcela dessas, já cursaram ou estavam cursando uma faculdade, ou estavam envolvidas com política ou com alguma militância, não necessariamente feministas. Só que seria reducionista dizer que foi somente esse o perfil, pois se nos basearmos no *Mulherio*, foi, ao menos um pouco, difundido a mulheres camponesas; foi vendido em livrarias e em algumas cidades do interior do estado de São Paulo, atingindo algumas mulheres que estavam interessadas no tema da revista.

---

<sup>463</sup> Pelas cartas dos leitores pudemos ver que o periódico chegou ao menos a um grupo de mulheres camponesas (nº2 - 1981) e a um presídio feminino em Tremembé (nº 27 – 1987), mas são poucos indícios.

## Considerações finais

Os três capítulos desta dissertação tiveram como intenção buscar possíveis respostas ao porquê do romance *A Casa dos Espíritos*, da escritora chilena Isabel Allende, ter se tornado um sucesso editorial no Brasil a partir de sua publicação nos anos 1980, no contexto de abertura política e fim do regime militar. A análise foi desenvolvida por meio do estudo das relações entre texto e contexto. Tomando o texto literário e a imprensa como fontes históricas, estudamos alguns aspectos da produção e materialidade do livro, mas principalmente da difusão e circulação do romance.

Compreendemos que este romance assumiu a dimensão de *best-seller* nacionalmente e no mundo, tendo em vista que tal terminologia é associada principalmente ao quesito da vendagem de um dado livro de acordo com o público leitor de um local. Nossa análise procurou pelos elementos que influenciaram e levaram a sua construção como *best-seller* e êxito editorial no emaranhado dos anos da década de 1980, quando o movimento feminista havia retomado sua força no Brasil e estava em crescente ascensão, numa conjuntura marcada pelo processo de redemocratização.

Na investigação do percurso, das estratégias e dos circuitos que a literatura percorre para alcançar êxito comercial no mercado editorial, identificamos que o texto literário de Allende e as estratégias publicitárias das editoras (Plaza y Janés e Difel) e dos periódicos que a divulgaram, utilizaram dos elementos da estrutura de sentimentos da época: da emergência dos movimentos feminista e de mulheres, da vida no exílio, da resistência política e do sucesso editorial anterior do realismo mágico. Sendo assim, *A Casa dos Espíritos* foi um romance cujo destaque teve, num primeiro momento (nos anos de lançamento), intrínseca relação com o contexto histórico, pois ressoou interesses e anseios da época, atingindo um certo público leitor.

Foi possível perceber que essa obra de Allende teve como característica uma estrutura narrativa que colaborou para sua inserção no campo de poder do mercado editorial; seu estilo textual nos indicou um modelo de literatura que era hegemônico na indústria editorial daquele momento, dado seu potencial de vendas e caráter popular. Porém, como dito acima, é inequívoco os vínculos do texto literário de Allende com o contexto da época e essa acabou por ser uma de suas características mais marcantes e potentes para que tivesse êxito de vendas, sendo seus maiores méritos a proximidade com o contexto histórico e com um modelo literário de sucesso anterior, do que sua própria qualidade estilística.

O percurso de nossa dissertação consistiu num primeiro momento em apresentar e analisar a narrativa de *A Casa dos Espíritos* e a trajetória social da autora no cruzamento com o

contexto histórico do Chile da segunda metade do século XX. Isto nos levou a observar o quanto o romance em questão pôde ser considerado uma literatura popular, de sintaxe simples e estrutura linear, e, por outro lado, em suas ambiguidades e multiplicidade, como parte do realismo mágico ou romance histórico. As classificações literárias, nesse caso, nos permitiram pensar na carga de associações e vínculos literários que o romance agregou ao ser publicado e que serviram ao mercado editorial para difundí-lo e construí-lo como produto, pois, o realismo mágico teve uma trajetória de êxito editorial ao qual o romance de Allende foi vinculado.

Para além das personagens que se comunicam com o fantástico, a narrativa é atravessada pela história do Chile e o que seria o pano de fundo dos desenlaces da família Del Valle-Trueba se torna o motor da ação e da dramaticidade do enredo no momento em que é vitorioso um presidente socialista e depois quando ele é deposto e tem início uma ditadura militar. Salvador Allende foi presidente no Chile e conhecido no exterior, inclusive nos países da Europa, pela sua proposta de um socialismo pela via democrática, por meio de eleições, que encontrava ressonância nas aspirações de uma parcela da esquerda, entre políticos, intelectuais, artistas e outras figuras. A fama do sobrenome Allende precedeu a escritora Isabel Allende e seu texto literário, o que com certeza influenciou para que houvesse mais espaço para a mesma nos circuitos literários, principalmente no início, quando era desconhecida fora das fronteiras do Chile.

O texto de *A Casa dos Espíritos*, nos últimos capítulos, transmuta para a ficção parte do período de governo de Salvador Allende e o início da ditadura militar e repressão, fazendo crítica à violência do regime militar, resguardadas as contradições da maneira que expõe essas narrativas. Isto, vindo de uma escritora com este parentesco e que vive no exílio, fazendo de seu romance a expressão de seu momento histórico.

Trazendo histórias e elementos do feminismo que emergia naquele momento, dando centralidade às personagens mulheres, Isabel Allende produziu um texto de fácil leitura pelo modelo de escrita e de trama, imbuída da intenção de comunicar e usando de sua bagagem como jornalista. Ao mesmo tempo, é um texto que expressou posicionamentos políticos e sociais sobre uma época, ainda que de modo frágil e sem aprofundamento – o que foi uma das contradições da escritora – evidenciada nos finais felizes românticos após episódios de tortura, ou no silenciamento das vozes femininas de classes inferiores.

No segundo capítulo, examinamos a produção e circulação do romance na Espanha, Chile e Brasil, pois não só do texto depende o sucesso editorial de um romance, mas também das possibilidades de difusão, de quem o difunde, como e onde. O perfil de escrita, as temáticas

literárias e históricas, flertando com o feminismo, permitiram a Isabel Allende acessar uma das maiores agentes literárias espanholas (Carmen Balcells) e a responsável por conseguir contratos e venda dos romances do realismo mágico na Espanha e dali para o mundo, tendo na sua carteira de clientes, por exemplo, Gabriel Garcia Márquez.

Por meio de Carmen Balcells e de Mario Lacruz, editor da Plaza y Janés, de Barcelona, que anteriormente já haviam publicado livros de realismo mágico latino-americano, o romance *La Casa de los Espíritus* se torna um produto editorial a ser vendido ao público leitor espanhol, em 1982. Com publicidades (expressamente pagas), resenhas e críticas literárias no *La Vanguardia* – um dos mais estabelecidos periódicos da Barcelona e da Espanha na época e ainda atualmente, assim que foi lançado, a autora foi comparada aos nomes de escritores, homens, da América Latina já famosos, como de Mario Vargas Llosa, mas com um apelo: era a primeira mulher do *boom* da literatura latino-americana. A ausência de espaço para mulheres escritoras e a busca por esses nomes foi pauta entre artistas, intelectuais e outros grupos mais, próximos do feminismo.

Difundido também no *El País*, outro grande periódico da Espanha (de Madri, a capital), que estava crescendo em popularidade no momento histórico em questão, Isabel Allende é construída gradualmente como uma figura “estelar”, na qual é usada sua beleza física, sua trajetória social, com a experiência no exílio, o discurso da própria autora de estar procurando dar visibilidade ao que se passava no Chile, a violência das ditaduras, além do texto em si. O que contará mais nesse momento, é muito mais se a partir do texto é possível tecer vínculos simbólicos com a época, com mulheres militantes exiladas, com feministas e com intelectuais e leitores em geral, do que se o texto elabora isso com densidade e de modo coerente. As questões e tensões com o romance de Isabel Allende aparecerão, mas seu surgimento será também gradual, na medida em que a autora e seus livros fazem mais sucesso. A pessoa da escritora personificará a figura da contadora de histórias. Sua própria trajetória de vida foi explorada em *La Casa de los Espíritus* e depois nas autobiografias *Paula* e *Mi País Inventado*, além das inúmeras entrevistas que concedeu desde que foi lançada como escritora de romances.

Tivemos como preocupação refletir sobre a circulação dos livros de Allende e as trocas comerciais entre os mercados editoriais da América Latina, principalmente Argentina e Chile, no afã de identificar se foi a influência dos países vizinhos hispano falantes que fizeram com que o livro tivesse maior procura no Brasil. Os dados que obtivemos não foram concludentes nesse sentido, da circularidade e troca comercial, sendo que há mais indicativos da influência dos mercados estadunidense e europeu no Brasil, do que dos demais países.

Em relação ao Chile, traçamos alguns pontos a partir dos resultados da pesquisa em periódicos do acervo da Biblioteca Digital do Chile, que nos permitiram identificar a entrada do romance no mercado hispano-americano e se houve a conexão imaginada e difundida por meio da publicidade, dos leitores com esse texto. Efetivamente, o romance se tornou um sucesso editorial também na América Hispânica, tendo conseguido Isabel Allende reconhecimento do público leitor no seu intento de representar a América Latina, ainda que uma parcela da crítica literária e dos intelectuais tenha posto em xeque a qualidade literária desta produção de Allende.

Ainda no segundo capítulo, transitamos para a realidade brasileira em direção a nossa problemática central. Examinamos a dinâmica do mercado editorial brasileiro na década de 1980 e quais foram as condições histórico-políticas, educacionais e da indústria editorial que permitiram que houvesse um público leitor no Brasil, que poderia se interessar por este tipo de narrativa. Publicado em 1984, pela Difel, o romance *A Casa dos Espíritos*, na tradução para o português, encontrou um mercado receptivo à obras literárias que tivessem temática política questionadora de regimes militares autoritários e que dessem centralidade a mulheres – no caso, mulheres brancas e de classe média alta, heterossexuais, como sua autora; não há garantias de que o espaço teria sido o mesmo se fossem mulheres de outra cor ou classe social, com suas respectivas questões refletidas no papel.

A conjuntura histórica brasileira, em linhas gerais, vivia a era de redemocratização, período de crise econômica, rejeição da censura aos meios de comunicação, rejeição ao autoritarismo e às violências praticadas em nome da ordem social. Também são características do período, as forças contrárias que buscavam o retrocesso e retorno do endurecimento do regime militar, permeado pela constante tentativa de controle do processo de abertura política. Os anos finais da década de 1970 e início de 1980 marcam uma busca por livros de caráter científico, não-ficcional, de temática política, que explicassem a realidade vivida pelos brasileiros, num momento em que haviam se ampliado as perspectivas educacionais, aumentado o número de alfabetizados e, numa medida bem menor, o número de pessoas cursando universidades. Indo para além dos livros não ficcionais de temática política, no quesito dos livros ficcionais, o realismo mágico também havia feito sucesso no Brasil. O final da década de 1980 foi marcado pelos romances de Jorge Amado, livros de Luis Fernando Veríssimo, pelos livros místicos e de auto-ajuda de Paulo Coelho, e os de Marion Zimmer Bradley, com sua releitura do mito do rei Arthur e de Avalon pelas perspectivas femininas, dentre elas, a de uma bruxa.

Mas, a publicidade, o modo como circulou o livro e as possibilidades de vendagem dependem de mais do que a produção pelo mercado editorial e a existência de um público leitor que se interesse por aquela temática. Por isso, no terceiro capítulo, buscamos compreender as estratégias de difusão do romance a partir da análise das notícias referentes ao mesmo e à escritora Isabel Allende em seis periódicos diferentes. Quatro desses periódicos foram da chamada “grande imprensa”: *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, sendo os dois primeiros do Rio de Janeiro e os outros dois de São Paulo, mas, todos eles periódicos de circulação nacional, produzidos nas duas maiores capitais do país e que, por sua vez, também são centros de produção editorial e difusão cultural. Os outros dois periódicos foram o *Leia Livros* e o *Mulherio*, sendo o primeiro um jornal de difusão do que era produzido no Brasil pelo mercado editorial e o outro, produzido pela militância feminista principalmente acadêmica.

A busca pelo romance *A Casa dos Espíritos* no *Leia Livros* se mostrou infrutífera, e a fonte tornou-se frágil para a análise que pretendíamos fazer a partir do que obtivéssemos nesse periódico. Conquanto fosse um jornal destinado ao mercado editorial, seria de pressupor que houvesse mais material sobre esta obra, mas quase nada foi encontrado. As interpretações possíveis dessa quase ausência foram as seguintes: o periódico estava em crise, pois o recorte de nossa pesquisa coincide com o momento (1984-1986) que ele estava com problemas financeiros e foi vendido a outra empresa (da Brasiliense para a Joruês) e por isso, concentrou-se mais nas temáticas e abordagens que lhe eram mais caras, quais sejam, as discussões políticas não-ficcionais ou textos de maior erudição, cujo reconhecimento pelo campo literário já estivesse consolidado; ou tão somente não estava em condições de manter sua função, escapando-lhe de resenhar uma parcela do que estava sendo publicado no Brasil.

Em relação ao *Mulherio*, a seleção deste jornal se deu pela perspectiva feminista que Allende afirmava defender e pelo modelo de narrativa que a escritora construiu, com centralidade das personagens mulheres e reverberando as ideias de igualdade entre os gêneros. Como um jornal organizado por feministas acadêmicas e dando espaço para sessão de cultura, diferente de outros periódicos da imprensa feminista, a obra de Allende obteve espaço neste jornal e foi considerada pertinente para o que buscava trazer de questionamentos sobre a mulher latino-americana. Nesse periódico, Allende foi objeto de uma longa entrevista para tecer sua visão sobre o assunto. O tipo de jornal da imprensa feminista em que Allende foi entrevistada nos diz sobre parcela do público leitor deste periódico e inclusive do romance, sendo que, a princípio, o *Mulherio* foi um jornal desenvolvido por pesquisadoras da Fundação Carlos

Chagas. A identificação com o feminismo e com o público feminino interessado nessas questões é mais um ponto que levou ao destaque de *A Casa dos Espíritos*. Isso fica evidente na entrevista, mais ainda por ela estar num periódico feminista. A entrevista indica, no entanto, que o olhar de Allende se baseia num feminismo classista, que como tal, tem como centro a luta pelos direitos políticos das mulheres e a busca da igualdade entre os gêneros, porém, sem aprofundar ou preocupar-se com a questão de classe ou raça, e por isso pode ser considerado menos radical. É um ramo do feminismo que, inclusive, marca a “segunda onda”. Ou seja, o romance não defendeu posicionamentos feministas radicais, mas manteve uma aproximação com as ideias feministas, o que pode ter atraído tanto leitoras da militância feminista, quanto outras mulheres que não necessariamente tiveram como norte essa militância. Ao mesmo tempo, algumas mulheres brasileiras conheceram o feminismo no exílio, fugindo da ditadura militar, e a experiência do exílio marca sua voz social, o que leva a dupla empatia, pela experiência do exílio e pelas ideias feministas.

Quando nos deparamos com os impressos de *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, muda de figura o que é ressaltado em suas reportagens. Excetuando-se *O Globo*, em cujas edições durante a década de 1980, os romances de Isabel Allende tendem a aparecer quase que só na lista de mais vendidos, os demais periódicos divulgavam constantemente os romances de Isabel Allende e a “personagem real” que é a escritora, associando-a ao realismo mágico, com a ressalva de que ela não era uma cópia de García Márquez.

Especificamente sobre o romance *A Casa dos Espíritos*, os periódicos citados tiveram um papel marcante na difusão, não só pelas publicidades evidentemente pagas, que aparecem nos três periódicos que consultamos, mas também pelo modo como elaboraram e apresentaram ao público brasileiro a narrativa de Isabel Allende. No contexto de redemocratização, os três jornais que citamos (de novo, excetuando-se, portanto, *O Globo*) mostraram preocupação em se distanciar do regime militar brasileiro, cujo ideal e práticas estavam em desgaste e desgosto quase geral. Isso fez com que destacassem o romance em questão como uma voz da democracia e de crítica às ditaduras, como em partes foi possível ver no texto de Allende. Além disso, n’*O Estado de S. Paulo*, foi marcante a valorização dos eventos culturais europeus, o que permitiu que o nome de Allende aparecesse mais ainda em suas páginas, pois a escritora obteve rapidamente sucesso editorial na Espanha (onde foi lançada pela primeira vez), na França e na Alemanha, assim que seu primeiro livro foi publicado.

Já a *Folha de S. Paulo* (SP) e o *Jornal do Brasil* (RJ), não só apresentaram a autora e difundiram sua obra, mas também reforçaram, nas críticas literárias publicadas, os elementos internos do texto literário que remetessem a posicionamentos ideológicos das ideias socialistas, não por ser o posicionamento editorial desses veículos, mas indicando uma abertura a ideias questionadoras do autoritarismo antes vigente e que haviam sido silenciadas. Isso vai ao encontro dos interesses dos leitores de classe média e de parte da juventude que agitava os movimentos sociais que emergiam. *O Globo*, de modo coerente com sua linha editorial, é o que menos reportou Isabel Allende e seus romances, e veio a dar destaque à escritora somente na década de 1990, quando a mesma já havia consolidado sua fama no exterior (vide a valorização dada por esse jornal ao êxito de Allende nos EUA) e publicado vários romances, sendo que três destes haviam atingido a dimensão de *best-sellers*.

A circularidade de *A Casa dos Espíritos*, no Brasil, foi marcada num primeiro momento pelo êxito de vendas, o que lhe deu a dimensão de *best-seller*, mas a “importância” desse livro continuou sendo lembrada a cada vez que um novo romance de Isabel Allende era lançado. Com o filme homônimo baseado no livro, que foi lançado em 1993-94, o romance voltou à lista de livros mais vendidos dos veículos da grande imprensa que analisamos, consolidando mais ainda o sucesso editorial desta obra e a mantendo em constante circulação e vendagem no Brasil até hoje, ainda que não mais presente nas citadas listas.

Personagens-mulheres místicas, livros sobre política e de crítica às ditaduras militares e referências ao feminismo, são temas que tiveram espaço junto ao público leitor brasileiro, entre mulheres, universitários, militantes e etc. Tais elementos são possíveis de serem encontrados no texto de *A Casa dos Espíritos*, mesmo que de modo controverso, e foram características deveras utilizadas na publicidade. As condições do mercado editorial, o contexto histórico e a estrutura educacional são parte intrínseca desse processo e contribuíram para consolidar a primeira obra literária de Allende como *best-seller* no Brasil, atingindo em 2016, a sua 44ª edição, da reedição de 1994, com 68 mil exemplares vendidos, segundo a Bertrand Brasil. No mundo, a estimativa, em janeiro de 2019, é de que a escritora tenha vendido 70 milhões de livros, considerando todas as suas obras.

Compreendemos que há similaridades e peculiaridades no que levou ao êxito de vendas desse romance nos vários países onde foi publicado. Ressaltamos que a contextualização do Brasil da década de 1980 e a análise das fontes tiveram por intuito identificar as especificidades brasileiras, mas também contribuíram para perceber algumas similaridades na conjuntura histórica da América Latina. O estudo feito nos levou a identificar a dimensão da relação texto

(literário) e contexto que permitiram que o romance fosse, no Brasil, um “sucesso editorial” como apresentado acima.

Por fim, diríamos que nossa análise da construção do êxito editorial de Isabel Allende chegou a respostas múltiplas: científicas, históricas e subjetivas, por mais contraditório que isso possa ser. Pois, se o sucesso de Allende não se explica tão só pela arte, mas também pelo jogo do mercado, vemos que a expressão, se nos é permitido o uso de uma metáfora, “nem tão ao sul, nem tão ao norte”, de autor desconhecido, nos contempla. Isso significa que a autonomia da arte é uma quase ilusão e a análise científica vem desmontar os alicerces de qualquer ideia de “gênio criador”. Só que, no caso dessa escritora, as análises nos permitiram imergir numa estrutura de sentimentos e no jogo do capital, indicando que não foram só a publicidade e o poder do “capital” que fizeram com que essa obra vendesse, mas também uma necessidade do momento de se falar das temáticas em questão, das experiências traumáticas dos regimes autoritários e do exílio, e da contestação aos padrões impostos à(s) mulher(es), como parte da estrutura de sentimento de uma época. Isso levou ao interesse sobre a obra, por parte do público leitor de diferentes países, principalmente do Ocidente.

É como se, utilizando das palavras Bourdieu em *As regras da arte*<sup>464</sup>, tivéssemos buscado o que torna “a obra de arte necessária”, ainda que, no nosso caso, essa busca tenha se elaborado no sentido de responder ao que a tornou um *best-seller*. A análise das condições históricas de produção, e, principalmente, no caso dessa pesquisa, circulação e difusão do romance *A Casa dos Espíritos*, nos levaram a reiterar a consideração de que nem só da criação artística vive a literatura, mas de um conjunto de elementos que cercam sua criação e difusão, pois as possibilidades de difusão condicionaram o sucesso editorial da obra. Assim, envolvido e construído na teia da história, da arte, do mercado editorial e de empresas jornalísticas dos países capitalistas, o *best-seller* nasce e se torna “necessário” aos leitores de uma dada época.

---

<sup>464</sup> BOURDIEU, Pierre. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras. p. 15.

## Referências

### Fontes consultadas

- ALLENDE, Isabel. **A casa dos Espíritos**. São Paulo: Difel, 1984.
- \_\_\_\_\_. **La Casa de los Espíritus**. Espanha: Penguin Random House Grupo Editorial, 2015.
- \_\_\_\_\_. **Mi País Inventado** - Un paseo nostálgico por Chile. Espanha: Rayo, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Paula**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- BIBLIOTECA Nacional Digital de Chile – de 1975 a 1995.
- EL País – de 1980 1995.
- FOLHA de São Paulo – de 1980 a 1995.
- JORNAL do Brasil – de 1980 a 1995.
- LA Vanguardia – de 1980 a 1995.
- LEIA Livros – de 1984 a 1986.
- MULHERIO – de 1984 a 1988.
- O Globo – de 1980 a 1995.
- O Estado de São Paulo – de 1980 a 1995.
- REVISTA Paula – 1967.

### Bibliografia consultada

- ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo**. A experiência chilena. São Paulo: Unesp, 1993.
- ALLENDE, Isabel. **De amor e de Sombra**. São Paulo: DIFEL, 1986.
- ALMEIDA, Maria Hermínia; WEISS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição ne classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilian Moritz (orgs.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- AVELAR, Lúcia; BLAY, Eva Alterman (orgs.). **50 Anos de Feminismo**: Argentina, Brasil e Chile. São Paulo: Edusp, 2017.
- BACK, Roseméri Aparecida. **Vozes femininas, literatura, história e memória: A doce canção de Caetana**, de Nélide Piñon, e *Eva Luna*, de Isabel Allende. 2012. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), Frederico Westphalen, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. Campo do Poder, Campo Intelectual e Habitus de Classe. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. p. 183-202.
- \_\_\_\_\_. Introdução. **As regras da Arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras. p. 11-17.
- CANDIDO, Antonio. Introdução. In: **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda, 2000. p. 23-40.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**, Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANELLO, Marilene. **Isabel Allende entre a arte e o mercado**: Inés de Alma mía e El Zorro-comienza la leyenda. 2008. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura e Vida Social) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.
- CAPELATO, Maria Helena. A imprensa como fonte de estudo para o historiador. In: PRADO, Maria Lígia; VILLAÇA, Mariana (orgs.). **História das Américas (recurso eletrônico)**: fontes e abordagens historiográficas, São Paulo: Humanitas/Capes, 2015. p. 114-136.
- \_\_\_\_\_. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CARDOSO, Elisabeth da P. **Imprensa Feminista pós-1974**. 2004. 132f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Imprensa Feminista Brasileira pós-1974. Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 37-55, set./dez. 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000300004/9445>. Acesso em: 20 jan. 2018.

CARRASCO, Carmen Norambuena. Exílio chileno: mujeres y novela testimonial. In: PALACIOS, Julián Chaves (coord.). **La larga memoria de la dictadura en Iberoamérica: Argentina, Chile y España**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010. p. 181-225.

CHIAMPI, Irlemar. **O Realismo Maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

CODDOU, Marcelo. **Para leer a Isabel Allende - introducción a “La casa de los espíritus”**. Concepción, Chile: Lar, 1988.

\_\_\_\_\_. (ed.). **Los libros tienen sus propios espíritus: estudios sobre Isabel Allende**, Xalapa, México: Universidad Veracruzana, 1986.

COELHO NETO, Raphael. **Exílio, intelectuais e resistência política nas revistas Literatura Chilena em Exílio/Literatura Chilena, Creación y Crítica e Araucaria de Chile (1977-1989)**. 2016. 370f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

COLMÁN, Emílio Alapanian. **Identidades em confronto: Imagens do Brasil e do Paraguai nos jornais O Estado de São Paulo e La Tribuna durante o caso dos Saltos Sete Quedas/Guairá (1963-1966)**. 2016. 179f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CORTINA, Arnaldo. **Leitor Contemporâneo: os livros mais vendidos do Brasil de 1966 a 2004**. 2006. 259f. Tese (Livre-docência em Linguística) – Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2006.

\_\_\_\_\_.; SILVA, Fernando Moreno. Um olhar sobre a leitura de best-seller. **Revista Travessias**, vol. 2, n.1, p. 1-19, 2008.

CORTÍNEZ, Verónica. El pasado deshonroso de Isabel Allende. **Revista Iberoamericana**, v. LX, n. 168-169, p. 1135-1141, jul./dez. 1994. Disponível em: <https://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/6466/6642>. Acesso em: 05 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Isabel Allende. In: SOLÉ, Carlos A. (org.). **Latin American Writers**. Estados Unidos: Charles Scribner’s Sons, 2002. p. 1-13.

COSTA, Adriane Vidal. O *boom* da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. In: \_\_\_\_\_. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 131-185.

COSTA, Júlia Morena Silva da. **A Estética do Fracasso: o projeto de Bolaño**. 2015. 233f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura - Documentos da memória cultural) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversa sobre história e imprensa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, São Paulo, n. 26, p. 13-71, 2005. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2123/1687>. Acesso em: 28 dez. 2016.

\_\_\_\_\_. Território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **IBERIC@L**, n. 2, p. 13-18, 2011. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2017.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

- FERREIRA, Jerusa (org.). **J. Guinsburg**. Coleção Editando o editor 1. São Paulo: Com-Arte, 1989.
- FONTES, Virginia Maria; MENDONÇA, Sonia Regina. **História do Brasil recente – 1964-1992**. São Paulo: Ática, 2006.
- FREITAS, Viviane Gonçalves. O jornal Mulherio e sua agenda feminista: primeiras reflexões à luz da teoria política feminista. **História, Histórias**. Brasília, v.2, n. 4, p. 149-166, 2014.
- GACON, Estelle. **Prensa y literatura en la difusión del discurso de Isabel Allende sobre América Latina**. In: CAIRO CAROU, Heriberto; CABEZAS GONZÁLEZ, Almudena; MALLO GUTIÉRREZ, Tomás; CAMPO GARCÍA, Esther del; CARPIO MARTÍN, José (eds.). **XV Encuentro de Latinoamericanistas Españoles**, nov. 2012, Madrid, Espanha. Trama editorial; CEEIB, 2012. p. 572-581. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00874625>. Acesso em: 20 jun. 2016.
- GALARCE, Carmen. **La Novela Chilena del Exilio (1973-1987): el caso de Isabel Allende**. 1993. 234f. Dissertation (PhD in Philosophy - Department of Spanish and Portuguese) – The Ohio State University, Ohio, 1993.
- GARFIELD, Evelyn Picon (org.). **Women's fiction from Latin America: selections from twelve contemporary authors**. Detroit, EUA: Wayne State University Press, 1988.
- GINZBURG, Carlo. Decifrar um espaço em branco. In: \_\_\_\_\_. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p.100-118.
- GODOY, Carmen Gloria. La Casa de los Espíritus: Familia, nación y clases. **Revistas de Estudios Literarios**. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2008. Disponível em: <https://webs.ucm.es/info/especulo/numero38/casaespi.html>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- JOZEF, Bella. **História da Literatura Hispano-Americana**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Francisco Alves Editora, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (coord.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. De 1950 aos nossos dias. In: \_\_\_\_\_. (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 179-284.
- MARRA, Fabíola Benfica. **A América Latina e os latino-americanos nas narrativas de Eva Luna de Isabel Allende**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.
- MARTIN, Gerald. A Narrativa Latino Americana, c. 1920 - 1990. In: BETHELL, L. (org.). **História da América Latina**. A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade. São Paulo: Edusp, 2011. p. 329-423.
- MAUÉS, Flamarion. Livros, editoras e oposição à ditadura. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 28, n. 80, p. 91- 104, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v28n80/09.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2019.
- MIRANDA GONZÁLEZ, Maria Antonia. **Gênero e literatura nos contextos imaginados de América Latina: uma leitura política à narrativa de Néida Piñon e Isabel Allende**. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/23864>. Acesso em: 13 jan. 2019.
- MOODY, Michael. Una Conversación con Isabel Allende. **Chasqui: revista de literatura latinoamericana**, v. 16, n. 2/3, p. 51-59, nov., 1987. Disponível em: [www.jstor.org/stable/29739996](http://www.jstor.org/stable/29739996). Acesso em: 30 out. 2017.
- MUNIZ JÚNIOR, José de Souza. **O grito dos pequenos: independência editorial e bibliodiversidade no Brasil e Argentina**. Balão Editorial: São Paulo, 2010. p. 1-26;

- \_\_\_\_\_. Um olhar comparativo para a história recente dos campos editoriais brasileiro e argentino: a edição de livros em Buenos Aires e no eixo Rio de Janeiro-São Paulo. **I Coloquio Argentino sobre el Libro y la Edición**. La Plata, out./nov. de 2012. Disponível em: <http://coloquiolibroyedicion.fahce.unlp.edu.ar>. Acesso em: 15 nov. 2018.
- NAPOLITANO, Marcos. A imprensa e a construção da memória do regime militar brasileiro (1965-1985). **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 346-366, mai./ago. 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24766/15637>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- \_\_\_\_\_. **História do Regime Militar Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2016.
- NASCIMENTO, Lilian Soares do. **A natureza do corpo feminino em Mulherio: paradoxos de um jornal alternativo feminista brasileiro (1981-1988)**. 2015. 108 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- NAVARRO, Marcia Hoppe. A mulher em Eva Luna. **Revista Travessia**, n. 21, p. 172-180, 1980. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17303/15878>. Acesso em: 20 mar. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Rompendo o silêncio: gênero e literatura na América Latina**. Coleção Ensaios CPG Letras/UFRGS, vol. 3. Porto Alegre: Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.
- ORAMA, Mariella. **La dictadura desde la escritura femenina de Carmen Martín Gaité, Julia Álvarez e Isabel Allende**. 2013. Dissertação (Mestrado) – University of South Florida, Flórida, 2013.
- PAIXÃO, Fernando (org.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1996.
- PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010.
- \_\_\_\_\_. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a04v24n1.pdf>. Acesso em: 11 jul 2016.
- PINSKY, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 159-189, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2009000100009>. Acesso em: 11 jul. 2016.
- PRADO, Maria Ligia Coelho et al. (orgs.). **Reflexões sobre a Democracia na América Latina**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte/FAPESP, 1996.
- REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Coleção Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- RODDEN, John (org.). **Conversations with Isabel Allende**. EUA, Austin: University of Texas Press, 2004.
- ROJAS, Mario A. La Casa de los Espíritus de Isabel Allende: un Caleidoscopio de espejos desordenados. **Revista Ibero-Americana**, v. LI, n. 132-133, p. 917-925, jul./dez. 1985. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5195/reviberoamer.1985.4138>. Acesso em: 30 jul. 2016.
- RUFINELLI, Jorge. Después de la ruptura, la ficción. In: PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura - Vanguarda e Modernidade**. Campinas: Unicamp/Memorial, 2015. p. 367-390.
- SAMARA, Eni de Mesquita. Feminismo, Justiça Social e Cidadania na América Latina. **Revista Olhares Feministas**, Brasília, Ministério da Educação/UNESCO, p. 83-91, 2007.
- SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: VAINFAS, Ronaldo; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília D. A. N. **O Brasil**

**Republicano: o tempo da ditadura. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 56-275.

SLADE, Ana Carolina. Leia Livros e Primeiro Toque: os periódicos engajados da editora Brasiliense. **Anais da Intercom** - 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, p. 1-14, 2017. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-3250-1.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

SNEL - **SINDICATO** Nacional dos Editores de Livros. A respeito da indústria editorial: Argentina e América Latina. Bienal do Livro do Rio de Janeiro de 2015. **Relatório Editorial 2015.** p. 1-6, 2015. Disponível em: [https://www.snel.org.br/wp-content/themes/snel/docs/RELATORIO\\_EDITORIAL\\_2015.pdf](https://www.snel.org.br/wp-content/themes/snel/docs/RELATORIO_EDITORIAL_2015.pdf). Acesso em: 20 nov. 2018.

THOMPSON, John B. O surgimento dos agentes literário. In: \_\_\_\_\_. **Mercadores de cultura** - o mercado editorial do século XXI. São Paulo: Editora Unesp, 2013. .

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

VIEIRA, Luiz Renato. Ênio Silveira e a Civilização Brasileira: notas para uma sociologia do mercado editorial no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 20, n. 2, jul./dez. 1996.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena** - Coleção Revoluções do Século 20. Edunesp: São Paulo, 2010.

#### Sites consultados

AGÊNCIA literária Carmen Balcells. **História.** Disponível em: <http://www.agenciabalcells.com/agencia/historia/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BIBLIOTECA nacional digital de Chile. Disponível em: <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/612/w3-channel.html>. Acesso em: 22 set. 2018

\_\_\_\_\_. **Memoria chilena.** Disponível em: <http://www.memoriachilena.cl/602/w3-channel.html>. Acesso em: 22 set. 2018.

BIBLIOTECA Virtual Miguel de Cervantes. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/>. Acesso em: 19 jan. de 2019.

CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa. Universidade Estadual Paulista. **Catálogo de periódicos, Leia Livros.** Disponível em: [http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat\\_periodicos/popup3/leia\\_livros.html](http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_periodicos/popup3/leia_livros.html). Acesso em: 08 mai. 2017.

FOLHA ONLINE. **Círculo Folha. Folha de S. Paulo.** Disponível em: [https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia\\_20\\_30.htm](https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm). Acesso em: 13 ago. 2018.

FUNDAÇÃO Getúlio Vargas. **Dicionário de verbetes temáticos.** Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbetes-tematico/imprensa-alternativa>. Acesso em: 20 dez. 2018.

FUNDAÇÃO Carlos Chagas. **Institucional.** Disponível em: <https://www.fcc.org.br/fcc/institucional/>. Acesso em: 26 dez. 2018.

GRUPO Editorial Record. Disponível em: [www.record.com.br](http://www.record.com.br). Acesso em: 15 set. 2016.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www2.ibge.gov.br/home/>. Acesso em: 02 dez 2018.

ISABEL Allende. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 25 jul. 2017.

PENGUIM Random House - Grupo editorial. Disponível em: <https://www.penguinrandomhousegrupoeditorial.com/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PLANETA de libros. **Seix Barral.** Disponível em: <https://www.planetadelibros.com/editorial/seix-barral/conocenos/9>. Acesso em: 15 nov. 2018.

**SINDICATO** Nacional dos Editores de Livros. Disponível em: [www.snel.org.br](http://www.snel.org.br). Acesso em: 22 jan. 2018.

UCLA - University of California in Los Angeles. **Latin American Institute**. Disponível em: [www.international.ucla.edu/LAI/person/1225#.WXt\\_xhXysdU](http://www.international.ucla.edu/LAI/person/1225#.WXt_xhXysdU). Acesso em: 30 jul. 2017.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE I** - Lista dos livros publicados pela Isabel Allende – publicação em português (Brasil), em espanhol (Espanha) e em língua inglesa.

A casa dos Espíritos (1984) – La Casa de los Espíritus (1982 - 1ª edição em espanhol) -(1985 – 1ª edição em inglês)  
De amor e de Sombra (1986) – De amor y de sombra (1984 -1ª edição em espanhol) -(1987 - 1ª edição em inglês)  
Eva Luna (1988) – Eva Luna (1987-1ª edição em espanhol) - (1988 - 1ª edição em inglês)  
Contos de Eva Luna (1991) – Cuentos de Eva Luna (1989 - 1ª edição em espanhol) – (1991 -1ª edição em inglês)  
O Plano Infinito (1993) – El Plan Infinito (1991 - 1ª edição em espanhol) - (1993 - 1ª edição em inglês)  
Cartas a Paula (1994) – Paula (1994 - 1ª edição em espanhol) – (1995 - 1ª edição em inglês)  
Afrodite (1998) – Afrodita (1997 - 1ª edição em espanhol) – (1998 - 1ª edição em inglês).  
Filha da Fortuna (1999-2000) – Hija de la Fortuna (1998 - 1ª edição em espanhol) - (1999 - 1ª edição em inglês).  
Retrato em Sépia (2001) – Retrato em Sepia (2000 - 1ª edição em espanhol) - (2001 - 1ª edição em inglês).  
A Cidade das Feras (2002) – La Ciudad de las Bestias (2002- 1ª edição em espanhol) - (2002 - 1ª edição em inglês)  
Meu País Inventado (2003) - Mi País Inventado (2003 - 1ª edição em espanhol) - (2003 - 1ª edição em inglês).  
O Reino do Dragão de Ouro (2004) – El Reino del Dragón de Oro (2003 - 1ª edição em espanhol) – (2004 - 1ª edição em inglês).  
O Bosque dos Pigmeus (2004) – El Bosque de los Pigmeus (2004 - 1ª edição em espanhol) – (2005 - 1ª edição em inglês).  
Zorro: começa a lenda (2006) – Começa la Leyenda Zorro (2005 - 1ª edição em espanhol) – (2005 - 1ª edição em inglês).  
Inês da minha Alma (2005) – Inês del Alma mia (2005 - 1ª edição em espanhol) - (2006 - 1ª edição em inglês).  
A Soma dos Dias (2007) – La Suma de los Días (2007 - 1ª edição em espanhol) - (2008 - 1ª edição em inglês).  
A Ilha debaixo do Mar (2010) – La Isla bajo el Mar (2010 - 1ª edição em espanhol) –(2010 - 1ª edição em inglês).  
O Caderno de Maya (2011) – El Cuaderno de Maya (2011 -1ª edição em espanhol) – (2013 - 1ª edição em inglês).  
Amor (201) - Amor (2013) – (Não foi publicado em língua inglesa)  
O Jogo de Ripper (2014) – El Juego de Ripper (2014 - 1ª edição em espanhol) – 2014  
O Amante Japonês (2015) – El Amante Japonés (2015 - 1ª edição em espanhol) – The Japanese Lover (2015) – 1ª edição em inglês (lançado primeiro nos EUA).  
Muito além do Inverno (2017) – Más allá del Invierno (2017 - 1ª edição em espanhol) – 2017.

- 22 livros entre literatura e autobiografia, além dos materiais anteriores a seu lançamento como romancista, que tudo indica que foram publicados só no Chile e consistiam em textos teatrais infantis - **O Embaixador** (1971), **La Balada del Medio Pelo** (1973) e **Os Sete Espelhos** (1974) -; **A Gorda de Porcelana** (1984) – história infantil pouco citada e uma coletânea de textos seus, da coluna Los Impertinentes que escrevia na revista Paula.

Fonte: ISABEL Allende. EUA, 2017. Disponível em: [www.isabelallende.com](http://www.isabelallende.com). Acesso em: 20 jan. 2018.

**APÊNDICE II** – Entrevista via e-mail cedida à pesquisadora por Marcelo Vieira – editor-assistente da Bertrand Brasil.

Dia 07 set. 2016.

Prezado Marcelo Vieira, assistente editorial da Bertrand Brasil.

Meu nome é Lílian Falcão de Araújo e sou mestranda em história pela Unifesp-Guarulhos/SP. Como lhe falei a alguns dias atrás, pesquiso na área de história e literatura, discutindo a recepção da obra "A Casa dos Espíritos" da Isabel Allende no Brasil, nos primeiros anos de seu lançamento (1984-1986, quando é publicada a segunda obra da Isabel Allende no Brasil) e sua construção como best-seller neste contexto histórico. Para isso procuro compreender, entre outros aspectos, as condições do mercado editorial brasileiro neste momento e as fontes ligadas a editora Difel e Bertrand Brasil, são de importância central na minha pesquisa (além de questões referentes a escolha e seleção desta literatura para ser traduzida e publicada pela Difel) Por isso que vim lhe pedir algumas informações a princípio (lembro-me que me informou que houve um incêndio e alguns arquivos se perderam) referentes a seleção, as primeiras edições e tiragens desse livro. Disponho-me e lhe peço, caso seja possível pesquisar nos arquivos a fazer essa pesquisa pessoalmente, se estiverem disponíveis esses materiais. Aproveito e envio uma questão que permeia o início das minhas pesquisas, referente a própria Difel. São as seguintes dúvidas:

1ª - Qual a quantidade de edições no Brasil? (encontrei uma publicação que estava na 37ª edição, mas no site da editora Record ainda está na 30ª).

2ª - Qual(is) o ano(s) de publicação das primeiras edições e qual a tiragem ao menos da primeira edição?

3ª – Gostaria de algumas informações sobre a escolha da obra. Saberá me dizer se o fato da obra já ser um sucesso no exterior, isso impulsionou a seleção desse título? Há informações disponíveis aos pesquisadores sobre como foi esse acordo?

Mais uma dúvida, mais relacionada a editora Difel (e em partes a Bertrand),

4ª - Pelo que pude identificar em meus estudos, a Difel tinha um catálogo e foco em obras de não-ficção e universitárias por volta da década de 1970, por que passou a editar literatura e como foi esse processo?

-----  
Dia 08 de setembro de 2016.

Oi, Lílian.

Em primeiro lugar, muito interessante o assunto da sua pesquisa. Isabel Allende é um dos nomes mais fortes do catálogo da Bertrand Brasil e A casa dos espíritos é o seu maior clássico.

A primeira edição do livro data de setembro de 1994 e a edição mais recente do livro, a 44ª, saiu em setembro de 2014. As vendas ultrapassam os 63 mil exemplares. Houve também uma

edição dele em formato de bolso, lançada pela BestBolso em 2011 e atualmente fora de catálogo. Dessa, foram cerca de 5 mil exemplares vendidos.

Não tenho informações sobre o tamanho da primeira tiragem e sobre trazer a obra para o Brasil seria algo a ser perguntado para a antiga diretora do selo, Rosemary Alves, que esteve envolvida diretamente nisso. Tentarei entrar em contato com ela para você.

Sobre a Difel, tudo que se refere ao catálogo anterior a 1999 meio que foge da nossa alçada. Atualmente, o catálogo foca em obras de referência e não ficção, sendo o lançamento mais recente o livro *Civilização: Uma nova história do mundo ocidental*, do autor Roger Osborne.

Espero ter ajudado. Boa sorte no trabalho!

Um abraço,

Marcelo

-----

Não houve retorno do e-mail seguinte e não conseguimos contato com a antiga editora do selo, Rosemary Alves.

## **ANEXOS**

## ANEXO I – Quadro – Ditaduras militares no Cone Sul

*Quadro 1 – Ditaduras militares no Cone Sul*

País	Golpes	Redemocratização
Argentina	1966 e 1976, respectivamente	1973 e em 1983, respectivamente.
Bolívia	1964	1982, com interrupções.
Brasil	1964	1985
Chile	1973	1988 (1990?)
Paraguai	1954	1989
Uruguai	1973	1985

Extraído de: PEDRO, Joana Maria e WOLFF, Cristina Scheibe (orgs.). **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**, Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p. 116.

ANEXO II – Capas - *A Casa dos Espíritos* (1984; 1994) e *d'As Lembranças do Porvir*

